

Cecelia Ahern

AUTORA BEST-SELLER DE P.S. EU TE AMO COM MAIS DE 25 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

O COLECIONADOR DE MEMÓRIAS





Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[1. Jogando bolinhas de gude: Aliados](#)

[2. Regras da piscina: Proibido correr](#)

[3. Brincando com bolinhas de gude: O vencedor](#)

[4. Regras da piscina: Proibido pular](#)

[5. Jogando bolinhas de gude: Colhendo ameixas](#)

[6. Regras da piscina: Proibido mergulhar](#)

[7. Jogando bolinhas de gude: Pegue a raposa](#)

[8. Jogando bolinhas de gude: Ovos na moita](#)

[9. Regras da piscina: Proibido jogar bola](#)

[10. Jogando bolinhas de gude: Bate e volta](#)

[11. Regras da piscina: Proibido empurrar](#)

[12. Jogando bolinhas de gude: Enluara](#)

[13. Regras da piscina: Proibido urinar na piscina](#)

[14. Jogando bolinhas de gude: Metálicas](#)

[15. Jogando bolinhas de gude: Centenas](#)

- [16. Regras da piscina: Proibido se suicidar](#)
- [17. Jogando bolinhas de gude: Plantação de repolho](#)
- [18. Jogando bolinhas de gude: Cintilante estrangeira](#)
- [19. Jogando bolinhas de gude: Vagabundas](#)
- [20. Regras da piscina: Proibido usar calçados pesados](#)
- [21. Jogando bolinhas de gude: Olhos de gato](#)
- [22. Regras da piscina: Proibido gritar](#)
- [23. Jogando bolinhas de gude: Provocação](#)
- [24. Regras da piscina: Proibido jogar lixo](#)
- [25. Jogando bolinhas de gude: Lavadores de garrafa](#)
- [26. Regras da piscina: Proibido vidro](#)
- [27. Jogando bolinhas de gude: Reproduções, falsificações e fantasias](#)
- [28. Regras da piscina: Proibido bebidas alcoólicas](#)
- [29. Jogando bolinhas de gude: Ganhando libras](#)
- [30. Regras da piscina: Sem salva-vidas a postos](#)
- [31. Jogando bolinhas de gude: Herança](#)
- [32. Regras da piscina: Não nade sozinho](#)
- [33. Jogando bolinhas de gude: Rubis](#)

[Epílogo](#)

[Conheça outros sucessos de Cecelia Ahern](#)

[P.S. Eu te Amo](#)

[A Vez da Minha Vida](#)

[O Livro do Amanhã](#)

[O Presente](#)

[Simplesmente Acontece](#)

[A Lista](#)

[Como se Apaixonar](#)

[O Ano em que te Conheci](#)

[Saiba Mais](#)

Tradução
Alice Klesck



© Cecelia Ahern, 2015

Publicado originalmente em inglês na Grã-Bretanha, por Harper Collins Publishers.

© 2018 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2018

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Ahern, Cecelia

O colecionador de memórias / Cecelia Ahern; tradução Alice Klesck. – Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2018.

Título original: The marble collector

ISBN 978-85-8163-888-1

1. Ficção irlandesa I. Título.

CDD-ir823.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

"Eu vi um anjo no mármore e esculpi até libertá-lo."

Michelangelo

Prólogo

Quando se trata de lembranças, há três categorias: coisas que quero esquecer, coisas que não consigo esquecer e coisas que esqueci que havia esquecido, até me lembrar delas.

Minha primeira lembrança é da minha mãe, quando eu tinha três anos. Estamos na cozinha, ela pega o bule de chá e o arremessa no teto. Ela o segura com as duas mãos, uma na alça, outra no bico, e o atira, como se fosse uma competição de arremesso de altura, fazendo-o voar pelos ares, bater no teto e depois cair na mesa, se espatifando em pedaços e jorrando uma água marrom e saquinhos de chá por todo lado. Não sei o que precedeu a esse ato, nem o que veio depois, mas sei que foi motivado pela raiva, e a raiva foi motivada pelo meu pai. Essa lembrança não representa bem a personalidade da minha mãe; não demonstra quem ela é de verdade. Pelo que sei, ela nunca se comportou assim de novo, e imagino que seja exatamente por isso que eu me lembro dessa cena.

Com seis anos, vejo minha tia Anna sendo parada pelos seguranças na porta da Switzers, quando estamos saindo. O guarda de mão peluda revista sua sacola e tira uma echarpe ainda com a etiqueta de preço e o alarme presos nela. Não consigo me lembrar do que aconteceu depois, a tia Anna me encheu de *sundaes*, no Ilac Centre, e ficou me olhando, torcendo para que as lembranças do incidente morressem a cada colherada que eu tomava. A lembrança é nítida, embora até hoje todos acreditem que foi invenção minha.

Atualmente, vou a um dentista com quem cresci. Nunca fomos amigos, mas frequentávamos as mesmas rodas. Ele agora é um homem muito sério, um homem sensível, austero. Quando se debruça sobre minha boca aberta, eu o vejo como o garoto de quinze anos urinando nas paredes da sala, numa festa, gritando que Jesus foi o anarquista original.

Quando vejo minha professora do primário, já idosa, que tinha uma fala tão suave que quase não conseguíamos ouvir, eu a vejo atirando uma banana no palhaço da turma e gritando *me deixe em paz, pelo amor de Deus, só me deixe em paz*, antes de ter um rompante e sair correndo da sala de aula. Deparei-me com uma antiga colega de turma e falei desse incidente, mas ela não se lembrou.

Parece que quando me lembro de uma pessoa, não é na pessoa do dia a dia

que penso, e sim nos momentos mais dramáticos ou nos momentos em que as pessoas mostraram mais do seu lado que geralmente fica oculto.

Minha mãe diz que eu tenho uma queda para me lembrar do que os outros se esquecem. Às vezes, é uma maldição, ninguém gosta de quando alguém se lembra do que todo mundo se esforçou tanto para sepultar. Sou o tipo de pessoa que se lembra de tudo depois de uma bebedeira, alguém que todos torcem para que fique com as lembranças bem quietas.

Imagino que me lembro desses episódios porque eu mesma nunca me comportei assim, pois não consigo pensar num momento em que eu tenha saído da linha, me tornado outra versão de mim mesma, a ponto de querer e precisar esquecer. Sou sempre a mesma. Se uma pessoa me conhece, ela me conhece, não tenho muita coisa além disso. Sigo as regras de quem sei que sou e não pareço poder ser nenhuma outra coisa, nem mesmo em momentos de grande estresse, quando um colapso certamente seria aceitável. Acho que esse é o motivo para eu admirar isso nos outros e lembrar o que eles preferiram esquecer.

Inadequado? Não. Creio firmemente que mesmo uma mudança súbita no comportamento de uma pessoa está dentro do contorno de sua natureza. Essa nossa parte está sempre presente, amortecida, apenas esperando por seu momento para ser revelada. Incluindo eu.

1

Jogando bolinhas de gude: Aliados

— Fergus Boggs!

Essas são as duas únicas palavras que consigo entender em meio ao sermão enfurecido do padre Murphy pra mim, e isso porque essas palavras são o meu nome. O restante do que ele diz é em irlandês. Tenho cinco anos de idade e estou no país há um mês. Vim da Escócia, com a mamãe e meus irmãos, depois que o papai morreu. Tudo aconteceu muito rápido, o papai morrendo, a gente se mudando e, embora eu já tivesse estado na Irlanda, nos feriados de verão, para ver a vovó, o vovô, o titio e a titia, e todos os meus primos, agora não é igual. Nunca estive aqui quando não é verão. Parece um lugar diferente. Chove desde o dia que a gente chegou. A sorveteria nem está aberta agora, está toda fechada com tapumes, como se nunca tivesse existido, como se eu tivesse inventado tudo na minha cabeça. A praia, onde nós costumávamos ir na maioria dos dias, não parece o mesmo lugar, e a van que vende batata frita sumiu. As pessoas também parecem diferentes. Estão todas embrulhadas e sombrias.

O padre Murphy está em pé, acima da minha carteira, e é alto e grisalho e grandalhão. Ele cospe enquanto grita comigo, sinto o cuspo na minha bochecha, mas estou com medo de limpar e ele ficar mais zangado ainda. Tentei olhar em volta para os outros meninos, para ver a reação deles, mas ele me deu um sopapo. Um tabefe com as costas da mão. Doe. Ele está com um anel enorme e eu acho que cortou meu rosto, mas estou com medo de passar a mão, de ele me bater de novo. De repente, me dá vontade de ir ao banheiro. Já apanhei antes, mas nunca de um padre.

Ele está berrando zangado, falando em irlandês. Está com raiva porque eu não entendo. Em meio às palavras irlandesas, ele diz que, a essa altura, eu deveria entendê-lo, mas eu simplesmente não consigo entender. Não tenho como praticar em casa. A mamãe está triste e eu não gosto de incomodá-la. Ela gosta

de sentar e ficar abraçadinha comigo. Eu gosto quando ela faz isso. Não quero estragar esse momento falando. E, de qualquer jeito, acho que ela também não se lembra das palavras irlandesas. Ela se mudou da Irlanda há muito tempo, para ser babá de uma família na Escócia, e conheceu o papai. Lá, eles nunca mais falaram irlandês.

O padre quer que eu repita as palavras depois dele, mas eu quase nem consigo respirar. As palavras quase nem saem da minha boca.

— Tá, me, tá tú, tá sé, tá sí...

MAIS ALTO!

— Tá muid, tá sibh, tá siad.

Quando ele não está gritando comigo, a sala está tão quieta que me faz lembrar que está cheia de garotos da minha idade, todos escutando. Enquanto sigo gaguejando, ele está dizendo a todo mundo o quanto sou imbecil. Meu corpo inteiro está tremendo. Eu me sinto enjoado. Preciso ir ao banheiro. Digo isso a ele. Seu rosto fica roxo e é quando ele pega o cinto de couro. Ele bate na minha mão com o couro, que depois fico sabendo ser forrado de moedas por dentro. Ele me diz que me dará seis “das boas”, em cada mão. Não suporto a dor. Preciso ir ao banheiro. E faço ali mesmo. Espero que os meninos riam, mas ninguém ri. Eles ficam de cabeça baixa. Talvez riam mais tarde, ou talvez possam entender. Talvez eles só estejam aliviados por isso não ser com eles. Fico constrangido, envergonhado, e ele me diz que eu tenho de estar mesmo. Então, ele me puxa para fora da sala, pela orelha, e isso também dói, me leva para longe de todos, pelo corredor, e me empurra para dentro de uma sala escura. A porta bate ao fechar e ele me deixa sozinho.

Não gosto de escuro, nunca gostei do escuro e começo a chorar. Estou com as calças molhadas e meu xixi escorreu para dentro das minhas meias e dos meus sapatos, mas eu não sei o que fazer. A mamãe sempre troca minhas meias pra mim. O que eu faço aqui? Não tem janela na sala e não dá pra ver nada. Espero que ele não me deixe aqui por muito tempo. Meus olhos se acostumam à escuridão e a luz que passa por baixo da porta me ajuda a enxergar. Estou num depósito. Vejo uma escada e um balde com um esfregão sem o pau. Cheira azedo. Tem uma bicicleta velha pendurada de cabeça pra baixo, sem a corrente. Há duas galochas, mas ambas são para o mesmo pé. Nada ali parece combinar. Não sei por que ele me pôs ali dentro e não sei quanto tempo vai demorar. Será que a mamãe vem procurar por mim?

Parece que passou uma eternidade. Fecho os olhos e fico cantando. As músicas que a mamãe canta comigo. Não canto alto, porque ele pode ouvir e achar que estou me divertindo aqui dentro. Isso o deixaria ainda mais zangado. Nesse lugar, a diversão e o riso os deixam zangados. Não estamos aqui para sermos líderes, estamos aqui para servir. Não foi isso que o papai me ensinou, ele disse que eu era um líder nato, que eu posso ser o que eu quiser. Eu costumava caçar com ele e ele me ensinava tudo, ele até me deixava ir na frente, dizia que eu era o líder. Ele cantava uma musiquinha falando isso. “Seguindo o líder, o líder, o líder, Fergus é o líder, lá lá lá lá lá”. Fico sussurrando bem baixinho, sem dizer as palavras. O padre não vai gostar que eu diga que sou o líder. Nesse lugar, não temos permissão para sermos nada do que queremos ser, temos de ser o que eles nos disserem para sermos. Canto as músicas que o papai costumava cantar quando ele me deixava ficar acordado até tarde, ouvindo a cantoria. O papai tinha uma voz suave para um homem tão forte e, às vezes, ele chorava quando cantava. Meu paizinho nunca disse que chorar era coisa de bebezinho, como o padre disse, porque chorar é pra quem está triste. Agora estou cantando e tentando não chorar.

Subitamente, a porta é aberta e eu recuo, com medo que seja ele outra vez, com aquele cinto de couro. Não é ele, e sim o mais jovem, que leciona música, com os olhos ternos. Ele fecha a porta e se agacha.

— Oi, Fergus.

Tento dizer oi, mas não sai nada da minha boca.

— Eu lhe trouxe uma coisa. Uma caixa de “rubis”.

Eu me encolho quando ele estende a mão.

— Não fique assim, com tanto medo, são bolinhas de gude. Você já brincou com bolas de gude?

Nego com a cabeça. Ele abre a mão e eu as vejo brilhando em sua palma, como pequenos tesouros, quatro bolinhas vermelhas como rubis.

— Adorava essas bolinhas quando era pequeno — ele diz baixinho. — Foi meu avô quem me deu. *Uma caixa de rubis*, ele disse, *só pra você*. Já não tenho mais a caixa. Gostaria de ter, poderia valer alguma coisa. Lembre-se sempre de guardar a embalagem, Fergus, esse é um conselho que lhe dou. Mas eu guardei as bolinhas de gude.

Alguém passa pela porta e dá pra sentir as botinas, conforme o chão sacode e

range sob nós, e ele olha de volta pra porta. Quando os passos se vão, ele vira pra mim, falando ainda mais baixinho:

— Você tem que lançá-las.

Fico olhando, enquanto ele pousa o nó do dedo indicador no chão e equilibra a bolinha. Ele recua o polegar e delicadamente empurra a bolinha; ela rola veloz pelo chão de madeira. E para junto ao meu pé. Tenho medo de pegá-la. E minhas mãos sensíveis ainda estão doendo, é difícil fechá-las. Ele vê e se assusta.

— Vá em frente, pode tentar — diz.

Eu tento, mas não sou muito bom, porque está difícil fechar as mãos como ele me mostrou, mas já peguei o jeito. Então, ele me mostra outros modos de lançar as bolinhas. Outro jeito chamado de “nó do dedo pra baixo”. Prefiro desse jeito e embora ele diga que esse lançamento é mais avançado, sou melhor nele. Ele me diz e eu tenho de morder o lábio pra conter um sorriso.

— As bolas de gude têm nomes que variam de um lugar para outro — ele fala, abaixando e me mostrando outra vez. — Algumas pessoas chamam de berlinde, burca, ou fubeca, mas eu e meus irmãos as chamamos de pequenos rubis de Aliados.

Aliados. Gostei. Mesmo trancado nesta sala, sozinho, eu tenho meus aliados. Isso faz com que eu me sinta como um soldado. Um prisioneiro de guerra.

Ele me olha sério.

— Quando você mirar, lembre-se de olhar para o alvo com os olhos fixos. O olho distrai o cérebro e o cérebro distrai a mão. Não se esqueça disso. Mantenha sempre os olhos no alvo, Fergus, e seu cérebro fará com que aconteça.

Balanço a cabeça assentindo.

Toca o sinal, terminou a aula.

— Certo — ele se levanta, espana a batina empoeirada. — Tenho uma aula agora. Você, fique firme aí. Não deve demorar muito mais.

Eu concordo, assentindo.

Ele estava certo. Não deveria demorar muito mais. Só que demora. O padre Murphy não volta logo pra me buscar. Ele me deixa ali o dia todo. Eu até faço xixi nas calças outra vez, esperando, porque fico com medo de bater na porta pra chamar alguém, mas nem ligo, porque sou um soldado, um prisioneiro de guerra e tenho meus aliados. Fico treinando e treinando, na salinha, no meu mundinho,

esperando que minha habilidade e precisão possam ser as melhores da escola. Vou mostrar aos outros garotos e sempre serei melhor que eles.

Da próxima vez que o padre Murphy me colocar aqui dentro, terei minhas bolinhas de gude escondidas no bolso e vou passar o dia treinando com elas novamente. Também tenho um quadro de arremesso para as bolinhas na sala escura. Eu mesmo o coloquei ali, entre uma aula e outra, só pra garantir. É um pedaço de papelão com sete arcos recortados. Eu mesmo fiz com uma caixa vazia de sucrilhos da sra. Lynch, que peguei no cesto de lixo dela, depois que vi alguns meninos com um quadro bacana, comprado na loja. O arco do meio é o número 0, os arcos de ambos os lados têm números 1, 2, 3. Coloquei o quadro na parede dos fundos e lanço de certa distância, perto da porta. Não sei jogar direito ainda, e não dá pra jogar sozinho, mas posso treinar meu arremesso. Serei melhor que meus irmãos mais velhos em alguma coisa.

O padre legal não fica por muito tempo na escola. Dizem que beija moças e que ele vai pro inferno, mas eu não ligo. Gosto dele. Ele me deu minhas primeiras bolinhas de gude, meus rubis. Num momento sombrio da minha vida, ele me deu meus aliados.

2

Regras da piscina:

Proibido correr

Respire.

Às vezes, tenho de me lembrar de respirar. É de se pensar que esse seria um instinto humano inato, mas, não, eu inspiro, depois esqueço de expirar e me pego rígida, toda tensa, com o coração disparado, o peito apertado, a cabeça ansiosa, imaginando o que há de errado.

Compreendo a teoria da respiração. O ar que você inspira pelo nariz deve percorrer todo o trajeto até o diafragma. Respire relaxada. Respire pausadamente. Respire silenciosamente. Fazemos isso desde o segundo em que nascemos e nunca fomos ensinados. Embora eu devesse ter sido. Dirigindo, fazendo compras, trabalhando, eu me pego prendendo a respiração, nervosa, agitada, esperando que aconteça não sei o que exatamente. Seja o que for, nunca acontece. É irônico que, em território seco, eu fracasse nessa tarefa simples, quando meu emprego exige que eu seja excelente nisso. Sou salva-vidas. Nadar é algo bem fácil pra mim, parece natural, não me põe à prova, faz com que eu me sinta livre. Na natação, a cronometragem do tempo é tudo. Em terra, você inspira uma vez e expira outra; embaixo da água, consigo fazer um tempo de três, respirando a cada três braçadas. Fácil. Nem preciso pensar nisso.

Precisei aprender a respirar fora da água quando fiquei grávida do meu primeiro filho. Era necessário para o parto, segundo me disseram e, no fim das contas, é mesmo. Porque o nascimento de uma criança é tão natural quanto respirar. As duas coisas andam de mãos dadas. No entanto, para mim, respirar não tem sido nada natural. Tudo o que quero fazer fora da água é prender a respiração. Um bebê não nasce se você prender a respiração. Pode acreditar, eu tentei. Sabendo da minha característica aquática, meu marido me incentivou a ter um parto na água. Pareceu uma boa ideia me colocar em meu território natural, em casa, na água, só que não há nada de natural em sentar numa piscina no meio

da sala, e foi o bebê que teve a experiência de ver o mundo embaixo da água e não eu. Teria trocado de lugar com ele de bom grado. O primeiro parto terminou numa corrida para o hospital e numa cesariana de emergência; os dois bebês posteriores vieram ao mundo da mesma maneira, embora não tenham passado pela emergência. Parecia que a criatura aquática que preferia ficar embaixo da água desde os cinco anos não conseguia abraçar um dos atos mais naturais da vida.

Sou salva-vidas numa casa de repouso. É um lugar bem requintado, como um hotel quatro estrelas, com assistência em tempo integral. Trabalho lá há sete anos, fora o tempo que tirei minha licença-maternidade. Ocupo a cadeira de salva-vidas cinco dias por semana, das nove da manhã às duas da tarde, e observo, enquanto três pessoas por hora entram na piscina para nadar. É um fluxo constante de monotonia e calma. Nada acontece. Os corpos surgem dos vestiários como vitrines andantes da realidade do tempo; flacidez de pele, seios, nádegas e coxas, alguns secos e descascando, por conta de diabetes, outros por doenças de rins ou fígado. Os que ficam confinados na cama ou cadeiras de rodas há muito tempo têm escaras de aparência dolorosa, outros carregam suas manchas escuras como distintivos dos anos que já viveram. Novos sinais vão crescendo e mudando com o passar dos dias e eu vejo todos eles com a total compreensão do que meu corpo enfrentará no futuro, depois de três bebês. Os que têm fisioterapeutas pessoais trabalhando com seus treinadores na água, eu meramente supervisiono, caso o terapeuta se afogue, eu acho.

Nos sete anos de trabalho, raramente precisei mergulhar. É uma piscina tranquila e lenta, nada parecida com a piscina onde levo meus meninos aos sábados, de onde você sai com dor de cabeça, por conta dos gritos das turmas que enchem o local.

Contenho um bocejo e observo a primeira nadadora no começo da manhã. Mary Kelly, a draga, está fazendo seu movimento predileto: nado de peito. Lenta e ruidosa, com um metro e cinquenta de altura, pesando cento e trinta quilos, ela se impulsiona para sair da água, como se estivesse tentando esvaziar a piscina, e depois tenta deslizar. Consegue fazer essa manobra sem submergir o rosto uma só vez e expirando constantemente, como se estivesse numa temperatura abaixo de zero. São sempre as mesmas pessoas, nos mesmos horários. Sei que logo o senhor Daly chegará, seguido pelo senhor Kennedy, também conhecido como o Rei da Borboleta, que é cheio de si, depois as irmãs Eliza e Audrey Jones, que nadam a largura da piscina na parte rasa por vinte minutos. Tony Dorna, que não

nada, ficará agarrado a uma boia como se fosse o último bote salva-vidas, boiando no canto raso, perto dos degraus, próximo à parede. Remexo nos meus óculos de mergulho, desamarrando o nó da faixa, lembrando a mim mesma de respirar, afastando a sensação de aperto no peito, que só passa quando me lembro de expirar.

Às nove e quinze em ponto, o senhor Daly sai do vestiário e vem caminhando pelos ladrilhos. Está usando seu sungão justo, num tom imperdoável de azul-claro, que revela tudo minuciosamente quando molhado. Sua pele pende ao redor dos olhos, bochechas e queixo. A pele é tão transparente que eu vejo quase todas as veias de seu corpo e ele está coberto de hematomas de batidas leves. As unhas dos dedos dos pés, em tom amarelado, se curvam dolorosamente para dentro da pele. Ele me dá uma olhada infeliz e arruma os óculos de mergulho nos olhos. Passa por mim me ignorando, como faz todos os dias, sem uma saudação matinal, segurando no corrimão de metal, como se a qualquer momento fosse sair derrapando nos ladrilhos escorregadios que Mary Kelly está encharcando a cada braçada. Eu o imagino no chão, com os ossos quebrando sob a pele fina como papel, quebradiça como a de um frango assado.

Estou com um olho nele e outro em Mary, que está emitindo um gemido ruidoso a cada braçada, como se fosse a grande tenista russa Maria Sharapova. O senhor Daly chega aos degraus, segura o corrimão e lentamente se abaixa, entrando na água. Suas narinas tremulam quando o frio bate em sua pele. Já na água, ele se vira para ver se estou olhando. Nos dias em que estou olhando, ele fica boiando por longos períodos, como se fosse um peixinho dourado morto. Em dias como hoje, quando não estou olhando, ele abaixa o corpo e a cabeça na água, com as mãos agarradas à borda para se manter submerso e fica ali. Eu o vejo claramente, praticamente de joelhos, no lado raso, tentando se afogar. Essa é uma ocorrência diária.

— Sabrina — alerta Eric, meu supervisor, do escritório, que fica atrás de mim.

— Estou vendo.

Sigo até o senhor Daly nos degraus. Enfio os braços na água e o seguro por debaixo dos braços, e puxo para cima. Ele é tão leve que sobe facilmente, resfolegando, com os olhos arregalados por baixo dos óculos de mergulho, com uma meleca verde enorme na narina direita. Ele ergue os óculos e os tira pela cabeça, depois esvazia a água que bebeu, gemendo, resmungando, com o corpo

tremendo de raiva por eu ter, mais uma vez, estragado seu plano vilão. Seu rosto está roxo e o peito arfando, conforme ele tenta recuperar o fôlego. Ele lembra meu filho de três anos que sempre se esconde no mesmo lugar e fica irritado quando o encontro. Não digo nada, só volto para a minha banquetta, com os chinelos respingando de água fria nas minhas panturrilhas. Isso acontece todos os dias. É tudo o que acontece.

— Você até que foi devagar com ele — diz Eric.

Fui? Talvez um segundo a mais que o habitual.

— Não queria estragar a diversão dele.

Eric sorri, mas sacode a cabeça lentamente para mostrar sua reprovação. Antes de trabalhar ali, comigo, desde a abertura da casa de repouso, Eric teve uma experiência como salva-vidas ao estilo Mitch Buchannon, em Miami. Sua mãe, no leito de morte, o trouxe de volta à Irlanda. Ao sobreviver, a mãe o fez ficar. Ele brinca dizendo que ela viverá mais do que ele, embora eu sinta certo nervosismo da parte dele, achando que esse será, de fato, o caso. Acho que ele está esperando que ela morra para começar a viver, e o medo, com ele chegando aos cinquenta, é de que isso jamais aconteça. Para lidar com essa pausa imposta em sua vida, acho que ele finge ainda estar em Miami e, embora esteja iludido, eu às vezes invejo sua habilidade de fingir que está num lugar bem mais exótico que este. Parece que ele caminha com o compasso das maracás na cabeça. Eric é uma das pessoas mais felizes que conheço. Seu cabelo tem um tom laranja-ensolarado e a pele tem uma cor bem parecida. Ele não sai com namoradas tradicionais durante o ano todo, se guardando para o mês inteiro de janeiro, quando desaparece na Tailândia. E volta assobiando, com um sorriso enorme no rosto. Não quero saber o que faz lá, mas sei que ele espera que, quando a mãe morrer, todo dia seja como a Tailândia. Gosto dele e o considero meu amigo. Cinco dias por semana neste lugar significam que eu já contei a ele mais coisas do que disse a mim mesma.

— Não te surpreende que a única pessoa que eu salvo todos os dias nem sequer queira viver? Isso não faz com que você se sinta completamente redundante?

— Muitas coisas fazem com que me sinta redundante, mas não isso. — Ele se curva para pegar um rolo de cabelo grisalho que está entupindo o ralo, que mais parece um rato afogado, e ergue, para sacudir a água, sem aparentar a repulsa que eu sinto. — É assim que você está se sentindo?

Sim, embora eu não devesse. Não deveria importar se o homem cuja vida estou salvando não quer ser salvo. O objetivo deveria ser salvá-lo, não? Mas não respondo. Ele é meu supervisor, não meu terapeuta, eu não devia questionar salvar as pessoas se estou no exercício da função de salva-vidas. Ele pode viver num mundo alternativo, em sua cabeça, mas não é imbecil.

— Por que você não tira um intervalo para um café? — ele oferece e me entrega uma caneca, ainda segurando o rolo molhado de cabelos na outra mão.

Gosto muito do meu emprego, mas tenho andado meio pilhada ultimamente. Não sei o motivo e não sei exatamente o que estou esperando que aconteça em minha vida, ou o que estou esperando que aconteça. Não tenho sonhos nem objetivos, em particular. Queria me casar e casei. Queria ter filhos e tenho. Queria ser salva-vidas e sou. Mas qual será o significado de pilhado? Ligado na pilha?

— Eric, o que significa estar pilhado?

— Hum... Agitado, eu acho, inquieto.

— Tem alguma coisa a ver com pilha?

Ele franze o rosto.

— Achei que fosse quando você acha que está eletrizado, ligado na pilha — dou uma estremecida.

Ele dá uma batidinha no lábio.

— Quer saber, eu não sei. Isso é importante?

Penso a respeito. Isso significaria que eu acho que há algo de errado com a minha vida, porque há, de fato, algo errado com a minha vida, ou há algo errado comigo. Mas é só uma sensação. Não haver nada de errado seria a solução preferida.

O que há de errado, Sabrina? Aidan tem perguntado muito ultimamente. Da mesma forma que perguntar a uma pessoa se ela está zangada acaba deixando-a zangada.

Não há nada de errado. Mas será que não há nada, ou será que há algo? Ou realmente não há nada, e *tudo* é simplesmente nada. Esse é o problema? Tudo é nada? Evito o olhar de Eric e, em vez disso, me concentro nas Regras da Piscina, que me irritam, portanto, desvio o olhar. Está vendo, aí está aquela sensação de pilhada.

— Mas eu posso verificar se for o caso — diz ele, me analisando.

Para fugir de seu olhar, pego um café na máquina do corredor e sirvo na caneca; eu me recuso a beber num copo de isopor. Recosto na parede do corredor e penso em nossa conversa, penso em minha vida. Terminado o café, sem chegar a nenhuma conclusão, volto para a piscina e quase sou esmagada no corredor por uma maca empurrada, a toda velocidade, por dois paramédicos, com a Mary Kelly molhada em cima, suas pernas brancas parrudas, de veias azuladas, como um queijo Roquefort, e uma máscara de oxigênio no rosto.

Ouçó eu mesma falar “Não acredito”, quando eles passam por mim.

Quando entro no pequeno escritório de salva-vidas, vejo o Eric sentado, completamente em choque, com a roupa de borracha pingando, os cabelos alaranjados lambidos para trás, molhados da água da piscina.

— Mas que diabos foi isso?

— Acho que ela teve um, quer dizer, não sei, mas talvez tenha sido um ataque do coração. Céus! — A água continua pingando de seu nariz pontudo.

— Mas só fiquei fora cinco minutos.

— Eu sei, aconteceu no segundo em que você saiu. Acionei a campainha de emergência, arrastei Mary Kelly pra fora da piscina, fiz respiração boca a boca e eles chegaram antes que eu notasse. Foi bem depressa. Eu os deixei entrar pela saída de incêndio.

Eu engulo em seco, já sentindo a inveja.

— Você fez respiração boca a boca?

— Ahã. Ela não estava respirando. Mas depois respirou. Tossiu um bocado de água.

Eu o olho, chocada.

— Não foram nem cinco minutos!

Ele sacode os ombros, ainda estarecido.

Olho para a piscina, depois, para o relógio. Até o senhor Daly está sentado na borda da piscina, olhando o fantasma da maca, com inveja. Foram quatro minutos e meio.

— Você teve que mergulhar? Tirá-la da água? Fazer respiração boca a boca?

— Sim, sim. Olhe, não precisa se punir por isso, Sabrina, você não poderia

ter chegado a ela mais rápido do que eu.

— Você teve que acionar a campainha de emergência?

Ele me olha confuso por isso.

Eu nunca acionei a emergência. Nunca! Nem nas provas. O Eric fez isso. Sinto a inveja e a raiva borbulhando dentro de mim, uma sensação bem incomum. Isso acontece em casa, uma mãe zangada e irritada porque seus filhos saem da linha muitas vezes, porém, em público, jamais. Em público, eu me contenho, principalmente no trabalho, e ainda mais se é direcionado ao meu supervisor. Sou um ser humano comedido e racional, gente como eu não perde a cabeça em público. Mas, agora, não contenho a raiva. Deixo que ela venha à tona. Seria uma sensação de empoderamento se me permitisse ser assim, se não estivesse tão frustrada, tão irritada.

Em resumo, eis como estou me sentindo: sete anos trabalhando ali. São dois mil trezentos e dez dias. Onze mil quinhentas e cinquenta horas. Menos nove meses, seis meses e três meses, de licença-maternidade. Em todo esse tempo, eu fiquei sentada na minha banqueta e olhei a piscina, quase sempre vazia. Nada de boca a boca, nem mergulhos dramáticos. Nem uma vez. Sem contar o senhor Daly. Sem contar a assistência com câimbras em pernas e pés. Nada. Eu sento na banqueta, às vezes, me levanto e olho o imenso relógio ao lado das regras da piscina. Proibido correr, proibido pular, proibido mergulhar, proibido empurrar, proibido gritar, proibido tudo... todas as coisas que não são permitidas nesse ambiente pareciam quase debochar de mim. Proibido salvar vidas. Estou sempre alerta, pra isso fui treinada, mas nunca acontece nada. E exatamente no segundo em que eu tiro um intervalo não planejado, perco um ataque do coração, um quase afogamento e a campainha de emergência sendo acionada.

— Isso não é justo! — exclamo.

— Ora, vamos, Sabrina, você chegou junto como um raio quando a Eliza pisou naquele caco de vidro.

— Não foi caco de vidro. Foi uma varize que rompeu.

— Bom, você chegou depressa.

É sempre fora da água que tenho dificuldade, que não consigo respirar. É sempre fora da água que me sinto como se estivesse me afogando.

Atiro a minha caneca de café com força contra a parede.

3

Brincando com bolinhas de gude: O vencedor

Meu pescoço está sendo apertado com tanta força que eu começo a ver pontinhos pretos. Eu diria a ele, mas não consigo falar, tem um braço enroscado no meu pescoço. Não consigo respirar. Sou pequeno para minha idade e eles caçoam de mim por isso. Me chamam de Carrapato, a mamãe me disse para me defender como posso. Sou pequeno, mas sou esperto. Com uma explosão de energia, começo a me sacudir e Angus, meu irmão mais velho, precisa lutar muito para continuar me segurando.

— Jesus, Carrapato — diz Angus e me agarra com mais força.

Não consigo respirar, não consigo respirar.

— Solte-o, Angus — diz Hamish. — Volte pro jogo.

— O besta aqui é um trapaceiro, não vou jogar com ele.

— Não sou trapaceiro! — eu quero gritar, mas não consigo. Não consigo respirar.

— Ele não é trapaceiro — Hamish diz por mim. — Ele só é melhor que você. — Hamish é o mais velho, tem dezesseis anos. Está olhando dos degraus da frente de casa. Essa afirmação é muito importante vindo dele. Ele é bem durão. Está fumando um cigarro. Se a mamãe soubesse, lhe daria um tabefe que arrancaria a cabeça, mas ela não pode vê-lo agora. Está lá dentro com a parteira, motivo para estarmos todos aqui fora, até terminar tudo.

— Repita isso — Angus desafia Hamish.

— E se eu não repetir?

Nada. Angus não tocaria em Hamish, apenas dois anos mais velho que ele, mas muito mais forte. Nenhum de nós tocaria. Ele é durão e todos sabem, e até começou a andar com Eddie Sullivan, apelidado de O Barbeiro, e sua gangue da

barbearia. Eles é que andam lhe dando cigarros. E dinheiro também, mas eu não sei por que. A mamãe está preocupada com ele, mas ela precisa do dinheiro, então não faz perguntas. Hamish é o que mais gosta de mim. Há noites em que ele me acorda e a gente se veste e sai pra rua, vamos até os lugares onde não temos permissão de brincar. Não posso contar pra mamãe. Nós jogamos bola de gude. Tenho dez anos, mas pareço menor, ninguém diria que eu sei jogar tão bem, a maioria das pessoas nem imagina, então, Hamish ganha dinheiro deles. Ele está ganhando uma bolada e me dá caramelos no caminho de casa, então, eu não conto nada. Ele não precisa me comprar, mas eu não digo isso, eu gosto de caramelos.

Jogo bolinhas de gude dormindo, jogo quando deveria fazer meu dever de casa, jogo quando o padre cara de meleca me põe na sala escura, jogo em minha cabeça, quando a mamãe está me dando bronca, só pra não ter de escutar. Meus dedos estão sempre se mexendo, como se estivesse fazendo um lançamento, e já tenho uma boa coleção. Mas tenho de escondê-las dos meus irmãos, pelo menos as melhores. Eles nem de longe são bons como eu e perderiam minhas bolas de gude.

Nós ouvimos a mamãe berrar como um animal e Angus afrouxa um pouco. O bastante para eu me remexer. Todos estão tensos com o tom da mamãe. Não é novidade pra nós, mas ninguém gosta. Não é natural ouvir alguém gritar assim. Mattie abre a porta e entra branco como um lençol. Até mais branco do que costuma ser.

Ele olha para Angus.

— Solte-o.

Angus me solta e, finalmente, consigo respirar. Começo a tossir. Só tem uma pessoa que o Angus não peita e é o nosso padrasto, o Mattie. Mattie Doyle nunca está de brincadeira.

Mattie dá um olhar fulminante pro Hamish, que está fumando. Eu me preparo pra ver o Mattie dar-lhe um soco, porque os dois estão sempre brigando, mas ele não dá.

Em vez disso, pergunta:

— Tem um cigarro aí?

Hamish sorri, um sorriso que acende seus olhos verdes. Os olhos verdes do papai. Mas ele não responde.

Mattie não gosta da pausa.

— Vai se danar — ele lhe dá um peteleco na cabeça e Hamish ri pra ele, gostando de tê-lo feito perder a paciência. Ele ganhou. — Vou pro bar. Um de vocês vai me buscar quando isso acabar.

— Você provavelmente vai ouvir de lá — diz Duncan.

Mattie ri, mas parece um pouco amedrontado, mais pálido do que é.

— Nenhum de vocês está olhando ele? — Mattie gesticula para o pequenino agachado na terra. Todos nós olhamos pro Bobby. Ele é o menor, com dois anos. Está sentado na lama, coberto por ela, até na boca, comendo grama.

— Ele sempre come grama — Tommy diz —, a gente não pode fazer nada.

— Você é um jumento ou o quê? — Mattie pergunta.

— Rirrôôô — diz Bobby e todos nós rimos.

— Que droga, será que alguém pode ensinar os sons dos animais pra ele? — diz Mattie, sorrindo. — Certo, o papai vai até o bar, fique bonzinho, Bobby — Mattie remexe os cabelos de Tommy. — Fique de olho nele, filho.

— Tchau, Mattie — diz Bobby.

— Me chame de papai — diz Mattie, ficando com o rosto meio vermelho de raiva.

Mattie fica muito zangado quando Bobby o chama de Mattie, mas não é culpa do Bobby, ele está acostumado a ver nós todos o chamando de Mattie, ele não é nosso pai, mas Bobby não entende a diferença, ele acha que é a mesma coisa. Somente Tommy, primeiro filho de Mattie, o chama de pai. Tem os Doyles e os Boggs nessa família e todos nós sabemos a diferença.

— Vamos voltar ao jogo — diz Duncan, quando a mamãe grita de novo.

— Ele não tem permissão de jogar, a menos que repita sua jogada — diz Angus, zangado.

— Tudo bem, ele fará isso — diz Hamish.

— Ei! — eu reclamo. — Eu não roubei.

Hamish pisca pra mim.

— Você pode mostrar a eles.

Eu suspiro. Tenho dez anos, o Duncan tem doze, o Angus, catorze e o

Hamish, dezesseis. Os dois meninos Doyle, Tommy e Bobby, têm cinco e dois anos. Com três irmãos mais velhos, eu sempre preciso me provar, e mesmo quando sou melhor que eles, o que sou no jogo de bolinha de gude, eles não podem suportar, então, tenho de me esforçar ainda mais porque eles acham que estou roubando. Sou eu que ensino a eles as novas jogadas que aprendo nos meus livros. Sou melhor que eles. Todos eles detestam isso, mas o Angus fica doido. Ele me bate sempre que perde. O Hamish também detesta perder, mas já descobriu como me usar.

Estamos jogando o Arrebanhador; eu, o Duncan e o Angus. O Angus não deixa o Tommy jogar porque ele é o pior, é tão ruim que estraga o jogo. Quando meus irmãos mais velhos não estão por perto, eu ensino o Tommy a jogar, gosto de fazer isso, embora ele seja diabólico. Essa é a palavra que o Tommy usa pra tudo. Uso minhas piores bolinhas de gude, somente as transparentes com ele, porque ele lasca tudo. Tommy está sentado nos degraus, longe de Hamish. Ele tem medo do Hamish. Tommy sabe que o Hamish e seu pai não se dão, então, ele acha que precisa defender o pai, quando Mattie não está presente. Ele só tem cinco anos, mas é um merdinha durão, magrelo e branco como o pai. Os caras o chamam de lavador de garrafa, de tão magro e comprido que ele é.

O que me colocou naquela chave de braço foi que Angus jogou a primeira jogada, depois o Duncan jogou sua bolinha contra a de Angus. Acertou e foi por isso que o Angus ficou zangado. Duncan pegou a bolinha do Angus e jogou outra pra recomeçar o jogo. Eu acertei a do Duncan, peguei a dele e depois joguei outra pra recomeçar.

Angus jogou e errou a minha.

Duncan mirou na bolinha pivô de Angus, não porque estivesse mais perto, mas porque ele viu que Angus estava prestes a se zangar e queria provocá-lo. De qualquer forma, errou e chegou a minha vez. Eu tinha dois alvos, podia ter escolhido a opaca de Duncan, mas não quis porque todo mundo tem dessas, é um tipo de bolinha de uma cor só, ou a bolinha Popeye do Angus, na qual eu já estava de olho há muito tempo. O Angus diz que ele a ganhou num jogo, mas eu acho que ele deve tê-la roubado da loja do Francis, na esquina. Nunca vi ninguém com uma bolinha como aquela. Só tinha visto uma foto no meu livro de bolinhas de gude, por isso sei que a dele é uma especial de três cores, chamada saca-rolha serpenteada. Ela tem uma coloração retorcida de verde e transparente, entremeada de pontos brancos. Tem bolhas minúsculas por dentro. Eu a encontrei numa gaveta, alguns dias antes, e ele me pegou bisbilhotando e me deu

um chute no traseiro pra que eu largasse. Mas não deixei cair. Não seria bobo de deixar que a bolinha fosse arranhada, mas vê-lo jogar com ela doía mais que o chute. Ele deveria guardá-la numa caixinha, protegida, para não estragar.

Decidi fazer uma jogada que vinha treinando para impressioná-los, ao girar minha bolinha e acertar logo duas, num só arremesso. Joguei minha bolinha e ela acertou primeiro a opaca de Duncan, como eu havia planejado, depois Tommy gritou e todos eles olharam pro Bobby, que estava com uma lesma na boca, com concha e tudo. O Angus saiu correndo pra tirar dele e jogar do outro lado da rua. Ele escancarou a boca do Bobby.

— A lesma não está na casca, você comeu, Bobby?

Bobby não respondeu, só ficou esperando a bronca, com os olhos azuis arregalados. Bobby é o único loiro. Ele se safa até se matar alguém, por conta daqueles olhos azuis e do cabelo loiro, nem o Hamish bate nele. Mas, de qualquer forma, quando todos estavam ocupados em saber pra onde tinha ido a lesma do caramujo, ninguém estava olhando quando a minha bolinha de gude também acertou a do Angus, o que significava que eu poderia pegar as duas bolinhas, numa só jogada. Eles olharam de volta pra mim e me viram segurando as duas na mão, e foi quando o Angus me acusou de roubar e me pegou num pescoção.

Agora livre, tenho de responder às acusações de trapaça tentando repetir o feito, o que deve acontecer, mas não consigo, se eles acham que sou um trapaceiro. Se eu não conseguir, ficará provado pra eles que roubei. Hamish pisca pra mim. Eu sei que ele sabe que eu consigo, mas se eu não ganhar, ele talvez não me leve pra sair esta noite. Minhas mãos começam a suar.

A mamãe grita de novo e os olhos de Tommy se arregalam.

— Baby? — pergunta Bobby.

— Está quase chegando, companheiro, quase chegando — diz Hamish, enrolando outro cigarro, se achando o bom. Sério, quando eu crescer, quero ser exatamente como ele.

A porta da dona Lynch, nossa vizinha ao lado, se abre, e ela sai com a filha Lucy. O rosto de Lucy já fica vermelho quando ela vê o Hamish. Ela está segurando uma bandeja com uma montanha de sanduíches, e eu vejo geleia de morango, e a dona Lynch está com uma jarra de laranjada.

Todos nós nos atiramos na comida.

— Obrigada, sra. Lynch — todos dizemos de boca cheia, devorando os sanduíches. Com a mamãe em trabalho de parto, nós não comíamos desde o jantar de ontem.

Hamish pisca para Lucy e ela meio que dá uma risadinha e corre lá pra dentro. Eu vi os dois juntos, tarde da noite, um dia. Hamish estava com uma das mãos dentro da blusa dela, e a outra por baixo da saia, e ela estava com uma perna enroscada em volta dele, com a coxa branca quase reluzindo no escuro.

— Essa mãe de vocês vai continuar até conseguir uma menina, não vai? — diz a sra. Lynch, sentando nos degraus.

— Tenho a impressão de que dessa vez é uma menina — diz Hamish. — A barriga dela está diferente.

Hamish está sério; mesmo com tantos problemas, ele percebe as coisas, enxerga coisas que nenhum de nós vê.

— Acho que você está certo — concorda a sra. Lynch. — Está bem alta mesmo.

— Será legal ter uma menina por perto — diz Hamish. — Chega desses fedorentos pra me irritar.

— Ah, ela vai mandar em todos vocês, pode esperar pra ver — diz a sra. Lynch. — Como a minha Lucy.

— Ela certamente manda no Hamish — Angus murmura e leva uma botinada do Hamish, na barriga. Sanduíche de geleia mastigado voa de sua boca e ele está momentaneamente sem fôlego, e eu fico contente, porque isso é um troco pelo pescoço que me deu.

Os olhos verdes de Hamish estão faiscando, ele realmente parece querer que venha uma menina. Parece um molengão, quando pensa nisso.

A mamãe geme outra vez.

— Agora não vai demorar muito — diz Hamish.

— Ela está fazendo um trabalho muito bom — diz a sra. Lynch e parece sentir dor só em ouvir. Talvez esteja se lembrando de algo, e eu me sinto enjoado em pensar num bebê saindo de dentro dela.

A parteira começa a cantarolar, como se a mamãe estivesse numa luta de boxe e ela fosse a treinadora. A mamãe está guinchando como um porco fugindo de um punhal.

— Última empurrada — diz Hamish.

A sra. Lynch parece impressionada com o conhecimento de Hamish. Sendo o mais velho, ele já passou por isso cinco vezes, lembrando ou não de tudo, ele aprendeu o jeito.

— Certo, vamos terminar isso antes que ela venha — diz Angus, ficando em pé e limpando a geleia do rosto com a manga da camisa.

Sei que o Angus quer provar que estou errado na frente de todo mundo. Ele sabe que o Hamish gosta de mim, e só porque é fraco demais pra bater no Hamish, ele me usa para revidar dele, pois me machucar é como machucar o Hamish. E o Hamish também sente isso. É bom pra mim, mas ruim para a pessoa que me trata mal: semana passada, o Hamish deu um soco e arrancou o dente da frente de um camarada por não me escolher para o seu time de futebol. E eu nem queria jogar futebol.

Eu me levanto e assumo minha posição. Concentro-me bastante, com o coração disparado no peito, as palmas das mãos suando ainda. Quero aquela bolinha saca-rolha.

A parteira grita que está vendo a cabeça do bebê. Agora, os sons da mamãe são aterrorizantes. O porquinho está sendo golpeado.

— Boa garota, boa garota — diz a sra. Lynch, roendo a unha e se balançando pra frente e pra trás, sentada no degrau, como se a mamãe pudesse ouvi-la. — Já está quase acabando, amor. Você está chegando lá.

Eu jogo a bolinha. Ela bate na de Duncan, exatamente como eu havia planejado, e segue em direção à do Angus. Quero a saca-rolha.

— Uma menina! — grita a parteira.

Hamish se levanta, prestes a dar um soco no ar, mas para.

Minha bolinha de gude prossegue até a saca-rolha de Angus. E passa direto, mas ninguém está olhando, ninguém viu acontecer. Todos estão paralisados, a sra. Lynch está muda. Esperando. Todos esperam o bebê chorar.

Hamish pousa a cabeça nas mãos. Eu olho de novo. Ninguém está olhando pra mim, nem pra minha bolinha que passou direto pela do Angus, sem sequer tocá-la.

Dou um passo à direita, mas eles ainda não estão olhando. Estico o pé e empurro minha bolinha de volta, só um pouquinho, pra ela tocar a saca-rolha

Popeye do Angus. Meu coração está batendo loucamente, não posso acreditar que estou fazendo isso, mas se conseguir, vou ficar com a saca-rolha, ela será minha.

De repente, surge um gemido, mas não é o bebê, é a mamãe.

Hamish entra correndo e Duncan vai atrás. Tommy agarra o Bobby no chão e o leva pra dentro da casa. Angus olha para baixo e vê sua bola de gude colada na minha.

Seu rosto está terrivelmente sério.

— Certo. Você ganhou. — Então, ele entra em casa, atrás dos meninos.

Pego a bolinha saca-rolha verde e a examino, finalmente feliz em tê-la na mão, parte da minha coleção. Essas são incrivelmente raras. Minha felicidade dura pouco, quando a minha adrenalina vai passando e cai a ficha.

Não nasceu nenhum bebê menina. Não tem bebê nenhum. E eu sou um trapaceiro.

4

Regras da piscina: Proibido pular

— Sabrina, você está bem? — Eric me pergunta, do outro lado da mesa.

— Sim — respondo, mantendo a voz equilibrada, mas sem sentir equilíbrio algum. Acabei de arremessar minha caneca na parede, porque perdi um quase afogamento. — Achei que fosse ter mais pedaços. — Nós dois olhamos a caneca em cima da mesa. A alça caiu e saiu uma lasca da borda, só. — Minha mãe uma vez jogou um bule de chá no teto e ele quebrou em mil pedaços.

Eric olha a caneca, observando-a.

— Acho que é pela forma como bateu na parede. O ângulo ou algo assim.

Pensamos nisso, em silêncio.

— Acho melhor você ir pra casa — ele diz subitamente. — Tire o dia de folga. Aproveite o eclipse solar, afinal, só se fala nisso. Volte na segunda-feira.

— Está bem.

Minha casa tinha três quartos e um terraço, e nela eu morava com meu marido, Aidan, e nossos três meninos. Aidan trabalha na Eircom, no suporte de banda larga, mas a internet nunca parece estar funcionando em nossa casa. Estamos casados há sete anos. Nós nos conhecemos em Ibiza, quando éramos competidores de um campeonato realizado no bar de uma boate, pra ver quem conseguia lambar o creme do peito de um estranho mais depressa. O peito era dele, e eu fui lambar. Ele ganhou. Nem por um instante pense que eu fui inadequada. Eu tinha dezenove anos, e catorze pessoas participaram, diante de uma plateia de milhares, e nós ganhamos uma garrafa de tequila, que tomamos, em seguida, na praia, enquanto fazíamos sexo. Seria inadequado não fazê-lo. À época, Aidan era um estranho pra mim, mas agora ele é um estranho comparado àquele homem, irreconhecível diante daquele adolescente arrogante, de orelha furada e sobrancelha raspada. Acho que nós dois mudamos. Agora, Aidan nem

gosta mais de praia. Reclama, dizendo que fica com areia grudada em tudo. E eu estou tentando não comer laticínios.

É raro eu ficar em casa sozinha, na verdade, nem consigo me lembrar da última vez que isso aconteceu, com as crianças sempre ali me pedindo pra fazer alguma coisa a cada dois segundos. Não sei o que fazer, então, sento na cozinha silenciosa e fico olhando em volta. São dez da manhã e o dia só está começando. Faço um chá pra matar o tempo, mas não bebo. Paro bem na hora em que ia colocar os saquinhos de chá na geladeira. Sempre faço coisas assim. Olho para uma pilha de roupa pra lavar e passar, mas nem me incomodo. Percebo que estava prendendo a respiração e, então, expiro.

Sempre há coisas que preciso fazer. Coisas que nunca tenho tempo pra fazer, em minha rotina cuidadosamente organizada. Agora, eu tenho tempo — o dia todo —, mas não sei por onde começar.

Meu celular toca, me poupando da indecisão, e é da casa de repouso do meu pai.

— Alô? — atendo, sentindo um aperto no peito.

— Oi, Sabrina, é a Lea. — Enfermeira predileta do meu pai. — Nós acabamos de receber uma entrega de cinco caixas para o Fergus. Foi você que providenciou?

— Não — estou franzindo o rosto.

— Ah! Bem, o problema é que não tem muito espaço no quarto do seu pai para guardá-las. Eu ainda não as mostrei a ele, estão lá na recepção, queria primeiro falar com você, só pra ter certeza, você sabe, pra saber se não há algo dentro delas que possa deixá-lo confuso.

— Sim, você está certa. Obrigada. Não se preocupe. Eu vou buscá-las agora. Estou com tempo livre.

É isso que sempre parece acontecer. Sempre que tenho um minuto para mim, longe do trabalho e das crianças, meu pai ou outra pessoa o preenche. Meia hora depois, eu chego à casa de repouso e vejo as caixas empilhadas no canto da recepção. A Lea está certa, não há espaço para essas caixas no quarto do meu pai e, embora eu não tivesse ideia de onde elas vieram, ao vê-las, imediatamente soube e fico furiosa. São caixas com os pertences do meu pai, que eu mesma arrumei, depois que a casa dele foi vendida. Minha mãe as estava guardando, mas obviamente preferiu não guardar mais. Não entendo por que ela as mandou

para cá em vez de mandar pra mim.

No ano passado, meu pai teve um derrame sério, o que o levou a ter que viver nessa casa de repouso, que dá a ele o tipo de cuidado profissional que eu não poderia dar com três meninos pequenos; Charlie tem sete anos, Fergus tem cinco e Alfie tem três, além do meu emprego. A minha mãe certamente não assumiria esse papel, já que ela e o papai são divorciados desde que eu tinha quinze anos. Embora agora eles se deem melhor e eu até ache que minha mãe gosta das visitas quinzenais que faz a ele.

Fala-se muito que estresse não causa derrame, mas isso aconteceu numa época em que meu pai estava bastante estressado, no meio de uma crise financeira. Ele trabalhava para uma empresa de capital de risco. E enrolou um tempo, tentando encontrar novos clientes, tentando recuperar os antigos, enquanto via vidas desmoronando e se sentia responsável por isso, mas essa situação não se sustentou. Ele encontrou um emprego novo, como vendedor de carros, estava tentando seguir em frente, mas sua pressão arterial estava alta, ele engordou bastante, fumava demais, não fazia exercícios e bebia muito, ou seja, fazia tudo errado. Não sou médica, mas ele fazia todas essas coisas porque estava estressado, e acabou tendo um AVC.

Sua fala não é fácil de entender, e ele está numa cadeira de rodas, ainda que se esforce pra andar. Já emagreceu e parece um homem bem diferente do que era nos anos que o levaram a esse AVC, que causou alguns problemas de memória, o que enfurece a minha mãe. Ele parece ter se esquecido de toda a mágoa que causou a ela. Conseguiu apagar todos os problemas e as discussões que tiveram, as mágoas e os desentendimentos, que foram muitos, ao longo dos anos de casamento. Ele saiu de tudo com aroma de rosas.

— Ele pode viver como se nada disso tivesse acontecido, como se não tivesse de se sentir culpado, nem precisasse se desculpar por nada — minha mãe reclama com frequência. Ela obviamente pretendia que ele se sentisse mal pelo resto da vida, e ele estragou tudo. Esqueceu-se de tudo. Mas mesmo reclamando do Fergus de antes do derrame, ela o visita regularmente e eles conversam como o casal que ambos gostariam de ter sido. Sobre o que está passando no noticiário, sobre os jardins, as estações, o clima. É um papo confortante. Acho que a raiva dela é mais pelo fato de que agora ela gosta dele. Esse homem meigo e carinhoso é um homem com quem ela poderia ter continuado casada.

O que aconteceu ao meu pai foi difícil, mas nós não o perdemos. Ele ainda

está vivo e, na verdade, o que perdemos foi seu outro lado, o lado distante e às vezes implicante, que era mais difícil de amar. Aquele que afastava as pessoas. O que queria ficar sozinho, mas nos ter ao alcance das mãos, caso precisasse, ou quando nos quisesse. Ele está bem contente com o lugar onde está, se dá bem com as enfermeiras, fez amizades e eu passo mais tempo com ele agora do que antes, vou visitá-lo com Aidan e os meninos aos domingos.

Nunca sei exatamente o que o papai esqueceu até tocar em algum assunto e ver aquela névoa agora familiar passando por seus olhos, aquele olhar vago, enquanto ele tenta assimilar o que acabei de dizer, com sua coleção de lembranças e experiências, e voltar vazio, como se não batesse com as informações retidas. Entendo por que a enfermeira Lea não levou as caixas diretamente pra ele, seria uma sobrecarga de muitas coisas das quais ele não consegue se lembrar e isso certamente o deixaria aborrecido. Há meios de se lidar com esses momentos, eu delicadamente os deixo de lado, sigo rapidamente adiante, como se não tivessem acontecido, ou finjo que eu mesma tenho os detalhes errados. Não porque eles o aborreçam, a maioria das vezes passam sem grandes dramas, como se ele estivesse alheio àquilo, mas eu também me aborreço.

Há mais caixas do que eu lembrava e, impaciente demais para esperar até chegar em casa, em pé, no corredor, uso uma chave do chaveiro para rasgar a fita na caixa de cima, abrindo-a. Levanto a aba, curiosa para ver o que tem dentro. Espero álbuns de fotografia ou cartões de casamento. Algo sentimental que, em vez de ser bonito, faz com que mamãe comece a despejar tudo o que lhe foi tirado pelo próprio marido. Os sonhos que foram despedaçados, as promessas que foram quebradas.

Em vez disso, encontro um fichário cheio de páginas escritas à mão — a letra redonda do meu pai, que me faz lembrar os bilhetes enviados à escola e cartões de aniversário. Na página de cima, diz *Inventário das Bolinhas de Gude*. Por baixo do fichário há latas, saquinhos e caixas, algumas embrulhadas em plástico bolha, outras, em papel de seda.

Abro algumas. Dentro de cada lata ou caixa, há lindas bolinhas de vidro, deliciosamente coloridas como balas. Olho pra elas profundamente chocada, impressionada. Não tinha ideia de que meu pai gostasse de bolinhas de gude. Não tinha ideia de que ele entendesse alguma coisa de bolinhas de gude. Se não fosse pela letra dele, no inventário, acharia que era engano. É como se tivesse aberto uma caixa da vida de outra pessoa.

Abro o fichário e leio a lista, que não é sentimental como em princípio parece. É científica.

Os saquinhos, alguns de veludo, outros de tecido, e as caixas de latão são codificados segundo as cores e numerados com etiquetas, para evitar confusão, e correspondem às cores do inventário.

Em primeiro lugar na lista, há um pequeno saquinho de veludo com quatro bolinhas. No inventário, elas estão listadas como *Rubis* e ao lado (*Aliados*). Ao abrir o saquinho, logo vejo que elas são menores que as outras e têm entremeios variados de vermelho, mas meu pai chegou a detalhá-las, descrevendo:

“Rubis” do tipo Christensen Agate raros, com entremeios vermelhos e marrons translúcidos, com uma base branca opaca. Consideravelmente mais difíceis de encontrar do que os rubis “comuns”.

Há uma caixa retangular com mais rubis, datada de 1935, da Peltier Glass Company. Essas estão apropriadamente codificadas com a cor vermelha e listadas juntas, com um saquinho de veludo. Despejo algumas nas mãos e rolo-as, de um lado para o outro, gostando do som de quando tilintam, batendo umas nas outras, enquanto sinto meus pensamentos acelerados pela minha descoberta. Saquinhos, latas, caixas, todas contendo as mais lindas cores, trançados e espirais, cintilando sob a luz. Ergo algumas e seguro diante da janela, examinando os detalhes internos, as bolhas, a luz, profundamente encantada pela complexidade interna de algo tão pequeno. Vou folheando as páginas rapidamente. Ali estão listadas as *rodamoinhos Latticinia*, *rodamoinhos divididas*, *rodamoinhos de centro sólido*, *rodamoinhos de fita*, *rodamoinhos joseph’s coat*, *listradas/sem cor*, *rodamoinhos de menta*, *com listras curvas*, *opacas enfaixadas*, *indianas*, *lutz enfaixadas*, *lutz casca de cebola*, *lutz laço* e outros tipos de bolinhas de gude que eu não conhecia. O mais impressionante é que em outras páginas de seus documentos escritos à mão, ele incluiu um gráfico de cada bolinha, relativo ao seu preço, dividido em categorias: tamanho, perfeita, quase perfeita, boa, colecionável. Parece que sua humilde caixa de rubis vale US\$150-250.

Todos os preços estão listados em dólares americanos, alguns listados em cinquenta dólares, ou cem, enquanto as lutz laço de 5 cm estão listadas ao preço de US\$4.500 no estado perfeito, US\$2.250 em quase perfeito, US\$1.250 em bom estado e US\$750 como colecionável. Não sei nada sobre as condições delas, todas me parecem perfeitas, não há nada rachado, nem lascado, mas há

centenas delas embaladas, e páginas e páginas de inventário. Meu pai aparentemente possui milhares de dólares em bolinhas de gude.

Eu paro e penso. À minha volta, os sons e cheiros da casa de repouso me transportam do mundo mágico das bolinhas de gude para a realidade. Eu estava preocupada quanto a ele poder pagar pelos custos hospitalares, porém, se sua precificação estiver correta, ele tem sua poupança bem aqui. Estou sempre preocupada com essas contas. Nunca sabemos quando ele irá precisar de outra cirurgia, ou de novos remédios ou ainda de nova fisioterapia. Está sempre mudando, as contas sempre aumentam e os recursos da venda de seu apartamento não foram longe, depois de pagar pela hipoteca e inúmeras dívidas. Nenhum de nós sabia que ele estava numa situação financeira tão ruim.

Sua escrita é impecável, uma letra cursiva linda, e ele não fez uma rasura sequer, e, se fez, imagino que tenha refeito a página. Está tudo escrito com amor, levou um bom tempo para escrever, muita dedicação e pesquisa, conhecimento. É isso: está escrito por um especialista. É a escrita de outro homem, não aquele que agora segura a caneta com imensa dificuldade, mas também não combina com o pai que eu conheci e cujo único hobby do qual eu sabia era assistir televisão e falar de futebol. Querendo olhar as caixas com calma quando chegar em casa, guardo tudo novamente e Gerry, o porteiro, me ajuda a carregá-las até o meu carro. Mas antes de lacrar novamente, eu hesito e tiro o saquinho menor, com as bolinhas vermelhas.

Meu pai está sentado na sala de estar, tomando uma xícara de chá e assistindo *Bargain Hunt*. Diariamente, ele assiste a esse programa que mostra pessoas que procuram por produtos em mercados e depois tentam obter o máximo possível por eles em leilões. Talvez tenha havido pistas de sua paixão e eu não tenha notado. Penso no inventário e fico pensando se devo voltar para pegá-lo. Ao vê-lo observando atentamente a precificação desses objetos antigos, penso se ele de fato se lembra o que há dentro daquelas caixas, no fim das contas. Ele me vê antes que eu tenha tempo de pensar mais no assunto, então, vou até ele, na direção de seu rosto sorridente. Fico de coração partido ao ver como ele fica feliz em receber visitas, não porque se sinta solitário, mas porque antes se irritava muito com os outros, a menos que fosse para convencê-los a comprar algo dele, e agora adora ter pessoas em volta, companhia, sem nada em troca.

— Bom dia.

— Ah, mas a que devo esse prazer? — pergunta ele. — Não está trabalhando

hoje?

— O Eric me dispensou cedo — explico, diplomaticamente. — E a Lea me ligou. Ela disse que havia uma emergência, que você estava novamente incitando os internos, tentando organizar um motim outra vez.

Ele ri, depois olha para baixo, para minhas mãos, e seu riso cessa imediatamente. Estou segurando o saquinho com as bolinhas vermelhas. Algo surge em seu rosto. Uma expressão que eu nunca tinha visto. Mas some tão depressa quanto surgiu e ele está sorrindo pra mim, confuso novamente.

— O que é isso que você tem aí?

Abro a mão, revelando o saquinho de tecido das bolinhas vermelhas.

Ele fica só olhando. Espero que diga algo, mas não sai nada. Ele nem pisca.

— Pai?

Nada.

— Pai? — Pouso a outra mão em seu braço, delicadamente.

— Sim — ele me olha, inquieto.

Desamarro as cordinhas do saquinho e solto as bolinhas na palma da minha mão. Ao remexê-las, elas rolam e tilintam, se tocando.

— Você quer segurá-las?

Ele fica olhando pra elas intensamente, como se quisesse analisá-las. Quero saber o que se passa dentro de sua cabeça. Será demais? Tudo? Nada? Conheço essa sensação. Fico observando, esperando novamente aquele lampejo de reconhecimento. Não vem. Só incômodo e irritação, talvez ele não consiga se lembrar do que quer lembrar. Rapidamente, enfio as bolinhas no meu bolso e mudo de assunto, tentando esconder minha decepção.

Mas eu vi. Com o lampejo de uma chama. O farfalhar de uma pluma. O cintilar da água do mar, quando o sol bate nela. Algo breve passou, mas estava lá. Logo que ele viu as bolinhas, era um homem diferente, com um rosto que eu nunca tinha visto.

5

Jogando bolinhas de gude: Colhendo ameixas

Estou em casa, com febre, o primeiro dia de aula que já perdi na vida. Eu teria gostado desse dia, em qualquer dia, no ano inteiro, detesto a escola. Qualquer dia, menos hoje. O funeral foi ontem, bem, não foi um funeral apropriado, com um padre, mas o amigo do Mattie é agente funerário e ele descobriu onde iam enterrar nossa irmãzinha; no mesmo caixão de uma velhinha que tinha acabado de morrer no hospital. Quando nós chegamos ao cemitério, a família da velhinha estava terminando o funeral dela, então, tivemos de esperar. A mamãe ficou feliz que foi com uma velhinha que ela seria enterrada, não um velho ou um homem. A velhinha foi mãe e avó, a mamãe falou com uma das filhas dela e a filha disse à mamãe que a mãe dela cuidaria do bebê. O tio Joseph e a tia Sheila fizeram todas as preces em nossa cerimônia. O Mattie não faz preces, acho que ele não sabe nenhuma, e a mamãe não conseguia falar.

O padre que antes tinha sido chamado à nossa casa tentou convencer a mamãe a não fazer um espetáculo, se expondo, indo ao cemitério. A mamãe começou a berrar com ele e o Mattie arrancou o copo de conhaque da mão do padre e lhe disse para dar o fora da nossa casa. Hamish ajudou Mattie a se livrar dele, e essa foi a única vez que eu vi os dois do mesmo lado. Vi o jeito como todo mundo olhava a mamãe toda de preto quando caminhávamos pela rua até o cemitério. Olhavam para ela como se fosse maluca, como se nossa irmãzinha nunca tivesse sido um bebê, só porque ela não deu nem um suspiro quando nasceu. Mesmo não devendo, a parteira deixou a mamãe segurar o bebê depois que ela nasceu. Ficou abraçada com ela por uma hora, até que a parteira começou a ficar meio zangada e tentou tirá-la da mamãe, e Hamish entrou. O Mattie não estava lá, e ele tirou o bebê dos braços da mamãe e o carregou escada abaixo. Ele a beijou antes de dá-la de novo para a parteira, que a levou para sempre.

— Ela estava viva dentro de mim — ouvi a mamãe dizendo ao padre, mas acho que ele não gostou de ouvi-la dizer isso. Pareceu meio enojado de pensar em coisas vivas dentro dela. Mas ela disse mesmo assim, fez seu próprio funeral no cemitério, e estava frio, e cinzento e choveu o tempo todo. Meus sapatos ficaram tão molhados, minhas meias e meus pés encharcados e dormentes. Espirrei o dia todo, não conseguia respirar pelo nariz à noite, os meninos me cutucando o tempo todo pra que eu parasse de roncar e passei a noite inteira com frio e calor, tremendo e suando. Tendo sonhos malucos; o papai e o Mattie brigando, e o padre Murphy berrando comigo por causa de bebês mortos e me batendo, e meus irmãos roubando minhas bolinhas de gude e a mamãe de preto, de luto. Mas essa parte foi real.

Mesmo sentindo a minha pele em chamas e tudo em volta girando, não chamo a mamãe. Fico na cama, virando de um lado pro outro, às vezes chorando, porque estou muito confuso e a minha pele está ardendo. A mamãe me trouxe ovo cozido hoje de manhã e colocou um pano frio na minha cabeça. Ela sentou do meu lado, vestida de preto, ainda com a barriga grande, como se tivesse um bebê ali dentro, olhando pro espaço, sem dizer nada. É meio parecido com o dia que o papai morreu, mas é diferente, porque ela ficou zangada com o papai e hoje ela está triste.

Geralmente, a mamãe nunca para de se movimentar. Ela está sempre limpando a casa, lavando as fraldas do Bobby, pendurando lençóis e tapetes, cozinhando, preparando comida. Ela nunca para, sempre está arrumando a casa, a gente sempre atrapalhando e ela tirando a gente do caminho, com os pés e as pernas, empurrando a gente pro lado, como se estivesse num campo e a gente fosse mato alto. De vez em quando, ela para, estica as costas e geme, antes de retornar ao trabalho. Mas hoje a casa está em silêncio, e eu não estou acostumado com isso. Geralmente, nós todos estamos gritando, brigando, rindo, falando, até a noite tem criança chorando, ou a mamãe cantando pra ele, ou o Mattie trombando nas coisas quando chega bêbado e xingando. Ouço coisas que nunca ouvi, com rangidos e canos, e não há som algum vindo da mamãe. Isso me preocupa.

Saio da cama, com as pernas tremendo e me sentindo fraco, como se eu nunca tivesse andado, e me seguro firme no corrimão para descer, sentindo cada tábuia da escada rangendo sob meus pés descalços. Entro na sala, que é ligada à cozinha, bem pequenininha, nos fundos da casa, como se tivessem esquecido de fazer uma cozinha e depois tivessem acrescentado, e está vazia. Ela não está ali.

Nem na cozinha, nem na horta, nem na sala. Estou quase saindo, quando subitamente a vejo de preto, numa poltrona no canto da sala, onde só o Mattie senta; ela está tão imóvel que eu quase não a vi. Está olhando o espaço, com os olhos vermelhos, como se não tivesse parado de chorar desde ontem. Nunca a vi tão imóvel. Não me lembro de termos ficado só eu e ela, só nós dois, nunca tive a mamãe só pra mim. Pensar nisso me deixa nervoso, o que eu digo à mamãe quando não tem ninguém em volta pra escutar, pra me ver, pra reagir, provocar, caçoar, impressionar. O que digo à mamãe quando não a estou usando pra provocar alguém, delatar alguém ou saber se o que estou dizendo está certo ou não, por causa da reação deles?

Estou prestes a sair da sala, quando penso em algo, algo que quero perguntar, que só perguntaria se estivesse sozinho com ela, sem mais ninguém por perto.

— Oi — eu digo.

Ela olha pra mim, surpresa, como se tivesse tomado um susto, depois sorri.

— Oi, amor. Como está sua cabeça? Precisa de mais água?

— Não, obrigado.

Ela sorri.

— Quero lhe fazer uma pergunta. Se não se importa.

Ela me chama e eu me aproximo, fico na frente dela, remexendo meus dedos.

— O que é? — ela pergunta carinhosamente.

— Acha... acha que ela está com o papai?

Isso parece pegá-la desprevenida, seus olhos se enchem de lágrimas e ela se esforça pra falar. Penso que se os outros estivessem ali, eu não teria feito uma pergunta tão imbecil. Eu a deixei aborrecida, a única coisa que Mattie disse pra não fazermos. Preciso sair dessa antes que ela grite ou, pior, comece a chorar.

— Eu sei que ele não é pai dela, mas ele amava a senhora e a senhora é mãe dela. E ele adorava crianças. Eu não lembro muito dele, mas lembro disso. Dos olhos verdes e que ele sempre brincava com a gente. Corria atrás da gente. E se embolava com a gente. Lembro dele rindo. Ele era magrinho, mas tinha mãos grandes. Alguns outros pais nunca fizeram isso, então, eu sei que ele gostava da gente. Acho que ela está no céu e que ele está cuidando dela, então, a senhora não precisa se preocupar.

— Ah, Fergus, meu amor — ela diz, abrindo os braços, com as lágrimas

correndo por seu rosto. — Venha aqui.

Eu entro em seus braços e ela me abraça tão apertado que não consigo respirar, mas tenho receio de falar. Ela me balança dizendo:

— Meu menino, meu menino — repetidamente, e eu acho que acabei dizendo a coisa certa.

Quando ela recua, eu falo:

— Posso fazer outra pergunta?

— Sim — ela assente.

— Por que a chamou de Victoria?

Seu rosto se franze outra vez, de dor, mas ela se recompõe e até sorri.

— Eu não contei a ninguém.

— Ah, desculpe.

— Não, benzinho, é só porque ninguém perguntou. Venha cá e eu lhe conto — ela diz e, embora eu já seja grande, me espremo em seu colo, metade na poltrona, metade sobre ela. — Eu me senti diferente com ela. Uma barriga diferente. Disse isso ao Mattie. Eu me sentia uma ameixa. E ele disse, então, vamos chamá-la de Ameixa.

— Ameixa! — dou uma risada.

Ela assente e limpa as lágrimas novamente.

— Isso me fez pensar na casa da minha avó. Nós costumávamos visitá-la; eu, a Sheila e a Paddy. Ela tinha macieiras, pés de pera, de amoras e tinha duas ameixeiras. Eu adorava a ameixeira, porque ela só falava da árvore, acho que ela só pensava nisso, ela não deixaria a ameixeira viver além dela. — Ela dá uma risadinha e, mesmo não entendendo a piada, eu rio também. — Acho que ela achava a ameixeira exótica, que a árvore a tornava exótica, quando, na verdade, ela era bem simples, como qualquer uma de nós. Ela fazia tortas de ameixa e eu adorava assar as tortas com ela. Todo ano, nós passávamos meu aniversário com ela, então, todo ano, meu bolo de aniversário era torta de ameixa.

— Humm — eu digo, lambendo os lábios. — Nunca comi torta de ameixa.

— Não — ela diz, surpresa. — Nunca fiz uma pra você. Ela cultivava mais as ameixas Opalas, mas não se podia contar muito com elas, porque os passarinhos cardeais comiam os frutinhas que brotavam no inverno. Eles limpavam os galhos

e a vovó ficava doida, correndo pela horta abanando o pano de louça. Às vezes, ela fazia a gente ficar o dia todo perto das árvores, só para afugentá-los, eu, a Sheila e a Paddy, ali, em pé, que nem espantalhos.

Dou uma gargalhada, imaginando-as.

— Ela dava mais atenção às Opalas porque eram mais gostosas e maiores, quase duas vezes o tamanho das outras, mas a Opala a deixava mais zangada e não dava frutos todo ano. Minha ameixa favorita era da outra árvore, a ameixeira Victoria. Ela era menorzinha, mas sempre dava frutas e os passarinhos nem se aproximavam dela. Pra mim, era a mais doce — o sorriso dela some de novo, e ela desvia o olhar. — Bem, é isso.

— Sei de um jogo de bolinhas de gude que se chama Colhendo Ameixas — eu digo.

— Sabe? — ela pergunta. — Você tem um jogo para cada ocasião, não é? — ela provoca, me cutucando com um dedo e fazendo cócegas e eu rio.

— Quer jogar?

— Por que não? — ela diz, surpresa consigo mesma.

Estou tão em choque que subo a escada correndo como nunca fiz antes, para pegar as bolinhas. Voltando lá pra baixo, ela ainda está na poltrona, sonhando acordada. Eu monto o jogo, enquanto explico.

Não posso desenhar no chão, então, uso um cadarço de sapato para marcar a linha e posiciono uma fileira de bolinhas com duas bolinhas de largura, em toda extensão. Uso uma corda de pular para demarcar a linha do outro lado da sala. A ideia é ficar atrás da linha e alternar arremessos na linha com as bolinhas.

— Então, essas são as ameixas — eu digo pra ela, apontando a fileira de bolinhas, sentindo tanta empolgação por ter sua atenção, porque ela é toda minha, por estar me ouvindo falar de bolinhas de gude, por ela jogar comigo, porque ninguém mais está por perto para roubar sua atenção. Todas as minhas dores sumiram, com a distração, e espero que as dela também. — É preciso arremessar sua bolinha nas ameixas e se acertar uma e jogar pra fora da linha, a ameixa é sua.

Ela ri.

— Isso é tão tolo, Fergus. — Mas ela faz e se diverte, franzindo o rosto quando erra e comemorando quando acerta. Nunca tinha visto a mamãe jogar

assim, nem dar um soco no ar, pela vitória, quando ganha. É o melhor momento que eu já passei com ela em toda a minha vida. Jogamos até que todas as ameixas são colhidas e, pela primeira vez na vida, eu torço para que eu erre, só porque não quero que o jogo termine. Quando ouvimos vozes à porta, os gritos e xingamentos, com meus irmãos chegando da escola, eu saio correndo pra recolher as bolinhas do chão.

— Você pode voltar pra cama — ela remexe meus cabelos e volta à cozinha.

Não conto a eles o que eu e a mamãe conversamos e não digo pra eles que nós jogamos bolinhas de gude juntos, quero que isso fique só entre nós dois.

E na semana que a mamãe deixa de usar preto e assa uma torta de ameixa para a sobremesa, não conto a ninguém o motivo. Uma coisa eu aprendi, sobre carregar minhas bolinhas de gude no bolso, caso o padre Murphy me trancasse na sala escura, e ao sair com Hamish, fingindo, para os outros garotos, que eu nunca tinha jogado bolinhas de gude: é que guardar segredos faz com que eu me sinta poderoso.

6

Regras da piscina: Proibido mergulhar

Já no meio da manhã, estou de volta a casa e arrasto as caixas do papai até o meio da sala, e separo duas que eu já conheço, caixas de coisas sentimentais e importantes, que nós temos de guardar. Empurro-as para o lado, para abrir caminho para as três que são novas pra mim. Estou intrigada. A mamãe e eu arrumamos todas as coisas do apartamento dele, mas eu não empacotei essas caixas. Preparo uma xícara de chá e esvazio a mesma caixa que abri mais cedo, querendo continuar de onde parei. É engraçado ter tempo só pra mim, uma vez na vida não ficar sendo chamada por três meninos a cada segundo, nem ser necessária para gente idosa que está nadando. Com muito cuidado e calma, começo a repassar o inventário do papai.

Rodamoinho latticinia, rodamoinho dividida, rodamoinho com faixas, rodamoinho joseph's coat. Tiro todas e alinho ao lado de suas caixas, agachada no chão, como um dos meus filhos com seus carrinhos. Chego o rosto perto delas, observando o interior, tentando comparar e contrastar. Fico maravilhada com as cores e os detalhes, algumas são enevoadas, outras são claras, algumas parecem ter arco-íris por dentro, enquanto outras têm minifuracões congelados num instante. Algumas têm a base cor de vidro e nada mais. Apesar de estarem agrupadas sob esses nomes alienígenas, por mais que eu tente não consigo ver diferença. Cada uma é única, e eu preciso ser cuidadosa para não misturá-las.

As descrições de cada bolinha de gude também me deixam pirada, enquanto eu tento identificar qual das rodamoinho é a framboesa, caramelo ou a pinha. Qual é a rodamoinho “bola de praia”, qual delas tem mica. Mas não tenho dúvidas de que meu pai sabia, ele conhecia todas elas. As com mica, vagabundas, opacas e claras, algumas tão complexas que é como se abrigassem galáxias inteiras dentro delas, outras de uma única cor sólida. Escuras, reluzentes, misteriosas e hipnóticas, ele tem todas elas.

Então, me deparo com uma caixa que me faz rir. Meu pai, que detestava animais, que recusou todos os meus pedidos para ter um bichinho de estimação, tem uma coleção inteira das que são chamadas “Sulphides”. Bolas de gude transparentes, com pequenos animais dentro, como se ele tivesse sua própria fazenda dentro dessas bolinhas. Cachorros, gatos, esquilos e passarinhos. Tem até um elefante. O que mais me chama atenção é uma bolinha transparente com um anjo dentro. Essa eu seguro e fico observando por um tempo, endireitando as minhas costas doloridas, tentando entender o que eu encontrei, imaginando quando, em que parte da vida dele tudo isso aconteceu. Será que quando nós deixávamos a casa ele nos olhava indo embora e voltava lá pra dentro, para seus “animais da fazenda”? Ficava cuidando deles, em seu mundo próprio? Ou teria sido antes de eu nascer? Ou depois que ele e a mamãe se divorciaram, ele preencheu sua solidão com um novo hobby?

Há uma caixinha vazia, uma caixa de estoque da Akro Agate, para ser precisa, que meu pai avaliou em surpreendentes \$400-\$700, mas isso parece estar correto, já que ele não permitiu nenhum erro no inventário. Tem até uma garrafa de vidro com uma bolinha de gude dentro, listada com Codd bottle, avaliada em US\$2.100. Parece que ele não apenas colecionava bolinhas de gude, mas também colecionava as caixas de embalagem, provavelmente torcendo para que pudesse encontrar as peças que faltavam no quebra-cabeça, conforme os anos se passavam. Sinto uma onda de tristeza por ele, pois agora isso não vai mais acontecer, agora que essas bolinhas ficaram nessas caixas há mais de um ano e ele nunca pediu por elas, porque se esqueceu de que elas estão ali.

Eu alinho as bolinhas, olho quando elas rolam, vejo o movimento no interior delas, como caleidoscópios. E quando cada centímetro do meu carpete está coberto, me sento ereta, esticando minha coluna até estalar. Não sei mais o que fazer, mas não quero guardá-las de novo. Elas estão tão lindas perfiladas no chão como um exército de docinhos.

Pego o inventário e tento novamente ver se consigo identificá-las, jogando meu joguinho particular e, enquanto faço isso, noto que nem tudo que está escrito na lista está no chão.

Verifico novamente a caixa e está vazia, fora alguns saquinhos de tecido e caixas que são colecionáveis pela condição, apesar de não terem bolinhas. Abro a terceira caixa e dentro dela vejo um monte de jornal e encartes, nada parecido com a caverna de Aladim que foram as duas primeiras caixas.

Depois da minha busca minuciosa, que repito mais duas vezes, posso confirmar que há dois itens do inventário faltando. De acordo com os adesivos redondos turquesa e amarelo, um é descrito como uma caixa da Akro Agate Company, cerca de 1930, caixa original carregada pelo vendedor. Meu pai fixou seu preço em US\$7.500-12.500. O outro item é chamado de Melhores Luas do Mundo. Uma caixa original da Christensen Agate Company, com vinte e cinco bolinhas de gude, listada entre US\$4.000-\$7.000. Seus dois itens mais valiosos sumiram.

Fico em silêncio, meio estarecida, antes de perceber que estou prendendo a respiração e preciso expirar.

Meu pai pode tê-las vendido. Ele teve o trabalho de mandar avaliá-las, faria sentido que as tivesse vendido, e as mais caras. Sabemos que ele estava tendo problemas de dinheiro, talvez tenha precisado vender suas amadas bolinhas para ir levando a vida. Mas isso parece improvável. Tudo foi tão bem documentado e catalogado, ele teria feito uma anotação da venda, provavelmente até teria incluído o recibo. As duas coleções que faltam estão orgulhosamente escritas em negrito, no inventário, tão presentes quanto todo o restante do inventário que está no piso.

Primeiro, me sinto desnorteada. Depois, me sinto irritada por minha mãe nunca ter me falado sobre elas. E que tais objetos, de tanta estima, tenham sido empacotados e esquecidos. Não tenho lembrança do meu pai com suas bolinhas de gude, mas não se pode dizer que isso não aconteceu. Mas eu sei que ele gostava de seus segredos. Penso no homem antes do derrame e vejo ternos risca de giz, fumaça de cigarro. Conversas sobre o mercado de ações e economia, petróleo e ouro, ações subindo e caindo, o noticiário ou o futebol, sempre passando no rádio e na televisão. Nada em meu banco de lembranças me fala algo de bolinhas de gude e estou me esforçando para ligar essa coleção — essa paixão tão bem cuidada — com o homem em quem penso, quando eu era pequena.

Uma nova ideia surge. Eu me pergunto se essas bolinhas são mesmo do meu pai. Talvez ele as tenha herdado. O pai dele morreu quando ele era pequeno e ele teve um padrasto, Mattie, mas, pelo que sei de Mattie, não me parece que teria interesse em bolinhas de gude, ou nem cuidadosamente catalogá-las dessa forma. Talvez elas tenham sido do pai dele, ou de seu tio Joseph, e o papai dedicou um tempo para avaliar e catalogá-las. A única coisa de que tenho certeza é de que o inventário foi escrito por ele, além disso, tudo é um mistério.

Tem uma pessoa que pode me ajudar. Estico as pernas e pego o telefone pra ligar pra minha mãe.

— Eu não sabia que o papai tinha uma coleção de bolinhas de gude — falo logo, tentando esconder meu tom acusador.

Silêncio.

— Desculpe, o que você disse?

— Por que eu nunca soube disso?

Ela ri um pouquinho.

— Agora ele tem uma coleção de bolas de gude? Que meigo. Bem, contanto que isso o deixe feliz, Sabrina.

— Não. Ele não está colecionando agora. Eu as encontrei nas caixas que você mandou entregar na clínica de repouso hoje. — Também em tom acusador.

— Ah! — Um suspiro profundo.

— Nós combinamos que você as guardaria pra ele, por que mandou entregá-las na clínica?

Embora eu não reconhecesse as bolinhas, reconheço alguns conteúdos das caixas como itens que nós empacotamos no apartamento do meu pai, antes de pôr o imóvel à venda. Ainda me sinto culpada por termos de fazer isso, mas precisávamos levantar o máximo possível de dinheiro para a reabilitação do papai. Tentamos manter todas as lembranças estimadas, como sua camisa de futebol, suas fotografias e lembrancinhas, que eu guardei no barracão do jardim, único lugar onde poderia guardá-las. Não tinha espaço para o restante, então, minha mãe levou.

— Sabrina, eu ia guardar as caixas dele, mas Mickey Flanagan se ofereceu para levá-las, então, mandei tudo pra ele.

— Mickey Flanagan, o advogado, ficou com as coisas pessoais do papai? — pergunto, irritada.

— Ele não é exatamente um estranho, Sabrina. É meio que um amigo. Foi advogado de Fergus durante anos. Cuidou do nosso divórcio também. Você sabe, ele forçou para que Fergus tivesse sua guarda integral. Você tinha quinze anos, que diabo Fergus teria feito com você, aos quinze anos? Sem falar no fato de que você nem queria viver *comigo*, com quinze anos. Você mal conseguia viver com *você mesma*. O Mickey disse que guardaria as coisas de Fergus, ele estava

lidando com o seguro e as contas do hospital, e tinha espaço de sobra.

Uma bolha de raiva vai se formando dentro de mim.

— Se eu soubesse que o advogado dele estava levando suas coisas, eu teria ficado com tudo, mãe.

— Eu sei. Mas você disse que não tinha espaço pra mais nada.

E não tinha mesmo, e não tenho. Mal tenho espaço para os meus sapatos. Aidan brinca que precisa ir lá fora pra poder mudar de ideia.

— Então, por que o Mickey mandou as caixas para a casa de repouso hoje de manhã?

— Porque o Mickey tinha de se livrar delas e eu disse a ele que esse era o melhor lugar para enviá-las. Não queria entulhar a sua casa. Na verdade, é uma história triste, o filho de Mickey perdeu a casa e ele e a esposa e as crianças tiveram que se mudar pra casa do Mickey e a mulher. Estão levando todos os móveis, que terão de ser guardados na garagem, então, ele disse que não podia mais guardar as coisas do Fergus. Ele pode decidir o que fazer com elas. É perfeitamente capaz disso, sabe, achei que ele fosse até gostar — ela acrescenta, delicadamente, e eu percebo que ela está sentindo a minha frustração. — Imagine o tempo que ele passaria fazendo isso, percorrendo a estrada das lembranças.

Percebo que estou prendendo a respiração. E expiro.

— Você discutiu essa recordação do passado com os médicos primeiro?

— Ah — ela diz, subitamente se dando conta da situação. — Não. Não fiz isso... oh, meu Deus. Ele está bem, querida?

Sinto sua preocupação sincera.

— Sim, peguei as caixas antes dele.

— Desculpe, nem pensei nisso, Sabrina, não lhe disse porque você teria insistido em levar tudo e encheria sua casa de coisas que não precisa, fazendo além do que deve, como sempre faz, quando não é necessário. Você já tem coisa demais pra cuidar.

Isso também é verdade.

Não posso culpá-la por querer se livrar da bagagem do papai, ele não é mais problema dela e deixou de ser há quinze anos. E eu creio que ela estivesse

fazendo isso pelo meu próprio bem, não querendo me jogar um peso.

— Então, você sabia que ele tinha uma coleção de bolinhas de gude? — eu pergunto.

— Ah, mas aquele homem — seu ressentimento pelo outro Fergus volta. O Fergus do passado. O antigo Fergus. — Encontrada em meio a outras coleções sem sentido, eu tenho certeza. Honestamente, aquele homem era um acumulador, você se lembra de como a caçamba ficou cheia quando vendemos o apartamento? Ele costumava trazer um monte de sachês de mostarda, ketchup e maionese pra casa, todo dia, dos lugares onde ele comia. Eu tive que dizer pra ele parar. Acho que estava viciado nisso. Você sabe, dizem que as pessoas que acumulam têm problemas emocionais. Que estão guardando esse monte de coisas porque temem abrir mão.

Ela fala e fala e eu deixo noventa por cento do que ela diz passar direto, incluindo o hábito de repetidamente citar meu pai no passado, como se ele estivesse morto. Para ela, o homem que conheceu está morto. Ela até que gosta do homem que visita a cada quinzena.

— Uma vez, nós tivemos uma discussão sobre bolas de gude — diz ela, em tom amargo.

Acho que eles tiveram uma briga por tudo, pelo menos uma vez na vida.

— Sobre o quê?

— Não me lembro — ela diz, rápido demais.

— Mas você nunca soube da coleção de bolinhas?

— Como eu saberia?

— Porque você era casada com ele. E porque não fui eu que as embalei, então, deve ter sido você.

— Ora, por favor, faz mais de quinze anos que nós fomos casados, eu não posso dar conta de tudo que ele fez desde então, nem durante o nosso casamento, se quer saber — ela dispara.

Estou perplexa.

— Tem alguns itens faltando — eu digo, olhando tudo exposto no chão. Quanto mais eu penso, e ouvindo que elas estavam com o advogado dele, mais desconfiada eu fico. A Miss Mundo das bolinhas de gude. — Não estou insinuando que Mickey Flanagan as tenha *roubado* — eu digo. — Quer dizer, o

papai pode tê-las perdido.

— O que está faltando? — pergunta ela, com um tom realmente preocupado. O homem de quem ela se divorciou era um imbecil, mas o bom homem na reabilitação não pode ser injustiçado.

— Parte de sua coleção de bolinhas de gude.

— Ele perdeu as bolinhas? — ela ri. Eu não. Ela finalmente recupera o fôlego. — Bem, eu acho que seu pai nunca teve nada a ver com bolas de gude, querida, talvez seja um engano, talvez elas não sejam do seu pai, ou o Mickey tenha mandado entregar as caixas erradas. Você quer que eu ligue pra ele?

— Não — respondo, confusa. Olho para o chão e vejo páginas e páginas com a letra do meu pai, catalogando essas bolinhas e, no entanto, minha mãe realmente parece não saber de nada.

— As bolinhas decididamente são dele e os itens que estão faltando eram valiosos.

— Segundo a estimativa dele, eu imagino.

— Não sei quem as avaliou, mas há certificados que atestam que são autênticas. Os certificados das bolinhas que faltam não estão aqui. O inventário diz que um dos itens vale até doze mil dólares.

— O quê? — ela resfolega. — Doze mil dólares, de bolas de gude?

— Uma caixa de bolinhas de gude — eu sorrio.

— Bem, não me admira ele quase ter ido à falência. Elas não foram mencionadas nos bens, no divórcio.

— Talvez ele ainda não as tivesse — digo, baixinho.

Minha mãe fala como se eu não tivesse dito nada, falando das teorias de conspiração que vão se formando em sua cabeça, mas há uma pergunta que ela não respondeu. Eu não as embalei, ela não sabe a respeito delas, mas, de alguma forma, elas encontraram o caminho dos pertences do papai.

Pego os detalhes do escritório de Mickey com ela e termino a ligação.

A coleção de bolinhas de gude cobre todo o chão. São lindas, cintilando em meu tapete, com um céu à meia-noite.

A casa está em silêncio, mas agora a minha cabeça está zunindo. Pego o primeiro conjunto de bolinhas da lista. A caixa de rubis que eu mostrei ao papai,

listada como “Aliados”. Começo a poli-las. Meio que um pedido de desculpas por nunca ter sabido delas.

Tenho uma queda para me lembrar de coisas que as pessoas esquecem e agora sei de algo importante sobre meu pai, que ele guardou, mas esqueceu. As coisas que queremos esquecer, as coisas que não conseguimos esquecer, as coisas que esquecemos, até nos lembrarmos. Há uma nova categoria. Todos nós temos coisas que jamais queremos esquecer. Todos nós precisamos de alguém que se lembre delas, só para garantir.

7

Jogando bolinhas de gude: Pegue a raposa

Eu deveria estar de olho no Bobby. Foi exatamente isso que a mamãe disse quando saiu de casa, em seu tom ameaçador habitual.

— Fique de olho nele, está ouvindo? Não. Tire. Os. Olhos. Dele! — Cada palavra com um cutucão no peito, com seu dedo ressecado e rachado.

Eu prometi. Pra valer. Quando ela olha pra mim daquele jeito, eu realmente falo pra valer, seja o que for.

Mas, depois, me distraí.

Por algum motivo, a mamãe confiou em mim pra ficar de olho nele. Talvez tenha algo a ver com a conversa que tivemos sobre a Victoria, quando os outros estavam na escola e nós jogamos bolinha de gude. Acho que, desde então, ela está diferente comigo. Talvez, não. Talvez seja coisa da minha cabeça, talvez seja diferente só pra mim. Eu nunca a vira brincar daquele jeito antes; um pouquinho com os pequenos, mas não no chão, como ela ficou comigo, com a saia erguida, os joelhos no tapete. Acho que o Hamish também notou. O Hamish percebe tudo e talvez isso me faça parecer mais legal pra ele também — a mamãe confiar em mim, com as coisas, não me dar peteleco na cabeça, como ela geralmente fazia. Ou, talvez, ela esteja assim comigo por ainda estar de luto. Aprendi sobre luto com um padre. Talvez eu tenha feito isso depois que o papai morreu, mas não me lembro. Acho que isso é só para adultos.

Agora, a mamãe detesta padres. Depois do que ele disse pra ela quando a Victoria morreu, depois que o Mattie e o Hamish o puseram pra fora de casa. Mas ela ainda vai à missa, diz que é pecado não ir. Então, nos arrasta para a igreja, na rua Gardiner, todo domingo, para a missa das dez, com as nossas melhores roupas. Sempre sinto o cheiro de seu cuspido em minha testa, quando ela alisa meu cabelo. Domingo de manhã tem cheiro de cuspe e incenso. Nós

sempre sentamos na terceira fileira, a maioria das famílias sempre senta no mesmo lugar. Ela diz que a missa é o único momento em que ela tem paz e que todos nós fechamos a droga da nossa boca. Até o Mattie vai, com cheiro da bebida da noite anterior, inquieto em seu lugar, como se ainda estivesse zangado. Nós sempre ficamos quietos na missa; a minha primeira lembrança da missa é a mamãe apontando Jesus na cruz, com o sangue pingando na testa, os pregos nas mãos e nos pés, e ela dizendo “Se vocês disserem uma palavra aqui, e me fizerem passar vergonha, eu vou fazer aquilo com vocês”. Eu acreditei nela. Todos nós acreditamos. Até o Bobby fica quieto. Ele fica sentado com a mamadeira na mão, enquanto o padre fala monotonamente, com a voz ecoando no teto alto, olhando todas as pinturas nas paredes de um homem quase nu, sendo torturado de catorze modos diferentes, e ele sabe que ali não é lugar de ficar de sacanagem.

A mamãe está na escola com Angus. Ele teve problemas porque foi pego comendo todas as hóstias, quando estava fazendo seu trabalho de coroinha, guardando-as, depois da missa. Comeu um saco inteiro, centenas. Quando lhe perguntaram o que tinha a dizer, ele pediu alguma coisa pra beber, porque estava com uma dúzia grudada no céu da boca.

— Minha boca tava seca — ele tinha cochichado pra gente, tarde da noite, quando estávamos todos na cama e a gente quase se mijou de rir.

Angus adora ser coroinha, ele recebe dinheiro pra isso, mais pelos funerais, e quando está na aula, o padre passa pela janela e faz um sinal de positivo, ou negativo, pra que ele saiba quando será necessário, no fim de semana. Se for positivo é um funeral, e ele ganha dinheiro. Se for um casamento, ele ganha menos. Ninguém quer ser coroinha em casamento.

O Duncan está no açougue do Mattie, depenando frangos e perus, como castigo por ter colado numa prova da escola. Ele diz que quer sair da escola, como o Hamish fez, mas a mamãe não deixa. Ela diz que ele não é esperto como o Hamish, o que não faz muito sentido pra mim, porque eu achava que os experts se dariam melhor na escola, e os burros deveriam sair.

Tommy está jogando futebol lá fora, então, a minha tarefa é cuidar do Bobby. Só que eu não estava olhando ele. Nem Deus conseguiria olhar o Bobby o tempo todo, ele nunca para.

Enquanto ele está brincando com o trem, no chão, pego o meu jogo Pegue a Raposa, que ganhei no meu aniversário de onze anos. É da Cairo Novelty

Company e as bolinhas são pretas e brancas e a raposa é uma bolinha opaca. Não vejo quando Bobby pega a raposa, mas vejo, de canto de olho, quando ele fica subitamente imóvel e olhando pra mim. Olho pra ele e vejo a bolinha opaca em sua mão, perto da boca. Ele faz isso me dando um sorrisinho de lado, com seus olhos azuis cintilando de travessura, como se fizesse qualquer coisa só pra me provocar, mesmo que isso provocasse a sua morte.

— Bobby, não! — eu grito.

Ele sorri, gostando da minha reação. E leva a bolinha mais perto da boca.

— Não! — eu pulo em cima dele, mas ele corre, o safadinho corre mais que qualquer coisa, com aquelas perninhas. Todo gorduchinho, sem músculos, a cem por hora, contornando cadeiras, abaixando, mergulhando. Finalmente, eu o encurralo num canto. A bolinha está junto aos lábios dele.

Ele dá uma risadinha.

— Bobby, escute — eu tento recuperar o fôlego. — Se você puser isso na boca, você vai engasgar e morrer, está entendendo? Bobby já era. Morre, droga!

Ele dá outra risadinha, gostando do meu medo, pelo poder que tem sobre mim.

— Bobby... — eu repito, num tom de alerta, lentamente indo em sua direção, pronto para lhe dar o bote, a qualquer momento. — Me dê essa bolinha...

Ele a coloca na boca e eu pulo em cima dele, apertando suas bochechas rechonchudas, tentando puxar a bolinha pra fora. Às vezes, ele só prende as coisas ali. Pedras, lesmas, pregos, terra, às vezes, ele só põe na boca e segura, antes de cuspir. Mas eu não sinto a bolinha em sua boca, só as bochechas gordinhas, misturadas ao cuspe e o nariz escorrendo. Ele faz um som de engasgo e eu abro mais sua boca, mas está vazia. Só vejo os dentinhos brancos e a língua vermelha.

— Droga! — sussurro.

— Droga — ele repete.

— HAMISH!!! — eu berro. Hamish deveria estar trabalhando, ou procurando um emprego, ou fazendo o que faz agora que saiu da escola, mas eu o vi voltando pra casa, batendo a porta ao fechá-la e subindo a escada, até o nosso quarto. — HAAAMIIISH!! — eu berro. — Ele comeu a raposa! O Bobby comeu a raposa!

O Bobby olha pra mim, assustado pela minha reação, pelo meu medo, e ele parece estar prestes a cair em prantos, a qualquer momento. Isso é o que menos me preocupa.

Ouçõ as botas do Hamish na escada e ele irrompe na sala.

— O que foi?

— O Bobby engoliu a raposa.

Primeiro, Hamish parece confuso, mas quando vê o meu jogo na mesa, ele entende. Quando Hamish vai em direção ao Bobby, ele realmente parece prestes a começar a chorar. Ele tenta correr, mas eu o agarro e ele grita como um porquinho.

— Quando?

— Agorinha.

Hamish pega o Bobby e vira de cabeça pra baixo. Ele o sacode, como se tentasse fazer caírem moedas de seus bolsos, como eu já o vi fazer com uns caras. O Bobby começa a rir.

Hamish o coloca de pé de novo e abre sua boca e enfia o dedo. O Bobby arregala os olhos e começa a golfar, vomita um mingau com cheiro de azedo.

— Saiu? — pergunta o Hamish, e eu não sei do que ele está falando, até que ele ajoelha e remexe o vômito, procurando a bolinha.

Antes que Bobby tenha chance de chorar, Hamish o pega novamente e começa a apertá-lo, sacudi-lo, cutucar sua barriga e costelas. Bobby ri de novo, apesar do cheiro de vômito, tentando se esquivar do dedo de Hamish, achando que é brincadeira, enquanto nós dois vamos ficando cada vez mais irritados.

— Você tem certeza de que ele engoliu?

Balanço a cabeça dizendo que sim, achando que ele também vai me virar de cabeça pra baixo.

— Ela vai me matar — eu digo, com o coração disparado.

— Ela não vai te matar — ele diz, sem me convencer, como se estivesse se divertindo.

— Ela me disse pra não brincar com bolas de gude quando o Bobby estivesse por perto, ele sempre tenta comê-las.

— Ah, bom, então, ela talvez te mate.

Imagino Jesus na cruz, os pregos nas mãos, e fico pensando por que ninguém nunca se perguntou se Maria teria feito aquilo. Se talvez o maior milagre não tivesse sido Maria engravidar sem nunca chegar perto de um pênis, mas a mãe de Jesus se safá, depois de pregá-lo numa cruz. Se eu algum dia for parar numa cruz, a primeira pessoa de quem irão suspeitar será minha mãe e ela nem vai se dar ao trabalho de passar pelas catorze torturas, vai direto ao ponto.

— Mas ele parece estar bem — diz Hamish, enquanto o Bobby vai ficando entediado de nossa inspeção e volta a brincar com seu trem.

— Sim, mas tenho de contar pra ela. — Estou nervoso, com o coração disparado, o corpo tremendo. Penso nos espinhos na minha cabeça, pregos nas minhas mãos, meu pinto embrulhado só com um pano e meu saco de fora, com todo mundo vendo. E ela faria isso em algum lugar público, como foi com Jesus, no monte, pra todo mundo ver, talvez no pátio da escola, ou na parede atrás do balcão do açougue. Talvez me pendurasse num daqueles ganchos gigantes de carne, para que todo mundo que chegue pra comprar seu assado de domingo me veja. *Lá está ele, o cara que não ficou de olho no irmãozinho. Duas costeletas de porco, por favor.*

— Você não precisa contar pra ela — Hamish diz, calmamente, indo até a cozinha e pegando um pano. — Aqui, limpe o vômito.

Eu limpo.

— E se a raposa ficar entalada em algum lugar dentro dele? — pergunto. — E ele parar de respirar?

Ele pensa a respeito. Olhamos para Bobby, que está brincando. Louro e gorduchinho, branquinho, empurrando o trenzinho e batendo na perna da cadeira, sem parar, falando com ele mesmo, em seu idioma próprio, com a língua maior que a boca, e as palavras não saem direito.

— Olhe, não podemos contar pra mãe — Hamish finalmente diz. Ele pareceu todo adulto e seguro de si. — Não depois da Victoria. Ela vai ficar... — ele nem precisa dizer o que a mamãe vai fazer, nós já vimos o suficiente do que ela pode fazer, eu acho.

— O que faremos? — eu pergunto.

Deve ser o meu tom, pois ouço o bebê em minha voz, que às vezes ele detesta e quer arrancar de mim, mas, em vez disso, ele amolece.

— Não se preocupe. Vou dar um jeito.

— Como?

— Bem, entrou por um lado, só tem um meio de sair. Só precisamos ficar de olho em seu cocô.

Olho pra ele em choque e ele cai na gargalhada, aquele riso que vem do peito de fumante, já parecido com Mattie, embora ele só tenha dezesseis anos e Mattie seja um ancião.

— Como faremos pra fazer sair? — pergunto, andando atrás dele pela casa, que nem um cachorrinho.

Ele abre a geladeira, olha, depois fecha. Tamborila o dedo na bancada e olha em volta de nossa pequena cozinha, pensando, matutando. Estou quase fazendo nas calças, mas Hamish gosta dessas coisas. Ele adora problema, adora tanto que quer que meus problemas sejam dele. E adora encontrar soluções, injetadas de vida pela contagem regressiva, até que nossa vida seja transformada num inferno. Na maioria das vezes, ele não acha as soluções, e causa problemas ainda maiores ao tentar consertar as coisas. Esse é o Hamish. Mas ele é tudo que tenho agora. E sou tão inútil quanto tetas num boi, como ele me diz.

Seus olhos pousam no pão de centeio, fresquinho, que a mamãe assou e deixou descansar na tábua, coberto com um pano de prato xadrez, vermelho e branco. Ela assou esta manhã e a casa inteira ficou com aquele cheiro bom.

— A mamãe disse pra gente não tocar.

— Ela também disse pra você não tirar os olhos do Bobby.

Isso ela disse. De novo, aquele tremor de nervoso na minha barriga, visões da coroa de espinhos, sendo forçado a carregar a cruz pela rua, se bem que, no caso da mamãe, talvez fosse a trouxa de roupa suja. Ela sempre diz que essa é a sua cruz. Isso e seus seis meninos.

— E, só pra garantir, caso o pão não seja suficiente pra fazer sair — Hamish diz, pegando uma garrafa de óleo no armário e uma colher. Ele tira o pano e pega o pão. — Olha, Bobby — ele cantarola, dançando com o pão na frente do rosto dele. Os olhos de Bobby se acendem.

Uma hora depois, já troquei duas fraldas do cocô mais molhado que já vi na vida e nem sinal da raposa.

— Você realmente prendeu essa raposa, hein, Bobby? — Hamish diz pro Bobby e ri, histericamente.

Ele oferece outro pedaço de pão e outra colher de óleo pro Bobby, que diz “Não!” e sai correndo. Não o culpo e fico contente. Estou literalmente ferrado, só cuidando das fraldas sujas. Não sei como a mamãe limpa isso, mas eu fervei um pouco de água e botei de molho pelo tempo que pude, até queimei as mãos, tentei esfregar, mas as manchas não saem por nada. Ainda acho que fiquei com a melhor parte do acordo, já que é o Hamish que remexe no cocô, primeiro com uma faca, depois me entrega, pra eu cuidar da fralda. Se eu não estivesse tão apavorado da mamãe chegar em casa e ver que o pão sumiu e descobrir que tem uma bolinha de gude presa dentro de seu bebê precioso, eu também estaria rindo que nem doido, como o Hamish.

É quando o Hamish está remexendo a terceira fralda com cocô do Bobby que ouço a chave na porta. A mamãe está em casa e meu mundo acabou. Meu coração está disparado e minha garganta fecha, como se fosse o fim o mundo.

— Anda logo — cochicho e Hamish remexe o cocô mais depressa.

A porta da frente se abre, Hamish sai correndo pela porta dos fundos e a mamãe e o Angus são recebidos pelo Bobby, pelado da cintura pra baixo, dando cambalhotas no chão, com as perninhas gorduchas batendo em tudo.

— Está tudo bem? — a mamãe pergunta, entrando na sala.

Angus está atrás dela, quieto, com uma bochecha vermelha, como se tivesse levado um tabefe, com as mãos nos bolsos, ombros caídos, e dá pra ver que ela o pegou. Ele olha pra mim, desconfiado. Hamish está no quintal dos fundos, remexendo o cocô. Ou, pelo menos, eu espero que esteja, mas parte de mim acha que ele se pirulitou pela porta dos fundos, que dá no beco, e me deixou sozinho pra lidar com essa bagunça.

Um sorriso surge no rosto do Angus, ele sabe que eu fiz alguma coisa, eu devo estar com cara de culpado. Ele adoraria que eu fosse pego. Que eu estivesse prestes a tomar uma bronca, que os holofotes fossem tirados de cima dele por um tempo. E sorri pra mim.

— O que houve, piolho?

— Mas que diabo? — pergunta a mamãe, olhando o Bobby dando cambalhotas pelado. Então, ela vê a tábua de pão vazia em cima da mesa, farelos por todo lado e, lá fora, na janela, eu vejo a mão toda cagada do Hamish, segurando uma bolinha de gude entre os dedos e um sorriso enorme se abre em meu rosto. Meu alívio é imenso, mas agora eu tenho que lidar com a situação do

pão.

— O Bobby comeu um pouco, desculpe — digo rapidamente. Rápido demais. Ela desconfia que tem mais coisa.

— Meu pão de centeio! — a mamãe grita. — Era para o chá. Eu disse para não tocar! — ela berra. Hamish surge ao meu lado e solta a fralda suja em minhas mãos, enfia a bolinha de gude no meu bolso, agora com as mãos limpas.

— Desculpe, mãe, foi culpa minha — diz o Hamish. — Eu disse ao Fergus que olharia o Bobby pra ele, mas devo ter tirado os olhos dele, porque ele comeu o pão. A senhora sabe como ele põe tudo na boca. — Quando a mamãe não está olhando, enquanto ela encara o pão meio comido, arrasado, ele olha pra mim e pisca.

A mamãe dá uns gritos com o Hamish o tempo todo, eu penso que devo interromper e confessar tudo, mas não faço. Não consigo. Sou covarde demais.

A mamãe vê a fralda na minha mão e a água fervendo lá fora, cheia de fraldas, e sua expressão muda, mas não consigo identificar.

— Quantas fraldas você trocou?

— Três — respondo, nervoso.

Ela me surpreende, rindo.

— Ah, Fergus — ela ri, remexe em meu cabelo e beija o alto da minha cabeça. Ela vai lá fora, pra jogar o cocô, e vai rindo, e fico triste, quando vejo Hamish olhando pra ela.

Mais tarde, quando estão todos dormindo, pergunto por que ele fez isso por mim, por que ele me ajudou e assumiu a culpa.

— Não fiz isso por você. Fiz por ela. Ela não quer se decepcionar com você, mas já está acostumada a se decepcionar comigo.

A mamãe estava certa sobre o Hamish ser esperto, porque quando ele me lançou um olhar calculista, ele disse “Você me deve uma”, eu sabia o que ele queria dizer, que eu lhe devia muito. Não sei se ele sempre tinha planejado o que faríamos a seguir, mas foi por isso que ele assumiu a culpa pelo pão de centeio, sabendo que eu não teria outra escolha, a não ser fazer o que ele me pedisse, ou se ele pensou nisso depois. De qualquer jeito, esse foi o começo de nossas aventuras com as bolinhas de gude, ou desventuras, mas, com ou sem pão de centeio, eu teria ido a qualquer lugar com ele.

Mas isso o descreve bem, ele se mete em qualquer coisa pra salvar o meu traseiro.

8

Jogando bolinhas de gude: Ovos na moita

São três horas da manhã e estou na rua como Hamish. Ele sempre vem me buscar à noite, mas, ultimamente, tem sido diferente, nada de cutucões, nem chutes, nem a mão na minha boca pra eu não gritar de susto, como eu costumava fazer quando ele me acordava no meio da noite. Em vez disso, agora joga pedrinhas na janela pra me acordar. Ele não está morando em casa há alguns meses, desde que a mamãe o pôs pra fora. Ela descobriu que ele estava trabalhando para O Barbeiro. Mas não foi por isso que ela o expulsou. Mattie e ele tiveram uma briga terrível, eles destruíram a casa se atracando. O Hamish até enfiou a cabeça do Mattie por dentro da porta de vidro da cristaleira e voou vidro pra todo lado e ele tomou três pontos. Tommy fez até xixi nas calças, mesmo dizendo que não fez.

Então, Hamish está fora de casa. A mamãe disse que, aos vinte e um anos de idade, ele devia ter saído de casa de qualquer jeito, devia ter casado e estar trabalhando. Mesmo com ele fora, eu ainda o vejo. Nós não podemos mais tirar dinheiro dos outros como fazíamos, agora estou com quinze anos e todos sabem que sou o melhor jogador de bolinhas de gude da região, ou, pelo menos, um deles, pois surgiu outro camarada, chamado Peader Lackey. As pessoas gostam de nos ver jogando, O Barbeiro arranja os jogos lá na barbearia, à noite. Ele gosta de entreter seu pessoal, faz reuniões nos fundos, em seu escritório e, enquanto o jogo acontece, ele tem drinques e fumo na loja, carteado, bolinhas de gude, mulheres, o que você imaginar. Hamish diz que O Barbeiro apostaria até numa corrida de caracóis. Não fala na cara dele, é claro. Ninguém quer deixar O Barbeiro bravo ou chateado, pois, se o fizer, e depois for lá para um corte de cabelo, ou para se barbear, pode acabar machucado ou careca.

O Barbeiro me dá uns trocados por aparecer e Hamish pega quase tudo. Ainda assim, era a mesma coisa com os caramelos, quando eu tinha dez anos, e

eu faria de graça, assim como faria agora. As pessoas fazem apostas em quem irá ganhar e é Hamish que recolhe. É bom ficar esperto se não pagar, pois Hamish impõe muito respeito, sendo próximo do Barbeiro, e os que não pagam estão procurando encrenca, e encontram.

Mas o Hamish não me acordou esta noite, eu o encontro no beco atrás de nossa casa, curvado, procurando pedrinhas. Chego sorrateiramente e lhe dou um chute no traseiro, e ele dá um pulo, como se O Barbeiro estivesse com uma lâmina quente em seu pescoço.

Eu quase morro de rir.

— Mas que porra você está fazendo acordado? — diz ele, tentando bancar o tranqüilão, mas está com as pupilas enormes.

— Não é da sua conta.

— Ah, é assim? — ele sorri. — Ouvi dizer que você anda se engraçando com uma das garotas Sullivan. Sarah, não é isso?

— Pode ser. — Hamish sempre sabe de tudo e eu me surpreendo com isso. Não contei pra ninguém sobre a Sarah, guardei pra mim, não que houvesse algo pra contar, ela não quer fazer nada até casar, como ela mesma disse. Ela é bem meiga, mas eu não a encontrei esta noite. Eu estava com Annie, irmã dela, que é bem menos meiga. Dois anos mais velha, ela me pegou com o que a irmã caçula não quis compartilhar. Minhas pernas ainda estão tremendo, mas eu me sinto vivo, como homem, como se eu pudesse fazer qualquer coisa. Provavelmente ruim, quando Hamish está envolvido.

Ele gesticula pra que eu vá atrás dele, mas não diz pra onde estamos indo, e eu imagino que seja um jogo de bola de gude, em algum lugar, com uma plateia pra apostar, pois geralmente é isso. Desta vez, não é. Nós vamos visitar alguém que não pagou. Vamos até a escola, subimos o muro dos fundos e entramos facilmente no dormitório. Hamish já conhece um caminho pra entrar e, quando subimos na janela, eu derrubo um pote cheio de bolinhas de gude que saem rolando pelo chão. Espero que Hamish me esculhambe, mas, em vez disso, ele começa a rir. Nenhum dos irmãos aparece, ainda bem. Uma coisa é fazer estardalhaço durante o horário da escola, outra coisa é aparecer quando nem se deveria estar ali. Hamish está rindo que nem doido e escorrega nas bolinhas, e é quando eu sinto o cheiro de bebida, e isso me deixa meio preocupado.

Dois meninos sentam nas camas, sonolentos. Têm quinze anos, a mesma

idade que eu, mas eu pareço mais novo.

— Levantem, suas bichas — diz ele, batendo na cabeça dos dois. Ele usa cadarços de sapato e gravatas do uniforme do colégio, qualquer coisa que encontra, para amarrar as mãos deles atrás das costas, e os tornozelos às pernas das cadeiras, e diz que nós vamos jogar um joguinho.

Enquanto esculhamba os dois, começo a catar as bolinhas do chão e olho pra eles. A coleção não tem valor, só um punhado de opacas, olhos de gato, rodaminhos e adesivadas, nada seminovo ou colecionável. Isso me surpreende, porque um dos caras é rico. Filhinho de papai, que é médico, dirige um carro bacana, e eu esperava que ele tivesse algo melhor. Remexo o vidro e encontro uma raridade. É uma bolinha de duas cores, adesivadas personalizadas, feita pela Peltier. Ela se destaca, pois as bordas são curvas, em vez de retas, e é meu dia de sorte, porque ele tem três daquelas com fotos, adesivos pretos de um dos doze personagens diferentes decalcados na bolinha. Nunca tinha visto essas. O cara mais novo fica me olhando, enquanto observo a bolinha. Ele está certo em estar preocupado. Tem três delas, Smitty, Ande e, quase não acredito, uma Annie. Annie é vermelha e branca, com adesivo preto. É meio como o destino. Como não sou um cretino cruel, só embolso uma: Annie.

Hamish diz a eles que vamos jogar. Estou imaginando algum jogo que não exija nenhuma habilidade. O tipo de jogo que jogamos quando a família segue uma longa jornada, não que a gente passeie muito. É muito caro e a mamãe diz que é um pesadelo e que ela não pode nos levar a lugar nenhum. Geralmente, acabamos separados, indo para a casa de diferentes parentes, para passar uma semana. Dois anos seguidos, fui para a casa da tia Sheila, que tem duas meninas e mora virando a esquina. Vou novamente dormir no chão, não tenho boas lembranças de quando estive lá, e são as piores férias de verão, exceto pela minha prima Mary, que é amiga de Sarah Sullivan, e foi assim que eu a conheci. Valeu a pena fingir ser o primo cavalheiro, por uma semana.

De volta ao jogo, o jogador escolhe um número de bolinhas e pede aos outros jogadores para adivinhar um número. Se eles adivinharem certo, eles ficam com as bolinhas, se errarem, têm de pagar a diferença ao que fez a pergunta. Só que o Hamish dá o seu próprio tom ao jogo. Cada vez que eles erram, a diferença é o número de socos que ele dá no rosto e no corpo deles. Logo deixa de ser divertido. Já fomos cobrar dinheiro algumas vezes, assustamos uns caras, em geral já é suficiente que eles vejam Hamish no quarto deles à noite, por saberem que ele foi enviado pelo Barbeiro, mas nunca como está sendo hoje. Hamish está

pilhado. Ele soca demais, com força demais, e os meninos estão sangrando e chorando, e amarrados às cadeiras.

Tento falar que já basta, mas ele descarrega em cima de mim, puxa meu cabelo com tanta força que parece que vai arrancar o meu couro cabeludo. Agora, o cheiro de álcool está pior e seus olhos estão vermelhos, como se tivesse levado um tempo para fazer efeito. O que eu achei ter sido um susto no beco, depois alegria ao me ver, era outra coisa. Ele bate mais um pouco nos dois e um deles grita bem alto, pedindo socorro, com o nariz sangrando, o olho tão inchado que já está fechado. Não tenho a menor satisfação nisso e eles são só garotos, e nem é tanto dinheiro assim. Hamish pega as economias deles e leva tudo, e nós damos o fora dali. Caminhamos de volta pra casa em silêncio, Hamish sabe que eu o reprovo e ele detesta isso. Tenta ser o maioral, mas o que realmente quer é que todos gostem dele. Ele só nunca soube como fazer com que isso aconteça. Não vai comigo até em casa, só me deixa na entrada do beco. Achei que ele fosse embora sem dizer nada, mas ele tem algo mais a dizer.

— Então, O Barbeiro falou pra lhe dizer pra não ganhar amanhã à noite.

— O quê?

— Você me ouviu. Não ganhe.

— Por quê?

— Por que você acha? Ele tem alguma treta com alguém. Você perde e ele embolsa uma bolada. Você talvez ganhe um pouquinho.

— Com quem eu vou jogar?

— Peadar.

— Não vou perder pro Peadar, sem chance.

— Olhe, você tem que perder.

— Não tenho que fazer nada. Não trabalho pro Barbeiro, você que trabalha, e não vou perder pra ninguém.

Ele me pega pelo colarinho e me empurra com força contra a parede, mas eu não fico com medo, só fico triste. Vejo um agressor, meu irmão, onde antes via um herói.

— Esteja aqui às onze, amanhã à noite, está certo? Se não...

— Se não, o quê? Você não será mais meu irmão, Hamish? — De repente,

estou furioso. Furioso pela maneira como Hamish tratou aqueles garotos, furioso pela forma como ele me envolveu nisso, furioso por ele achar que pode simplesmente me dizer o que fazer e achar que eu farei, sem perguntas. — Vai me encher de tapas, como fez com aqueles caras, essa noite? Acho que não. Acha que a mamãe vai deixar você pôr os pés em casa, se fizer isso?

Ele se remexe, inquieto. Eu sei que ele está louco pra voltar pra casa. Ele é caseiro. Mas ele tem um jeito esquisito de demonstrar. É o tipo de cara que provoca uma garota até enjoar, se gostar dela, que o trata mal, se quiser ser seu amigo, que está perto da família e age como um idiota, quando, na verdade, quer ser convidado pra entrar.

— O Barbeiro virá atrás de você — ele me ameaça.

— Não, ele não virá. O Barbeiro tem mais coisas pra fazer do que se preocupar comigo e um jogo de bolinhas de gude. Ele só usa isso como distração para o que está fazendo naquela sala. Ele usa você para causar distração, Hamish, só isso. Ele já o convidou para entrar naquela sala dos fundos? Ele nem se dará ao trabalho de vir atrás de você, vai arranjar outra pessoa pra fazer isso pra ele. Ele não liga pra você. Não vou perder pra ele, não vou perder pra você. Jamais perderei o ponto final.

Deve ser pelo jeito que eu falo, porque ele logo entende, ele acredita, e sabe que não é nada para o Barbeiro, que sempre tentou se passar por mais importante do que é, como no negócio que ele fez esta noite. Eu o revelei e ele odeia isso. E sabe que não há nada que ele possa fazer para me convencer.

Quando caminho pelo beco e me aproximo de casa, subitamente sinto um peteleco na lateral da minha cabeça. Primeiro, eu acho que é O Barbeiro, não ele, mas um dos seus, mas é a Sarah e ela está chorando.

— Céus, Sarah, o que você está fazendo aqui a esta hora?

— É verdade? — ela está chorando. — Você e a Annie... fizeram?

Até o dia seguinte, eu posso me esquecer da Annie, posso esquecer da Sarah e posso esquecer o Hamish.

Os guardas vêm procurar pelo Hamish, mas ele já foi. Ele tem mais sorte de ter escapado da fúria da mamãe, mais que do que os guardas lhe teriam feito. Todo mundo acha que eu sei onde ele está, mas não sei. Digo que não sei e que também não me importa. E é verdade. Ele passou dos limites ontem à noite e, nessa, eu não posso dar cobertura. Pela primeira vez, não posso. Isso deveria me

deixar triste, mas, não. Isso faz com que eu me sinta mais durão, mais forte, como se eu sentisse que posso ser melhor que Hamish, isso praticamente me dá superpoderes. Nunca pensei em mim como melhor que Hamish e passo o dia estufado com algo parecido com orgulho.

Naquela noite, na cama, os rapazes e eu estamos cochichando, temos de falar desse jeito porque a mamãe está à beira de um ataque de nervos, e qualquer um de nós pode levar uma bronca por nada. O Duncan disse que um cara que ele conhece, que trabalha nas docas, viu o Hamish pegando um barco para Liverpool.

E agora eu me sinto menos um super-herói. Não achei que o nosso encontro seria o último. Queria uma chance pra que a gente fizesse as pazes, pra que ele pedisse desculpas, para que visse como eu era um grande homem. Os meninos falam sobre o que o Hamish vai fazer na Inglaterra, rindo e imaginando-o em situações, mas eu só fico ali, deitado no escuro. E o vejo trabalhando pela Inglaterra, na Escócia, uma imagem antiga dele, andando pela terra com um cajado, encontrando a família do papai, para se estabelecer, morando na fazenda de que eu já não me lembro mais, trabalhando a terra como o papai fazia. Isso me ajuda a pegar no sono, mas não menos preocupado, nem menos culpado, e sem sentir nenhum dos superpoderes que eu tinha sentido apenas alguns instantes antes.

Recebo um alerta dos guardas, por ser um garoto imbecil, no lugar errado, na hora errada, por ser influenciado pelo meu irmão mais velho. Como um bom gesto, devolvo ao garoto rico em que o Hamish bateu sua bolinha Annie, por mais que me doa fazê-lo. Mas, algumas semanas depois, eu a ganho de volta.

Ela e toda a coleção dos heróis dos quadrinhos. Sempre que eu voltar a olhar aquelas bolinhas, vou me lembrar da noite em que me tornei um homem, com a Annie, e a noite em que eu segui numa direção e Hamish seguiu em outra. E, às vezes, quando eu realmente quero seguir outro caminho, o caminho do Hamish, quando a vida estiver me implorando para fazê-lo, pego as bolinhas e isso aquietta essa voz.

Passo um bom tempo sem ver Hamish e, quando vejo, a visão dele é o suficiente para jamais querer cruzar para o outro lado! A visão de um cadáver faz isso com a maioria das pessoas.

9

Regras da piscina: Proibido jogar bola

Munida de novas informações da minha mãe, entro no carro e dirijo até a Virginia. Consigo estacionar na rua, do lado de fora do escritório de Mickey Flanagan, que fica entre uma locadora de DVD, que está fechada, e um restaurante *delivery* de comida chinesa, que já está aberto. A janela que dá pra rua tem um vidro jateado e o nome dele está escrito em estêncil preto na frente. A secretária de Mickey, seu crachá diz Amy, está sentada atrás de uma tela protetora, com furinhos no vidro, em desenho circular, ou para que ela respire, ou para que a gente fale. Só quando vou falar que percebo que estava prendendo a respiração e devia estar fazendo isso ao longo de todo o caminho, porque sinto um aperto no peito.

— Olá, sou Sabrina Boggs. — Marquei um horário assim que desliguei a ligação com minha mãe e eles gentilmente me encaixaram na agenda, mas agora dou uma olhada em volta, para a sala de espera vazia, e não estou muito certa se foi preciso fazer encaixe.

— Olá. Por favor, sente-se, ele a receberá assim que puder — ela me dá um sorriso educado.

A sala de espera fica ao lado do vidro jateado, sento junto a um bebedouro e a um vaso de planta que parece de cera. O rádio está ligado para ocultar o habitual mal-estar do silêncio de uma sala de espera, mais falatório sobre o eclipse solar total vem imperando em todas as estações e noticiários e programas de TV desde a semana passada; o que podemos esperar ver, onde podemos esperar ver, como olhar para o sol, como não olhar para o sol, o melhor lugar para olhar para o sol. Até eu já estou em eclipse. Aidan está tirando hoje metade do dia de folga, para pegar os meninos na escola e seguirem para um acampamento, uma das regiões oficiais para a observação do eclipse total. Ele vai se encontrar com o irmão e seus filhos, cujo novo esquema pra ganhar dinheiro tem sido investir as

economias em óculos para eclipse solar, algo que eles têm vendido durante as últimas semanas, a preços mais elevados. Meus meninos estiveram tão empolgados com o eclipse, a semana toda, usando os óculos, fazendo versões de eclipses solares com caixas de cereais, isopor e bolas, numa corda, decorando o quarto com luas fluorescentes grudadas no teto. O fato de ser numa noite de sexta-feira de maio ajuda, e está fazendo um tempo bom, todos estão interessados e poderão ver o céu. Não é que eu não me interesse em olhar o céu, mas não sou de acampamentos, então, tenho a noite pra mim.

— Simplesmente, não sou de acampamentos — eu disse ao Aidan, quando ele me falou de seus planos na semana passada.

— Você só não se anima com acampamentos — ele respondeu, me observando. Eu sabia que ele estava me olhando, mas fingi que não notei e continuei fazendo os sanduíches das lancheiras. Seu comentário havia me irritado, mas não deixei transparecer. Contei até cinco, em minha cabeça, manteiga, presunto, queijo, pão, cortar ao meio. Outro. Ele ainda estava me olhando, quando coloquei as uvas-passas nas lancheiras.

— Isso é um fenômeno natural — diz um cientista, no rádio. — Em algumas culturas antigas e também nas modernas, os eclipses solares têm sido atribuídos a causas sobrenaturais ou encarados como maus presságios. Para pessoas desconhecedoras das explicações astronômicas, era assustador que o sol parecesse desaparecer durante o dia e o céu escurecesse numa questão de minutos.

— Acredito totalmente em tudo isso — Amy diz, subitamente, de trás de sua tela. — Eu tive um namorado que costumava ficar demente quando era lua cheia. — Ela gira o indicador ao lado da cabeça. — Ele me trancou num armário, jogou meus sapatos na privada. E me acusou de dizer coisas, quando eu nem tinha aberto a boca, de mexer em coisas que eu nem sabia que ele tinha, algo do tipo “*Me*, você mexeu no meu tabuleiro de damas?”, e eu ficava, tipo, que tabuleiro de damas? E eu detestava ser chamada de *Me*. É Amy. Não é estranho que ele me chamasse de *Me*, como se quisesse que eu, sendo *Me*, fizesse parte dele? Bagulho estranho. Se eu tivesse ficado, tenho certeza de que ele teria me matado, como matou aquele rato. — Ela olha para mim, para explicar. — Ele ficou com o rato três dias no porão, torturando o bicho.

Eu imagino a cena do rato passando por uma tortura de afogamento.

— Dias como hoje me assustam. Principalmente, quando se lida com o público. Você não acreditaria nas ligações que recebemos. A palavra “lunático”

vem disso, sabia? — Eu assinto e ela continua mesmo assim. — Lunar. Lunático. Isso traz à tona o pior lado das pessoas, violência, disfunções mentais, o que for. Tenho uma amiga que trabalha como paramédica e ela diz que os dias de lua cheia são os mais movimentados. As pessoas simplesmente piram. Tem a ver com o efeito das marés e da água em nosso corpo — diz ela. Por um instante, ela fica quieta, pensando. — Se bem que eu acho que realmente tinha alguma coisa errada com o George. Ele era doido na maioria do tempo, quando nem dava pra ver a lua.

Penso em quando eu arremessei a caneca na parede. Em dizer para o Eric “Foi a lua que me fez fazer isso”. Claro que seria ridículo, mas não tão despropositado pra mim, sempre tive dificuldade para dormir em noites de lua cheia. Nem tantas dores de cabeça quanto pensamentos excessivos. Muitos pensamentos e rápidos demais, tudo ao mesmo tempo, como se a lua agisse como uma torre de controle no meu cérebro. Tudo fluindo junto, em vez de ser filtrado lentamente. Penso em mim, sentada aqui, hoje, tentando encontrar as bolinhas de gude do meu pai, e fico imaginando se isso não é maluquice. A lua me fez fazer isso. Mas não me importa o que me fez fazer isso. Estou fazendo e preciso que a lua me ajude, depois, eu assumo.

Penso em como os meninos ficarão empolgados se o dia realmente escurecer. Se as nuvens não encobrirem o céu perfeito primeiro e estragarem a chance de todos testemunharem isso. Fico pensando onde eu estarei, o que estarei fazendo durante o eclipse, e torço para que coincida com a descoberta das bolinhas de gude do meu pai, ao estilo Scooby-Doo, na casa de Mickey Flanagan, usando o véu da escuridão para entrar, sorrateiramente, sem ser notada, e roubá-las de volta, de dentro de seu cofre, atrás de uma tela a óleo, pendurada na parede de madeira que esconde o estúdio.

— Hoje é uma lua nova — Amy continua —, também conhecida como lua escura, porque é só um círculo preto. Você sabe como as pessoas ficam malucas quando é lua cheia, agora, imagine uma lua cheia preta. Quer dizer, nós deveríamos simplesmente ter ficado em casa hoje, com as portas trancadas. Quem sabe o que pode acontecer?

Ela para de falar e deixa essa pergunta no ar.

O telefone toca e nós duas tomamos um susto, depois rimos.

— Ele vai recebê-la.

Entro no escritório de Mickey Flanagan me sentindo ansiosa quanto ao que

vim fazer aqui e me deparo com um homem tipo Humpty Dumpty, baixinho e careca, com um sorriso acolhedor. Nós nos conhecemos logo depois do derrame do papai, para discutirmos como administrar os assuntos dele, mas, desde então, só nos correspondemos ocasionalmente, por correio eletrônico. Toda vez que eu vejo um e-mail de Mickey, fico preocupada quanto ao dinheiro estar acabando, e que a reabilitação do meu pai tenha que ser subitamente interrompida. Evitei todo tipo de encontro com ele, para não ter que discutir algo inevitável. Mickey se levanta com dificuldade, batendo a barriga na beirada da mesa e a contorna para apertar a minha mão, afetuosamente, antes de voltar para trás da escrivaninha.

Estou nervosa. Tiro da bolsa o fichário plástico com o inventário do meu pai e me preparo para o meu questionamento. Se ele pegou as bolinhas de gude, eu sei que não vai admitir o roubo imediatamente, talvez nem admita, mas estou torcendo para que minha aparição pelo menos chacoalhe sua consciência. Pensei em todos os cenários possíveis, ouvi todas as respostas que ele poderia dar, *eu tive que vendê-las, ele não me pagava havia meses, acha que eu trabalharia de graça? Ou é claro que as vendi, nós tínhamos um acordo, veja esse contrato aqui, ele está me pagando com a venda de suas bolas de gude*. Pensei em tudo isso, mas a minha resposta será a mesma. Pegue-as de volta.

— Prazer em encontrá-la, Sabrina, como vai o seu pai? — ele pergunta, preocupado.

— Como ele vai? — eu pergunto, sentindo minhas pernas começarem a tremer, meu corpo inteiro, na verdade, incluindo a minha língua. Meu lábio começa a ter espasmos, o que me irrita e me deixa ainda mais frustrada e zangada. Quero ser capaz de dizer o que quero, sem empecilhos. Preciso estar isenta de emoção, mas ela formou uma bolha dentro de mim, tão rapidamente, que a mera pergunta “Como ele vai?” foi como um gatilho para que a minha emoção enevoasse a minha clareza. Essa sensação me lembra de um sonho que eu tenho, quando estou tentando me explicar para alguém, sempre uma pessoa diferente, mas o chiclete atrapalha, fica preso na minha boca, e quanto mais eu puxo, mais ele gruda, atrapalhando as palavras.

Limpo a garganta.

— Às vezes, ele nem se lembra de ontem. Mas, em outras, ele lhe conta uma história com tanta precisão, de quando era criança, com tanta clareza que é como se você estivesse lá, com ele. Como hoje, essa manhã, ele me contou que esteve

num jogo da final irlandesa, em 1963, quando Dublin derrotou Galway, quando ele era menino. Ele se lembrava de cada detalhe, de cada coisinha, explicando tão minuciosamente, que eu me senti como se tivesse estado lá, com ele.

— Bem, esse é um dia a ser lembrado — ele diz, educado e amigável.

— Depois, ele se esquece de algo que é, ou foi, muito importante para ele. — Limpo a garganta outra vez. Vá em frente, Sabrina. — Como suas bolinhas de gude. Até hoje, eu não sabia que ele tinha bolinhas de gude. Mas ele tem centenas delas. Na verdade, provavelmente milhares, se eu fosse contar. Algumas são valiosas, mas, independente do preço, todas são importantes, se não, por que ele dedicaria tempo para fazer tudo isso? — eu me remexo para entregar a ele o inventário, com os dedos trêmulos. Ele olha página por página, e desvia para o meu rosto, pra cima e pra baixo, sem parar.

— Mickey — eu começo —, não há meio de dizer isso polidamente, mas você esteve de posse dessas bolinhas de gude até ontem. Está faltando uma parte da coleção. Você sabe o que aconteceu com as bolinhas de gude do meu pai?

Ele parece surpreso, fica paralisado com o inventário na mão.

— Minha nossa, não!

— Mickey, eu realmente preciso saber. Não estou acusando você de ter roubado, quero dizer, obviamente, pode ter havido algum acordo com alguém, talvez meu pai, através do qual você teria permissão para pegá-las. Seja o que for que tenha acontecido, não preciso saber. Só quero encontrá-las para pegá-las de volta e completar a coleção.

— Não, eu não peguei e não houve acordo com ninguém, nem com seu pai. — Ele endireita a postura e fala com firmeza. — Como você sabe, as caixas foram entregues para mim depois do derrame e, como você diz, ele não se lembra de tê-las, portanto, ele não poderia ter me instruído a fazer qualquer coisa com elas, nem eu teria encostado um dedo nelas. — Ele está falando sinceramente, também está claro que ficou irritado por ser acusado de tal coisa, mas está sendo profissional a respeito. — Você tem a minha palavra, Sabrina.

— Será que alguém poderia ter tido acesso a elas, em sua casa? Houve algum arrombamento? — tento abrandar a acusação aos seus entes próximos. — As bolinhas de gude que foram levadas eram as mais valiosas, e parece que alguém vasculhou o inventário para escolhê-las.

Ele me dá a dignidade de parecer pensar, antes de responder.

— Posso lhe assegurar que nem eu nem outra pessoa que esteve em minha casa seja responsável pelas bolinhas desaparecidas. Nunca abri as caixas. Elas chegaram lacradas e ainda tinham o mesmo lacre quando saíram. Foram mantidas na garagem durante o último ano, sempre fora de vista e fora do alcance, o tempo todo.

Eu acredito nele. Mas estou empacada, porque não sei onde mais poderia ir, depois disso.

Mickey me entrega o inventário e eu só fico olhando, vendo a linda letra desenhada do meu pai, vendo “Sabrina não pôde ir à aula porque tinha uma consulta médica”. Vejo sua letra nos cartões de aniversário. Vejo os bilhetes que ele deixava pela casa.

Fecho os lábios bem apertados, sentindo o rosto ainda rosado de constrangimento pela acusação, por mais educadamente que eu a tenha feito.

— Bem, tem mais uma coisa. Fora querer encontrá-las, ajudaria saber quem as levou até você. Minha mãe e eu empacotamos tudo do apartamento e nós nunca vimos essas caixas.

Ele franze o rosto, verdadeiramente confuso.

— É mesmo? Vocês não tiveram ajuda? Carregadores ou parentes?

Nego, sacudindo a cabeça.

— Fomos só nós duas. — Ele fica um tempo pensando em alguma coisa.

— Não tenho certeza se você sabe como eu acabei guardando as coisas do seu pai.

— Minha mãe disse que você gentilmente se ofereceu. Eu não tinha espaço para elas e ela... bem, ela obviamente já estava em outra.

— O fato é que eu não me ofereci *gentilmente* — diz ele, educado, com um brilho nos olhos azuis que se destacam no rosto redondo. — Sua mãe não foi inteiramente honesta com você, como eu serei, particularmente por você ter vindo até aqui com essas... preocupações e, com razão, já que as caixas estavam comigo pelo último ano.

Eu me remexo na cadeira, agora constrangida, quando antes estava determinada.

— Seus tios, os irmãos de Fergus, demonstraram insatisfação com Gina guardando as coisas de seu pai. Eles acharam que as caixas não estariam seguras

nas mãos de Gina, devido aos sentimentos dela em relação ao seu pai. Mas Gina ficou desconfiada quanto ao motivo que os fazia querer as caixas, já que eles e Fergus não eram próximos, segundo ela. Dessa forma, todos concordaram que as caixas deveriam ser guardadas por uma terceira pessoa. Todos ficaram satisfeitos que eu fosse neutro o suficiente para me confiarem essa tarefa. Isso não é algo habitual para mim, mas eu gostava de Fergus e, portanto, aceitei, mas, infelizmente, minhas circunstâncias pessoais mudaram e eu já não tenho espaço para guardar as coisas dele.

Estou assentindo rapidamente, tentando matar meu constrangimento e surpresa por minha mãe não ter me contado isso. Será que ela achou que ele não me diria? Eu desconhecia todo esse drama da família dele, enquanto estava providenciando a reabilitação. Só estava focada na melhora dele, indo da clínica para o apartamento dele, para o trabalho, cuidando das crianças, completamente exausta, como um zumbi. Tirava fotos dos móveis do meu pai e os vendia *online*, entregava sofás do outro lado da cidade, encontrava gente na George Street, às cinco da manhã, para entregar uma mesinha de centro. Penso nos dias que levei para separar as coisas a serem guardadas das que seriam vendidas, vendo como meu pai vivia, suas coisas particulares, tudo tão simples, na verdade, fora as barras de chocolate e a coleção perturbadora de DVDs, que ninguém jamais imaginaria o pai assistindo, mas nada de grandes revelações. Nenhum sinal de qualquer pessoa, fora meu pai, no apartamento inteiro.

Passei por cada cômodo, cada armário, cada gaveta, e vendi tudo que não estava pregado no chão ou nas paredes. De todas as caixas que eu fechei com fita isolante, nunca me deparei com as bolinhas de gude. Alguma outra pessoa as empacotou e mandou para a casa de Mickey. E, se não fui eu, nem a minha mãe, então, quem foi?

— Não sei como posso ser de mais ajuda, Sabrina.

Nem eu.

— A única coisa que me ocorre é que elas não estavam nas caixas, antes de serem entregues para mim; mas, claro, se foram apenas você e sua mãe que arrumaram tudo, então, não sei o que pensar.

Mas é gritante de tão óbvio. Ele está sendo educado, mas, se não fui eu, só pode ter sido a minha mãe, que já mentiu quanto ao motivo das caixas terem ido parar na casa do Mickey.

Tantos segredos, tantas coisas que eu não sei. O que mais eu não sei?

Jogando bolinhas de gude: Bate e volta

Vejo o Hamish novamente quando estou com dezenove anos. Essa foi a primeira vez que eu entrei num avião, já adulto, desde que cheguei de barco, quando tinha cinco anos, e não imaginei que seria por um motivo desses.

A mamãe recebe a visita de um policial, que recebeu um telefonema da embaixada irlandesa para dizer que Fergus Boggs havia sido encontrado morto, em Londres, e alguém precisava ir até lá identificar o corpo.

— Londres? Mas Fergus está aqui!

A mamãe grita para quase derrubar a casa, todos correm até ela, quem não corre até ela, sai correndo me procurando. Estou sentado no bar, tomando uma caneca de cerveja, brincando de Bate e Volta, quando deveria estar no trabalho, no açougue do Mattie, junto com os caras. Acabei de começar e eles me dão as piores tarefas, lavo vísceras, algo que, depois de uma ressaca, na primeira semana, me fez sair correndo pro banheiro pra vomitar. Agora, já não me sinto enjoado, só entediado, e descubro que algumas cervejas na hora do almoço me ajudam a passar as tardes. Estou mais interessado no tipo de carne que Mattie está comprando, eu gostaria de cuidar desse lado das coisas, buscar fontes melhores de carnes, isso é algo que quero conversar com ele, mas sei que ele não vai me ouvir, até que eu faça pelo menos um ano do serviço fedorento, nos fundos.

Angus me encontra no pub e me agarra, me fala pra eu não dizer nada, que ele não quer ouvir, e me arrasta pela rua, até em casa, e eu acho que estou encrocado por sair do açougue pra tomar uma cerveja, quando deveria estar comendo um sanduíche no quintal dos fundos. Duncan nos encontra na porta da frente, que está escancarada. A mamãe está no centro das atenções, na sala, cercada de mulheres preocupadas, chá e biscoitos. Joe, de três anos, está no joelho dela, pulando pra cima e pra baixo, com seus olhos grandes e assustados pela histeria da mamãe. Todos abrem caminho pra eu passar, como se eu fosse o filho pródigo que ela sempre desejou. Ela me olha seguindo em sua direção,

como se eu fosse um anjo, com tanta ternura e amor que dá medo, e eu não sei que droga está havendo.

Ela põe o Joe no chão e se levanta. Ele se agarra à perna dela. A mamãe estende as mãos e segura o meu rosto, com as mãos quentes de tanto chá, a pele áspera de uma vida inteira limpando e lavando. Seu rosto está mais brando do que eu jamais vi e seus olhos têm um tom perfurante de azul. Suponho que eu tenha visto isso quando ela olhava seus bebês, quando eu a vi, quando era menor, quando ela não sabia que alguém estava olhando, enquanto dava de mamar, seus olhos ligados aos olhos do bebê, como se os dois estivessem tendo uma conversa silenciosa. Eu só não me lembrava de tê-la visto me olhando assim um dia.

— Meu filho — ela diz, ternamente, transbordando de alívio. — Você está vivo!

O que me dá vontade de rir, porque não tenho a menor ideia de onde veio isso, só sei que fui arrastado pra fora do bar, para esse drama sem sentido. A sra. Lynch estala a língua, e eu sinto vontade de nocauteá-la, porque isso incita minha mãe a continuar.

A expressão de serenidade da minha mãe some e ela me dá um tabefe no rosto, com força. Eu não devo ter parecido lamentar, porque ela faz isso outra vez.

— Certo, mãe — diz o Angus, me afastando. — Ele não sabia. Ele não sabia.

— Eu não sabia o quê?

— Um policial veio aqui...

A mamãe é ajudada a se sentar, a abelha rainha enlutada.

— Ele disse que Fergus Boggs tinha sido encontrado morto. Em Londres — diz Angus. Ele me dá um tabefe no ombro, me aperta. — Mas você não está morto, você está ótimo. Não está?

Não consigo responder. Meu coração está disparado. Naquele momento, eu sei, simplesmente sei. Hamish! Ninguém mais teria escolhido o meu nome e ele não teria escolhido nenhum outro nome. Era sempre eu e ele. Ele e eu. Mesmo que nós não soubéssemos na hora, eu sei, no instante em que acho que ele está morto, sinto sua perda agora, mais que quando ele levantou e foi embora.

— Todo mundo pode ficar calmo, pode ser? — diz Duncan e as mulheres relaxam, subitamente vendo o lado engraçado do que aconteceu.

Mas a mamãe não ri. Eu também não. Nossos olhos se cruzam. Ambos sabemos.

Eu vou pra lá, no primeiro voo. Pelas condições do vento, sacudimos no ar, eu nem estou pensando em Hamish enquanto me agarro ao avião, e penso como seria estranho o destino, se eu morresse indo ver o sujeito que assumiu meu nome e está morto.

Seamus, filho da sra. Smith, está morando em Londres e ficou combinado que eu poderia ficar com ele algumas noites. Não sei o que Seamus disse à mãe sobre sua nova vida, mas não imagino que seja isso. Dividir um quarto vitoriano úmido com outros caras não é a minha ideia de ter se dado superbem em Londres, então, fico na rua até bem tarde, na primeira noite, para evitar ter de dormir naquele chão. Evito o bar irlandês que todos eles me dizem pra ir, pra não ter que ficar com eles, e, em vez disso, depois de pedir informações, com um sotaque inglês, encontro um lugar chamado The Bricklayer's Arms, que anuncia jogos de bola de gude. Mas, primeiro, eu ando pelas ruas durante horas, sabendo que cada minuto que passa está mais perto de ver o Hamish e, às vezes, quero que o tempo passe devagar e, outras vezes, que passe bem depressa.

Começo a jogar bolinha de gude com alguns locais, só um jogo de bate e volta, como se eu recomeçasse de onde parei. Não posso acreditar que é o mesmo dia e eu estou num outro país, esperando para identificar o corpo de alguém que afirma ser eu, me sentindo como se fosse outra pessoa.

O jogo é para dois ou quatro jogadores, mas nós jogamos em três, até que o terceiro cara vomita na própria roupa e adormece num canto, com a urina escorrendo pela perna. Então, sou só eu e um camarada chamado George, que me chama de Paddy, como se não soubesse que isso é uma afronta. Mas está tudo bem, porque eu o derroto com os pés nas costas. O jogo não exige grandes habilidades, só se lança as bolinhas, não se joga. As bolinhas de tamanho médio são chamadas Batedoras, o primeiro jogador tem a chance de lançar a sua, o segundo tenta atingi-la, e assim por diante. Isso é tudo que ele consegue fazer, pois já bebeu demais. Se uma Batedora for atingida, o dono paga ao lançador uma bolinha, mas você não pode pegar a Batedora, o que é um problema, porque a Batedora do George é a única bolinha em que estou interessado. As Batedoras matam a pau.

É uma bolinha tcheca, em molde de bala, tem um acabamento jateado e o George me conta algo sobre um banho de ácido. Pergunto a ele se posso comprá-

la e ele fala que não, mas, em vez disso, ele me dá a bolinha. Eu lhe disse o motivo por que estou aqui e quem eu acho que vou ver, e ele fica com pena de mim, diz que uma vez precisou ver um corpo que havia sido todo picado em pedacinhos e eu fico imaginando se foi uma identificação oficial, ou algo que tivesse a ver com seu estilo de vida. Fico até imaginando se teria sido ele quem picou o corpo em pedacinhos. Mas, estranhamente, sua história não me assusta e a bolinha dada de presente faz com que eu me sinta melhor. Enfio a bola no bolso e, depois de ficar perdido por quase duas horas, chego ao pardieiro de Seamus Smith, às quatro da manhã, pulando por cima de corpos para chegar ao meu espaço, e tem um cara mandando ver na punheta até as tantas, achando que ninguém está ouvindo.

Mais tarde, passo horas no necrotério, olhando o corpo nu de Hamish, em cima de uma bancada. O médico legista me mostra só o seu rosto, mas eu puxo o lençol mais pra baixo. Hamish tem um sinal de nascença em seu umbigo que tem o formato parecido com a Austrália, na verdade, não parece nada com a Austrália, mas isso estragaria a piada.

— Quer ver o outro hemisfério? — eu ouço Hamish perguntar para as garotas tão claramente, como se seus lábios tivessem se mexido. Sorrio, me lembrando dele, de tudo de bom em relação a ele, e o legista me olha zangado, como se eu estivesse sorrindo porque estou feliz por ele estar morto.

— Eu só estava pensando em algo engraçado que ele costumava dizer — explico.

Então, ele me olha como se não se importasse, está ali só para a parte científica, não para o lado emocional.

Sinto a bolinha tcheca em meu bolso.

— Foi tiro? — eu pergunto. Sempre achei que se o Hamish morresse cedo, disso que ele gostaria. Como um caubói, ele adorava aqueles filmes.

— Não. Você está vendo algum buraco de bala? — pergunta ele, como se estivesse se defendendo, como se eu o estivesse acusando de não ter visto uma prova.

— Não.

— Então, ora.

— O que aconteceu com ele?

— A polícia lhe dirá. — Ele cobre novamente o rosto de Hamish. Fazia quatro anos que eu não via o Hamish, mas nunca saberei o quanto ele mudou, porque estava tão inchado e cheio de hematomas que quase não o reconheci. Sei que é ele, sim, mas não daria nem pra começar a dizer como era sua aparência já mais velho. Eles acham que ele estava na água por dois dias, provavelmente mais, porque seu corpo flutuou até a superfície, e a decomposição havia começado. O policial com quem falo, depois, diz algo sobre a pele de seus pés soltando como uma meia, mas é nesse momento que eu desligo. A parte de que me lembro mais que tudo é o fato de ninguém ter dado queixa de seu desaparecimento.

Fergus Boggs estava bêbado. Ele tinha bebido demais quando incomodou dois leões-de-chácara da boate Orbit, no sábado à noite. Quando o puseram pra fora, disseram que ele ficou agressivo. Não tenho motivo para não acreditar neles, até agora, parece como qualquer outro garoto Boggs, até o pequeno Joe tem seus chiliques, se alguém diz não pra ele, fica deitado de bruços, dá chutes até voarem os sapatos, não importa onde estejam. Sendo o caçula, a mamãe nunca diz não a ele. Um leão de chácara ficou tão frustrado que lhe disse que o deixaria entrar pela porta lateral, para que o chefe não o visse entrando tão bêbado e sem pagar. Em vez disso, ele o levou para o beco e bateu nele até apagá-lo. Com o nariz e uma costela quebrada, isso pode ou não ter causado a queda que veio em seguida, mas isso é o que acham, que Fergus Boggs cambaleou até tropeçar e caiu no rio e se afogou. Ele tinha vinte e cinco anos.

Seamus Smith está me esperando quando saio do necrotério. Está fumando um cigarro e com pinta de esperto, com as mãos enfiadas nos bolsinhos de uma jaqueta preta.

— É ele? — pergunta assim que me vê.

— É.

— Porra!

Ele tira um maço de cigarros e me dá um. Fico grato por ele me levar ao pub, depois do necrotério, mas não me lembro de nada a partir do cigarro. No dia seguinte, eu e Hamish subimos juntos no barco, pela segunda vez, para que eu o leve de volta pra casa.

O delegado não vai fazer uma acusação contra o segurança que “deu alguns safanões nele”, porque concordou que Fergus Boggs estava sendo um incômodo e o segurança não teve a intenção de matá-lo, foi a bebedeira de Fergus que

levou ao seu afogamento. Os leões-de-chácara se livram de arruaceiros dessa maneira.

Regras da piscina: Proibido empurrar

Ao abrir a caixa de bolinhas de gude, abri, na verdade, uma caixa de problemas.

Não sei se senti, ao olhar para elas, quando as segurei nas mãos e meus olhos percorreram o inventário, mas eu soube quando vi o rosto do meu pai mudar, quando ele pousou os olhos nos rubis. E isso se confirmou quando eu soube da confusão que a minha família criou pela simples decisão de onde armazenar as caixas. Agora, não sei o que fazer. É a lua, são os pensamentos excessivos, não consigo processar tudo de uma só vez. Respire.

Depois de sair do escritório de Mickey, ligo pra minha mãe, fumegando por dentro.

— Como vai indo a senhorita bolinhas de gude? — ela ri da própria piada. — Já encontrou Mickey Flanagan? — Percebo a ansiedade na voz dela e fico pensando se está com medo que eu descubra sua mentira.

— Qual dos irmãos do papai não quis que você guardasse as caixas? — eu pergunto.

Ela suspira.

— Mickey lhe disse. Ah, meu amor, eu não queria que ele lhe contasse.

— Agradeço, mãe, mas se eu vou encontrar essas bolinhas, eu preciso da verdade.

— Você realmente vai procurar essas bolinhas que faltam? Sabrina, amor, está tudo bem? Com você e o Aidan? Vocês ainda estão indo à terapia?

— Sim, estamos bem — respondi no piloto automático. Nunca devia ter contado da terapia de casal para minha mãe, agora ela acha que tudo que eu digo é resultado de nossa terapia, que estou frequentando pelo bem de Aidan. Eu não me daria a esse trabalho. Mas tenho falado muito isso, ultimamente, sem realmente pensar a respeito. Nós estamos bem? Eu volto ao assunto. — Me diga o que aconteceu com as caixas e os irmãos do papai.

Ela suspira, sabendo que não tem alternativa a não ser contar e, ao falar, eu ouço sua raiva. Não dele, mas da situação que aconteceu ano passado.

— Angus me ligou, mas todos eles tinham um problema. Ficaram sabendo que nós estivemos no apartamento de Fergus. Não queriam que eu ficasse com seus pertences. Não se opunham que você ficasse com as coisas, mas eu disse a eles que você não tinha espaço. Você sabe o restante.

Tento imaginar Angus. Nunca fui particularmente próxima dos meus tios, nunca os via muito, porque meu pai não os via. Quando era pequena, eu os vi em estranhos eventos de família, mas nunca ficávamos muito tempo. Meu pai estava sempre tenso, alguém sempre falava algo que o deixava irritado e nós íamos embora cedo. Minha mãe nunca reclamava, ela também detestava os encontros da família dele, alguém sempre acabava brigando, um primo bêbado virava uma mesa de bebidas, numa briga com uma namorada, ou cunhadas que não seguravam as línguas afiadas. Sempre tinha algum drama numa reunião dos Bobb/Doyle e nós raramente íamos. Na maioria das vezes, só dávamos uma passada, ou, como meu pai dizia “Vamos mostrar a cara”. Era só isso que ele queria fazer com sua família, mostrar a cara. Talvez fosse isso que ele fazia conosco também, porque, afinal, quem é esse homem que eu estou descobrindo?

Angus é o mais velho dos três, um açougueiro, portanto, não é o que tem a van. Acho que Duncan tem a van, mas isso não quer dizer que não seja de todos eles. Mas faz muito tempo que não os vejo. Não vou a um encontro deles desde que tinha dezoito anos, e não os convidei para o meu casamento. Aidan e eu fizemos uma comemoração discreta, na Espanha, com vinte convidados.

Será que eu realmente quero visitar Angus e perguntar o que aconteceu no ano passado? “Por que você não quis que a minha mãe guardasse as coisas do meu pai? Você quis ficar com elas, pra poder roubar as bolinhas de gude do meu pai?” Nossa, que questionamento ridículo. E será que eu realmente posso culpar os irmãos por não quererem que a mamãe ficasse com as coisas do irmão deles? Eles estavam absolutamente certos e eu só vejo isso agora. A qualquer momento, a minha mãe poderia ter decidido fazer uma fogueira, movida pelo vinho e uma lembrança amarga de algo que meu pai lhe fez, para tornar sua vida ruim, embora agora ela esteja novamente casada e feliz.

— Você sabia que ele tinha uma coleção de bolinhas de gude? — eu perguntei novamente, com determinação. — Foi você que as empacotou no apartamento dele?

— De jeito nenhum. Eu lhe disse isso ontem.

Seu tom de voz mostra bastante irritação e mágoa, e isso é o bastante para que eu acredite nela.

— E se eu as tivesse encontrado, quando estávamos empacotando, eu as teria jogado direto no lixo — ela diz, desafiadora. — Um homem feito com bolinhas de gude, francamente!

Acredito nela, mas fico pensando no que ela encontrou no apartamento e eu não, que julgou não valer a pena guardar. Talvez não tenha sido a pessoa certa para me ajudar à época. E por que eu estou pensando em tudo isso só agora? A culpa está me comendo viva. Eu estava ocupada, estava estressada, preocupada. Deveria ter lidado melhor com isso. Talvez devesse ter convidado os irmãos dele para se juntarem a nós, ver se não havia nada que eles gostariam, que era do passado dele. Talvez por isso tenham ficado zangados com a minha mãe, eu não os incluí em nada. Simplesmente assumi, achando que eu sabia tudo que era pra saber sobre ele.

— Mãe, você se lembra sobre o que foi sua briga com papai, com as bolinhas? — eu me recuso a deixar pra lá. Sei que ela está me escondendo alguma coisa e preciso saber o máximo que puder, nesse momento. Chega de segredos.

— Ah... Agora, mal consigo me lembrar. Ele saía sozinho, como sempre fazia, sem qualquer explicação, e quando voltava tinha gastado todas as nossas economias em bolinhas de gude ridículas.

Tiro o inventário do fichário, enquanto estou dirigindo, mas de olho na estrada. Dou uma olhada no papel.

— Eram bolinhas de corações?

— Não me lembro do desenho — ela fica quieta. — Na verdade, sim, eu acho que eram. Eu ficava louca, porque ele gastava todo nosso dinheiro com isso. Passamos três dias em Veneza, sem comer nada, me lembro de dividirmos uma lata de coca um dia, porque ele não tinha dinheiro pra mais nada. Aquele tolo — ela disse, baixinho. — Mas esse sempre foi o seu pai. E como você sabe que eram de corações?

— Ah, eu... chutei.

Passei o dedo por cima da escrita do meu pai:

— *Corações — danificadas. Condição: colecionável. Veneza, 79.*

Então, não foi minha mãe quem empacotou as bolinhas nem as pegou. Acho que ficou claro que ela não queria ter nada a ver com elas.

Acesso. Tenho que pensar quem teve acesso às caixas. Não foi o Mickey, nem ninguém da família dele. Não tenho como realmente saber isso com certeza, mas tenho que confiar nele. Acesso. Entrar em contato com a empresa do ano passado parece uma chance bem remota. “Olhem, me desculpem, mas vocês por acaso roubaram alguns itens de uma entrega que fizeram no ano passado?” Talvez Mickey esteja errado quanto às bolinhas não estarem na caixa quando chegaram em sua casa. Talvez tenham sido levadas ontem e o motorista de ontem não é uma chance tão remota.

— Posso ajudá-la, Sabrina? — Amy pergunta baixinho, enquanto eu entro novamente na sala de espera.

Tento me recompor. *A lua que me fez fazer isso.*

— Recebi uma entrega do Mickey, ontem, que foi da casa dele para a casa de repouso do meu pai e estava tentando imaginar quem fez a entrega. Você sabe alguma coisa a respeito?

— Se eu sei alguma coisa? Passei um fim de semana inteiro naquela garagem, sem receber nada, providenciando as entregas. Não é minha função, mas vá dizer isso ao Mickey.

Meu coração deu um salto, com uma ponta de esperança.

— As caixas estavam lacradas quando você as mandou? — pergunto, casualmente, sem querer ofendê-la.

— Ai, Deus — ela geme. — Sim, estavam, e foram cuidadosamente armazenadas, isso eu posso lhe dizer, mas não me diga que algo quebrou ou sumiu.

— Bem, sim, na verdade, algo sumiu.

— Ah, Looper.

— Perdão?

— Desculpe, é o Looper. O entregador. Para explicar, sim, as caixas estavam completamente lacradas quando eu as recebi e recebi ordens expressas para não abri-las. Mickey não queria que eu ficasse olhando as coisas dele, aliás, as suas não eram as únicas que estavam lá. Tinha uma porção de coisas pra despachar.

Móveis antigos, roupas, tudo guardado, sem ser tocado há anos, tudo coberto de poeira. De qualquer forma, eu usei o Looper, sobrinho do Mickey, para entregá-las. Já foram muitas reclamações sobre ele, mas eu não tenho escolha, tenho que usá-lo. O Mickey está tentando ajudar a família, você sabe como é. Receio que isso seja entre você e ele, eu não posso me envolver, mas posso lhe dar o endereço dele.

— Sim, por favor — eu disse, contente, sentindo que talvez nem tudo estivesse perdido. Estou chegando lá.

— Você sabe andar por aqui? — ela pergunta, meio relutante em entregar o endereço.

— Não, mas tenho GPS.

Amy morde o lábio.

— O GPS não vai nem saber pra onde você vai — diz ela. — É bem remoto.

— Tudo bem, eu tenho tempo — digo, seguindo em direção à porta. Pela primeira vez, nem sei em quanto tempo, eu sinto uma onda de empolgação.

— Só tome cuidado, ele não é muito dado a pessoas, principalmente num dia como hoje — ela gesticula para o céu. — Dias como hoje são feitos para pessoas como ele — Amy acrescenta, antes que eu feche a porta.

Vou dirigindo até um lugar chamado Campo dos Veados, sem ver veado nenhum, mas um monte de campos, e olho o sol, imaginando se alguma coisa que a Amy disse tem sentido. Será que hoje é o dia em que estamos condenados? Ou hoje é o dia em que eu finalmente me perdi, indo à caça de umas bolinhas de gude que nem tenho provas de existirem. Só um inventário escrito à mão, de nem sei quantos anos atrás. Prestes a abordar um homem chamado Looper, no meio do nada, e acusá-lo de roubo.

Depois de dirigir subindo e descendo algumas ruas, aleatoriamente, o GPS está desistindo, e quase quando estou passando da divisa municipal, bem como a Amy alertou, encontro o lugar certo. Looper, um nome que, em si, já preocupa, vive num pequeno bangalô, uma edificação ao estilo anos 1970, que foi muito mal conservada e parece prestes a cair. O quintal da frente está coberto de peças de carros, pneus, motores, tampas de motor, tudo espalhado por todo lado. Tem uma van branca estacionada na entrada da garagem e, sob ela, um par de pernas vestidas com um jeans imundo e botas de trabalho. Um rádio próximo toca ACDC no último volume. Eu paro do lado de fora do portão e não consigo me

aproximar mais, porque está cheio de cadeados e uma placa que diz “Não entre — cães ferozes” ao lado da foto de dois cães rosnando.

Desço do carro e fico em pé, junto ao portão, imaginando se finalmente endoidei.

— Com licença — eu grito, para o par de pernas, bem alto. — Looper!

As pernas finalmente se mexem e saem de debaixo da van. Um jovem levanta. Ele tem cabelos compridos bem enebados, mas, apesar de jovem, já é meio careca e está vestindo um colete todo manchado de óleo, suor e gordura sabe-se lá de que. É mais para rechonchudo do que para musculoso, mas é alto, grande, desajeitado, algo que não pareceria deslocado no centro da Terra.

Ele fica me encarando, limpando a ferramenta na camiseta, me analisando lentamente. Olha o meu carro, depois olha de novo pra mim e lentamente se aproxima com uma chave inglesa na mão, como se tivesse todo o tempo do mundo e estivesse dedicando um grande raciocínio acadêmico para decidir se deve me matar com aquilo. Ele não vem até o portão, para a alguns passos de distância. Passa a língua de cobra nos lábios, me olhando de cima a baixo. Fazendo uns sons estalados, como se eu fosse a sua próxima refeição.

— Você é o Looper? — pergunto.

— Talvez sim, talvez não. Depende de quem quer saber.

— Bem... sou eu que quero. — Sorrio... um sorriso hesitante.

Looper não gosta do meu sorriso, ele acha que eu estou caçoando dele, não entende bem o motivo, mas não gosta. A confusão faz com que se sinta menos homem, então, meio que dá um grunhido. Limpa a garganta com força e escarra no chão, em protesto.

— Você é o entregador por aqui?

— O único. Tem um trabalho pra mim? Porque eu tenho um trabalho pra você — ele apalpa a braguilha e ri com deboche.

Dou um passo atrás, com repulsa.

— Você é sobrinho do Mickey Flanagan?

— Quem está perguntando?

— Eu. De novo. — Respondo, secamente. — Sou uma cliente. Ele me mandou aqui. — *Ele sabe que eu estou aqui e vão sentir a minha falta. Não me*

mate! — Você fez uma entrega ontem, em Dublin, para o seu tio?

— Faço muitas entregas em Dublin.

Sinceramente, duvido.

— Em uma casa de repouso especificamente.

— É lá que você mora? — ele ri debochado e revela seus poucos dentes amarelados. Em seguida, me olha de cima a baixo, como um gato olhando um rato. Ele quer brincar. Seus olhos são incomuns, uma cor sombria sem muita coisa se passando por trás deles. A ideia desse homem de posse das preciosas bolinhas de gude do meu pai me dá repulsa. Eu não confiaria nesse cara! Olho em volta, mais em busca de ajuda, por uma testemunha, caso tudo dê errado, por um salvador, caso Looper faça o que eu acho que ele quer fazer. Há terras e mais terras cercando a casa. Uma carcaça queimada de carro no meio de um campo.

Looper segue o meu olhar aos campos que se estendem a distância.

— Isso aqui é o fim do mundo. Só prestou pra batata. Meu pai era agricultor. Os empreiteiros ofereceram uma fortuna, ele disse não, disse que era roceiro, o que mais ia fazer? Depois morreu, porra, e me deixou isso, sem ninguém mais interessado em comprar. É um desperdício de espaço.

— Por que você não planta?

— Tenho meu negócio aqui. Minha oficina e meu negócio de entregas.

Nada no quintal sequer lembra um negócio.

— Quer entrar? Eu lhe mostro tudo.

Olho a porta da frente aberta e vejo a bagunça dentro da casa, um monte de coisas sujas empilhadas, e sacudo a cabeça. Não quero passar do portão.

— Você levou cinco caixas da garagem do Mickey para o meu pai. Tem umas coisas faltando de uma caixa e eu estava pensando se você poderia... me ajudar.

— Está me chamando de ladrão?

— Não, eu gostaria de sua ajuda — ênfase. — Você parou em algum lugar? Alguém mais teve acesso a sua van?

— Coloquei tudo na van e segui para Dublin. Simples assim.

— Você abriu as caixas? Algo poderia ter caído?

Ele sorri.

— É o seguinte, vou responder a sua pergunta, se você me der um beijo.

Eu recuo.

— Certo, certo! — ele ri. — Vou responder a sua pergunta, se você apertar a minha mão.

Isso já é bem ruim, mas eu vou na dele. Quero que ele responda minha pergunta.

Looper dá um passo à frente. De mão estendida. Ele coloca a chave inglesa no bolso de trás e ergue a mão, pra mostrar que não está armado.

— Vamos. Se você apertar a minha mão, eu respondo suas perguntas. Sou um homem de palavra.

Eu olho para a mão desconfiada. Estendo a mão e ele pega, puxa meu braço com força, me puxando junto a ele e segura atrás do meu pescoço, aproximando a minha cabeça, para um beijo. Seus lábios tocam os meus e eu fico presa nessa posição. Fecho a boca com força, sem deixar que parte dele entre em mim. Tento me mexer, mas não consigo, ele continua com a mão na minha nuca. Ergo as mãos ao seu peito e o empurro, mas ele é forte demais e eu começo a sentir o pânico aumentando. Ele finalmente recua e lambe os lábios, depois cai na gargalhada.

Eu limpo o rosto furiosamente, querendo correr para o meu carro. Meu coração está disparado, olho em volta em busca de socorro, mas não tem ninguém além de mim, e ele está se matando de rir.

— Você não respondeu a minha pergunta — digo, zangada, limpando meus lábios com força. Recuso-me a ir embora sem resposta, ou melhor, sem as bolinhas de gude. Essa não será uma viagem em vão.

Looper olha pra mim, a chave inglesa de volta na mão, entretido.

— Peguei as suas caixas na casa do Mickey, encostei na estrada e dei uma olhada nelas. Nada de bom, então, lacrei de novo e segui até Dublin — ele sacode os ombros, sem se lamentar. — Papéis e bolinhas de gude de criança não fazem a minha cabeça. Não peguei nada. Sugiro que você vá procurar em outro lugar.

E eu realmente acredito nele. Ele não teria tido miolos pra olhar o inventário. É um livro e eu duvido que ele já tenha lido um livro na vida. E tampouco teria o bom senso de fazer a ligação entre os itens da lista e as bolinhas que estão na

caixa. A pessoa que pegou as duas coleções de bolinhas mais valiosas passou um tempo olhando a lista e os itens, não deu só uma olhada rápida no acostamento da estrada. Pegaram as duas mais caras e isso levaria tempo para descobrir, já que a lista não vai de preços baixos aos altos, ela está toda categorizada pelo nome das bolinhas.

— Valeu a pena? — ele dá uma piscada, quando eu saio como um raio, de volta para o carro. — Eu ajudei? — ele grita, atrás de mim.

Eu ligo o motor e vou embora. Sim, ele ajudou.

Looper não pegou as bolinhas. Aquelas bolinhas não estavam na caixa quando deixaram a casa de Mickey Flanagan. Agora, tenho certeza absoluta disso. E não estavam nas caixas quando chegaram à casa de Mickey. Portanto, tenho que voltar. Talvez, ir bem mais para trás que isso.

Jogando bolinhas de gude: Enluara

— Fergus, está na hora! — a enfermeira Lea diz, alegremente, ao entrar no meu quarto, com um sorriso no rosto. Ela está sempre sorrindo, tem duas covinhas nas bochechas, buraquinhos onde cabem bolinhas de gude, talvez não as do tamanho normal, mas as que são feitas em miniatura caberiam ali direitinho. Ela é uma moça jovem, do interior, de Kerry. Fala tudo cantado e dá pra ouvir sua risada lá do posto de enfermagem, pelo corredor todo, até meu quarto, na outra ponta. Geralmente, estou de bom astral, mas ela consegue me deixar mais animado ainda, como quando o Charlie sai voando e atravessa o teto de vidro da fábrica de chocolate. Se eu tive um dia difícil na fisioterapia, e há vários deles, ela sempre chega com um sorriso, um café quentinho e um cupcake. Ela faz os bolinhos e distribui pra todo mundo. Eu lhe digo que se tiver o mesmo empenho com seus namorados, eles comerão na palma de sua mão, mas, solteira, sempre tem histórias de encontros desastrosos pra me contar.

Tenho uma grande afeição por ela. Ela lembra a Sabrina. Ou como a Sabrina era antes de ter os meninos. Agora, é distraída, obviamente, pelos três menininhos a mil por hora. Nós começamos uma conversa e ela nunca termina, muitas vezes nem temos tempo de terminar a frase. Está mais dispersa do que antes, pois era bem atenta, como a Lea. E está sempre cansada e também ganhou peso. Minha mãe sempre foi durona como as botas antigas, só me lembro de vê-la amolecendo quando tomava mais de um conhaque, o que era raro, talvez duas vezes ao ano. Era magrinha, sempre correndo atrás de nós sete e, depois de cada gravidez, ela logo recuperava sua forma física. Talvez, se eu tivesse conhecido a minha mãe antes que ela tivesse nós todos, eu também notasse a sua mudança, talvez ela tivesse um espírito mais despreocupado antes de nós, e as pressões da vida e da maternidade tenham mudado isso, Deus sabe o quanto minha vida mudou, agora estou aqui. Nem posso imaginá-la despreocupada, nem em fotos, ela está sempre rígida, com uma aparência tensa. Seus braços estão estendidos ao lado do corpo, sem contato físico, rostos melancólicos diante da câmera, e imagino que esse seria o melhor semblante a mostrar. Mas há uma fotografia,

uma que sempre guardo comigo, da minha mãe na praia, tirada pelo meu pai, na Escócia. Ela está sentada numa toalha, na areia, recostada para trás, apoiada nos cotovelos, com o rosto virado para o sol, de olhos fechados. Está rindo. Não sei quantas vezes eu olhei essa foto, imaginando do que estaria rindo. É uma pose provocante, embora eu tenha certeza de que ela não tinha essa intenção. Hamish é bebê e está sentado perto dos pés dela. Provavelmente, risse de alguma coisa que o Hamish fez, ou de algo que meu pai tenha dito, algo inocente que resultou nessa cena. É estranho, eu sei, guardar fotos provocantes da própria mãe, os terapeutas iriam se esbaldar, mas a foto me anima.

Quando penso em Sabrina, vejo seu rosto franzido, preocupado.

— Vamos assistir a um filme 3D? — pergunto a Lea, provocando por conta dos óculos engraçados que ela está usando.

— Também trouxe pra você — diz ela, tirando um par de óculos do bolso e me entregando. — Coloque no rosto.

Eu coloco e mostro a língua, e ela ri.

— Você se esqueceu, Fergus, do eclipse solar de hoje?

Não tenho certeza de que me esqueci, pois nem sei se eu sabia.

— Nós temos um céu perfeito para vê-lo, sem nuvem alguma, em lugar nenhum. Claro que não estamos no lugar perfeito, eles não param de falar no rádio dos melhores lugares para ficar, porém, o sol é o sol, onde quer que você esteja. Fiz cupcakes pra todo mundo. Cupcakes de baunilha, eu queria fazer de chocolate, mas a Fidelma, minha nova companheira de apartamento, lembra que lhe falei dela, a enfermeira de Donegal? Ela comeu todo o meu chocolate que estava na geladeira — diz Lea, fumegando. — Quatro barras. Das grandes. Agora, espalhei *post-its* pela casa inteira com mensagens assim: “Não toque”, “Não coma”. Só de olhar pra ela, fico zangada. E lembra aquela nova TV de plasma que ganhei do meu vizinho, que ia jogar fora? Ela não tem a menor ideia de como usar, fica apontando controles errado. Eu a vi apontando o controle remoto do gás pra tela da TV.

Nós dois rimos disso. Ela fala, mas não de um jeito zangado, é bem-humorado, diz tudo com um sorriso no rosto, e aquela voz forte cantarolada. É adorável, parece um passarinho na janela, numa manhã ensolarada de maio. Conta essa história enquanto me ajuda a levantar da poltrona de leitura e sentar na cadeira de rodas. Lea está comigo na maioria dos dias, mas quando não está,

as outras têm um estilo diferente, que é difícil pra eu me acostumar. Algumas são mais quietas, procurando ser respeitosas, ou ficam perdidas em pensamentos sobre o que está se passando em suas vidas, ou são mandonas demais comigo, me fazendo lembrar da minha mãe quando me dava broncas, quando eu era menino. Elas não são rudes, mas a Lea tem um toque mágico. Sabe como falar comigo para fazer as coisas, fala de outras coisas, como se o que estamos fazendo nem esteja acontecendo. É bom ter isso de uma pessoa que lava sua bunda e limpa seu saco. O silêncio das outras me faz perceber o que realmente está acontecendo. Tom, da porta ao lado, não a suporta.

— Ela nunca fecha a matraca? — ele resmunga, e fala tão alto que ela ouve, mas isso não a detém. Tom é assim, ele não ficaria feliz se não tivesse alguma coisa pra reclamar.

Ela empurra minha cadeira até o sol, no pequeno gramado onde ficamos em dias ensolarados como hoje. Todos estão reunidos lá fora, olhando o céu, com esses óculos plásticos ridículos. O rádio está ligado na Rádio One, com um comentário ao vivo do que estamos prestes a ver, como eles têm feito a semana inteira. Nunca ouvi falar tanto de numbra e penumbra, e também têm os camaradas que ficam falando das magias e vodus com a lua cheia, se bem que nisso eu acredito. Quando a Sabrina era pequenininha, ela nunca conseguia dormir quando tinha lua cheia. Sempre vinha pro nosso quarto, subia na nossa cama e ficava encolhidinha no meio da Gina e de mim. Ficava ali deitada, acordada, suspirando ruidosamente, passando a mão no meu ombro, no meu rosto, qualquer coisa pra me acordar e lhe fazer companhia. Uma vez, eu a levei lá pra baixo e fiz chocolate quente, e nós ficamos olhando a lua, como se estivéssemos hipnotizados por ela, como se tivéssemos uma conversa em silêncio com ela, e eu acabei pegando no sono na poltrona. A Gina desceu e soltou os cachorros em mim, disse que tinha colégio no dia seguinte, que eram três horas da madrugada, e o que eu achava que estava fazendo? E pronto.

Agora, penso nela nas noites em que vejo a lua cheia, imagino se está acordada, sentada na cozinha, tomando chocolate quente, com seus longos cachos caídos nas costas, embora agora os cachos já tenham sido cortados.

Todos estão a mil por hora, empolgados com o fenômeno natural. Lea agora está me contando do encontro amoroso que teve ontem à noite, enquanto passa protetor solar em meu rosto e nos braços. Minhas pernas estão cobertas. Ela foi ao cinema com um guarda de Antrim. Estalo a língua nos dentes, reprovando.

— Você não pode conversar no cinema — eu digo. — Nunca vá ao cinema no primeiro encontro.

— Eu sei, eu sei, você me disse isso quando ele me convidou e estava certo, mas depois nós saímos para tomar uns drinques e, acredite, fiquei contente pelas duas horas que não conversamos, ele é um idiota, Fergus. Minha ex-namorada isso, minha ex-namorada aquilo. Bem, então, sabe de uma coisa, fique com a sua ex-namorada. Estou saindo.

Eu rio.

— Vou pegar um cupcake, qual você quer? Tenho uns com jujubas ou marshmallows, e a Fidelma também os comeu — ela diz, sorrindo.

— Então, me surpreenda — eu digo. Enquanto ela vai buscar, olho em volta e vejo que há um bocado de visitantes hoje. As crianças correm pelo gramado, um menino está com uma pipa, mas, por mais que ele corra, não consegue tirá-la do chão, hoje não tem vento. Não há nuvens no céu, é um dia lindo e azul, com alguns rodamosinhos brancos. Isso dá a centelha a minha imaginação e eu me esforço para conseguir lembrar algo, mas não consigo. Às vezes, isso acontece. Muito, na verdade. E me deixa frustrado.

— Aqui está — ela volta com um prato e dois cupcakes e um refrigerante.

Olho tudo ligeiramente confuso.

— Você não quer? — ela pergunta.

— Não, não, não é isso — digo. — A minha esposa vem?

Ela se retrai um pouquinho, mas puxa uma cadeira e senta ao meu lado.

— Você quer dizer a Gina?

— É claro que estou falando da Gina. Minha esposa, a Gina. E Sabrina e os meninos.

— Lembra que os meninos foram acampar com o pai deles hoje? Aidan ficou de levá-los para Wicklow, junto com os primos.

— Ah, é verdade. — Eu não me lembro disso. Parece algo divertido para todos eles. Alfie sem dúvida vai caçar minhocas, ele gosta disso. Ele lembra um pouquinho o Bobby, quando era pequenininho, só que em vez de comer as minhocas, como o Bobby fazia, ele gosta de dar nome a elas. Uma vez, ele me fez guardar a minhoca Whilomena numa caneca, o dia inteiro. — Mas, e a Sabrina? Onde está ela? — Imagino aquele rosto franzido de concentração,

como se ela estivesse tentando resolver um problema, ou se lembrar da resposta de alguma coisa que esqueceu. Sim, é isso. Sempre como se ela tivesse esquecido alguma coisa. Se os meninos estão todos fora passeando, então, ela deve estar sozinha. A menos que ela esteja com Gina, mas, ultimamente, a Gina está sempre ocupada com Robert, seu novo marido. É claro que foi por isso que a Lea me olhou daquele jeito. Tenho de parar de chamar Gina de minha esposa. Às vezes, me esqueço dessas coisas.

— A Sabrina esteve aqui hoje de manhã, lembra? Acho que ela tinha umas coisas pra resolver, mas tenho certeza de que ela estará de volta amanhã, para visitá-lo, como sempre.

Eu procuro em meus bolsos.

— Posso ajudá-lo, Fergus?

Lea, de novo, sempre na hora certa.

— Meu telefone, acho que o deixei no quarto.

— Acho que agora está chegando perto da hora do eclipse. Posso pegar pra você depois? Não quero que você o perca, falando ao telefone.

Penso em Sabrina e tenho uma sensação aflitiva, torcendo para que ela não esteja sozinha. Vejo-a como uma menininha, seu rosto claro iluminado pela luz branca.

— Agora, por favor, se você não se importar.

Sinto que pisquei e a Lea já está de volta. Estava perdido num pensamento, mas agora não consigo lembrar o que era. Lea está ofegante e me sinto mal por quase tê-la feito perder o eclipse. Claro que ela está empolgada com algo desse tipo. Ela deveria ter saído num encontro amoroso para assistir, se tivesse conseguido uma folga, e eu estou egoisticamente feliz que ela não tenha ido. As outras teriam esperado até depois do eclipse para pegar meu telefone.

Ligo para o número de Sabrina.

— Pai — ela atende imediatamente, no primeiro toque. — Estava pensando no senhor.

Eu sorrio.

— Captei seus pensamentos. Está tudo bem?

— Sim, sim — ela diz, distraída. — Espere um instante, vou me afastar um

pouco, um minuto, pra poder falar.

— Então, você não está sozinha?

— Não.

— Bom, eu estava torcendo pra que você não estivesse. Sei que o Aidan e os meninos estão acampando. — Sinto-me tolamente orgulhoso de mim mesmo por parecer que eu me lembro disso, quando, na verdade, não lembrava. — Onde você está?

— Estou sentada no capô do meu carro, no meio de um campo, em Cavan.

— Mas que diabos está fazendo aí? — Ela dá uma risada, um riso leve. — Está com amigos?

— Não, mas tem um monte de gente aqui em volta, assistindo. É um daqueles lugares oficiais para observação.

Silêncio. Tem mais coisa. Algo que ela não está me contando.

— Estou só dando uma volta, procurando uma coisa.

— Você perdeu algo?

— Sim. De certa forma.

— Espero que encontre.

— É... — Ela parece distante outra vez. — Então, como vai você? Está num ponto bom para ver o eclipse?

— Eu estou ótimo. Estou sentado aqui do lado de fora, no gramado, comendo bolo e tomando refrigerante, observando o céu. Acho que não estamos na trilha correta, não sei como se chama, mas o acontecimento está nos mantendo ocupados. Estava pensando em você, enquanto olhava, algo hoje me lembrou de algo que aconteceu quando você tinha dois anos. — Foi o sorriso da Lea que me fez lembrar, pois nas covinhas dela cabem bolinhas de gude em miniatura. — Acho que nunca lhe contei isso.

— Se for algo ruim, então, eu tenho certeza de que a mamãe me contou.

— Não, não, ela nunca soube disso. Não contei a ela.

— Ah, é?

— Ela precisou sair, um dia, uma consulta médica, ou talvez um enterro, não lembro bem, mas ela a deixou comigo. Você tinha dois anos. Você conseguiu

pegar umas bolinhas de gude que encontrou no meu escritório.

— É mesmo? — ela pareceu surpresa, interessada, tão surpreendentemente ávida e esse nem era o ponto alto da história. — Que tipo de bolinhas?

— Ah, bem pequeninas. Miniaturas. Aqui está escurecendo, aí também?

— Sim, aqui também. Mas continue.

— É um cachorro que ouço uivando?

— Sim, os animais estão ficando nervosos. Acho que eles não estão contentes com a situação. Conte-me mais, pai, por favor.

— Bem, você enfiou uma bolinha no nariz. Na narina direita ou esquerda, não me lembro.

— Eu o quê? — ela ri. — Por que faria isso?

— Você tinha dois anos, por que não?

Ela ri.

— Bem, eu não conseguia tirar o maldito negócio, tentei tudo que pude, então, acabei levando você na emergência. Eles tentaram com pinças, tentaram fazer você assoar o nariz, algo que você não conseguia fazer, só ficava soprando pela boca, até que o dr. Punjbi, um médico indiano com quem fiz alguns negócios, depois, acabou fazendo respiração boca a boca e apertou sua narina, e ploft... saiu.

Nós dois rimos. Agora caiu o crepúsculo e todos à minha volta estão olhando para o alto, de óculos, parecendo um monte de bobos, inclusive eu. Lea me vê e faz um gesto animado, erguendo o polegar.

— Quando a sua mãe chegou em casa, naquele dia, você disse a ela que um homem indiano a beijara. Fingi não ter ideia do que você estava falando, que você tinha visto isso num desenho animado, algo assim.

— Eu me lembro dessa história. Nossa vizinha ao lado, a Mary Hayes, falou que eu disse a ela que eu tinha beijado um homem indiano. Nunca soube de onde veio essa história.

— Você disse pra rua inteira, eu acho.

Nós rimos.

— Me conte mais sobre a enluarada — diz Sabrina.

Sou surpreendido pelo pedido. Isso me deixa inquieto e não sei o motivo. Eu me sinto constrangido e meio aborrecido. É tudo muito confuso. Talvez tenha a ver com o que está acontecendo no céu. Talvez todos estejam se sentindo assim, nesse momento. Eu me recomponho.

— A bolinha de gude enlutarada — digo, visualizando a imagem na cabeça.
— Uma história apropriada para o dia de hoje, talvez por isso tenha me ocorrido. Estava procurando um tipo específico, mas não conseguia encontrar, só consegui comprar as miniaturas. Uma caixa com duzentas e cinquenta delas, como pequenas pérolas, e vieram num pote maravilhoso de vidro, como um vidro de geleia gigante. Não sei como você conseguiu pôr as mãozinhas numa delas, eu a deixei por um instante, eu acho, ou não estava olhando, quando deveria.

— Como era a bolinha de gude?

— Você não quer saber disso, Sabrina, é tedioso...

— Não é tedioso — ela interrompe, com a voz insistente. — É importante, estou interessada. Conte-me, quero ouvir.

Eu penso, por um momento, fecho os olhos e imagino, com meu corpo relaxando.

— Uma bolinha enlutarada é translúcida e eu acho que o que gosto nela é que, quando uma luz forte é lançada sobre ela, surge um fogo ardente por dentro, bem no meio. Elas têm um brilho interno notável.

E é estranho, eu me sinto tão estranho nesse momento incomum, quando o sol se foi, desapareceu por trás da lua, no meio da tarde, percebo o motivo exato que me faz guardar a fotografia da minha mãe. É porque, assim como a enlutarada, você pode ver seu fogo ardendo por dentro, e isso, em qualquer pessoa ou qualquer coisa, é algo notável, para se guardar e preservar, pegar para observar, quando você sentir necessidade de se revitalizar, ou de se tranquilizar, talvez, quando o seu brilho interior tenha esmorecido e o fogo que há dentro de você parecer mais uma brasa apagando.

— Pai? Pai, você está bem? — ela está sussurrando e eu não sei por que ela está sussurrando.

A lua passou completamente pelo sol e a luz do dia voltou. Todos à minha volta estão dando vivas.

Sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto.

Regras da piscina:

Proibido urinar na piscina

Estou sentada no capô do meu carro, num campo onde parei para observar o eclipse. Um esperto fazendeiro local cobrou dois euros de todo mundo para estacionar o carro e ver o eclipse em seu terreno. Todos os capôs estão repletos de gente usando óculos ridículos. Acabei de desligar o telefone com meu pai e estou com um bolo na garganta, mas o ignoro e folheio loucamente as páginas do inventário de suas bolinhas de gude. Paro de repente.

Enluaradas.

Ele tem muitas, mas vou correndo o dedo pela lista e encontro o que estou procurando.

Enluaradas em miniatura (250) e também há uma menção ao pote de vidro em boa condição. Abaixo está escrito “Melhores luas do mundo”, bolinha de gude da Christense Agate Company, e a descrição do meu pai. *Uma bolinha translúcida opalescente com minúsculas bolhas de ar no interior e um tom ligeiramente azulado. Cortesia do dr. Panjabi.*

Todos ao meu redor estão festejando conforme o sol ressurgue em sua plenitude. Não sei quanto tempo demorou a coisa toda, alguns minutos talvez, mas todos estão se abraçando e aplaudindo, comovidos pelo acontecimento natural. Meus olhos estão molhados. Foi o tom de voz do meu pai que mais me surpreendeu e comoveu. Estava completamente alterado, ele parecia outro homem falando comigo. Outra pessoa resplandeceu através da história, uma história secreta sobre ele e eu, quando criança, mas não foi só isso, foi uma história de bolinha de gude. Nos trinta anos da minha vida, não me recordo de ter ouvido essa palavra passar pelos lábios dele e agora, enquanto estou nessa... busca e enquanto assisto a um fenômeno natural, me sinto oprimida. Tiro meus óculos de eclipse para limpar os olhos. Agora, preciso dirigir direto até o meu pai, conversar com ele sobre as bolinhas. Não parecia certo tocar no assunto antes, quando ele não conseguia se lembrar claramente delas, mas, talvez os rubis tenham sido a centelha para mais lembranças hoje.

Expiro lentamente e ouço a voz de Aidan de uma conversa anterior.

— O que há de errado?

— Nada — respondo.

— Você suspirou — ele diz, demonstrando o que fiz. É um suspiro pesado, lento e triste. — Você faz isso o tempo todo.

— Não estava suspirando, só estava... expirando.

— Suspirar não é isso?

— Não, não é, eu só... não importa. — Continuo fazendo os lanches da escola, em silêncio. Manteiga, presunto, queijo, pão. Próximo.

Ele bate a porta da geladeira, ao fechá-la. Percebo que não estou me comunicando outra vez.

— É só um hábito — digo, me esforçando para me comunicar, pra não estrilar, não ficar zangada. Tenho que seguir as regras do meu terapeuta. Não quero ficar na saia justa de novo, a semana inteira, por conta das minhas faltas. Nem quero ir à terapia. Aidan acha que vai nos ajudar. Eu, por outro lado, acho que o silêncio e a tolerância não são as melhores maneiras de avançar, mesmo que a tolerância esteja por um triz, particularmente quando não sei qual é o problema ou se já é um problema. Só me dizem que meu comportamento aponta para o fato de que há. Meu comportamento sendo de silêncio e tolerância. É um círculo vicioso.

— Eu prendo o ar, depois solto — explico ao Aidan.

— Por que você prende o ar? — pergunta ele.

— Não sei.

Acho que ele vai ficar zangado outra vez, porque vai achar que estou escondendo algo, algum segredo imenso que não existe, mas que ele acha que existe. Mas ele não diz nada, está pensando.

— Talvez você esteja esperando que algo aconteça.

— Talvez — eu digo, sem realmente pensar, acrescentando uvas--passas às lancheiras, apenas feliz que ele não esteja mais zangado. Depois de evitada a discussão, eu não preciso me preocupar com a fragilidade que o cerca. Ou talvez essa fragilidade esteja à minha volta.

Penso sobre isso agora. Sim, talvez eu esteja esperando que algo aconteça.

Talvez nunca aconteça. Talvez eu mesma tenha que fazer acontecer. Talvez isso que eu esteja fazendo agora.

Meu telefone toca e eu não reconheço o número.

— Alô?

— Sabrina, Mickey Flanagan. Você pode falar?

— Sim, claro, estou a caminho de casa, para ver o eclipse. — Fico imaginando se ele sabe da visita que fiz ao seu sobrinho. Espero que não. Acusá-lo foi uma coisa. Acusar seu sobrinho seria uma ofensa em dobro. Mesmo que, no fim das contas, ele tivesse aberto as caixas.

— Foi incrível, não? Fui pra casa observar com minha cara metade, a Judy. Nós estávamos falando de você e das bolinhas de gude. — Ele para e eu sei que vem coisa. — Estávamos falando sobre as suas caixas e Judy se lembrou de que elas não vieram juntas, no mesmo dia, numa única entrega.

— Não? — sento mais ereta e desacelero o carro.

— As primeiras caixas vieram numa van com meu entregador, da mesma forma que eu providenciei com a família. Mas a Judy acabou de me lembrar de que alguns dias depois chegaram mais caixas. Eu tinha me esquecido disso, mas a Judy não. Ela se lembra porque eu não lhe dissera que ia armazenar algo para alguém e ela só descobriu quando uma mulher chegou à nossa casa com mais três caixas. A Judy teve que me ligar no escritório para checar. Não sabia se a mulher era uma maluca, inventando coisa.

— Uma mulher?

— Isso mesmo.

— Uma mulher entregadora?

— Não, a Judy não acha que ela fosse uma entregadora. Apesar de ter sido há mais de um ano, a Judy é bem perceptiva, tem uma memória afiada. Ela não estava dirigindo uma van, mas apenas um carro. Ela não sabe nada da mulher, elas não falaram muito. Achou que talvez fosse uma vizinha ou uma colega.

— E essa mulher entregou três caixas?

— Entregou.

Que só podiam conter as caixas de bolinhas. Não? Novamente penso em minha mãe e imagino se, por algum motivo, ela está escondendo, se não quis que

eu visse essas três caixas.

— Mais uma coisa — ele acrescenta, apressado, e parece constrangido pelo pequeno detalhe. — A Judy disse que ela era loira.

Minha mãe não é loira. Tento rapidamente pensar em minhas tias, mas descarto rapidamente, não as vejo há anos, elas podem ter até cabelo roxo, agora, ou tinham cabelo loiro no ano passado e nenhum cabelo agora. Tenho mais perguntas, mas isso é realmente tudo o que ele pode fazer por mim.

— Boa sorte, Sabrina — diz Mickey. — Espero que você as encontre. Isso vai me deixar sossegado.

Jogando bolinhas de gude: Metálicas

Comuns. A bolinha dos garotos pobres. Foram as primeiras bolinhas. Feitas de barro, nem sempre eram redondas e perfeitas, mas eram baratas e comuns, e levavam todas as crianças pra rua pra brincar, durante a Primeira Guerra Mundial. Depois vieram as *aggies* e as de porcelana, e as bolinhas de gude de vidro, que eram mais bonitas, não havia duas iguais. As de vidro são as minhas preferidas. Mas também tem as metálicas. Eu tinha algumas dessas. As metálicas são cromadas e feitas de metal sólido, como cavaleiros numa batalha, e são para arremessos mortais. São pesadas e velozes e fazem as bolinhas dos oponentes saírem voando do ringue. Assim sou eu hoje. Estou cercado de vidro e porcelana, talvez até um pouquinho de barro, mas sou a metálica. Tenho vinte e quatro anos e estou mandando todos os homens da vida de Gina pra fora do ringue.

A paróquia de Iona é o local do grande dia. A igreja local de Gina é onde ela foi batizada, recebeu a primeira comunhão, como uma noivinha, fez crisma e agora finalmente vai se casar. O mesmo padre que realizou todos esses eventos marcantes da vida dela vai nos casar hoje e olha pra mim do mesmo jeito, desde o momento em que nos conhecemos.

Ele me odeia!

Que tipo de família tem um padre como amigo? O tipo de família da Gina. Ele enterrou o pai dela, confortou a mãe, em muitas noites de uísque grátis e conselhos e agora me olha como o bastardo que vai trepar com ela até o sol raiar. Ora, se isso está sendo oferecido, eu aceito. Ele me olha como se eu estivesse tomando seu lugar no clã. Disse isso a Gina, disse que ele estava me olhando esquisito. Ela disse que é porque ele a conhece desde que ela nasceu, ele é protetor, uma figura paternal. Eu não disse nada, mas acho que ele tem cara do pai que precisa ser trancafiado pra tomar uma boa coça.

A Gina disse que eu estou paranoico quanto à maioria dos amigos dela não gostarem de mim. Talvez eu esteja. Acho que eles me olham engraçado. Ou

talvez seja por serem tão educados, como se eu não conseguisse saber exatamente quem são, porque não estão gritando do outro lado da mesa, nem atracados comigo no chão, nem me dizendo o que eles realmente acham, e isso me faz desconfiar deles. Na minha família, não havia boas maneiras, nem cortina de fumaça pra disfarçar. Nem na minha casa, nem na minha escola, nem na minha rua. Eu sei onde me situo com eles, mas o padre não gosta de mim e sei disso. Sei pelo jeito que me olha quando a Gina não está olhando. Dois homens, como dois alces, prontos para emaranhar as galhadas e arrancar os chifres um do outro. Ainda bem que o pai da Gina está morto, ou eu teria que lidar com aquela baboseira de propriedade, o camarada que está “roubando” a filha, mas eu não esperava ter esse problema com o padre da família.

E o médico da família.

Céus, ele também! Que tipo de família tem um médico? O tipo de família da Gina.

Quando a gente ficava doente, a mamãe tinha suas maneiras de nos fazer melhorar. Bicarbonato de sódio e água para queimadura de sol, manteiga e açúcar para tosse, açúcar mascavo e água fervendo para prisão de ventre. Eu me lembro de que tive um caroço no joelho e o Mattie mergulhou na água fervendo, depois bateu em cima com um livro, coisa simples, e o negócio sumiu. Uma espinha que nasceu no nariz do Hamish foi cortada com a tesoura e tratada com loção pós-barba. Iodo para cortes. Gargarejo com água e sal para a garganta. Nós raramente tomávamos antibióticos. Raramente ficávamos tempo suficiente com um médico para fazer a amizade que Gina e sua mãe têm com o clínico geral delas. Nenhum médico de família e, decididamente, nenhum que desse a mínima para a pessoa com quem nos casássemos. Mas essa é a família da Gina. Até pior, ou melhor, não tenho certeza, eu farei parte dessa família. Posso até ouvir o Hamish gargalhando. Ouço sua risada ao arrumar minha gravata no banheiro e me aprontar para a recepção que o avô da Gina está pagando.

— Melhor dia da sua vida? — pergunta o Angus, todo irônico, dando uma mijada no mictório, ao meu lado, atrapalhando meus pensamentos.

— É.

Eu tinha convidado Angus para ser meu padrinho, queria que o Hamish estivesse aqui pra isso, apesar de que com ele seria mil vezes mais arriscado e faria com que todos os membros da família saíssem correndo da recepção, com seu discurso. Não, isso está errado. O Hamish era sutil. Ele não era como o

restante, ele observava, sabia chegar junto, julgar a atmosfera e depois tomar sua atitude. Isso não significava que não fizesse nada de errado, mas, pelo menos, pensava a respeito, não saía dizendo a primeira coisa que viesse à cabeça, como os outros. Já faz seis anos que ele morreu, mas eu o mantenho vivo em minha cabeça. Só que o Angus era o mais próximo do Hamish e, se eu não envolvesse a minha família no casamento, de alguma forma, ia ter morte. Se realmente tivesse escolhido, teria convidado meu camarada Jimmy, mas seria complicado. Uma pena, na verdade, porque ele é a pessoa com quem eu mais gosto de conversar.

Falo mais com ele do que com qualquer outra pessoa. Estamos sempre falando de alguma coisa, contanto que seja algo sobre nada. Eu poderia passar o dia todo assim, com ele. Ele tem a mesma idade que eu, também gosta de bolinhas de gude; assim que nos conhecemos, jogamos algumas vezes por semana. Só homens feitos jogam. Ele diz que conhece alguns outros, nós brincamos sobre montar um time juntos, para irmos disputar um título internacional. Eu não sei. Talvez a gente consiga isso algum dia.

Eu me senti estranho em não dizer ao Jimmy sobre hoje. Amigos contariam, não? Mas, nós não. Ele também não me conta exatamente tudo sobre si, só um pouco pra que eu deduza, eventualmente, mas ele é bem enigmático. Gosto que seja assim. Por quê? Já me perguntei muito isso. Gosto quando posso me manter comigo mesmo. Posso controlar o que as pessoas sabem de mim. O garoto da Escócia que se mudou para Dublin, para todos falarem dele, dormiu no chão durante um ano, com todos falando, e tinham razão de falar, Tommy, o bebê da mamãe, veio cedo; depois, nós, garotos, endiabrados; depois, bem depois, o Hamish morreu, o falatório, todos falando sobre o que ele fez e o que deixou de fazer. Todos resumindo-o numa frase, ou palavra, ou uma visão, como se o conhecessem, mas jamais conheceram e nem poderiam. Não como eu. Acho que nem os meus irmãos o conheciam como eu conheci. E eu queria me afastar de tudo isso. Todo aquele falatório. Queria ser quem eu quisesse, pelo que eu quisesse. Sem motivos, sem falatório. Hamish fez isso, mas ele deixou o país, eu não sei se conseguiria fazer isso.

Leve-me pra longe de todos eles, mas não longe demais. Eles me deixam maluco, mas preciso deles. Preciso pelo menos vê-los, de longe, saber se estão bem.

Se quisesse casar com uma menina que peguei quando tinha catorze anos, teria ficado ali, mas não. Eu tinha vinte e três anos, estava pronto para casar e deixar a área de domicílio para conhecer uma garota como Gina. Não que eu

tenha viajado pra longe. Foi só uma caminhada de quinze minutos. Apenas uma nova comunidade, só isso. E nós também não viemos do nada. Morávamos numa fazenda na Escócia, até meus cinco anos, minha mãe conheceu meu pai quando foi pra lá pra ser babá, então, depois de dormirmos no chão da tia Sheila, nós também mudamos para uma casa bacana, com terraço, em St. Benedict's Garden, perto da esquina da rua Dorset, casa de família do Mattie, que acabou ficando com ele, depois que seus pais bateram as botas. O Mattie se dá muito bem com seu açougue Butchers, e agora todos nós trabalhamos lá, dando cada centavo à minha mãe, tudo que ganharmos até casar, mas a questão não é onde você foi criado e sim como foi criado. E a mãe da Gina a criou de um jeito diferente do jeito que a minha mãe criou a gente. Criar homens é diferente, eu ouvi a mamãe dizer quando a sra. Lynch estava falando de meninas.

Queria alguém melhor que eu; até bem mais tarde, não sabia que queria isso porque *eu* queria ser melhor, como se ela fosse passar isso pra mim. Não ter mais dinheiro, mas ter mais educação, do jeito verdadeiro que ela ouvia atentamente. Nós dois perdemos nossos pais quando éramos pequenos, então, não se pode dizer que ela tenha tido uma vida protegida, nenhuma criança deveria ter de passar por isso, mas tudo o que ela fazia era nos arredores da rua onde morava. O mesmo foi com suas amigas. Escola, lojas, trabalho. O pai dela tinha uma fábrica de botões, eles moravam num daqueles casarões em Ione, espaço de sobra para muitos filhos que eles não tiveram porque ele morreu, caiu duro, de ataque do coração. A mãe dela transformou a casa numa hospedaria e eles têm bastante movimento em dias de jogo, com o Croker ali perto, e a Gina trabalha lá com ela. Sempre as anfitriãs perfeitas. Educadas. Acolhedoras. Toda vez que eu as encontro é como se elas estivessem no balcão da recepção, não importa onde estejam.

Eu sabia que o pai da Gina tinha morrido, então, usei isso pra puxar conversa. Usei a morte do meu pai pra inventar um monte de baboseiras sobre o quanto eu sentia sua falta, como o sentia por perto, imaginava se ele estaria me vendo lá de cima, esse tipo de coisa. Tinha descoberto que as mulheres adoram essas coisas. Eu me sentia bacana falando daquele jeito, mas nunca senti meu pai por perto. Nunca. Jamais. Nem quando eu precisava dele. Não sou ressentido por isso, meu pai está morto e morto é morto, e quando você está morto, é de se pensar que queira simplesmente aproveitar que está morto, sem ter que se preocupar com as pessoas que deixou pra trás. Preocupação é para os vivos.

Já o Hamish, não sei, às vezes, eu achava que estava com ele, pensava nele

por perto. Se estou prestes a fazer alguma coisa que não devo, eu o ouço, aquela risada de fumante que ele tinha desde os dezesseis anos, ouço-o me alertando, o som do meu nome saindo por entre seus dentes cerrados, ou sinto seu punho em minhas costelas, como se ele estivesse tentando me impedir. Mas isso é só lembrança, não é? Não é ele, realmente, me ajudando, como um fantasma.

Eu poderia ter falado com a Gina sobre o Hamish, mas não falei. Preferi falar do meu pai. Assim, ficava mais fácil inventar as coisas. Isso não me torna um mentiroso, nem uma pessoa ruim. Não seria o primeiro cara a ganhar uma garota só por dizer as coisas que ela quer ouvir. Angus ganhou a Caroline quando ficou fingindo, durante seis semanas, que tinha quebrado a perna, depois que ela trombou com ele de bicicleta. Ela ia visitá-lo, se sentindo culpada, e toda vez que ela vinha, ele voltava correndo do futebol, no beco, e botava a perna pra cima, sobre as almofadas no sofá. Todo mundo fingia junto. Acho que a minha mãe achava engraçado, embora ela não sorrisse. Mas ela também não o mandava parar. Acho que ela gostava quando a Caroline o visitava. Elas conversavam. Acho que a mamãe gostava de ter uma menina em casa. Angus acabou ficando com ela. Duncan também. Ele passou um ano inteiro fingindo que gostava da banda Abba. Ele e a Mary até dançaram a primeira dança ao som da banda, no casamento, antes que ele dissesse, bêbado, que detestava, e nunca mais queria ouvir aquilo. Ela saiu correndo chorando pro banheiro, e foram necessárias quatro garotas e um kit de maquiagem para fazer com que ela saísse.

Em nosso primeiro encontro de verdade, levei a Gina a um restaurante italiano na Capel Street. Achei que ela fosse gostar de algo exótico assim, embora massa não fosse o meu forte. contei a ela sobre jogar bolinhas de gude e ela riu, achando que eu estava brincando.

— Ora, vamos, Fergus, sério, o que você joga, de verdade? Futebol?

Foi ali. Eu não lhe contei, por alguns motivos. Fiquei constrangido por ela ter rido. Estava me sentindo sem jeito no restaurante, os garçons me deixavam nervoso, ficavam me olhando, como se eu fosse roubar o garfo e a faca. Os preços no cardápio eram mais do que eu tinha imaginado e ela pediu entrada e prato principal. Eu teria que pensar em alguma coisa, antes que ela pedisse sobremesa. De qualquer forma, quando ela riu, eu pensei, é... talvez ela esteja certa, talvez seja uma bobagem, talvez eu não jogue mais. Então, pensei que poderia continuar jogando e também tê-la, e foi assim, achando que não teria nada demais manter as coisas separadas, não era como se eu a estivesse traindo, embora eu já tivesse traído, algumas vezes, àquela altura. Esperando uma esposa

virgem, eu tinha que me aliviar algumas vezes, com Fiona Murphy. Juro que ela sabia como eu estava desesperado, assim que me via. Não levava a Gina à minha área por vários motivos, Fiona Murphy era um deles, além de todas as outras garotas com quem eu tinha estado. Fiona literalmente me tinha na palma da mão. O pai dela trabalhava na fábrica Tayto, e ela sempre estava com hálito de queijo e cebola. Mas nunca a beijei. E agora que estava casado, eu teria de mudar tudo isso. Um voto é um voto.

Eu estava com Gina havia um ano e ela não tinha encontrado muito a minha família, durante esse tempo. Algumas vezes, não o bastante para causar indignação de nenhum lado, mas eu sabia que não era o suficiente. Visitas curtas, breves. Dava uma passada em casa, numa festa. Nunca deixei que ela os conhecesse, porque, então, ela me conheceria, ou o eu que ela acha que eu sou. Quero que ela me conheça estando comigo.

— Está tendo um drama com uma das madrinhas da Gina — diz o Angus. — Aquela com os peitões.

Dou uma risada.

— Michelle.

— Ela disse que o namorado levantou e foi embora da igreja, que o viu saindo antes que ela fizesse a sua entrada monumental.

Faço uma careta.

— Isso foi meio rude.

— Agora, todas as garotas estão no banheiro, tentando consertar a maquiagem dela.

Faço outra careta. Mas não estou realmente ouvindo o Angus, estou me concentrando mais no que estou prestes a dizer. A coisa certa, do jeito certo.

— Angus, você sabe o discurso.

— Ahã, está bem aqui — ele tira um papel do bolso, com várias páginas, mais folhas do que eu tinha imaginado, e abana orgulhosamente, no meu rosto. — Passei o verão inteiro escrevendo isso. Falei com alguns dos seus antigos colegas de escola. Lembra do Lampy? Ele tinha algumas histórias pra contar.

E agora fazia sentido que Lampy tivesse se desculpado comigo, depois da cerimônia.

Angus enfia o papel de volta no bolso. Ele dá uma batidinha, pra ter certeza

de que está seguro.

— É, bem... só lembre que... é... a família e os amigos da Gina são, bem, você sabe, eles não são como a gente.

Assim que eu digo isso, vejo que foram palavras erradas. Vejo pela expressão no rosto dele. O dia inteiro tinha sido gritante que eles não eram como a gente. Pra começar, eles são mais quietos. Não terminam todas as frases com um palavrão. Usam outras palavras para se expressarem.

Eu tento voltar.

— É só que eles não são *exatamente* como a gente. Sabe? Eles têm um humor diferente. Nós, Boggs e Doyles, somos de um jeito diferente. Por isso, só estava pensando se você poderia ir devagar com o discurso. Entende o quero dizer? Os avós da Gina são idosos. Religiosos pra cacete, sabe.

Ele sabe. E me olha com absoluto desprezo. Da última vez que eu tinha visto essa expressão no rosto dele, foi seguida de uma cabeçada.

— Claro — ele diz, simplesmente. Então, me olha de cima a baixo, como se não tivesse ideia de quem eu era, como se não fosse o seu irmão, diante dele, diante de uma poça de mijo. — Boa sorte, Fergus. — E ele sai do banheiro e me deixa ali, me sentindo como um merda.

O discurso dele foi tedioso. Foi o discurso mais anestesiante da história. Nada de piadas, só formalidade. Ele não enfiou a mão no bolso pra pegar todas aquelas páginas escritas à mão que eu sei que ele passou semanas escrevendo e provavelmente ensaiou a noite toda. Foi um discurso sem a menor emoção. Sem amor. Eu poderia ter pedido a um estranho da rua pra fazer algo melhor. O que talvez seja o ponto. Um estranho que nem me conheça.

A mãe da Gina, o médico da família e o padre, todos acharam “extraordinário”.

Minha mãe usou o mesmo vestido que tinha usado no casamento do Angus. Usou outro no do Duncan, alguns meses antes, e voltou a esse vestido, para o meu. É verde-ervilha, com um casaco e saltos baixos. Uma presilha cintilante no cabelo. É seu melhor broche. Meu pai deu pra ela, eu me lembro. Um broche com pedras verdes. Ela está de maquiagem, um pó que a deixa mais pálida e batom vermelho borrado nos dentes. Não está dançando. Eu me lembro dela dançando a noite inteira no casamento do Angus. Ela e o Mattie dançaram um belo jazz, na única vez que eu vi os dois em contato físico. No casamento do

Duncan, tivemos que carregá-la pra casa. Aqui, ela está sentada, com as costas tensas, uma taça de conhaque à sua frente, e eu estou imaginando o que o Angus disse a ela. Mattie está olhando as garotas dançando, passando a língua nos lábios, como se estivesse escolhendo de um menu. Minha mãe e Mattie estão sozinhos na mesa redonda. Todos os meus irmãos e suas respectivas esposas foram embora cedo, com o Angus, imagino que ele tenha dito a eles o que eu falei. Algo do tipo que eu tenha falado pra ele não ser um Boggs, fingir ser outra pessoa. Mas não foi exatamente isso que eu disse.

Mas, por mim, tudo bem. Consigo relaxar melhor sem eles. Ninguém vai sair voando pelo salão, nem desabar numa mesa, por conta de um olhar estranho ou um tom de intimidação.

Vou até a mesa pra sentar com a minha mãe e bater um papo. Então, enquanto estamos conversando, ela me dá um tapa no rosto.

— Mãe... o quê? — Estou com a mão no rosto, olhando em volta, pra ver quem viu. Bastante gente.

— Você não é ele.

— O quê? — Meu coração dispara. — Do que está falando?

Ela me dá outro tapa. Na mesma bochecha.

— Você não é ele — ela repete.

O jeito que ela me olha.

— Vamos — ela bate com a bolsa no Mattie e ele dá um pulo, tirando os olhos das garotas e guardando a língua na boca. — Estamos indo.

Até meia-noite, a família toda já foi.

— Caminho longo pra chegar em casa — diz a mãe da Gina, educadamente, como se estivesse tentando fazer com que eu me sentisse melhor, mas não faz.

Digo a mim mesmo que não ligo, posso dançar, posso papear, posso relaxar, sem nenhum deles ali. O homem durão, o inquebrável, o imbatível e metálico.

Jogando bolinhas de gude: Centenas

Ela nunca teve uma massagem e, assim que chegamos ao hotel, em Veneza, ela vai direto para o spa. Está radiante, empolgada, dá para ver que ela se sente gente crescida. Nós nos casamos ontem e ainda não fizemos sexo. Ficamos na festa até três da manhã e, embora todos os Boggs e os Doyles tenham saído cedo, a música estava embalada quando nós saímos e ambos despencamos na cama para acordarmos uma hora depois, e pegar o voo das seis. Decididamente não houve tempo para sexo, principalmente para a primeira vez. Para ela, obviamente, não pra mim. Estou sentado na cama de casal, praticamente pulando. Esperei por ela um ano, acho que posso esperar pela duração de uma massagem. Ela acha que eu também sou virgem, não sei o que deu na cabeça dela, nunca disse isso, mas assim são todas as pessoas em sua vida. São aqueles tipos de pessoas que seguem as regras, e ela pôs na cabeça que eu também sou assim. Só segui com a onda pra me poupar do problema.

Sei como quero fazer com ela. Da primeira vez. Pensei nisso. Quero jogar centenas com ela. Primeiro, se desenha um pequeno círculo no chão. Ambos os jogadores arremessam uma bolinha de gude na direção do círculo. Se nenhuma das bolinhas parar no círculo, arremessamos de novo. Se só uma das bolinhas parar no círculo, esse jogador marca dez pontos a cada vez que a bolinha parar dentro do círculo em arremessos subsequentes. A Gina nunca usa sutiã, ela não precisa, e sempre usa uma regata bem justinha e calças boca de sino. Ela não usa maquiagem e é toda sardenta no nariz e bochechas, também tem sardas no colo. Penso em beijar todas elas. A maioria eu já beijei. O primeiro jogador a fazer cem pontos é o vencedor e o perdedor entra com um número predeterminado de bolinhas. Só que, no nosso jogo, que irá envolver vinho branco, porque agora somos crescidos e casados, quem não conseguir chegar ao círculo terá de tirar uma peça de roupa. Ela nunca jogou bolinha de gude e vai perder. Eu só vou perder o suficiente para fazer com que ela fique à vontade. Quando eu chegar a cem, eu a quero dentro do círculo, nua. Mas sei que isso não vai acontecer. Isso foi só o que me manteve seguindo em frente este ano, enquanto fico bancando o

cavalheiro e espero. Nunca misturei bolas de gude e sexo e embora Gina tenha rido de mim, da primeira vez que lhe disse que jogava, quero fazer isso com ela, com a minha esposa.

Gina valeu a espera. Ela é deslumbrante e qualquer sujeito que eu conheço faria o mesmo. Claro que ela é boa demais para mim. Não para o eu que ela conhece, mas para o eu que ela não conhece. A parte de mim que ela conhece é um homem que eu forjei ao longo do tempo. Ele é bom com as pessoas, é paciente, educado, interessado. Não acha que todos que ela lhe apresenta são metidos e não preferiria se superar a ter uma conversa com eles. É melhor ser ele, ele facilita a vida pra ele e pra mim. Mas ele não sou eu. Tento mantê-la o máximo possível distante da minha família, sempre que ela e a minha mãe conversam, eu começo a suar frio. Mas a mamãe não diria nada, ela sabe a jogada, sabe que estou encrocado até o pescoço, mas quis que eu me casasse com ela, tanto quanto eu, para que pudesse me riscar de sua lista, outro de seus meninos que está cuidado. Gina só conheceu o Angus rapidamente no casamento. Ele está morando em Liverpool e pode ficar lá, e Duncan, Tommy, Bobby e Joe tudo bem, em pequenas doses. Ela só acha que todos eles estão sempre ocupados. Está de bom tamanho.

Ela sabe que um dos meus irmãos morreu, acha que o Hamish se afogou. Bem, foi isso, mas acha que foi um acidente. Pretendo deixar assim. Os problemas do Hamish eram dele e não quero que ele traga isso para a minha nova vida. A Gina é meiga, ingênua, e julga as pessoas. Ela ouviria algo assim e passaria a me olhar de um jeito diferente. Provavelmente estivesse certa. Não que eu seja problemático, sempre ando dentro da lei, mas não sou o cara que promete jogar críquete com o avô dela. Graças a Deus que o pai dela está morto e seu avô não está longe disso.

Escolhi Veneza para a lua de mel. Quis vir aqui desde que assisti a um documentário sobre as fábricas de vidro de Murano, uma ilha inteira dedicada a fazer vidro é uma ilha onde eu quero viver ou, pelo menos, visitar. Não tenho muito dinheiro, na verdade, temos bem pouquinho para gastar aqui, mas não vou deixar esse país sem um bolso cheio de bolinhas de gude, de um jeito ou de outro, nem que eu tenha que suplicar, pegar emprestado ou roubar. Essa lua de mel está sendo custeada pelo avô de Gina, que não pôde deixar de intervir, quando ouviu que nós íamos para Cobh, para nossa lua de mel. *Escolham qualquer lugar*, disse ele. *Qualquer lugar no mundo*. Gina estava esperando passar uma semana na Tchecoslováquia, porque foi lá que uma de suas amigas

passou a lua de mel, mas consegui convencê-la a passarmos três dias em Veneza. A Tchecoslováquia nós poderíamos conhecer depois, por nossa conta, Veneza, não. Veneza é um verdadeiro destino, uma aventura em outro mundo. Ela se convenceu, porque eu estava falando sério. Não ligo para o fato de seu avô estar me ajudando, dando o dinheiro. Aceito qualquer ajuda que me é oferecida, isso não fere meu orgulho. Se eu não tenho, eu não tenho; se alguém quer me dar, eu aceito.

Ando pelo quartinho, de um lado pro outro. Não é um hotel luxuoso, longe disso, mas estou contente por estar ali. Eu dormiria em qualquer lugar e mal posso esperar para sair e conhecer a cidade.

Achei que estaria exausto de ontem à noite, mas estou pulando. Ávido para sair por aí. Não sei quanto tempo demora uma massagem, mas não vou ficar sentado aqui neste quarto com um mundo esperando por mim. Acho que a Gina não vai querer passar muito tempo olhando bolinhas de gude, não do jeito que eu quero, então, aproveito o momento para dar uma fugida. Não preciso ir longe pra ver as bolinhas mais incríveis que eu já tinha visto na vida. São bolinhas artísticas contemporâneas, não são para jogar, são para colecionar. Estou tão abismado que não consigo me mexer na frente da vitrine. O vendedor vem até o lado de fora e praticamente me puxa pra dentro, ele vê a cobiça estampada em meu rosto. O problema é que eu tenho cobiça, mas não tenho dinheiro. Ele responde a todas as perguntas que eu faço em relação a todos os aspectos, me deixa examinar os trabalhos de arte com uma lupa que aumenta dez vezes pra que eu possa ver a habilidade do artista. São bolinhas de vidro transparentes com desenhos elaborados encapsulados dentro delas. Uma é clara com um trevo verde de quatro folhas preso lá no fundo, outra tem um peixinho dourado que parece estar nadando em bolhas, outra tem um cisne branco, e um rodaminho azul do mar. Há um vórtice, um rodaminho em roxo, verde e turquesa, numa tempestade que serpenteia bem no meio da bolinha. É hipnotizante. Tem outra que é um olho. Uma bolinha transparente com um olho verde-oliva e uma pupila negra, veias vermelhas se espalham pelas laterais. Dá a impressão de que ele está me olhando. Outra é chamada Nova Terra e é o planeta inteiro, cada país ali dentro, com nuvens brancas na camada externa. É um trabalho de gênio. O planeta inteiro dentro de uma bolinha de gude! Essa eu queria, mas não posso pagar nem uma, muito menos a coleção. O preço de uma delas é quanto eu tenho em dinheiro para passar os três dias.

Preciso de toda a minha força de vontade para ir embora, e a minha partida

instiga o vendedor a tomar uma atitude. O melhor negociante é aquele que está disposto a ir embora, ele acha que estou fazendo jogo duro, mas não estou, eu venderia a minha casa por essa coleção se tivesse uma casa. Temos de morar com a mãe da Gina por um ano, até juntarmos o dinheiro para dar entrada numa casa. Até pensar em comprar qualquer uma dessas bolinhas de gude é ridículo e eu sei disso. Porém, me sinto vivo, a adrenalina está disparada no meu corpo. Esse é meu único lado bom, o meu melhor lado, e ela não conhece. Olhando essas bolinhas, eu juro, bem aqui, ser leal a ela, e não estou me referindo a sair dormindo com outras, mas deixar que ela veja meu verdadeiro eu, pela primeira vez. Mostrar-lhe essa bolinha, mostrar minha maior e melhor parte.

Compro a bolinha transparente com um coração dentro. Ela tem rodaminhos em vermelho profundo, como se fossem gotas de sangue presas numa bolha. Barganho muito e acabado pagando quase metade do que ele está pedindo. Ainda é muito dinheiro, mas não é só uma bolinha de gude pra mim, é para Gina, uma oferta de quem eu verdadeiramente sou. Isso significa mais que a cerimônia de ontem e as palavras que não senti em meu coração. Isso significa algo pra mim. Essa é a coisa mais assustadora e corajosa que eu já fiz em minha vida adulta. Vou dar a ela esse coração, o meu coração, e dizer-lhe quem sou. Com quem ela se casou.

O vendedor embrulha o coração em plástico bolha, depois coloca num saquinho de veludo vinho e fecha com os cadarços dourados que não posso deixar de admirar. Até as miçangas do saquinho são lindas. Enfio no fundo do meu bolso e volto ao hotel.

Quando chego ao quarto, vejo que ela andou chorando, mas tenta esconder. Está de robe de banho, amarrado na cintura.

— O que houve? O que aconteceu? — Estou pronto pra dar um soco em alguém.

— Ah, nada — ela limpa os olhos com a manga do robe atalhado, até a pele ficar sensível e vermelha.

— Se não foi nada, me conte. — Sinto a raiva pulsando em minhas veias. Fique calmo, ou ela não vai lhe contar. Seja paciente, um sujeito compreensivo, que ouve, não precisa pisotear ninguém. Ainda não.

— É que foi tão constrangedor, Fergus. — Ela senta na cama e parece tão miudinha. Ela tem vinte e um anos. Eu tenho vinte e quatro. — Ela tocou meu... — seus olhos se arregalam e a raiva some, sinto uma gargalhada se formando.

— O quê? — Minha fantasia com o jogo de centenas me vem à cabeça. Ela está na cama, de robe, minha esposa.

— Não tem graça — ela se joga no colchão, cobre o rosto com um travesseiro.

— Não estou rindo — sento ao lado dela.

— Você parece que vai rir — ela diz, com a voz abafada. — Só não sabia que uma massagem era algo tão invasivo. Não esperei todo esse tempo para ter sexo, pra uma mamma italiana me espremer, antes de você.

Aí, eu tenho de rir.

— Pare! — ela reclama, mas a vejo sorrir embaixo do travesseiro.

— Você gostou das mãos dela em você? — provoco, deslizando a mão, subindo pela perna dela.

— Pare, Fergus. — Mas ela está falando da provocação falada, não do tato, porque, pela primeira vez, ela não está me impedindo. Preciso fazer isso agora, preciso lhe mostrar a bolinha de gude agora, para que seja eu que ela vá conhecer, seja eu que lhe faça amor pela primeira vez, não ele.

Paro de deslizar a mão e ela senta, confusa, com os cabelos no rosto.

— Primeiro, quero lhe dar uma coisa.

Ela afasta o cabelo do rosto e parece tão doce, tão inocente, naquele momento, que eu tiro uma foto mental. Agora, eu não sei, mas vou tentar me lembrar dessa imagem no futuro, em momentos quando sentir que a perdi, ou odiá-la tanto que não conseguirei evitar desviar os olhos dela.

— Eu saí para dar uma volta. E encontrei algo especial pra você. É importante pra mim. — Minha voz está trêmula, então, resolvo calar a boca. Tiro o saquinho do bolso, tiro o coração de dentro, com os dedos tremendo. Sinto que estou dando a ela parte de mim. Nunca me senti assim. Você se casou comigo ontem, mas hoje é a primeira vez que me encontra. Meu nome é Fergus Boggs, minha vida é marcada por bolinhas de gude. Eu desembrulho o plástico bolha e seguro a bolinha na mão. Primeiro, a reação dela, depois a minha explicação. Deixo que ela olhe, trago a visão dela observando a bolinha.

— O que é isso? — diz ela, com a voz inexpressiva.

Olho pra ela surpreso, com o coração disparado na garganta. Imediatamente, começo a recuar, me esconder na minha casca. O outro eu começa a aquecer as

asas.

— Quer dizer, quanto custou? Nós dissemos que não íamos comprar nada um pro outro aqui. Não temos dinheiro pra isso. Nada de presentes, lembra? Depois do casamento? Nós combinamos. — Ela mal olhou a bolinha, de tão irritada. Sim, nós combinamos, prometemos um ao outro, mas isso é mais que uma joia, significa mais pra mim do que o anel que ela tanto ama e está em seu dedo. Quero dizer isso, mas não digo.

— Quanto custou?

Balbucio e gaguejo, arrasado e magoado demais para responder honestamente. Estou empacado entre ser ele e ser eu, não consigo focar num só.

Ela está segurando a bolinha com aspereza, rudeza, passa de uma mão para a outra sem cuidado, pode facilmente deixar cair. Eu me sinto tenso olhando.

— Não posso acreditar que você desperdiçou nosso dinheiro nisso! — Ela pula da cama — Num... — ela observa — Um brinquedo? O que você estava pensando, Fergus? Ai meu Deus. — Ela senta de novo, com os olhos se enchendo de lágrimas. — Estamos economizando há tanto tempo. Quero deixar de morar com a mamãe, quero que sejamos só você e eu. Fizemos o orçamento dessa viagem com tanta cautela, Fergus, por que você...? — Ela olha a bolinha de gude em sua mão, confusa. — Quer dizer, é amável, obrigada, sei que você está tentando ser gentil, mas... — A raiva dela começa a se acalmar, mas é tarde demais.

Ela pousa as mãos em minhas bochechas, sabe que me magoou, embora eu não admita. Vou devolver, digo a ela, ficarei contente em devolver, nunca mais quero ver essa bolinha na minha vida, para não ser lembrado desse momento em que ofereci meu verdadeiro eu e ele foi rejeitado. Mas não posso devolver, porque, sem querer, ela deixa cair e a bolinha fica arranhada, e nunca mais terá um coração perfeito.

Regras da piscina: Proibido se suicidar

Em minha jornada de volta de Cavan para Dublin, não consigo me concentrar. Dirijo sem prestar muita atenção, tenho que me desculpar com outros motoristas um número excessivo de vezes e abaixo o vidro para entrar um ar fresco, e sento ereta.

Aidan está no viva-voz do carro. Precisei ligar pra ele, pra me situar em minha vida. Conversar com alguém real.

— Então, você agora está procurando as bolinhas desaparecidas? — ele pergunta, depois que eu conto tudo o que aconteceu hoje, fora o incidente do arremesso da caneca, e ouço os gritinhos de leite das crianças numa guerra de água, ao fundo.

— Nem sei mais se ainda é por causa das bolinhas desaparecidas — digo, subitamente concluindo. — Descobrir sobre meu pai parece bem mais importante do que realmente encontrar as bolinhas de gude. Começou com elas, mas isso levou a mais perguntas, buracos gigantescos que eu preciso preencher. Há um lado do meu pai que nunca conheci, há uma vida que ele levava que escondia de mim e eu quero descobri-la. Não só por mim. Mas se ele não consegue se lembrar disso, como pode sequer voltar a conhecer essa parte dele mesmo?

Aidan deixa um longo silêncio que eu tento interpretar. Está achando que eu finalmente enlouqueci, ou está pulando de alegria por eu estar com as energias renovadas. Mas a resposta dele é calma, comedida.

— Você sabe o que é melhor, Sabrina. Eu não vou lhe dizer o que fazer. Se você acha que isso irá ajudar.

Ele não precisa dizer mais nada, entendo o que ele quer dizer. Se isso me ajudar e, conseqüentemente, se nos ajudar.

— Acho que vai ajudar — respondo.

— Eu te amo — ele diz. — Tente não deixar que mais homens a beijem.

Eu rio.

— Sêrio. Cuidado, Sabrina.

— Pode deixar.

As crianças gritam ao telefone *te amo, estou com saudade, cabeça de coco*, e termina a ligação.

Uma mulher loira entregou as bolinhas de gude. Vou adiar minha visita ao papai para amanhã. Preciso encontrar a mulher loira que entregou as bolinhas de gude, a mulher que conhece o homem que eu não conheço, e só tem uma mulher loira em quem posso pensar que se encaixa nessa descrição, que concordou em se encontrar comigo assim que eu liguei.



Ela está sentada no canto mais escuro, distante da janela, da luz, do burburinho do resto do café. Ela está mais velha do que me lembro, mas, também, ela é mais velha do que eu me lembro. Quase dez anos se passaram desde que nos vimos, quase vinte anos desde que eu a vi pela primeira vez. Ela ainda é loira, mas o cabelo já está com a pintura vencida há mais de uma semana, o grisalho e o castanho aparecendo na raiz. Dez anos mais velha que eu, agora ela está com quarenta e dois, e eu sempre achei que ela era jovem, sempre achei jovem demais, mas muito mais velha que eu. Jovem demais pra ele, mas ainda bem mais velha que eu. Agora, poderíamos parecer da mesma idade. Ela parece entediada, enquanto espera, e eu imagino se o tédio está escondendo seu nervosismo e a ansiedade que eu sinto assim que a vejo. Ela me vê caminhando em sua direção e endireita a postura, ergue o queixo naquele gesto orgulhoso e eu a odeio outra vez, como sempre odiei. Aquela piranha virtuosa que achou que tudo que ela queria deveria ser seu, automaticamente. Tento me acalmar, não deixar que a raiva borbulhe.

Eu a vi com meu pai quando eu tinha quinze anos. Foi antes dos meus pais se separarem. Ele apresentou-a pra mim, menos de um ano depois. Era pra eu achar que eles tinham acabado de se conhecer, que esse era o começo de um lindo relacionamento para ele, que eu deveria apoiar e ficar feliz, mas eu sabia que ele já estava com ela. Não sei por quanto tempo, mas eu não disse uma palavra. Ele não tinha apenas mentido pra minha mãe, tinha mentido pra mim também, porque ele me olhou e disse as mesmas palavras. Mentiras.

Quando eu os vi, eles estavam bêbados na hora do almoço e, até hoje, toda vez que passo no mesmo restaurante, tenho a mesma sensação na barriga e os vejo de novo. As pessoas não sabem o que causam aos outros quando fazem coisas que não deveriam. Mágoas criam raízes que se espalham, vão se alastrando, sorratamente, por baixo da superfície, tocando outras partes da vida dos que eles magoaram. Nunca é um erro, nunca é um momento, torna-se uma série de momentos, e cada um deles origina raízes que também crescem em direções diferentes. E, com o passar do tempo, isso se transforma numa velha árvore retorcida, estrangulando a si mesma, amarrando-se em nós.

Eu tinha saído cedo da escola para ir ao dentista, uma das minhas consultas seguidas para tentar sarar o sangramento interno das minhas bochechas que arranhavam, quando eu falava e mastigava. Lembro da minha boca latejando conforme eu andava pela rua, as lágrimas de frustração nos meus olhos, porque outro garoto cruel tinha feito outra piada cruel na escola, naquele dia, e eu estava cansada de todo mundo rindo de mim e eu fingia não ligar. Foi quando vi meu pai. Num restaurante elegante da cidade, um daqueles caros, com mesas do lado de fora, e fiquei constrangida demais para passar perto. Aos quinze anos, sentindo os olhos de todos os canos da rua, de cabeça baixa, minhas bochechas já estavam vermelhas, e meu constrangimento se mostrava em meu caminhar, mas eu não podia evitar isso. Quando você se esforça para não olhar algo, significa que você teria que furar os próprios olhos para parar de olhar para aquela coisa. Então, ergui os olhos e encarei todos os olhares que eu receava estarem me olhando e rindo, e eu o vi. Cheguei a parar, um instante, e alguém trombou nas minhas costas. Foi só por um segundo e logo saí andando, mas o vi bem. Ele e ela, numa mesa perto da janela, cara de bêbados, olhos de bêbados, beijos rápidos, mãos apalpando por baixo da mesa. Não disse nada pra minha mãe porque, bem, eles já estavam tão mal, àquela altura, que achei que ela talvez soubesse, achei que a mulher fosse o motivo, ou, pelo menos, um dos motivos para que as coisas estivessem tão ruins. Nunca disse uma palavra sobre vê-los juntos, quando fui apresentada pra ela, meses depois, naquela apresentação falsa e ensaiada, como se eles tivessem se conhecido recentemente. Eu sempre a odiei.

Regina.

O nome sempre me fez pensar na palavra vagina. Ela era exatamente isso. Toda vez que ouvia seu nome, toda vez que tinha de dizer seu nome, estava sempre ouvindo e dizendo vagina. Uma vez, eu a chamei assim, sem querer. Ela riu e disse “O quê?”, mas fingi que ela tinha entendido errado. Ela deu uma

risadinha, achando que sua audição estava estranha e engraçada.

E agora que estou aqui, fico cara a cara com Vagina. E tenho que pedir sua ajuda, algo que detesto fazer, mas é necessário. Ela é a única pista que eu tenho, é a única mulher que eu conheço que esteve na vida do meu pai pelo tempo mais longo e pode ter tido acesso aos seus pertences pessoais, seu apartamento, a loira que entregou as bolinhas de gude na casa de Mickey Flanagan, que poderia solucionar esse mistério.

Nós não nos abraçamos nem nos beijamos, não somos velhas amigas, nem conhecidas, nem inimigas. Apenas duas pessoas cujas vidas se emaranharam.

Ela trabalha no salão de cabeleireiro ao lado do café onde estamos, o mesmo salão que minha mãe e eu evitamos frequentar por quase vinte anos. Liguei pra ela do carro, depois do telefonema de Mickey e não sei o que eu esperava, mas tinha alguns palpites. Ela poderia me dizer pra nunca mais ligar. Poderia ser educada e me evitar, sugerindo uma data futura e ficar mudando a data, mas eu não esperava que ela concordasse em me encontrar. Ela estava prestes a tirar um intervalo para um café e poderia me encontrar em trinta minutos. Eu não estava preparada pra isso. Vinte minutos ao telefone com Aidan explicando tudo e ainda não estava preparada.

— Realmente agradeço por você concordar em me encontrar, com tão pouco tempo de antecedência — eu digo ao sentar e tirar o casaco, me sentindo novamente como aquela adolescente sem jeito, com seus olhos em mim, enquanto eu pendurava o casaco nas costas da cadeira, toda desajeitada. — Tenho certeza de que foi meio uma surpresa pra você.

— Estava esperando que você ligasse — diz ela, despreocupadamente. — Não, não esperando. Na esperança — diz rapidamente. Ela está usando um casaco de lã grande demais, com as mangas passando das mãos, como se estivesse com frio, mas não está, está fazendo um lindo dia e eu percebo que está nervosa.

— E por quê? — pergunto, imaginando a esposa do Mickey ao telefone, segurando o fone com as duas mãos, dizendo aflita e sussurrando, que *Ela sabe, Regina, Sabrina sabe que você esteve aqui e que entregou as bolinhas de gude. Ela está a caminho daí agora.*

— Não sei — ela diz, pensativa, me observando. — Você sempre foi uma garota interessante. Sempre pareceu ter muitas perguntas, mas nunca fez nenhuma. Sempre esperei que você perguntasse, mas nunca aconteceu.

— Não acho que estivesse olhando para você de algum modo em particular, por querer lhe fazer perguntas — digo e seu sorriso murcha um pouquinho. — Eu sabia que você e meu pai estavam juntos antes que ele estivesse separado da minha mãe, vi vocês dois num restaurante muito tempo antes. — Eu pauso para ver a reação dela. — Tive dificuldades ouvindo as suas mentiras. Mas parecia que vocês dois estavam se divertindo.

Isso a deixa surpresa, ela tem um sobressalto, depois se senta ereta. E sorri.

— Então, era esse o assunto? Fazer com que eu soubesse que eu não a enganei?— pergunta ela como se estivesse entretida, sem qualquer traço de arrependimento. Eu não sei por que achei que deveria haver.

— Na verdade, não — abaixo os olhos e coloco açúcar no meu cappuccino, mexo e tomo um gole. E me reequilibro. Estou aqui por um motivo. — Como você sabe, há coisas de que meu pai não se lembra.

Ela assente, verdadeiramente triste.

— Então, às vezes, tenho de entrar em contato com pessoas que passaram por sua vida para ver se consigo preencher as lacunas.

— Ah — diz ela, agora humilde. — Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar.

Respire.

— Você sabia de sua coleção de bolinhas de gude?

— Se eu sabia de quê?

— Coleção de bolinhas de gude. Ele tinha uma coleção. E ele jogava também.

Ela sacode a cabeça, franzindo a testa.

— Não. Nunca... bolinhas de gude? Aquelas com que as crianças brincam? Não. Nunca.

Meu coração murcha. Eu achei, realmente achei...

— Você entregou caixas numa casa, na Virginia, três anos atrás?

— Três anos atrás? Virginia? Cavan? Não, porque eu... não vejo Fergus há quase cinco anos e, mesmo quando estávamos juntos, íamos e voltávamos. Só nos encontrávamos de vez em quando, você sabe...

Não quero saber os motivos para os encontros, não preciso ouvir isso, já está

claro. Estou tão decepcionada que tenho vontade de pegar meu casaco e ir embora. Não há motivo para continuar essa conversa, nem tem sentido em terminar o café.

Talvez ela sinta isso. Faz o máximo para ser útil.

— Sabe um dos motivos para que Fergus e eu tenhamos terminado de vez?

— Deixe-me adivinhar — eu digo, de esguelha. — Ele traiu você.

Ela até que aceita bem e isso faz com que eu não queira jogar mais nada contra ela, pois parece que eu sou uma barata, não ela.

— Provavelmente. Embora esse não tenha sido o motivo. Ele era cheio de segredos. Nunca soube exatamente o que ele estava fazendo, nem onde estava. E não porque ele não respondia uma pergunta, mas porque ele respondia e, mesmo depois de ouvi-lo, eu percebia que ainda não sabia. Ele era vago, não sei se isso era proposital, e confrontá-lo era deixá-lo confuso, irritá-lo, parecer uma ranzinza, o que eu nunca quis ser, mas ele tinha a habilidade para fazer uma pessoa resmungar, porque ele nunca respondia, nunca explicava, realmente. Não entendia por que eu precisava tanto saber. Achava que tinha alguma coisa errada comigo. Eu pensava, sim, se ele não estaria me traindo. E a questão é que eu realmente não me importava, nós não tínhamos esse tipo de relacionamento, mas me incomodava que eu não conseguisse ter respostas. Então, comecei a segui-lo. — Ela toma um gole demorado do chá, gostando que eu esteja prestando atenção em cada uma de suas palavras. — E, depois de algum tempo, percebi que ele não era tão empolgante quanto parecia. Ele ia ao mesmo lugar o tempo todo, ou, pelo menos, na maioria do tempo.

— Onde?

— Ele ia a um pub. — Ela ergue as sobrancelhas. — Ele adorava beber. Tedioso, não? Eu estava torcendo para que houvesse mais coisa. Eu o segui por duas semanas. E uma vez, meu Deus, foi tão engraçado, ele quase me pegou. — Ela começa a rir e dá pra ver que está se preparando para um papo longo. Mas eu não tenho tempo.

Termino meu cappuccino.

— Regina — eu digo, ouvindo Vagina, em minha cabeça. — Que pub era esse aonde ele ia?

Ela para a história, percebendo que eu não estou ali para ouvir suas histórias de detetive sobre o comportamento do meu pai. E volta à postura de quando eu

entrei. Entediada. Infeliz. Decepcionada que nada em sua vida tenha sido como poderia. Esperando que as pessoas que ela magoou no passado reapareçam para animar sua vida, fazer com que ela se sinta mais poderosa.

— É um pub que fica na Capel Street.

— Meu pai não era alcoólatra — eu digo, embora realmente não saiba sobre isso. Não sei da vida dele em detalhes, mas acho que disso eu saberia.

— Ah, eu sei disso — ela ri e me sinto uma imbecil, com as bochechas queimando. — Meu paizinho era alcoólatra e, acredite, eu não conseguia passar dois minutos com um, mas eles tinham algo em comum. Fergus mentia sobre a maioria dos lugares aonde ia. Sobre visitar a mãe, sobre ir ao pub, sobre assistir a jogos, ir a reuniões, viajar no fim de semana. Ele não mentia porque estava indo para um lugar mais empolgante, ou ousado, ou para ficar com outra mulher. A vida para a qual ele fugia não tinha nada de exótico. Ele estava sentado num pub. Ele nem precisaria mentir pra mim, eu não estava tentando pegar no pé dele. — Ela se aproxima, com as mãos enlaçadas, bem casual, olhos iluminados, como se estivesse gostando de cada momento da revelação. — Sabrina, seu pai mentia o tempo todo. Ele mentia porque queria, porque gostava, porque isso lhe dava um tipo de torpor. Ele mentia porque esse é o tipo de pessoa que ele escolheu ser, e essa era a vida que ele escolheu viver. E pronto.

— Qual era o nome do pub? — pergunto, recusando-me a acreditar em sua explanação. Eu sei que meu pai mentia, mas ele mentia por um motivo. E eu quero descobrir que motivo é.

Regina parece estar resolvendo se me conta ou não, como um gato brincando com um rato, uma última jogada comigo, antes de saber que jamais me verá novamente.

— O Gato de Mármore — diz ela, finalmente.



— Aidan — falo bem alto, tirando o carro da vaga onde estacionei.

— Como vai indo? — ele pergunta.

— Acabei de me encontrar com a Regina — conto a ele, confiante, agora me sentindo como se estivesse voando.

— Vagina? Não achei que você fosse adiante com isso. Achei que aquela mulher lhe desse pesadelos, não?

— Não mais — respondo, confiante. — Não mais.

— E agora? — ele pergunta.

— Um pub na Capel Street. O Gato de Mármore. Acho que estou perto de algo.

Ele faz uma pausa.

— Certo, meu bem, certo. Se você acha que vai ajudar.

Ele parece tão incerto, tão nervoso, mas amedrontado demais para expressar, então, nós dois rimos.

Jogando bolinhas de gude: Plantação de repolho

Estou deitado numa toalha de piquenique e sinto a terra encaroçada embaixo de mim, assim como os fragmentos de pedras. Estou torrando de terno. Tirei a gravata, arregacei as mangas e minhas pernas parecem queimar por baixo da calça preta, no calor do sol de verão. Tem uma garrafa de vinho branco ao nosso lado, metade já bebida, nós provavelmente nem voltaremos ao escritório. É sexta-feira à tarde, o chefe talvez nem volte do almoço, como de costume, fingindo estar numa reunião e não no The Stag's Head, entornando umas cervejas, achando que ninguém sabe que ele está lá.

Eu estou com a garota nova. Nossa primeira viagem de vendas, juntos, essa que nos levou até Limerick. Estou ajudando-a na ambientação, a se estabelecer, apesar de que, neste momento, ela esteja sentada no meu colo, abrindo os botões de sua blusa de seda.

Ninguém nos verá, ela insiste, embora eu não saiba como, imaginando que ela já tenha feito isso, se não aqui, em algum lugar semelhante. Ela deixa a blusa, num tom pêssego, mas abre o sutiã tomara-que-caia que cai na toalha. Ela já está sem calcinha, e eu sei disso porque as minhas mãos estão onde o tecido deveria estar.

Sua pele tem uma cor que eu nunca tinha visto, um branco leitoso, tão branco que reluz, tão clara que estou surpreso que ela não esteja frita pelo calor do sol, a esta altura. Seu cabelo é louro-avermelhado, mas, se ela me dissesse que é pêssego, eu acreditaria. Ela é como uma boneca, uma das bonecas de porcelana de Sabrina. Frágil. De aparência delicada. Mas ela não é frágil, nem angelical, é segura de si e tem um ar de travessura em seus olhos castanho-claros, ao dar uma lambida quase maliciosa nos lábios, quando vê o que quer e pega.

É irônico que estejamos nesta plantação de repolhos, numa tarde de sexta-feira, dia em que minha mãe costumava nos dar sopa de repolho. A palavra sopa era um exagero, pois era água quente com umas tiras de repolho grudento e cozido além da conta, lá no fundo. Água quente salgada. O dinheiro sempre

acabava até sexta-feira e a mamãe guardava um pouquinho pra fazer uma boa refeição no domingo. No sábado, a gente que se virasse. Íamos até o pomar e ficávamos vadiando nas árvores, comendo quantas maçãs conseguíssemos, ou saíamos pedindo e incomodando a sra. Lynch, da casa ao lado, ou íamos roubar alguma coisa na Moore Street, mas eles eram rápidos pra nos pegar, então, não íamos muito lá.

É duplamente irônico que estejamos deitados nesta plantação porque, num jogo de bolinhas de gude, a prática proibida de mover sua bolinha para mais perto das bolinhas que são alvos é chamada de “repolhada”, que significa roubar. Claro que não é nenhuma grande coincidência que eu lhe conte esse fato quando passamos pela plantação, não do meu envolvimento, não, só os homens com quem jogo sabem disso, e quase nada mais sobre mim. Simplesmente compartilho o termo com ela, quando passamos pelas plantações de repolho, eu no banco do passageiro, ela dirigindo, depois de insistir, o que, por mim, tudo bem, já que estou bebendo da garrafa de vinho, que ela ocasionalmente pega pra dar um gole. Ela é endiabrada, perigosa, e a tal que vai me causar problemas. Talvez eu queira isso. Quero ser descoberto, não quero mais fingir, estou cansado. Talvez as meras menções de um termo do jogo de bolas de gude sejam o começo da minha perdição. Ela me olha, quando eu falo, então, atola o pé no freio, derramando meu vinho, dá meia-volta com o carro e retorna ao lugar de onde viemos. Encosta ao lado da plantação de repolhos, desliga o motor, desce do carro, pega uma toalha no banco traseiro e segue para o campo. Ergue a saia para pular um muro, ergue até o alto das coxas claras e magrinhas, e desaparece.

Eu pulo do carro e saio correndo atrás dela, com a garrafa na mão. Encontro-a deitada no chão, de barriga pra cima, olhando pra mim com um sorriso satisfeito no rosto.

— Quero fazer parte desse negócio de repolhada. O que você acha, Fergus?

Olho pra ela, abaixo, tomo um gole da garrafa de vinho e olho ao redor. Não tem ninguém em volta, os carros que passam não conseguem nos ver.

— Você sabe o que isso significa?

— Você acabou de me dizer, trair.

— Não, não, o que quer dizer, exatamente, é quando você arremessa de um ponto incorreto.

Ela arqueia as costas, abre as pernas e ri.

— Pode arremessar.

Eu deito com ela. A Gina está em casa, em Dublin, numa reunião de pais e professores da escola da Sabrina. Porém, apesar de pensar nela, essa oportunidade realmente não oferece muito desafio à minha moral. A eletrizante garota pêssego não é a primeira mulher com quem estive desde que me casei com Gina.

Fora o dia em que a bebezinha Victoria nasceu morta e eu trapaceei no jogo de Arrebanhador, para ganhar a saca-rolha, na rua da nossa casa, nunca mais fiz trapaça num jogo de bolas de gude em toda a minha vida. Não preciso que ninguém me lembre, nem quando eu mergulho nela e ela grita, que no mundo do gude, eu sou um homem de palavra, um homem que obedece perfeitamente às regras, porém, e o homem sem as bolinhas de gude? Sua vida inteira foi uma repolhada.

Jogando bolinhas de gude: Cintilante estrangeira

— Olá — subitamente ouço uma mulher me saudando. Ela está na cadeira ao lado da minha. Nem tinha notado a presença dela, nem uma cadeira vazia, mas, de repente, ali está ela.

O sol saiu de novo, acabou o eclipse, todos tiraram os óculos de eclipse, também tirei os meus, mas nem me lembro de ter feito isso. Pareço a mamãe em seus últimos anos, confusa e esquecida com os óculos, embora antes fosse tão atenta e precisa. Não gosto dessa parte de envelhecer, sempre me orgulhei da minha memória. Eu tinha uma cabeça boa para nomes e rostos, sabia dizer de onde e como os conhecera, onde foi a primeira vez que tinha visto, a conversa que tivemos, e, quando fosse uma mulher, que roupa estava usando. Minha memória às vezes funciona assim, mas nem sempre. Sei que isso vem com a idade e sei que o derrame também contribuiu para isso, mas, pelo menos, estou aqui sendo cuidado, não no trabalho, tendo que me lembrar de coisas sem conseguir. Isso acontece com as pessoas e eu não iria gostar disso.

— Olá — eu digo, educadamente.

— Você está bem? — ela pergunta. — Notei que pode estar aborrecido. Espero que não tenha tido um telefonema ruim.

Olho para baixo e vejo que ainda estou segurando meu celular.

— Não, de jeito nenhum. — Mas, será que foi? Quem era? Pense, Fergus. — Era a minha filha. Estava preocupado com ela, mas ela está bem. — Não consigo me lembrar sobre o que nós conversamos, eu me perdi sonhando acordado depois disso, mas tenho a sensação de que está tudo bem, ela está bem. — Por que você acha que eu estava triste? — pergunto.

— Você tinha lágrimas no rosto — ela diz, baixinho. — Sentei aqui porque fiquei preocupada. Posso sair, se preferir.

— Não, não — digo rapidamente, não querendo que ela saia. Tento me lembrar do motivo para que eu tivesse ficado tão triste, falando com Sabrina.

Olho para Lea que está me observando, preocupada, depois para o céu e me lembro da lua, das bolinhas em miniatura que poderiam caber nas covinhas do rosto dela, então, vejo a bolinha no nariz de Sabrina e conto a história à senhora preocupada. Dou uma risada, imaginando o rosto de Sabrina, com dois aninhos, suas bochechas vermelhas, teimosa como só. Não para tudo e todos. Ela bem que poderia aprender essa palavra agora, correndo atrás de seus três meninos, o tempo todo.

Os olhos da senhora se arregalaram de medo.

— Ah, não se assuste, nós conseguimos retirar a bolinha. Ela está bem.

— É que... essa história das bolinhas de gude... você... — ela parece agitada.
— Você tem mais história de bolinhas de gude?

Sorrio pra ela, entretido pela pergunta incomum, e pela gentileza dela em demonstrar interesse. Busco em meu cérebro, procurando histórias com as bolinhas, sem imaginar encontrar alguma, mas gostaria de agradá-la e ela parece ávida para conversar. E lá está de novo, uma névoa, as cortinas da minha mente firmemente fechadas. Eu suspiro.

— Você cresceu jogando bolas de gude quando era menino? — ela incita.

Então, uma lembrança subitamente surge em minha cabeça. Eu sorrio.

— Vou lhe contar o que me lembro, de quando era pequeno, com meus irmãos. Nós éramos sete, e minha mãe, que era uma mulher durona, nos mostrou o pote de bolinhas de gude pelos palavrões. Toda vez que alguém xingasse, tinha de colocar uma bolinha de gude no pote, algo que, em nossa casa, era o pior tipo de punição. Todos nós éramos loucos pelas bolinhas. — Éramos mesmo? Sim, éramos. Dou uma risada. — Eu me lembro da minha mãe enfileirando nós todos no quarto, com uma colher de pau na mão, apontando para os nossos rostos. Ela dizia: “Se um de vocês disser um palavrão, terão que pôr aquelas drogas de bolinhas ali dentro. Estão me ouvindo?” Bem, imagine como era difícil ficar sério ouvindo isso? Hamish começava a rir primeiro, depois era eu. Então, todos nós, eu não me lembro do Joe ali, se é que o Joe já era nascido, não me lembro muito dele. Provavelmente, fosse muito pequeno. E foi assim. No primeiro minuto da existência do pote, lá estavam seis bolinhas dentro dele. Eram nossas menos prediletas, é claro, bolinhas transparentes lascadas e arranhadas, mas a mamãe não tinha a menor ideia. E mesmo que não estivéssemos de posse daquelas bolinhas, vê-las no pote, no alto da prateleira, sem poder tocá-las, ainda nos incomodava muito, a mim, pelo menos.

— O que a sua mãe fazia com elas? — pergunta ela, com os olhos brilhando, como se estivessem lacrimosos.

Eu a observo, um pouquinho.

— Seu sotaque... é peculiar.

Ela ri.

— Muito obrigada.

— Não, não de um modo ruim. É bacana. É uma mistura de algo.

— Alemão. E Cork. Eu me mudei pra lá quando tinha vinte e poucos anos.

— Ah.

Olho para baixo, para as mãos dela. Nada de aliança de casamento, mas tem um anel no dedo de noivado, e ela fica brincando com ele, girando no dedo.

Ela me vê olhando e para de mexer no anel.

— O que a sua mãe fez com o pote de bolinhas de gude? Vocês as ganharam de volta?

— Nós tivemos de merecê-las. — Eu sorrio. — Todo mês, tínhamos a chance de ganhá-las de volta. Uma pessoa ganhava todas, o que era um jogo, em si, embora eu não ache que a minha mãe visse assim. Eu não me surpreendia se um de nós xingasse, algumas vezes, de propósito, só para aumentar a aposta do jogo. A gente tinha de ajudar na casa. Lavar, limpar, depois a mamãe decidia quem merecia ganhá-las.

— Bem controverso — ela ri.

— Era. Nós tivemos umas sobras terríveis, depois dessa época. Às vezes, não valia a pena ganhar, ou você tomava um monte de cascudo, acabava devolvendo as bolinhas aos donos, mas se fosse durão, elas eram suas.

— Você as ganhou, alguma vez?

— Sempre.

Ela ri. Uma risada musical.

— Eu as ganhei todo mês, pelos primeiros meses, porque a minha mãe costumava me dar um bilhete, eu o levava até o farmacêutico, depois carregava um saco marrom de papel de volta pra casa. Nunca soube o que tinha dentro, até meus irmãos me dizerem que eu estava carregando absorventes de senhoras. Eles

me provocaram tanto, por causa disso, que eu nunca mais fiz nada pra ajudar.

— Você perdeu suas bolinhas.

— As minhas, não. Percebi que era só não xingar na frente da mamãe.

Nós dois rimos.

— Nós já conversamos — eu digo, subitamente percebendo.

— Sim — diz ela, com um sorriso triste que tenta esconder. — Várias vezes.

— Desculpe.

— Tudo bem.

— Você está visitando alguém aqui?

— Sim.

Ficamos sentados em silêncio, mas um silêncio desconfortável. Ela está sem sapatos e tem belos pés. Unhas pintadas de rosa-choque. Ela remexe o anel.

— Quem você está visitando? — pergunto. Não é o rabugento do Joe, nunca a vi com ele. Não é o Gerry, o Ciaran ou o Tom. Nem a Eleanor ou a Paddy. Na verdade, não me recordo de vê-la falando com ninguém fora eu e as enfermeiras. Embora minha lembrança disso não queira dizer muita coisa. Ultimamente, não.

— Você nunca me perguntou isso. Nunca me perguntou quem estou visitando.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar.

— Você está me visitando, não é?

— Sim.

Seus olhos são iluminados, ela está quase ofegante. Ela é linda, não há dúvida disso, e eu a observo atentamente, seus olhos verdes, e algo revolve em minha cabeça, depois para outra vez. Nem sei o nome dessa senhora. Perguntar agora seria indelicado, porque ela me olha com tanta intimidade. Ela ainda está remexendo o anel, olhando para baixo. Olho mais atentamente para o anel.

Há uma peça que parece uma bolinha de gude presa a uma aliança de ouro, uma base transparente com um laço em branco e listinhas coloridas no centro. É uma bolinha feita à máquina, na Alemanha. Eu sei disso instintivamente. Sei disso e de mais nada. Não se admira que ela tenha perguntas sobre a história das

bolinhas. Ela tem fascínio por elas.

— Eu já tinha lhe contado a história do pote de bolinhas? — pergunto.

— Sim — ela diz, baixinho, com um lindo sorriso.

— Desculpe.

— Pare de pedir desculpas — ela pousa a mão sobre a minha, a mão com o anel. Sua pele é macia, morna. Outra reviravolta na cabeça. — Mas você nunca me contou aqui.

Passo meu dedo sobre os dedos dela e sobre a bolinha. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Desculpe — diz ela, limpando as lágrimas.

— Não se desculpe. É incrivelmente frustrante esquecer-se, deve ser algo totalmente diferente ser o esquecido.

— Nem sempre você se esquece e esses são os dias mais maravilhosos — diz ela, e eu vejo uma mulher meiga que se agarra a uma pequena esperança.

— Cintilante estrangeira — eu subitamente digo e ela resfolega. — É o nome dessa bolinha de gude.

— Assim você às vezes me chamava, Fergus — ela sussurra. — O que está acontecendo com você hoje? Isso é maravilhoso.

Ficamos em silêncio, por um momento.

— Eu amava você, não é?

Os olhos dela se enchem novamente de lágrimas, e ela assente.

— Por que não me lembro? — minha voz falha e fico agitado, frustrado, quero levantar da cadeira de rodas e correr, pular, me mexer, para que tudo volte a ser como era.

Ela vira meu rosto para o dela, com uma das mãos no meu queixo, e me olha com ternura, e eu me lembro do rosto da minha mãe, quando fui levado até ela, quando acharam que eu estava morto, e penso na Bate e Volta, e penso num pub em Londres e num homem chamado George, me entregando uma bala tcheca e vendo o Hamish morto. Tudo, num só lampejo.

— Fergus — ela diz, me trazendo de volta, me acalmando. — Não me preocupo que você não se lembre. Não estou aqui para lembrá-lo de nada. O passado é passado. Só venho torcendo para ter a sorte de você se apaixonar por

mim de novo.

Isso me faz sorrir, instantaneamente faz cessar a minha agitação porque, claro, ela é linda. Eu não a conheço e, ao mesmo tempo, sei tudo dela. Quero amá-la e que ela me ame. Pego a sua mão, a que está com o anel e seguro firme.

Jogando bolinhas de gude: Vagabundas

Chego em casa, do aeroporto, me sentindo tosco, mas ainda alegre, ainda no torpor, com a adrenalina percorrendo as minhas veias gritando “mais!”. Uma noite de festança precedeu um voo matinal logo cedo para voltar a tempo da festa de aniversário de 13 anos de Sabrina. Seu primeiro ano como adolescente e Gina providenciou um toldo e bufê particular para quarenta pessoas, mais a família dela, ainda bem que ninguém da minha família podia vir. Ou, pelo menos, foi o que eu disse à Gina, na verdade, só convidei a mamãe, mas depois do recente ataque cardíaco e da cirurgia do coração de Mattie, ela fica com medo de sair de casa. Gina não se importou, acho que ela fica feliz que ninguém da minha família possa vir e também não se surpreendeu, mas isso não é novidade. Não somos irmãos próximos. Éramos, até que conheci a Gina e a separei da minha família, sempre pensando que ela era boa demais para eles. Depois de catorze anos, começo a ver que essa foi uma ideia imbecil, há momentos, ocasiões em que eu gostaria que eles estivessem aqui. Quando a Sabrina fez ou disse alguma coisa que eu gostaria que eles estivessem aqui pra ver. Ou num dia, em família, quando o garçom tropeça, ou algum amigo babaca da Gina fala alguma coisa e só eu vejo que ele é um babaca, eu sei que eles concordariam comigo, por isso, gostaria que estivessem presentes. Dava até pra imaginar alguma tirada esperta do Duncan, a intensidade do Angus, o jeito como ele passou a me proteger depois que o Hamish se foi, como se ele soubesse alguma coisa, como se soubesse que tinha de fazê-lo. O charme do pequeno Bobby atraindo a atenção de todas as moças, nós o chamávamos de nossa pequena “isca”, que depois passou a ser “isca pra quem petisca”. Penso em Tommy o tempo todo tomando conta do Bobby, ainda atento às lesmas e aos caracóis em seu caminho, e em Joe, o bebezinho, o que veio depois que perdemos Victoria, o sensível Joe, que olha pra mim, pro Angus e Duncan como se fôssemos de outra família, não a dele, sem nunca ter total ligação conosco, pois todos nós nos mudamos de casa quando ele era pequeno. Ele ouvia as histórias dos locais falando de Hamish e o achava um monstro, tem que tomar cuidado para o

Hamish não vir pegá-lo, como o bicho-papão, e, se não tomar cuidado, vai acabar como o Hamish. Hamish, o fantasma em nossa casa, que sempre esteve presente, dormindo em nosso quarto, comendo à nossa mesa, seus ecos em cada canto da casa, sua energia absorvida em tudo à nossa volta, em todos nós.

Mas nós não falávamos assim sobre ele, nem a mamãe; Hamish era engraçado, Hamish era forte, Hamish era corajoso. A melhor forma de ser o melhor é estar morto. A mamãe paparicou demais o Joe, o deixou meio molenga, mas não do jeito que a maioria dos meninos pequenos fica, mas de um jeito que o deixou preocupado, o deixou frágil, que o fez pensar que ele precisa ser mais cuidadoso. Ela tinha medo que ele se machucasse, que se perdesse, adoecesse, que morresse a qualquer momento. Lá fora está escuro demais, está chovendo demais, está quente demais, é longe demais, está tarde demais, é cedo demais, não, Joe, fique aqui com a mamãe e você ficará ótimo. Ele é preocupado, sério, pensa em tudo vinte vezes, antes de pensar de novo. É seguro. Tem um namorado com quem vive num apartamento no cais, pra nós, finge que não, anda por aí com um copo de café e uma maleta. Às vezes, eu o vejo quando vou de carro à cidade de manhã. A Gina ia gostar do Joe, ele está indo bem, faz algo com computadores. Mas Joe não gosta de mim. Às vezes, sinto falta deles quando menos espero, mas ainda bem que eles não estão aqui hoje.

Sabrina me cumprimenta na porta, parecendo feliz, usando maquiagem demais e uma saia curta demais, com saltos altos, pela primeira vez. Ela deixou a blusa cair no ombro, pra mostrar a alça do sutiã novo que a Gina comprou pra ela algumas semanas atrás. Ela não está bonita, pra mim, não. Nem pra mim, que sou seu pai e deveria achá-la perfeita em tudo, cego pelo amor paternal. Hoje, não. É um almoço de aniversário, o clima não está ótimo para junho, o dia está cinzento e Sabrina parece estar vestida para uma festa ao ar livre na Espanha. O tecido de sua saia é bem fininho e quase transparente, uma seda barata qualquer, e dá pra ver sua pele arrepiada.

Quando ela sorri pra mim, é uma arcada inteira de metal e meu coração derrete. Minha linda filha desajeitada fica mais bonita de pijama e creme no rosto, encolhida no sofá, assistindo programas de calouros, do que assim... com toda essa tralha.

— Você está horrível — diz ela ao me dar um abraço. Eu gelo. Se ela acha isso, então, a Gina certamente também vai achar. Ela vai analisar, dissecar, me fazer mil perguntas com as garras cravadas em mim, e eu terei que negar. Preciso tomar um banho antes que ela me veja. Eu a ouço na cozinha, ocupada, falando

sobre coquetéis de camarão, sua voz mais alta que a de todo mundo. O toldo ocupou todo nosso jardinzinho dos fundos, com a lateral apoiada na parede do jardim, de modo que o canto da cobertura está espetado na lona, parecendo prestes a furá-la e perfurar o crânio de alguém a qualquer momento. Gina está pronta e arrumada, e linda como sempre, mesmo depois de todo esse tempo, conversando e organizando todo mundo, como se morasse em Hollywood Hills. Mas nós não moramos. Eu não pude dar a ela o que sei que ela gostaria, que foi a criação que teve. Agora que Sabrina está com treze anos, ela está falando em voltar a trabalhar, acho que ela não vai, na verdade, sei que está blefando. Tudo isso é só pra me dizer “Você não está me dando o que eu preciso. Você não está ganhando dinheiro suficiente”.

Terei de ficar sentado naquela tenda pelas próximas horas, ouvindo as pessoas me perguntando “O que você está fazendo agora, Fergus?” como se eu mudasse de emprego como mudo de cueca. Não tive facilidade para me estabelecer em lugar nenhum, mas acho que agora estou com algo bom. Sou um bom vendedor, um ótimo vendedor, isso desde o açougue do Mattie, quando eu fazia o máximo para deixar de limpar vísceras e outras tarefas esquisitas, que ninguém queria fazer. Comecei a procurar carnes melhores para comprar, passei a aconselhar o Mattie sobre melhores maneiras de vender também. E deu certo. Rapidamente, saí dos fundos do açougue e subi para o escritório, focando nas vendas. Depois, quando me casei com a Gina, senti que estava na hora de deixar o Mattie, levar minhas habilidades para outro lugar, o que fiz com bastante sucesso. Telefones celulares, hipotecas, e agora um amigo quer me contratar para sua nova empresa. Só preciso entender melhor o mercado, que já entendo. Não sou bom para administrar meu próprio dinheiro, mas isso não significa que não sou bom para ganhar dinheiro para outras pessoas. Só preciso de uma qualificação para convencer as pessoas a acreditarem em mim. Eu me matriculei num curso noturno na cidade, duas vezes por semana, depois serei um legítimo capitalista de negócios.

— O que tem aí dentro? Meu presente? — ela dá uma batidinha no saco na minha mão e eu puxo da mão dela.

— Desculpe — diz ela, subitamente séria, ligeiramente assustada, dando um passo para trás.

— Perdão, amor, não quis... é que... — mantenho o saco atrás das minhas costas. Tenho que escondê-lo, antes que Gina pergunte também. Uma noite longe dela e ela já começa de paranoia.

Subo a escada correndo até o quarto de hóspedes, que também é usado como meu escritório. Pela aparência do quarto, imagino que a mãe dela vai ficar aqui, tem uma porção de velas, flores, xampu, gel de banho, tudo que ela precisa para passar uma noite. Só faltou colocar chocolate no travesseiro. Puxo a cadeira da escrivaninha e subo para alcançar o alto do armário. As bolas de gude estão no alto, na parte de trás, bem no fundo do armário. Eu mesmo quase não consigo alcançá-las, de tão bem que as escondi, e é exatamente ali que vou enfurnar esse saco, até que eu tenha tempo para esvaziá-lo, mais tarde.

Ouçõ passos na escada e não consigo ser rápido o suficiente para enfiar o saco ali dentro. Empurro, mas não adianta. Se eu tivesse usado o bom senso, teria tirado os objetos ofensores separadamente, sem entrar em pânico. Estou suando, posso sentir o cheiro de café preto emanando das minhas axilas, sinto o álcool minando dos meus poros da noite de festa. Ela está perto demais. Fecho o armário e pulo da cadeira, com a sacola na mão, a cadeira ainda ao lado do armário.

A porta se abre.

Gina me encara, me olha de cima a baixo. Eu sei, já sinto por dentro, mais que qualquer outra vez, e já passei perto, muitas vezes, mas eu sei que chegou o momento.

— O que você está fazendo?

— Só queria verificar uma coisa para o trabalho. — Estou suando, meu peito está arfando de pânico e eu tento me controlar.

— Para o trabalho — ela repete secamente.

Os olhos dela estão sombrios, seu rosto está voraz, nunca a vi com essa expressão. Sinto que está indo tudo por água abaixo e, ao mesmo tempo, estou quase aliviado, mas não quero que acabe.

— Onde você ficou ontem à noite?

— No Holiday Inn.

— Onde?

— Kings Cross.

— Para o Fórum de Tecnologia Estratégica?

— Sim.

— Sim, foi isso que achei que você tinha me falado. Então, eu liguei procurando você. Não havia nenhuma reserva em seu nome naquele hotel, nem no fórum. Nada. A menos que você estivesse num casamento indiano, Fergus, você não estava lá.

Agora ela está tremendo, voz e corpo tremendo.

— Você estava com uma das suas vagabundas, não estava?

Isso me quebra. Ela nunca tinha me acusado dessa forma. Não diretamente. Ela já dera a entender, com perguntas e incertezas, mas nunca tinha falado diretamente. Isso faz com que eu me sinta repulsivo, o jeito que ela me olha, pelo jeito que fiz com que ela se sentisse, reduzindo-a a essa versão de mulher que nunca tinha conhecido. Acabou, acabou, ela me pegou. Desisto, ou não? Nunca desisto. Mais uma tentativa. Não caia sem uma boa briga.

— Não, Gina, olhe pra mim — eu a seguro pelos ombros. — Eu estava lá, sim, a conferência foi em outro hotel. A reserva não foi feita no meu nome, foi feita por uma agência de viagens e provavelmente no nome deles. Não sei que agência, mas posso descobrir. — Minha voz está aguda demais, fraca, falhando, está me entregando. Com bolinhas de gude, você nunca precisa falar, sua voz não tem como traí-lo.

— Tire as mãos de mim — diz ela, com a voz baixa e ameaçadora. — O que tem na sacola?

Eu engulo em seco.

— Não posso... nada.

Ela me olha e eu receio que ela vá atracar a sacola, abrir, revelar a verdade. Ela está certa, eu não estava no Holiday Inn. E não estava num fórum de trabalho. Estava no The Greyhound Inn, Tinsley Gree, em West Sussex. Mas não estava com outra mulher. Esse é o lugar onde eu tenho estado, no mesmo dia, pelos últimos cinco anos, para os campeonatos de jogo de bola de gude. Em minha sacola, estão dois troféus, o primeiro, eu ganhei com meu time, e o segundo por ser o melhor jogador individual. O time se chama Vagabundas Elétricas, em homenagem às bolinhas transparentes da Christensen Agate, com rodaminhos opacos brancos. “Elétricos” porque as bolinhas vagabundas da Christensen Agate são muito mais brilhosas que as produzidas por quaisquer outros fabricantes, sendo pêssego a cor mais rara. Batizei o time porque é uma bolinha que eu comprei depois do meu caso na plantação de repolhos. A bolinha

me lembrava do tom creme de sua pele, do pêssgo em seus cabelos e lábios, e do momento na plantação, cinco anos antes, um lembrete de que a minha vida com o jogo de bolas de gude era meu segredo, meu meio de trapacear. Batizar o time assim foi como me marcar, eu acho, com um misto de orgulho e abominação, reconhecimento de quem sou, um trapaceiro com um título, que queria levar adiante o seu segredo com o jogo de bolinha de gude. Foi um sucesso instantâneo com meus colegas de time, eles não faziam ideia do verdadeiro significado. O mundo do jogo de bolas de gude não é diferente do mundo das pessoas, ele também tem suas reproduções e suas farsas, e as bolinhas vagabundas eram uma tentativa de imitar as bolinhas feitas à mão. Gina é minha bolinha feita à mão, sempre foi e sempre será, enquanto minha amante da plantação de repolhos e eu éramos dois vagabundos e ambos sabíamos disso.

Foi uma coincidência que Gina usasse a palavra vagabunda. Ela não fazia ideia, tenho certeza. Meus colegas de time, cinco outros homens, nada sabiam sobre a minha vida pessoal, nada além dos jogos que participávamos juntos, e os gracejos que permitem que os homens evitem qualquer discussão pessoal. Nós nos reunimos para ganhar campeonatos, cinco anos seguidos, e esse foi o único ano em que a Irlanda ganhou e eu não posso contar pra ninguém a respeito. Saiu uma pequena matéria no jornal de hoje falando sobre a vitória irlandesa, acompanhada por uma foto desfocada do time, eu deliberadamente me escondendo no fundo, não dá pra me identificar. Vagabundas Elétricas ganham para a Irlanda. Depois, é claro, a menção do melhor jogador individual, eu, que fiz o arremesso vencedor.

O jogo que nós jogamos foi Ring Taw, em que quarenta e nove bolinhas alvo são colocadas num ringue erguido a dois metros. A superfície fica a oito centímetros do solo e é forrada de areia. As bolinhas podem ser de vidro ou de cerâmica, e têm três centímetros de diâmetro. Dois times de seis jogadores ganham um ponto cada a cada bolinha que eles arremessam pra fora do ringue. Vence o primeiro time que colocar vinte e cinco bolinhas pra fora do ringue. Vagabundas Elétricas derrotaram o time dos Estados Unidos e se tornaram campeões mundiais e, fora o nascimento de Sabrina, esse foi o segundo melhor dia da minha vida. Um momento que, sem dúvida, vou me lembrar para sempre.

Como posso contar pra Gina agora? O que eu diria? Pelos catorze últimos anos eu venho mentindo pra você sobre um *hobby* que tenho. Isso tem sido uma imensa parte da minha vida, mas você não sabe nada a respeito. Com ou sem mulheres, isso, em si, já é uma traição, também é esquisito, constrangedor, se

estou escondendo um *hobby*, o que mais estou escondendo? Passou tempo demais para explicar, para voltar atrás. Por que é mais fácil mentir? Porque eu prometi ao Hamish. Saindo escondido, à noite, aos dez anos de idade, esse foi o nosso segredo. Um segredo escondido da minha mãe, que nós estávamos negociando, um segredo dos outros jogadores, do quanto eu era bom. Não sei o motivo, mas guardei esse segredo, como um pacto com Hamish, uma ligação com ele. Das pessoas que importam, nós somos os dois únicos em nossa vida que sabemos. Só eu e você, Hamish. Mas Hamish se foi e Gina está aqui e eu não posso continuar assim pelo resto da minha vida. Isso vai me deixar maluco, já está começando a deixar. Sinto a pressão mais que nunca. Vou contar pra ela. Será difícil, por um tempo, ela não vai confiar em mim, mas, de qualquer forma, já faz um tempo que ela não confia. Mas vou contar pra ela. Agora.

— Eu vou lhe mostrar — digo, tirando a sacola de trás das costas e abrindo o zíper, com os dedos tremendo como ninguém acreditaria. Mesmo nos momentos finais do jogo mais importante da minha vida, meus dedos eram firmes como uma rocha.

— Não! — ela diz, subitamente amedrontada, me impedindo, com a mão estendida.

Eu quero contar a ela que não é o que ela pensa, embora eu não saiba o que ela pensa que é, mas não pode ser isso.

— Não. Se você está dizendo que estava lá, você estava lá. — Ela engole com força. — Todos estarão aqui em quinze minutos, por favor, esteja pronto. — Ela me deixa, o zíper da sacola aberto, o metal do troféu brilhando para que eu veja. Se ela ao menos olhasse para baixo.

Mais tarde, naquela noite, novamente com a minha máscara, depois de comer coquetéis de camarão e Kiev de frango, a *pavalova* esperando para ser comida, eu vou procurar Sabrina. Encontro-a encolhida no sofá, chorando.

— O que houve, amor?

— O John disse que eu pareço uma vagabunda.

Eu a tomo nos braços, as lágrimas lavando um bocado de sua maquiagem.

— Não, você não é isso. Jamais será isso. Mas tudo isso — eu aponto para o seu traje —, isso não é você, é, amor? Lembre-se — digo, sentindo um bolo na garganta —, apenas lembre-se de sempre ser você.

Regras da piscina: Proibido usar calçados pesados

O Gato de Mármore é um pub com uma fachada preta bacana, na Capel Street, com bandeiras de Kilkeny penduradas em mastros. É convidativo, anunciando os pratos do dia no quadro-negro — sopa de legumes e pão de centeio Guinness, camarões graúdos da Enseada de Dublin —, ao contrário de alguns outros que desejam ser mais fechados. São quatro horas da tarde de uma sexta-feira e ainda não está fervilhando de gente, como em geral acontece no fim do dia, com trabalhadores prontos para descarregar o estresse da semana. O pub fica separado entre o bar e um salão. Escolho o salão, sempre mais intimista. Há três homens no bar, olhando profundamente as canecas de cerveja, algumas banquetas vazias entre eles, que não estão juntos, mas ocasionalmente conversam. Dois homens de terno tomando sopa e comendo pãezinhos, e não tem mais ninguém no local.

Um jovem barman está atrás do bar, assistindo a uma corrida na TV. Eu me aproximo e ele olha pra mim.

— Oi — mantenho o tom de voz baixo e ele se aproxima. — Eu poderia falar com o gerente, por favor? Ou alguém que trabalhe aqui há bastante tempo?

— Hoje o chefe está aqui no bar, vou chamá-lo.

Ele some ao passar por uma portinhola e, depois de alguns minutos, o espaço é tomado por um homem gigantesco.

— Eis o Gato de Mármore em pessoa! — exclama um homem do bar, subitamente ganhando vida.

— Spud, como vai você? — diz ele, apertando a mão do outro.

Ele é imenso, mais de dois metros de altura e largo como uma porta, e é nesse momento, quando olho em volta, para as paredes do pub, que me dou conta de quem ele é. As paredes estão cobertas de fotografias, troféus, camisas emolduradas, reportagens de jornal das finais irlandesas e vitórias que cobrem cada pedacinho das paredes. Listras pretas e amarelas — os gatos — e eu de

súbito percebo a que o nome do pub se refere, ou, parte dele. Os arremessadores de Kilkenny são notoriamente chamados de Os Gatos, termo que se refere a qualquer um que seja um lutador tenaz. E eu o vejo trombando com outros jogadores, de taco em punho, antes dos capacetes e do equipamento de proteção, solidez pura. Um homem de mármore. Ele se debruça sobre o balcão do bar para se aproximar da minha altura, embora ainda seja um gigante, com os cotovelos pousados na madeira polida, uma pose que provavelmente faz até dormindo.

— Eles o chamam de Gato de Mármore? — pergunto.

— Me chamam de muita coisa. Ainda bem que essa pegou — ele retribui o sorriso.

— Você não conhece esse camarada? — pergunta Spud. — Ganhou seis medalhas em finais irlandesas, na década de 1970. Era o astro de Kilkenny. Nunca houve nada como ele antes e nada igual desde então.

— Pra você, eu sou Billy — diz ele —, dono do pub. Como posso ajudá-la?

— Meu nome é Sabrina Boggs. — Fico olhando o rosto dele, pra ver se ele reconhece, pois Boggs não é um nome comum, mas não vejo nada. — Meu pai está passando por problemas de memória, nesse momento, e eu queria ajudar a preencher os vazios pra ele. Ele costumava beber aqui. Era um cliente habitual.

— Bem, você está com sorte, porque eu conheço cada pessoa que entra por aquela porta, principalmente os habituais.

— Ele jogava bola de gude, achei que esse fosse o motivo pra que ele tivesse escolhido aqui, mas esse não é um bar de jogo de gude. — Rio de mim mesma.

— Kilkenny é chamada de Cidade do Mármore — ele explica, gentilmente. — As trilhas das ruas da cidade foram pavimentadas com laje e pedra calcária e nos invernos molhados elas reluziam. Por isso o nome.

Aposto que ele já contou isso incontáveis vezes aos turistas americanos.

— Uma pedra cinza-escura foi escavada na periferia da cidade, chamada de Pedra Preta. Aqui entre nós — ele fala de canto de boca e olha em volta —, eu queria dar esse nome ao pub, mas os caras do dinheiro disseram que O Gato de Mármore seria melhor para os nossos bolsos.

Eu sorrio.

— Mas houve um tempo em que nós tínhamos jogo de bola de gude aqui, você ficará contente em saber que um grupinho sempre vinha jogar. Qual é o

nome dele?

— Fergus Boggs.

Ele imediatamente franze o rosto, depois sacode a cabeça. Ele olha os homens no bar. — Spud, você conhece um camarada chamado Fergus Boggs, que jogava bola de gude aqui?

— Aqui, não — diz Spud, sem nem pensar a respeito, olhando a caneca de cerveja.

— Ele teria vindo cinco anos atrás — eu explico, se a história da Regina for confiável.

Dá pra notar que eu despertei sua curiosidade.

— Desculpe, amor, nós só tivemos um pequeno time de jogo de bola de gude. O Spud, que está aqui, o Gerry, que está lá dentro — ele aponta o bar —, e três outros camaradas. Nenhum Fergus.

— Mostre a ela o canto da vitória — Spud grita, orgulhosamente, e os outros gritam para que ele se cale.

O Gato de Mármore ri e se ergue do balcão do bar. Ele fica altíssimo, ao meu lado.

— Deixe-me levá-la para conhecer. Acho que eles não querem que eu lhe mostre nenhuma das minhas paredes da fama, mas aqui no canto fica a parede da fama do time Vagabundas Elétricas.

Decepcionada por eles nunca terem ouvido falar do meu pai, eu o sigo pelo bar, até o canto dos fundos. Spud pula da banquetta e vem atrás da gente.

Tem uma vitrine de vidro na parede e dentro, dois troféus.

— Esse é o troféu que eles ganharam no Campeonato Mundial de Jogo de Bola de Gude, nos idos de... — ele vasculha os bolsos, à procura dos óculos.

— 1994 — Spud diz, imediatamente. — Abril.

O Gato de Mármore revira os olhos.

— O segundo troféu é de Melhor Jogador Individual. Esse o Spud não ganhou e isso eu posso lhe dizer, sem precisar dos óculos — ele provoca, ainda buscando nos bolsos.

— E aqui, nós temos uma menção no jornal. — Spud aponta o recorte de jornal emoldurado e eu me aproximo mais para ver a fotografia.

— Se você olhar bem de perto, olhe, o Spud ainda tem cabelo — diz o Gato de Mármore.

Para ser educada, olho atentamente. Percorro os jogadores e meu coração dispara.

— Esse é meu pai — eu o aponto no grupo enfileirado.

O Gato de Mármore consegue encontrar os óculos e aproxima o rosto da moldura. Então, ele subitamente ruge:

— Hamish O'Neill! É esse o seu pai?

— Não, não — falo rindo. — Isso está errado. O nome dele é Fergus Boggs. Mas esse é ele. Decididamente ele. Ai, meu Deus. Olhe pra ele, tão jovem.

— Esse é Hamish O'Neill — diz o Gato de Mármore, batendo com o dedo grosso no rosto do meu pai. — E ele era um cliente habitual. Claro que o conheço bem.

Spud também se aproxima.

— Esse é o Hamish — ele diz, na defensiva, me olhando como se eu fosse uma mentirosa.

Estou perplexa. Abro a boca, mas não consigo falar nada. Minha cabeça está acelerada, perguntas demais, estou confusa demais. Estudo a foto pra ver se é mesmo o meu pai, talvez eu esteja errada. Foi há vinte anos, talvez seja alguém parecido com ele. Mas, não, é ele. Será que eles estão brincando comigo? Isso é uma piada? Olho pra eles e estão com o rosto tão sério quanto o meu.

— Ela está dizendo que seu pai é o Hamish — O Gato de Mármore diz ao Spud, empolgado, com a voz retumbando pelo pub e agora os dois homens de terno estão ouvindo.

— Eu ouvi — agora Spud estreita os olhos pra mim.

O Gato de Mármore ri, um riso que preenche o lugar inteiro.

— Gerry! — ele grita para o bar, ao lado. — Vem cá, você nunca vai adivinhar quem está aqui!

— Eu sei quem está aí e não vou chegar nem perto dele. Não até que ele peça desculpas! — um homem grita, resmungando.

— Bem, então, você vai ficar um bocado de tempo aí dentro — Spud grita de volta.

— Ah, será que não dá pra esquecer a briga por alguns minutos, já faz o quê? Um ano? — O Gato de Mármore berra. Ele caminha até o bar, com três longos passos, e grita pela porta dos fundos, que leva do salão ao bar. — A *filha* de Hamish O'Neill está aqui.

Ouçõ uma porção de palavrões e todos riem. Então, Gerry aparece no bar, de cerveja na mão, jeans desbotado, jaqueta de couro. Há alguns homens atrás dele, vieram me olhar.

— Hamish é seu pai? — pergunta um dos homens.

— Não. Fergus Boggs... — eu digo, baixinho.

O Gato de Mármore finalmente percebe o meu constrangimento e tenta acalmar o tumulto que ele causou.

— Certo, certo, vamos acalmar agora e trazer isso pra cá — Ele me leva até uma mesa próxima. — Dara! — ele grita, como se estivesse novamente na vez de lançar a bola. — Arranje um drinque para essa mulher! Desculpe — diz ele, pra mim. — Qual é o seu nome?

— Sabrina.

— Arranje um drinque para a Sabrina! — ele grita e depois fala pra mim, mais baixo — O que você quer beber?

— Água, por favor.

— Ah, tome algo mais forte, você parece que precisa.

Eu também sinto que preciso, mas estou dirigindo.

— Água gasosa.

Todos eles riem.

— Igual ao seu pai — diz Gerry, juntando-se a nós, e os outros homens voltam à escuridão de onde vieram. — Ele nunca bebia quando estava jogando. Dizia que afetava seu arremesso.

Eles riem de novo.

— Gerry, ligue pro Jimmy, ele adoraria ver isso — o Gato de Mármore ruge pra ele.

Tento interferir, não precisa de mais gente, do jeito que está já estou me sentindo sufocada e tonta, mas eles falam acima de mim, como crianças empolgadas, um homem chamado Gerry, outro chamado Spud, o outro é o Gato

de Mármore, até que eu nem consigo mais me lembrar direito de quem é quem. Spud começa a explicar, detalhadamente, como seu time, Vagabundas Elétricas, ganhou o campeonato, arremesso por arremesso, criando a cena, descrevendo a tensão entre americanos e irlandeses, depois, como meu pai fez o lançamento vitorioso. Eles estão falando, uns junto com os outros, interrompendo, brigando, debatendo, Gerry e Spud não conseguem concordar em absolutamente nada, nem no menor detalhe como o clima, enquanto eu ouço, me sentindo estarecida, pensando que tudo isso deve ter sido um equívoco, um mal-entendido. Eles só podem estar falando de outro homem. Por que meu pai se apresentava como Hamish O'Neill?

Então, Jimmy chega, vinte anos mais velho e com menos cabelo do que na fotografia, mas o reconheço. Ele aperta a minha mão e senta, parecendo mais quieto e talvez também perplexo, tendo sido arrastado de onde estava até aqui.

— Onde está o Charlie? — pergunta o Spud.

— Viajando com a mulher — Gerry me explica, como se eu soubesse quem é Charlie, mas eu deveria, pois ele também está na fotografia, é um membro das Vagabundas Elétricas.

— O Peter faleceu ano passado — diz o Gato de Mármore.

— Câncer de fígado — diz Gerry.

— Cale a boca, foi no intestino — Spud o corrige, dando-lhe uma cotovelada nas costelas, fazendo Gerry derramar o drinque, e todos começam de novo.

— Rapazes, rapazes — O Gato de Mármore tenta acalmá-lo.

— Eu preferia quando vocês não estavam falando — diz Jimmy.

Eu sorrio.

— Então, você é filha dele? — pergunta o Jimmy. — Ora, mas é um prazer conhecê-la.

— Ela está dizendo que o nome dele é *Fergus* — Gerry diz, empolgado, como se o nome do meu pai fosse a coisa mais exótica de que ele já tivesse ouvido. — Eu disse a vocês, rapazes, eu sempre soube. Alguma coisa não batia com nosso garoto. O Spud sempre disse que ele era um espião, que era melhor não fazer perguntas, poderíamos ser mortos.

Eles riem, menos o Jimmy, e o Spud me olha todo sério.

— Eu achava. Ele era espião? Aposto que era.

Eles tentam calá-lo, mas tudo se transforma em debate, lembra da vez que ele fez isso, da vez que ele disse aquilo, até que eles finalmente se calam e olham pra mim.

Eu sacudo a cabeça.

— Ele fez algumas coisas diferentes... na maioria, vendas. — Tento pensar em tudo sobre ele, provar que o conheço. — Ele começou com carnes, depois com telefones celulares, hipotecas... — Minha voz parece vir de muito longe, eu nem confio mais no meu conhecimento. Será que meu pai teve mesmo todos esses empregos ou era tudo mentira?

— Ah, sim, caixeiro-viajante, essa eu já ouvi — diz Spud e todos eles o fazem calar, como se ele fosse uma criança.

— Seu último emprego foi como vendedor de carros. Meu marido comprou um carro dele — eu digo, pateticamente, provando a mim mesma que meu pai era, de fato, algo que dizia ser.

Gerry ri, e bate no peito de Spud, que está perplexo e decepcionado.

— Você precisa ver a sua cara — ele ri.

— Eu poderia jurar que ele era espião — Spud continua. — Ele era tão fechado. Uma mão não sabia o que a outra fazia. Era assim, com ele.

— Ora, vamos — Jimmy diz baixinho, e todos eles percebem que eu estou ali, que tudo isso é novo pra mim, e então ficam quietos.

— Quando foi a última vez que você o viu? — pergunto.

Eles se entreolham, procurando a resposta.

— Um mês atrás — diz Gerry.

— Não foi — Spud estrila. — Não dê ouvidos a ele, ele nem lembra o que comeu no café da manhã. Faz mais que isso. Faz mais de um ano. Com aquela mulher.

Meu coração dispara.

— Tão apaixonado. *Jesuiss* — Spud sacode a cabeça. — Ele nunca nos apresentou uma alma viva, em todos os anos, subitamente, aparece com uma mulher. Loira. Qual era o nome dela?

— Alemã — diz Gerry.

— Sim, mas qual era o nome dela?

— E irlandesa — Gerry continua. — Um sotaque gozado. Mulher engraçada.
— Ele tenta pensar. — Você deve conhecê-la, não?

— Não conheço. — Eu limpo a garganta.

— Era Cat — diz o Jimmy.

Todos concordam.

Cat?

— Mas, até onde nós sabemos, ela poderia estar usando um nome diferente
— diz Spud. — Ela podia ser uma espiã. Uma espiã alemã.

Todos eles o mandam calar a boca.

— Por que Hamish? — O Gato de Mármore me pergunta, se aproximando.
— Por que ele se chamava de Hamish O'Neill, se o seu nome era Fergus Boggs?

Procuro pensar, mas não há nada que leve a esse nome.

— Não tenho a menor ideia.

Silêncio.

— Somente ontem eu descobri que ele jogava bolinhas de gude.

— Minha mãe santíssima — diz Gerry. — Então, você não sabia a nosso respeito? Os Vagabundas Elétricas? Ele nunca falou da gente?

Nego com um gesto de cabeça.

Eles se entreolham surpresos e sinto vontade de me desculpar por ele. Sei como se sentem. Será que não eram tão importantes pra ele?

— Bem, talvez você esteja certo sobre o negócio de uma mão não saber o que a outra estava fazendo — diz Spud.

— Você disse que eu estou certo, Gerry? Jesuiss. E eu até sou testemunha.

— Então, onde está ele? — pergunta Gerry. — Faz um ano que nenhum de nós teve mais notícias dele. Não podemos dizer que estamos muito felizes com ele, por causa disso.

— Como está ele? — Jimmy pergunta, baixinho.

Respire.

— Ele sofreu um derrame, ano passado, e isso afetou seus movimentos e sua memória. Desde então, ele está numa casa de repouso, com tratamento integral.

Nós não achamos que tivesse afetado sua memória tão intensamente como agora eu acho que ocorreu, mas, recentemente, descobrimos algumas coisas sobre o meu pai que eu nunca soube, como as bolinhas de gude, e estou bem certa de que ele não se lembra que jogava. Eu obviamente não sei tudo de sua vida, pra saber do que ele se lembra ou não, agora isso está bem claro — eu tento controlar a voz. — Ele teve, tem muitos segredos, não sei o que ele mantém em segredo e o que é perda de memória.

Jimmy parece triste. Todos eles parecem.

— Não posso imaginar o Hami... seu pai não sabendo das bolinhas de gude. Elas eram toda a vida dele — diz Gerry.

Eu engulo. Então, o que era eu?

— Não toda a sua vida — Jimmy o corrige. — Nós não sabemos sobre o resto da vida dele.

— Bem, nós nunca soubemos. Mas eu imaginava que o restante da vida dele pelo menos soubesse sobre nós — diz Gerry, irritado.

— Era de se pensar — eu digo, concordando com ele, parecendo ligeiramente mais irritada do que pretendia.

Há um silêncio. Um silêncio respeitoso, compreensivo, que se torna desconfortável. Eu preferia quando eles estavam discutindo.

— Contem-me sobre como era o meu pai quando ele jogava bolinhas de gude — eu digo e, então, não consigo fazer com que eles se calem.

— Sabrina — Jimmy me chama, quando eu já estou lá fora.

As lágrimas correm pelo meu rosto, e ele me flagrando era a última coisa que eu queria. Achei que chegaria pelo menos até o carro, mas não chego. Não sei se consigo ouvir mais. Quem era o meu pai? Quem é o meu pai? Esse homem com quem eu cresci que todos parecem ver de forma diferente. As palavras de Regina me assombram. Ele é um mentiroso. Simples assim. Como se isso respondesse tudo. Será? Não. Dói? Sim. Por que ele mentiu pra mim? Sua própria filha. Como me sinto tola e imbecil, em deixar que ele entrasse em minha vida, por todos os aspectos dela, mesmo nos momentos em que tive dificuldades no meu casamento, ele era sempre tão carinhoso, no entanto, não compartilhava coisa alguma comigo. Eu me sinto usada, irritada e até pior, pois não posso ir ver meu pai e descarregar tudo em cima dele. O homem que está lá simplesmente não se lembra. Mas que conveniente pra ele. Agora eu pareço a minha mãe, com essa

arenga silenciosa em minha cabeça. Tento me acalmar, esquecer tudo, até que eu esteja sozinha.

Jimmy me pega pelo braço e me leva pela rua. Paramos junto a uma porta, ao lado de uma loja de ferramentas e material de construção, Jimmy pega um chaveiro e entra. Eu o sigo escada acima, até uma quitinete que fica em cima da loja. É bem básica e imagino que ele viva sozinho, depois vejo um balde de brinquedos.

— Para os netos — ele diz, quando me vê olhando. — Fico com eles toda sexta-feira, quando a minha filha está no trabalho.

Ele enche uma chaleira e põe pra ferver. Fica me olhando um tempinho, preocupado.

— É difícil o que você está passando.

Balanço a cabeça, tentando me recompor.

— Conheço um pouquinho desse sentimento. Seu pai também fez com que eu me sentisse assim. No dia de seu casamento.

Ele agora tem minha atenção total, mas não começa a falar até que tenha servido uma xícara de chá para cada um de nós e, por mais que eu queira fazê-lo falar, sei que seria indelicado. Ele tem seu próprio tempo. Surge um prato de petiscos rosados. Então, finalmente.

— Eu era um convidado, no dia do casamento dele. Um primeiro encontro amoroso apropriado, com uma garota que eu meio que gostava. Michelle. Ela era uma das madrinhas, me implorou para ir ao casamento. Imaginei que, se teria comida e bebida de graça, então, por que não? E fui. Paróquia de Iona Road. Eu me lembro bem. Uma igreja grande, toda arrumada com enfeites bacanas. A amiga dela, Gina, estava se casando com Fergus Boggs. Só isso que eu sabia. Vesti meu melhor terno, apareci, sentei. Não conhecia viva alma. Ou, pelo menos, achei que não conhecia. Mas, de repente, um bom amigo meu chega, e eu fico todo feliz por conhecer alguém. Ele também está todo bonito, com um terno azul-claro. Boca de sino. Todos nós usávamos, naquela época. Ele caminha direto até o fim do corredor central. E fica lá de pé, esperando. *Ele é padrinho?* Eu pergunto ao sujeito ao meu lado. *Quem? Ele? Não, aquele é o noivo*, diz o sujeito. *Hamish O'Neill é o noivo?* eu falo. O homem começa a rir. *Você está no casamento errado? Aquele é Fergus Boggs.* Eu juro que o chão se abriu embaixo de mim. Foi como se ele tivesse me dado um soco no estômago. Eu não

conseguia respirar, não conseguia puxar o ar. Eu me senti... bem, eu me senti como você provavelmente se sente agora, mas, pra mim não foi tão ruim. Ele não era meu pai. Mas era meu amigo. Andamos juntos durante dois anos. Hamish O'Neill. Eu não conseguia entender.

— Você o confrontou?

— Nunca.

— Por quê?

— Pensei a respeito, me afastei dele por um tempo. Até foi fácil, ele viajou em lua de mel, depois começou a trabalhar e a fazer horas extras para comprar uma casa, até aí, eu sabia. Mas o estranho foi que quando ele estava longe, alguém entrou no pub, querendo montar um time de jogo de bolas de gude. O Charlie, que você não conheceu, estava fora. Ele tinha ouvido falar de nós dois, do Gato de Mármore, que jogavam. Eu disse que estava interessado, que não tinha certeza quanto ao outro jogador. Eu não tinha intenção de dizer a ele. Mas, depois, o Hamish... Fergus voltou, me ligou para nos encontrarmos para um jogo e uma cerveja, e eu lhe disse sobre o Charlie querer montar um time e nós combinamos o encontro. Nós nos encontramos no Gato de Mármore, e eu fiquei incumbido de apresentá-lo ao Charlie. Pensei nisso, poderia ter sido o meu momento de pegá-lo, de mostrar a ele que eu sabia. Mas, em vez disso, eu disse “Charlie, esse é o Hamish; Hamish, esse é o Charlie”. E foi isso.

— Não sei como você pôde ter feito isso — digo, balançando a cabeça. — Se eu soubesse, não teria conseguido esconder.

— Olhe, nenhum de nós é perfeito. Eu certamente não pretendo ser. Todos nós temos nossas... complicações. O negócio é que o homem deve ter seus motivos. Foi o que sempre disse a mim mesmo. Achei que seria melhor deixar que ele me contasse, ou eu descobriria os motivos com o passar do tempo.

— E você descobriu?

Ele sorri. Um sorriso triste.

— Bem, agora estou descobrindo, não?

— Você e todo mundo — eu digo, com raiva.

— Ele era um homem bom, simples assim. Hamish O'Neill, Fergus Boggs ou quem quer que ele diga ser, não importa. Era simplesmente ele. Divertido, às vezes, rabugento, acho que ele não tenha mudado a sua personalidade, de forma

alguma um homem consegue fazer isso por mais de quarenta anos. Só isso. Pra mim, o nome realmente não importava. Ele era um homem bom. Era um amigo leal. Estava presente, quando eu precisei dele, gostaria de pensar que eu também estava lá, quando ele precisou de mim. Não precisava me contar o motivo ou o que estava errado. Nós só jogávamos bolinhas de gude. E eu acho que nenhuma conversa que tivemos tenha sido fingida ou inventada, era tudo real. Portanto, seu pai é seu pai, quem ele era, quem ele é, ele é o mesmo homem que você sempre conheceu.

Tento assimilar isso, mas, nesse momento, simplesmente não consigo.

— Você não tentou encontrá-lo quando ele sumiu ano passado?

— Não, não sou de ficar espreitando, nem sou detetive particular. — Ele ri.
— Nós tínhamos parado com o time de bola de gude havia quase dez anos. Jogávamos juntos de vez em quando, mas não competíamos. Era difícil demais reunir todos os rapazes, depois, o Peter ficou doente...

— Mas você era amigo dele. Não ficou imaginando para onde ele teria ido?

Ele pensa nisso.

— Hoje em dia, ele nem fala em bolinhas de gude?

— Hoje foi o primeiro dia. Mostrei a ele uns rubis e acho que aconteceu alguma coisa, as bolinhas despertaram alguma coisa. Acho que ele não se lembrava delas antes.

Ele assente, triste.

— As pessoas vêm e vão. Muitos amigos meus morreram — diz ele. — Acontece, quando você tem essa idade. Câncer. Ataque cardíaco, é deprimente, na verdade. Você pergunta sobre alguém, fica sabendo que partiu. Pensa em alguém que não vê há algum tempo, fica sabendo que morreu. Abre o jornal e vê no obituário o nome de alguém que você conhecia. Isso acontece na minha idade. Pelo meu modo de ver, quando parei de ter notícias dele, meu amigo Hamish O'Neill também tinha morrido.

Isso novamente traz lágrimas aos meus olhos.

— Talvez ele queira vê-lo de novo.

— Talvez — ele diz, incerto. — Seria legal vê-lo. Nós não contávamos tudo um para o outro, mas contávamos muita coisa.

Agradeço pelo chá e faço menção de ir embora. São seis da tarde, não tenho

nenhum lugar para ir, mas preciso ir embora. Ainda não terminei.

Jimmy me leva até a porta que dá para a rua e antes de abri-la, ele se vira pra mim.

— De vez em quando, ele derrapava, sabe. Os rapazes podem não se lembrar agora, mas, à época, certamente perceberam, nós costumávamos comentar sobre o que o Hamish estava aprontando. Geralmente, era quando ele tomava umas. Ele mencionava nomes, por engano, eu acho. Ele parecia nem notar. Acho que, naqueles momentos, ele confundia as coisas, sobre o que havia nos contado e o que não tinha contado. Tenho certeza de que isso o incomodava, no fim.

Eu balanço a cabeça e mostro um sorriso, sem sentir qualquer compaixão por meu pai nesse momento.

— Sabe, só houve um momento em que eu o vi muito feliz, como quando ele estava com aquela mulher, Cat. Eu não consegui entender o que era, no dia, mas fez sentido depois, mais adiante, em minha vida.

— O que foi?

— Um dia, ele entrou no pub praticamente dançando, pagou bebida pra todo mundo. *Jimmy*, ele disse, segurando a minha cabeça, com as duas mãos. *Hoje é o dia mais feliz da minha vida*. Foi preciso que algo acontecesse em minha vida para que eu percebesse o que o havia deixado daquele jeito. Quando tive meu primeiro filho. Foi o dia mais feliz da minha vida, fui dançar no pub, como o seu pai tinha feito. E então, eu soube o que tinha acontecido com ele. Soube que ele tinha tido um filho. Foi em abril, cerca de trinta anos atrás. Pouco mais de trinta.

Meu aniversário.

— É verdade? — pergunto, sem conseguir evitar o sorriso que se estampa em meu rosto.

— Pela vida dos meus netos — ele diz, erguendo as mãos.

Eu acredito.

Jogando bolinhas de gude: Olhos de gato

A melhor coisa em ter vendido meu carro foi conhecê-la. As contas estão se acumulando e os ganhos, não. Tive que me desfazer do carro. Trinta mil vão render um bom tempo. Pensei muito para tomar essa decisão, o que é um homem sem carro, mas, depois que a tomei, fui em frente. Um consultor financeiro sem dinheiro, sem carro, sem clientes. Eu sempre seria o primeiro a ser demitido, em seguida, a companhia quebrou, o que não foi nenhuma alegria. Estamos todos juntos, na merda. Mais camaradas como eu procurando os mesmos tipos de emprego.

Sou um vendedor, sempre fui a minha vida inteira, é o que faço melhor, é só o que sei fazer. Hoje é meu primeiro dia como vendedor de carros, estou tentando me sentir otimista, mas não consigo. Tenho cinquenta e seis anos e não tenho um carro para chegar ao meu emprego de vendedor de carros. Meu chefe não sabe, mas ele logo irá deduzir, quando me vir chegando bufando, subindo a ladeira, vindo do ponto de ônibus, toda manhã. Meu médico tem pegado no meu pé para que eu me exercite, fala do meu colesterol, da minha pressão, tudo é má notícia. Cada envelope que eu abro é uma má notícia. Sou oficialmente avô e até o pequeno Fergus gosta de me lembrar de que eu sou um vovô gordo, quando pula na minha barriga. Ao menos essas pequenas caminhadas indo e vindo do ponto de ônibus vão me dar algum movimento.

Ela está em pé, sozinha, no ponto de ônibus, tentando entender a tabela de horário. Eu sei que ela está tentando entender porque está com óculos de leitura, mordendo o lábio inferior e parece confusa, com um rosto franzido. É encantadora.

Ela suspira e murmura consigo mesma.

— Posso ajudá-la?

Ela olha em volta surpresa, como se achasse que estivesse sozinha.

— Obrigada, não consigo entender esse negócio. Onde fica hoje? Aqui é

hoje? — Ela aponta o dedo com a unha pintada de rosa. — Ou aqui é hoje? Estou procurando o ônibus número 14, será que estou no lugar certo? E isso, não dá pra entender nada, porque algum esperto decidiu dizer ao mundo, com uma Sharpie, que Decko é bicha. Quer dizer, isso não tem nada de mais, eu conheço bichas muito felizes. Decko pode ser muito sortudo, mas não se ele quiser o ônibus 14 numa manhã de segunda-feira. Então, Decko será uma bicha muito infeliz.

Eu solto uma gargalhada. Passo a adorá-la instantaneamente. Estudo a tabela de horários por algum tempo, não porque estou me concentrando, mas porque quero ficar perto dela, porque ela tem um cheiro lindo. Ela finalmente me olha, baixa os óculos de armação de oncinha e eu me vejo diante do par de olhos mais impressionantes que iluminam seu rosto inteiro, fazem com que ela brilhe de dentro pra fora.

Devo estar deixando meus sentimentos transparecerem de forma bem óbvia, porque ela sorri de um jeito lisonjeado.

— Então?

— Não tenho a menor ideia — digo, o que faz com que ela jogue a cabeça pra trás, numa gargalhada sincera.

— Ora, mas eu adoro a sua honestidade — diz ela, tirando os óculos e deixando-os caírem na corrente que pousa em seu peito, que é incrivelmente grande e convidativo. — Você também é novo nos ônibus?

— Relativamente. Acabei de vender o meu carro, tudo que sei é que preciso pegar o ônibus de sete e cinquenta e descer depois de dezoito paradas. Minha filha. Ela gosta de me manter em segurança.

Ela ri.

— Bem, meu carro também é o motivo para que eu esteja aqui. Ontem de manhã, ele resolveu desistir. Puf, assim, de repente.

— Eu posso lhe vender um novo.

— Você vende carros?

— Hoje é meu primeiro dia — eu rio.

— Bem, até agora, você está indo muito bem, e nem chegou ao trabalho — ela ri.

Juntos, descobrimos como pagar o motorista, que não pega nosso dinheiro,

mas insiste para que o coloquemos numa máquina. Ela me deixa passar primeiro, o que significa que eu sento primeiro e fico imaginando se ela vai sentar ou passar por mim. Mas ela se senta ao meu lado, o que faz com que eu me sinta enternecido.

— Meu nome é Cat — diz ela. — Caterina, mas Cat.

— Eu sou Fergus. — Apertamos as mãos, sua pele é lisa, macia, ela não está de aliança.

— É escocês?

— Meu pai era. Nós partimos quando eu tinha dois anos, nos mudamos para Dublin. E você? Seu sotaque é peculiar.

Ela ri.

— Ora, muito obrigado. Sou de um lugar chamado X, na Alemanha. Sou filha de um bom fazendeiro. Mudei-me para Cork depois da universidade, quando tinha vinte e quatro anos.

Ela é viciante, estou interessado em tudo sobre ela e me esqueço do nervoso do primeiro dia, relaxo completamente no meu banco, quase passando do meu ponto. Faço uma porção de perguntas pessoais, ela responde e pergunta também. Falo demais sobre mim, das minhas dívidas, minha saúde, dos meus fracassos, mas não de um jeito melancólico, de um jeito honesto, de uma forma que ambos podemos rir.

Deixá-la no ônibus é como uma bolha que estoura; não tenho tempo nem coragem para pedir seu telefone. Quase perco o ponto. Ela dá sinal bem na hora. O ônibus encosta, todos estão esperando que eu me esprema e saia do lugar, todos os olhos estão sobre mim, não posso convidá-la pra sair, é apressado demais, demonstra pânico demais. Desço do ônibus me sentindo enfurecido.

Passo as primeiras horas do meu primeiro dia me sentindo a peça sobressalente que não sabe bem o seu lugar. Os outros homens não estão muito impressionados com a minha contratação, um amigo do dono, Larry Brennan, um dos poucos favores que me restavam na vida e a única forma que pude encontrar um emprego, depois de cinco meses sem trabalho. Nós crescemos juntos e ele não podia dizer não. Provavelmente queria, mas não podia.

Como um homem nada popular no salão, é difícil chegar aos clientes. Eles pulam na frente, de alguma forma, conseguem distrair os meus clientes e abocanhá-los. Cobra comendo cobra.

— Não, quero ele — ouço uma voz familiar dizendo, à tarde, quando sinto vontade de ir pra casa e comer uma caixa inteira de chocolates.

E lá está ela. Minha colorida, vivaz, extraordinária cintilante estrangeira. Em meu primeiro dia, faço a minha primeira venda.

De forma bem pouco profissional, pego o telefone dela na papelada e ligo para convidá-la pra sair. Ela fica bem feliz em ter notícias minhas e me diz que quer cozinhar pra mim. Vou ao seu apartamento numa noite de sexta-feira, com um buquê de flores, uma garrafa de vinho tinto e uma missão clara. Contar-lhe tudo.

Chega de segredos. Chega de vidas separadas. Passei a detestar o homem que me tornei. Chega de segredos. Com a Cat, não. Essa é a minha chance para um novo começo.

O apartamento dela é bem bonitinho, tem dois quartos, um dela e o outro da filha de quem ela está tentando se livrar. As paredes estão cobertas com suas próprias pinturas, e no parapeito da janela há vasos e pesos de papel com lilases e flores cor-de-rosa, rodamosinhos e espirais nos pesos de papel. Eu os observo, enquanto ela prepara a comida na pequena cozinha, e o cheiro é delicioso.

— Ah, eu acabei de começar a ter aulas de pintura. Pintura em vidro para ser específica.

— É diferente de papel? — pergunto.

— Muito e pra aprender custam setenta e cinco euros — ela provoca.

Eu assovio.

— Você tem algum *hobby*?

É uma pergunta fácil, uma pergunta tão fácil, pra tanta gente. Mas eu paro. Eu hesito, apesar da missão que eu havia firmemente determinado, durante a semana toda, enquanto esperava por esta noite.

Por conta da minha hesitação, ela para o que está fazendo. Vem até a abertura que liga a cozinha à sala de jantar e estar, ainda de luvas. Aqueles olhos verdes encontram os meus.

Subitamente, sinto falta de ar, ao admitir algo tão imenso. Sinto que começo a suar na sobancelha. Ande logo, Fergus, diga.

— Eu jogo bolinhas de gude. Coleciono bolinhas de gude. — Não é uma frase completa, eu nem sei se significa algo, mas estou agarrado ao encosto de

uma cadeira da cozinha e ela me olha rapidamente, observa minha postura, meu nervoso e sorri.

— Mas que maravilhoso. Quando é seu próximo jogo?

— Amanhã — eu limpo a garganta.

— Eu adoraria ir assistir. Posso?

Surpreso, eu concordo.

— Sabe, hoje estava brincando com as minhas bolinhas de gude — ela sorri e continua falando, enquanto eu tento me recompor. — Sim, eu sou uma veterana. E algumas pessoas muito inteligentes surgiram com a ideia de usar bolinhas de gude de vidro para manter éguas fora do cio. Hoje eu inseri uma bolinha de vidro de trinta e cinco milímetros dentro do útero de uma égua. Foi a primeira vez que fiz, e para a égua também. Mas sabe de uma coisa? Acho que ela andou tendo aulas num desses clubes de pingue-pongue, pois ela pôs pra fora, na mesma hora. Expeliu imediatamente. Mas consegui, da segunda vez. Sabia que a empresa de quem as comprei as chama de maré-azul?

Dou uma risada, totalmente surpreso pela calma com que ela está encarando a notícia, depois, por sua própria história de bolinhas de gude.

— Vou lhe arranjar uma — ela diz, voltando ao forno. — Aposto que você não tem uma dessas na sua coleção.

— Não. — Eu estou rindo, ligeiramente histérico. — Não tenho.

— Então, me conte sobre as suas bolinhas de gude, sobre a sua coleção.

E eu começo pelo início, com o padre Murphy e a sala escura, com os meus rubis, depois não consigo mais parar. Conto a ela sobre o Hamish e os ganhos no jogo, conto sobre os meus irmãos, conto sobre os campeonatos mundiais. Nós bebemos vinho e comemos carneiro assado, e eu conto a ela sobre os jogos, sobre meu time, Vagabundas Elétricas, conto sobre os pubs onde vou jogar e com que frequência. Eu conto a ela sobre o Hamish, tudo sobre o Hamish e falo sobre a minha coleção. Conto sobre o pote de bolinhas do castigo pelos palavrões, e conto sobre as trapaças, conto que Gina e Sabrina nunca souberam e tento, com dificuldade, explicar o motivo. Nós tomamos mais vinho e fazemos amor e eu conto mais a ela, enquanto estamos deitados, lado a lado, no escuro. É como se eu não conseguisse parar. Quero que essa mulher saiba quem eu sou, sem segredos, sem mentiras.

Conto a ela sobre meus irmãos, como eu os afastei da minha vida e jamais vou me perdoar por isso, e, comovida pela minha história, ela diz que vai cozinhar pra eles, e eu digo não, que isso é demais, eu não poderia, nós todos não poderíamos. Mas ela é filha única e sempre quis ter uma família grande. Então, ao longo dos meses seguintes, ela cozinha para o Angus e a Lynne, depois, para o Duncan e a Mary, o Tommy e sua namorada, Bobby e Laura, Joe e Finn. E é um sucesso, então, nós podemos fazer de novo, com os amigos dela.

Ela me pergunta o que me fez gostar dela, o que me deixou tão rapidamente viciado nela, porque nós éramos assim, viciados um no outro. Falo que foram seus olhos. São como olhos de gato. Ironicamente. Mais especificamente, como olhos de gato estrangeiros, bolinhas geralmente feitas no México. A maioria dessas bolinhas é de uma única cor, quatro abas e vidro, com um tom esverdeado de garrafa. O contorno externo de seus olhos é verde-garrafa, a parte interna é quase radioativa de tão reluzente.

— Então, o que eu valho, em perfeitas condições? — ela me provoca, numa manhã, na cama. — Eu, aos vinte e um anos, antes dos meus bebês, talvez?

— Você está em perfeitas condições agora — subo em cima dela. — Olhe pra você — ergo seus braços acima da cabeça e a seguro assim. — Você é linda. — Nós nos beijamos. — Mas você não tem valor colecionável algum — acrescento, e nós dois caímos na gargalhada.

Ela me diz que quando revelei meu *hobby* de jogar bolinhas de gude, ela sentiu, pelo meu rosto, que eu estava dizendo algo muito importante, ela disse que eu parecia dizer algo de vida ou morte. Que, por qualquer que fosse o motivo, tinha sido bem difícil pra que eu contasse, e se ela dissesse algo errado, eu desapareceria e ela não queria que eu fosse embora.

O primeiro presente que ela me deu foi uma bolinha de gude maré-azul, pintada por ela, claro.

O único arrependimento que eu tenho, a cada dia que passo com Cat, é que não completei a perfeição; não amarrei todas as pontas soltas. Para essa parte eu levarei um tempo, a parte em que tenho que apresentar Sabrina à Cat. Não porque eu ache que elas não se darão bem, eu acho que se darão, sim. Mas Cat sabe sobre mim, meu eu verdadeiro, a personalidade das bolinhas de gude, e Sabrina e Gina desconhecem inteiramente. Contar a Sabrina sobre isso seria lhe dizer que eu a excluí, assim como a sua mãe, de uma parte de minha vida, por tanto tempo, que eu menti para as duas pessoas mais próximas de mim e em

quem eu deveria confiar e permitir que confiassem em mim. Não consigo pensar no que dizer a elas. Cat me diz para que eu me apresse. Ela fala que é pra dizer as coisas às pessoas enquanto você pode, a mãe dela morreu antes que ela tivesse a chance de fazer as pazes, depois da desavença que tiveram. Ela diz que a gente nunca sabe o que pode acontecer. Sei que ela está certa. Farei isso em breve. Vou contar logo para a Sabrina.

Regras da piscina: Proibido gritar

— Meu pai tinha uma vida secreta — falo, ouvindo o tremor em minha voz, enquanto a adrenalina continua a percorrer meu corpo, por conta da minha descoberta. Ao fundo, ouço Alfie tendo uma crise de manha porque não quer comer feijão, só quer marshmallows ou macarrão da Peppa. Aidan tenta acalmá-lo, enquanto me ouve. Eu continuo falando, zangada. — *Ele era outra pessoa, inteiramente. Hamish O'Neill.* Você alguma vez o escutou usar esse nome?

— Hamish O'quê? Não! Alfie, pare! Sem chance, meu bem. Conte mais. Tudo bem, pode comer marshmallows no jantar.

Confusa, sem saber com quem Aidan está falando, eu continuo.

— Conheci uns homens, no pub, eles eram do time dele de jogo de bolinhas de gude, eles nunca ouviram falar de mim. Disseram que meu pai era reservado, um deles achou que ele fosse espião. — Minha voz falha e eu paro de falar, me concentrando na estrada. Já entrei numa porção de ruas erradas e só não peguei a contramão porque todos buzinaaram.

— Sabrina — diz Aidan, preocupado. — Você não quer esperar até chegar em casa pra analisar isso melhor?

— Não — reclamo. — Acho que é bem apropriado, não acha? Com tudo que você vem dizendo sobre mim.

Ele faz silêncio.

— Sabrina, você não é ele, não era isso que eu estava dizendo.

— Eu te ligo mais tarde. Tem alguém que preciso ver.

— Certo. Só...

— Não diga *se eu acho que irá ajudar*, Aidan.

Ele fica em silêncio.

Antes de desligarmos, Alfie subitamente ruge ao telefone.

— Feijão dá pum, mamãeeee.

Nunca liguei pro meu avô Mattie porque meu pai nunca o chamou de pai. Devo ter questionado isso em algum momento, durante a infância, mas não me lembro a resposta, nem me lembro de algum momento imaginar por que ele não era o vovô, eu apenas soube que ele não era pai do meu pai. Disseram-me que meu avô tinha morrido quando meu pai era pequeno e Mattie casou-se com a vovó, que, pra dizer a verdade, me assustava. Os dois me assustavam.

Mas agora, aos trinta e três anos de idade, acho estranho que apesar de Mattie ter criado o meu pai desde os seis anos, eu nunca o tenha considerado meu avô. Acho até desrespeitoso.

Minha avó Molly era durona, não afável como a minha nana Mary, e parecia que ela nunca me achava suficientemente grata, me lembrando de dizer por favor e obrigada mil vezes por dia, e me deixando nervosa e totalmente desconfortável.

Nos últimos anos, a mamãe me disse que a vovó Molly sempre lhe dizia *Você mima demais essa criança*. Ela também costumava pegar no pé da minha mãe por não ter mais filhos, algo que, por algum motivo, não acontecia com eles. Não que isso não pudesse ser tratado, naquela época, a mamãe continuou tentando. Acho que isso teve um papel expressivo para que o relacionamento deles desandasse, fora o fato de que eles eram pessoas diferentes, com opiniões diferentes em praticamente tudo. Minha mãe não aceitava as críticas da sogra, que passou a vida inteira tendo e criando filhos, sendo esse todo o objetivo de sua vida.

— Eu não estava acostumada a alguém que não gostasse de mim — minha mãe me disse, uma vez —, não como na época de escola, ou alguém do trabalho. Isso era diferente, eu me esforçava muito com ela, que, mesmo assim, não gostava de mim. Ela nunca quis gostar de mim.

O que elas tinham em comum era o amor por Fergus.

Quando meu pai visitava a vovó Molly, na maioria das vezes ele ia sozinho. Ele ligava pra ela, de vez em quando, indo ou voltando da cidade, às vezes eu estava com ele, às vezes, não. Nós todos nos reuníamos nos Natais, por uma hora, na manhã de Natal, se o papai ficasse uma hora. Eu ficava quieta, excessivamente grata pelo meu novo pijama branco, enquanto todos papeavam. Quando eu tinha catorze anos e ela morreu, eu me senti como se alguém que eu não conhecesse tivesse morrido. Secretamente, me senti um pouquinho aliviada

por não ter mais que visitá-la. Visitá-la era uma tarefa pavorosa. Depois, no enterro, quando vi todos os meus primos, que eu mal conhecia, todos chorando e sendo consolados pela perda pelos meus tios, me senti muito culpada por não me importar tanto quanto eles. Eu não sentia a perda como eles. Então, chorei.

Quando eu me casei com Aidan, achei que o certo a fazer era convidar Mattie para a cerimônia e recepção. Minha mãe me apoiou, meu pai, nem tanto. Ele nem precisou se preocupar, o Mattie não foi.

Poucas foram as vezes que pensei em Mattie. Meus filhos não o conhecem, eu nunca o visito. Minha mãe o abomina, acha que ele é um velho vil que ficou ainda pior depois que a Molly morreu. Mas, novamente, eu me sinto culpada por isso. Eu achava que meu pai não queria qualquer contato com sua família, era o que ele dava a entender, e achei que não tinha nada de mais se fizéssemos o mesmo, isso era até um alívio pra nós, mas, agora, fico imaginando por que ele não incentivou a nossa convivência. Por quê? E agora, à medida que os seus segredos vêm à tona, quero conhecer essa gente, saber por que ele passou a ser dessa maneira.

Mattie tem quase noventa anos e mora sozinho, num apartamento térreo, de quarto e sala, em Islandbridge. Sei o endereço dele porque sempre mando cartões de Natal. E uma foto das crianças. Todo ano. Ele não está esperando a minha ligação.

— Quem é? — ele berra.

— Sabrina — falo e depois acrescento, pra ajudá-lo a se lembrar: — Sabrina Boggs.

— Quem? — ele berra de novo.

Ouçó a porta sendo destrancada e nós ficamos cara a cara. Ele perde para o senhor Daly, está ainda mais acabado. Depois de estreitar os olhos e me olhar de cima a baixo, fica claro que eu preciso me explicar melhor.

— Sou filha de Fergus.

Ele me olha de novo, depois dá um passo atrás e volta caminhando arrastado até sua poltrona, que fica de frente para a TV. Ele está vestindo uma camisa de mangas curtas, com um colete branco manchado, e se esforça para abotoá-lo, com os dedos retorcidos. Está mais velho, porém quase que exatamente igual ao que me lembro dele, durante as minhas visitas de infância. Em sua poltrona, distraído pela TV.

— Lamento por não ter ido ao seu casamento — ele logo diz. — Não vou muito a eventos sociais.

Fico constrangida. O casamento foi na Espanha e eu sabia que ele não poderia ir.

— Eu sei que a Espanha não é fácil pra muita gente, mas queria que o senhor soubesse que seria bem-vindo.

— Foi uma novidade pra mim ser convidado por alguém, em vez dos Boggs — ele ri. Alguns dentes estão faltando.

— Ah, sim. — Eu fico vermelha outra vez. — Foi um problema de números, a minha família é tão grande que nós simplesmente não poderíamos incluir todo mundo.

O jeito como ele me encara não facilita em nada pra mim.

— Você não tem contato com eles.

— Com... os meus tios? Gostaria que isso não tivesse acontecido. — Sou bem verdadeira ao dizer isso, embora nunca tivesse percebido. Sentado à minha frente, está o homem que criou meu pai e ele é um estranho pra mim. — Infelizmente, o papai não era próximo deles e eu imagino que isso tenha tido um efeito em mim e neles — eu explico.

— Eles eram carne e unha — diz ele. — Eles o chamavam de piolho. Sabia disso?

— De piolho?

— Sim. Ele era o menor. O menor dos Boggs.

Tenho a impressão de que a casa era dividida entre Doyles e Boggs. Nunca perguntei ao meu pai se isso era um problema, quando eles eram pequenos. Por que nunca perguntei?

— Mas ele se garantia — diz ele. — Foi mais esperto que todos.

Eu me sinto orgulhosa.

— Não que fosse difícil, com aquele bando de idiotas — ele funga.

— O nome Hamish O'Neill significa alguma coisa para o senhor?

— Hamish O'Neill? — pergunta ele, franzindo o rosto, como se fosse um teste e ele tivesse sido reprovado. — Não.

Procuro não mostrar a minha decepção.

— Mas houve um Hamish Boggs — diz ele, tentando ser útil. — O mais velho dos garotos Boggs.

Estou assentindo, com a cabeça zunindo. Eu tinha me esquecido do irmão mais velho do meu pai até agora, pois seu nome raramente era mencionado.

— Ouvi falar de Hamish. Ele e o papai eram próximos?

— Hamish? — diz ele, surpreso, como se não pensasse nele desde sua morte. — Ele e seu pai eram grudados. Seu pai andava atrás dele pra todo lado, feito um cachorrinho, Hamish jogava um graveto e seu pai ia buscar. Hamish era muito esperto, entende? Um tolo, como eu disse, mas era esperto. Ele encontrava o camarada mais esperto da sala e o mantinha na mão. Fez isso com seu pai. Isso preocupava muito a mãe dele.

Isso é novidade pra mim.

Ele pensa por um tempinho.

— A melhor coisa a fazer era manter o Hamish longe de todos eles. Eu estava sempre dizendo isso à Molly.

— E ela fez isso?

— Bem, ele morreu, não é? — ele pergunta e dá uma risada cruel. Quando vê que eu não o acompanho, ele vai parando de rir. — Aquele rapaz não deixou de ganhar o que merecia — ele diz, balançando o dedo pra mim.

— Como foi que Hamish morreu?

— Afogado. Em Londres. Algum camarada lhe deu uns sopapos e ele acabou caindo num rio.

Eu resfolego.

— Que horror! — Eu sabia que ele havia se afogado, mas nunca soube dos detalhes. Nunca perguntei. Por que não perguntei?

Ele me olha surpreso em ver que alguém achasse isso tão trágico, depois de todos esses anos, como se Hamish não fosse uma pessoa real, e agora eu vejo que ele está imaginando o motivo da minha visita.

— O meu pai ficou muito aborrecido quando Hamish morreu?

Ele pensa a respeito, sacode ligeiramente os ombros.

— Ele teve que ir reconhecer o corpo. Voou pra lá sozinho, Angus queria ir, mas eu não podia mandar toda a minha equipe de trabalho pra Londres. — Ele ergue a voz na defensiva, ainda relutando com um argumento de quarenta anos atrás, por ter mandado meu pai sozinho. — Deve ter sido duro pra ele, lá, sozinho. A mãe ficou preocupada. Foi a primeira vez que ele se afastou, pra ver o irmão morto, mas tinha que ir, as autoridades acharam que ele é que tinha morrido.

— Acharam que meu pai estava morto? — Não estou certa se ouvi corretamente.

— Parece que o bom Hamish tinha usado o nome de Fergus em Londres. Só Deus sabe o motivo, mas, se você injuria tanta gente como aquele garoto fez, acaba tendo que mudar de nome dez vezes. Ele provavelmente teria passado pelos nomes da família inteira se não tivesse morrido.

Meu coração dispara com essa descoberta, um elo evidente com o nome alternativo do meu pai.

— Agora, pensando nisso, cheguei a ouvir falar de um Hamish O'Neill — ele diz, subitamente. — Engraçado, agora me lembrei. Eu sabia que era um nome familiar quando você falou. Olhe que história engraçada. — Ele se remexe na poltrona, ganha vida. — Eu andei ouvindo umas coisas de um rapaz, um tal de Hamish O'Neill que jogava bolinhas de gude. Não queria dizer nada, mas Hamish não era um nome comum por lá e, quando a gente ouve, presta atenção, e O'Neill, bem, esse era o nome de solteira da Molly, antes de ela se tornar Boggs, depois Doyle. Não queria dizer nada, mas eu disse à Molly. Eu estava bêbado, não devia ter dito, estávamos no casamento. No casamento de Fergus, e, sem querer ofender sua mãe, mas o negócio todo era tão cheio de nove horas que eu tive que tomar uns tragos e isso me deixou com a língua solta. Então, depois que eu contei pra ela, ela estava papeando com seu pai, ele todo elegante, com seu terno azul e camisa de babados, e eu a vejo dando um tabefe na cara dele. — Você não é ele — ela disse.

Ele ri disso, ri muito, da imagem do meu pai sendo estapeado pela mãe no dia de seu casamento. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu tento piscar para contê-las.

— Isso o colocou no lugar dele — ele diz, limpando os olhos. — Agora, nunca saberei se era o seu pai jogando, ou se era outro camarada, uma coincidência, como dizem, mas não tinha muita gente que jogasse gude naquela

idade, não por lá, onde nós morávamos. Desde que ele ainda era um merdinha, ele jogava na rua, passava o dia jogando, era preciso trazê-lo na marra pra jantar. Todo aniversário e Natal, era só isso que ele queria de presente, as porcarias das bolinhas de gude. Todos os meninos também, mas seu pai era pior, porque ele era o melhor. Ele até andava em lugares meio ardilosos, com o Hamish. O Hamish o levava embaixo da asa, se achando um agente maior, ganhando um trocado com o irmão caçula. Eu disse ao seu pai, quando ele era adolescente, “você nunca vai achar uma esposa, se continuar com essa porcaria de bolinha de gude”. Ele parou quando Hamish morreu. Pelo menos, fez bem pra ele, nesse sentido.

Eu vim em busca de respostas, para ter uma visão da vida do meu pai, mas não tinha certeza se conseguiria obter. Mas se Hamish usou o nome do meu pai, em Londres, isso explica por que meu pai usou o nome de Hamish para o jogo de bola de gude. Um sinal de respeito? Recordação? Uma homenagem? Para trazê-lo de volta à vida? E não me admira que meu pai tenha jogado em segredo, quando todos à sua volta lhe diziam para parar. Mas por que continuar em sua vida adulta?

— Como meu pai se sentiu quanto ao Hamish usar seu nome?

— Eu mesmo não consegui entender, mas seu pai achou aquilo um elogio. Ficou todo prosa por Hamish ter roubado seu nome. Como se ele fosse algo especial. Estufou o peito e tudo no enterro. Garoto bobo, não notou que Hamish o estava metendo num mundo de encrencas usando seu nome. Se Fergus pisasse no lugar errado, na hora errada, Hamish podia ter feito o irmão ser morto. Mas Hamish era assim, como eu lhe disse, uma sanguessuga. Sugando tudo de uma pessoa e depois seguindo em frente.

Faz-se um longo silêncio.

— Como o senhor e a vovó se conheceram? — eu pergunto, subitamente, imaginando o que teria se passado com ela para se casar com esse homem, depois da morte do marido.

— Eu a conheci no açougue. Ela comprava carne comigo.

Foi isso.

— Deve ter sido um amor verdadeiro, para se casar com uma mulher com quatro filhos — falo, tentando ver algo de positivo nisso.

— Aqueles quatro tampinhas? — ele pergunta. — Ela teve muita sorte por eu

me casar com ela.

Olho em volta, o ambiente. É simples e limpo, ele o mantém direitinho.

— Laura logo estará aqui — ele diz, seguindo meu olhar. — A filha do Tommy.

— Ah, certo. — Eu tento pensar na última vez que vi minha prima.

— Ela vem toda sexta-feira, a Christina vem às segundas, e os rapazes vêm todo dia, pra ver se eu não bati as botas e já estou com minhocas saindo dos olhos. Por isso que eles me mudaram pra cá, a Laura mora do outro lado da rua, assim eles podem ficar de olho em mim, me impedir de fazer travessuras. — Ele ri. — Você está bem, vovô? Ainda está vivo, vovô? Eles são bons, os Doyles. Filhos de Tommy e Bobby. Bobby não está mais com a mãe deles, você ouviu falar?

Faço um gesto negativo com a cabeça.

— Fico triste em saber, eu gostava dela. Mas Bobby não se cansa de mulher, sempre foi assim, já o Joey, não suporta. Ele é bicha, você sabia disso?

— Ele é gay, sim, eu sei.

— Eu culpo a mãe dele por isso, sempre sufocando-o, não vai aqui, não vai ali, enquanto o restante saía pra todo lado, se criaram sozinhos.

— Eu diria que ele era gay, independente da forma como ela era com ele — protesto, agora já farta dele.

Ele ri.

— Isso é o que ele diz, mas, o que eu sei?

Então, silêncio. Desconfortável. Nós dois chegamos ao fim da conversa.

— Como vai o seu pai?

— Está bem.

— Ainda está sem se lembrar de muita coisa?

— Nem tudo.

— Não faz mal — diz ele, quase triste consigo mesmo. — Mas eles gostariam que ele se lembrasse deles. Sempre falam disso.

— Quem?

— Os garotos Boggs. Os garotos Doyle.

— Claro que meu pai se lembra deles.

— Nos últimos anos, não.

— Bem, eu imagino que eles não eram tão próximos, nos últimos anos.

— Mas eles eram — diz ele, agitado, como se eu o acusasse de estar mentindo. — Nesses últimos anos, eles voltaram a se encontrar. Jogavam bolinha de gude, se é que você acredita. Eles e aquela mulher. Todos eles gostam dela. Sem querer ofender sua mãe, mas eles disseram que essa é boa pra ele. Ela mantém todos eles juntos. Ele não se lembra de nada disso? — Mattie me olha como se não acreditasse na perda de memória do meu pai.

Nego com a cabeça, completamente espantada.

— Sabe o nome dela?

— De quem?

— Da... namorada dele. Essa mulher.

— Ah, ora. — Ele abana a mão, descartando. — Nunca a conheci. Mas os meninos sabem. Eles podem lhe dizer.

Ele diz baixinho:

— Diga à sua mãe que perguntei dela. — E fecha a porta e eu consigo evitar minha prima Laura, que está carregando um aspirador de pó e um balde com um esfregão, atravessando o quintal. Sento em meu carro, me sentindo abismada pelo que descobri.

Procuro o número telefônico de Angus, no meu aparelho. Ele é meu padrinho, com quem tenho mais contato, o que se limita a mensagens de texto em aniversários, nos anos em que nós nos lembramos.

Ligo para o número dele com o coração disparado. Olá, tio Angus, aqui é Sabrina, você não tem notícias minhas há quase um ano, mas acabei de saber que você e o meu pai eram companheiros novamente, antes do derrame dele, e também fiquei sabendo que você conheceu a namorada dele. Você poderia, por favor, me dizer quem é ela? Porque eu não sei. Parece que, além do meu pai, sou a única pessoa que não a conheço.

Ninguém atende. Desligo o telefone me sentindo novamente com raiva e imbecil. Sentindo a raiva aumentar, ligo o carro e saio. Enquanto dirijo para a clínica, ouço as palavras de Mattie em minha cabeça, chamando o Hamish de sanguessuga.

Quando ele disse, achei que estivesse sendo excessivamente áspero. Eu podia compreender meu pai se sentindo especial e honrado pelo fato de Hamish não se esquecer dele quando se mudou para longe. Meu pai obviamente se espelhou em Hamish a vida toda, o achava o máximo, foi uma honra que o irmão assumisse seu nome. Mas a raiva aumenta agora, quando sinto as palavras de Mattie.

Tenha ele planejado ou não, Hamish sugou, sim, um pouco da vida do meu pai e, ao fazê-lo, não somente roubou parte do meu pai de mim, mas, pior, Hamish roubou parte do meu pai dele mesmo.

Jogando bolinhas de gude: Provocação

Cat me deixa depois de um jantar de salmão com ervilhas preparado por Mel, que é uma maravilha na cozinha e sempre usa produtos da pequena horta aqui do quintal, ajudada por alguns que aqui estão, mas não o rabugento Max. Ele só reclama de tudo. Cat me beija carinhosamente na testa e eu gosto, faz muito tempo que não tenho esse tipo de intimidade. Em comparação, agora percebo que as visitas de Gina são cordiais, mas não afetuosas, os meninos de Sabrina me cobrem de aconchego e abraços, pulam por cima de mim e me pisam, e eu adoro, os abraços de Sabrina são maternais, ela está sempre preocupada comigo. Mas com Cat, sinto uma ligação, uma intimidade. Olho pra ela querendo mais, porém, talvez seja pedir demais para o que nós brincamos ser nosso primeiro encontro amoroso. Meu grande medo, enquanto Lea empurra minha cadeira de rodas ao meu quarto, já noite, é que eu não me lembre de Cat amanhã. Quantas vezes esse mesmo acontecimento ocorreu no último ano, para que depois eu me esquecesse no dia seguinte, ou alguns dias depois, talvez até depois de um ano?

— Dou uma moeda pelo que está pensando, Fergus — diz Lea, como sempre captando a minha preocupação.

— Eu não sei.

— O que você não sabe?

Com a ajuda dela, me levanto da cadeira de rodas e me sento no vaso sanitário. Ela sai, para me dar privacidade, e volta para me ajudar, depois que termino.

Será que eu quero que a Cat faça isso pra mim? Existe um futuro para nós? Será que eu vou melhorar? Eu era feliz aqui, seguindo em frente, existindo, vivendo, sendo cuidado, sem pressão. Mas, com ela lá fora, sabendo que existe uma vida que eu tinha, mas não sabia até hoje, eu fico inquieto. Preciso estar lá, devo estar lá. Tenho de melhorar, preciso limpar a minha própria bunda.

— Mas — diz Lea, irrompendo em meus pensamentos —, outra forma de ver

a coisa é que você tem alguém à sua espera, que o está ajudando. Alguém que o ama. Isso deve motivá-lo, Fergus.

Fico confuso.

— Eu disse esses pensamentos em voz alta?

— E a outra coisa é que hoje você se lembrou de muito mais do que costuma se lembrar. Isso é um grande progresso. Lembra-se de quando você não conseguia movimentar o braço direito? E, de repente, você mexeu o braço? Derrubou aquele copo de água bem em cima de mim, mas eu nem liguei, porque estava pulando que nem uma doida feliz, até fiz você pegar meus peitos e tudo, lembra?

Dou uma risada junto com ela, lembrando o momento.

— Que bom que esse sorriso voltou, Fergus. Eu sei que é assustador, as mudanças podem amedrontar. Mas lembre-se de que é tudo bom, que você está melhorando a cada dia que passa.

Balanço a cabeça, grato.

— Já teve o bastante por hoje? — ela pergunta, aos pés da minha cama, segurando meus pés, como se nem notasse.

— Por quê?

— Porque tem alguns visitantes que querem vê-lo. Achei melhor esperar e ver como estava se sentindo, antes de falar se eles podiam ou não entrar. Talvez você já tivesse tido muito movimento hoje. Não quero esgotá-lo.

— Não, não, não estou nem um pouco cansado — minto. Estou exausto pelo dia, os lugares aos quais minha mente me levou, o dia com Cat, mas estou curioso. Olho o relógio. São oito da noite. — Quem está aqui?

— Seus irmãos.

— Todos eles? — pergunto, surpreso. Eu os vi, claro, ao longo dos últimos anos, mas nunca todos juntos.

— Bem, há cinco deles aí, não sei se são todos.

Cinco. São todos? Hamish, não. Hamish se foi há quarenta anos, mas sempre sinto que falta ele. Não. Cinco não são todos.

— Peço a eles que entrem? Não tem problema se você não quiser — diz ela, preocupada.

— Tudo bem. Diga que quero vê-los.

— Certo. E o dr. Loftus provavelmente vai passar aqui também.

O dr. Loftus, psicólogo residente com quem tenho sessões semanais, obviamente ouviu falar das novidades de hoje, da minha memória.

— Vou ao escritório trabalhar na papelada, mas Grainne está aqui, caso precise dela.

Grainne. Que geme quando me suspende da minha cadeira, como se eu fosse um saco de batatas do qual ela quer se livrar.

— Obrigado, Lea.

— De nada. — Ela pisca e vai embora.

Eu os ouço, antes de vê-los, e eles me fazem sorrir antes de entrarem pela porta, um bando de adolescentes se empurrando, dando trancos e trombando uns nos outros, ao entrarem, mas não têm mais aquela aparência.

Angus, o mais velho, está com sessenta e três anos, e perdeu praticamente todo o cabelo; Duncan está com sessenta e um, eu tenho cinquenta e nove, Tommy tem cinquenta e cinco, Bobby, o galã, tem cinquenta e Joe, o caçula, tem quarenta e seis.

— Surpresa! — eles anunciam, enfiando a cabeça na porta.

— Shhh — alguém diz, lá de fora, provavelmente Grainne, e todos eles resmungam malcriados, ao fecharem a porta na cara dela.

— Nós ficamos sabendo que você teve um dia bom — diz Angus. — Então, resolvemos comemorar. — Ele tira uma garrafa de uísque do casaco. — Eu sei que você não pode beber, mas nós podemos, então, nem um pio.

Eles riem e tentam se acomodar no quartinho, se encostando, sentando.

— Quem disse a vocês que eu tive um dia bom?

— Cat — diz Duncan, tranquilamente, com alguns olhares descontentes dos outros.

— Vocês conhecem a Cat?

— Quem não conhece a Cat? Ah, certo, você não conhecia, até hoje — diz Tommy, e isso dá o tom para quebrar o gelo, que todos precisavam. Tommy desliza a cadeira até o Bobby, para que ele sente. Bobby senta, apesar de o irmão ser mais velho, mas há coisas que nunca mudam.

— Ela disse que você contou sobre o pote dos palavrões — diz o Bobby.

— Conteí.

— Quando foi que se lembrou disso?

— Fico surpreso que você se lembre disso, Bobby — diz Duncan —, você estava sempre enfiando minhocas na bunda.

Eles caem na gargalhada, enquanto Bobby reclama:

— Foi só uma vez!

O dr. Loftus entra.

— Estou ouvindo uma festa aqui dentro? — ele pergunta, jovial, depois me olha fixamente. Quase nem há lugar pra todo mundo ali dentro, logo fica quente, particularmente sob o olhar dele.

— Então, conte-nos, Fergus — diz Angus, servindo uma dose de uísque para o dr. Loftus. — Como se lembrou do pote dos palavrões?

Eu olho pela janela, a lua alta no céu azul-escuro, cheia e perfeita, e penso em Sabrina. Nas covinhas de Lea, no nariz de Sabrina. Foi assim que começou.

— A lua — eu digo.

— Você acredita nesse troço de vodu? — pergunta o Angus.

— Eu acredito — diz Tommy. — Eu poderia lhe contar umas coisas.

— Eu também acredito — Duncan concorda.

— Pode ter algo, sim — diz o dr. Loftus, esfregando a barba por fazer. — Até agora, foi um dia bem interessante.

— A Sabrina nunca conseguia dormir, quando tinha lua cheia — eu falo e eles mantêm um silêncio respeitoso. Eles são um bando ruidoso, mas reconhecem o seu lugar.

Joe não disse nada desde que chegou, o caçula no canto, observador e preocupado. Comedido. Estou surpreso que ele esteja aqui, e muito grato.

— Qual de vocês roubou o pote dos palavrões, com as bolinhas de gude? — Eu subitamente faço todos caírem na gargalhada. Angus literalmente quase urina nas calças, e começa a falar da próstata; Tommy, que fuma demais, quase morre de tossir. Eles discutem e culpam uns aos outros, com as vozes elevadas, apontando os dedos, fazendo a maior algazarra.

Eu me lembro do momento. Havia mais ou menos cinquenta bolinhas no pote, pois a gente tinha xingado muito e falado muitos palavrões naquele mês. Eu tinha feito um novo amigo na escola, o Larry “Lampy” Brennan, que tinha uma boca muito suja. Ele se envolvia em confusão e eu que o tirava. Minha bolinha predileta de arco-íris dos escoteiros tinha ido parar no pote, depois que eu disse ao Bobby que ele era um “gordo do caralho”, e eu queria desesperadamente a bolinha de volta. Eu ia ao farmacêutico toda semana, sem ligar para o que tinha no saco marrom, ajudava a descascar batatas, cenouras, limpava o banheiro lá de fora, eu fui o melhor menino naquele mês.

— Provavelmente, foi você e não consegue se lembrar — diz Angus, assim que se recompõe. — Você não vai se safar com isso.

Todos nós rimos.

— Acho que não fui eu — respondo, realmente acreditando, sentindo a raiva de ver que tinha sumido.

— Para ser honesto, sempre achei que foi você — diz Tommy. — Você estava sempre falando da tal bolinha, como era mesmo o nome, rapazes?

— Arco-íris dos escoteiros — todos eles disseram juntos, menos o Joe.

O dr. Loftus ri deles.

— Você vivia em cima da mamãe, pedindo pra ela deixar você trocar, mas ela não deixava — relembra Tommy.

— Ela era dureza. — Angus sacode a cabeça. — Deus abençoe. Pra ser honesto, eu também achei que tivesse sido você.

— Fui eu — Joe finalmente fala e todos viram para olhá-lo, surpresos. Ele ri, culpado, sem ter certeza se está prestes a tomar uma surra.

— Não pode ter sido você — eu digo. — Você tinha o quê? Dois, três anos?

— Três, é uma das minhas primeiras lembranças. Me lembro de puxar a cadeira da cozinha até a prateleira e de puxar o pote. Eu o coloquei no meu carrinho, lembra do carrinho de madeira, com os cubos?

Bobby assente.

— Só vocês dois tiveram, nós nunca tivemos nada tão bacana — Angus provoca, mas é verdade. Bobby e Joe sempre tiveram mais que a gente, porque eles foram os dois caçulas, enquanto nós todos já estávamos fora de casa, dando à mamãe todo o dinheiro que ela despejava naqueles dois bebês, mais no Joe.

— Puxei o carrinho pelo beco, atrás de casa, depois joguei tudo na parede do fundo. Ele quebrou.

— Onde estava a mamãe? — pergunto, pasmo. Nunca desconfiei do Joe, nem por um segundo, o restante de nós brigou durante semanas por causa disso.

— Conversando com a sra. Lynch, algo importante, as duas, juntas, fumegando.

Nós rimos da imagem.

— Chegou um momento em que ela notou que eu tinha sumido. Eu me lembro quando ela me agarrou no beco, me arrastou pra casa junto com o carrinho. Portanto, fui eu. Desculpem, rapazes.

— Jesus, essa foi boa, Joe! Você nos pegou!

Ele ganhou algum respeito e nós pensamos na revelação em silêncio.

— Acho que você poderia pegar um resfriado — eu digo, pensando no medo que a mamãe tinha de perder Joe, e todos eles me olham surpresos, caindo na gargalhada outra vez.

— Nós trouxemos uma coisa pra você — diz Angus enquanto o riso cessa. — Um jogo e iremos embora, se o dr. Loftus concordar.

— Por mim, tudo bem.

— Tchããã! — Duncan ergue um jogo de “Provocação”.



Quando um membro da família parte ou morre, isso muda a dinâmica da família. As pessoas mudam, assumem lugares que queriam ou são forçados a assumir, em papéis que nunca quiseram. Isso acontece sem ninguém notar, mas tudo está mudando, o tempo todo.

Na semana em que nós ficamos sabendo que o Hamish tinha deixado a Irlanda e ido para a Escócia, e na semana em que eu me encrenquei com o guarda, por estar com o Hamish, quando ele bateu naqueles meninos, na escola, a mamãe ficou doida. Ela não deixava nenhum de nós sair de casa, para ir a lugar nenhum, fazer nada. Angus tinha uma dança na escola e ela não o deixou ir e isso foi muito grave, ele ficou muito mal-humorado especialmente porque a Siobhan ia lhe dar a cereja do bolo dela. Lá fora, chovia canivete e nós estávamos matando uns aos outros, altos níveis de testosterona, uns por cima dos

outros, na casa de dois quartos. Mattie estava perto de nos dar uma surra e ia ao pub pela décima vez no dia.

Eu tenho uma ideia. Passo uma hora num canto do nosso quarto, único espaço em paz que consigo encontrar, e fico trabalhando. Duncan me acusa de punheteiro e toma um cascudo do Angus, algo surpreendente, pois foi a primeira atitude protetora dele. Ele próprio ficou surpreso, mas se mantém firme e, pela primeira vez, a mamãe não o pune, porque ele só fez o que ela faria, dando uma bronca em Duncan, o que torna a mamãe e Angus aliados, e eu e Angus aliados. A dinâmica está mudando e é confusa.

Eu entro na sala com um jogo de Provação feito à mão, um jogo que eu tinha visto no meu livro de bolinhas de gude. É um jogo de tabuleiro, para até seis jogadores, e o objetivo do jogo é fazer com que as bolinhas de gude de todos os jogadores atinjam a seção do ponto de origem do tabuleiro. As peças do jogo são bolinhas de vidro e nós podemos escolher das nossas, contanto que possamos distingui-las. O nome do jogo vem da ação de capturar a bolinha do oponente ao aterrissar em seu espaço, que é conhecido como provocação — algo que vínhamos fazendo uns aos outros a semana inteira, desde que Hamish partira de vez.

Nós jogamos o jogo. Sentamos em volta da mesa de jantar e a mamãe e o Mattie não podem acreditar que, durante uma hora inteira, nós batalhamos no jogo de tabuleiro de papelão. Bobby ganha o primeiro jogo. Eu sou o melhor jogador de bolinha de gude, mas esse jogo não tem nada a ver com habilidade e tudo a ver com o arremesso de dados. Bobby, o galã, sempre o foi o maior sortudo de todos nós.

Nós jogamos aquele jogo o dia todo, todos os dias da semana, até que a mamãe fica cheia da gente no pé dela e diz que podemos sair. De certa forma, aquilo nos ensina a encontrar nosso lugar, nossa base, na família, não apenas através do jogo, mas sentados e passando muito tempo juntos, em quarentena, aprendendo a viver sem o Hamish.



Nós jogamos de novo, em meu quarto, quarenta anos depois, não com uma versão doméstica, mas com um jogo de verdade, que o Duncan comprou. Bobby ganha de novo.

— Seu cretino sortudo — diz Angus, incrédulo. — Toda vez você ganha!

Eu reviro as bolinhas de gude em minha mão esquerda, meu lado direito está paralisado, tem movimentos limitados, então, eu nem poderia arremessar como antes, se quisesse. Mas gosto de sentir as bolinhas na minha mão, de revirá-las na palma da mão, daquele tilintar conhecido quando elas batem umas nas outras. É rítmico e relaxante.

— Desculpem — eu digo, subitamente.

Eles param de brigar e olham pra mim.

— Por todos aqueles anos. Pelo que eu fiz. Desculpem.

— Ah, pare com isso, você não tem do que se desculpar — diz Angus. Nós todos éramos... todos tínhamos nossas coisas acontecendo.

Começo a chorar e não consigo parar.

O dr. Loftus educadamente pede a eles que saiam e eu sinto as mãos passando em minha cabeça e ombros, me dando apoio, me afagando, ao se despedirem. Angus fica comigo, meu irmão mais velho protetor, que se apresentou para assumir o lugar quando Hamish desapareceu. Ele me abraça, me embala, chora comigo, até que minhas lágrimas finalmente cessam e eu adormeço profundamente exausto.

Regras da piscina: Proibido jogar lixo

Estou dirigindo e não consigo respirar. Sinto um aperto no peito, meus músculos estão tensos e eu estou prestes a berrar com qualquer um que me olhar torto, e quem cometer o mais leve erro na estrada vai levar. Estou acelerando para confrontar meu pai e sei que isso é uma má ideia. Ele não se lembra de nada, eu sei que nós devemos ser delicadas com ele, nada de agressividade, nem de forçar assuntos que ele simplesmente não consegue se lembrar, já que isso vai aborrecê-lo, mas estou furiosa. Parece que todos sabiam sobre essa mulher e essas bolinhas de gude, menos eu e a minha mãe. Sua própria família. Foi preciso a chegada da caixa de bolinhas pra que eu ficasse sabendo sobre isso? O que mais há sobre o meu pai, sobre tudo em minha vida, que eu não sei?

Entro no estacionamento e saio como uma bala. O estacionamento está silencioso, pois passa das nove da noite e os visitantes já foram embora pra casa, ou saíram para os seus programas de sexta à noite.

Entro correndo pela porta da frente, percorrendo o caminho pelos corredores, e vou desacelerando, com o peito arfando pelo esforço de conter um sentimento que eu não quero liberar. O que estou fazendo? Não posso abordar meu pai desse jeito. Isso vai deixá-lo preocupado, aborrecido, vai ofendê-lo, stressá-lo. Nem tenho certeza se consigo falar. Vou diminuindo o passo até parar. Sinto o cheiro do cloro. É confortante. Vivo na água desde criança. Gostava que aquilo fosse meu mundo próprio. Podia boiar e ficar à deriva, sem ter de falar com ninguém, nem explicar nada, apenas nadar embaixo da água. Sempre foi a minha fuga. E ainda é.

Desacelerei, mas minha mente ainda está a mil, está ficando mais escuro e a lua apareceu, perfeitamente redonda e cheia, de olho em mim, enquanto fui atrás das coisas do meu pai, nesse dia tão peculiar. E a maior ideia de todas me ocorre agora; será que eu sou essa pessoa reclusa, fechada, que o Aidan me diz que sou, porque meu pai foi tão obscuro e secreto? Será que herdei esse traço dele? Apesar de nunca ter notado isso antes, quando era mais nova, nunca vi meu pai

como obscuro e nunca me considereei reclusa, até que Aidan começou a mencionar isso. Talvez seja verdade que a gente nunca se conhece até que outra pessoa verdadeiramente nos conheça. A missão de hoje deixou de ser procurar as bolinhas desaparecidas e passou a ser uma busca para encontrar o homem que as possuía, e eu não sabia que isso acabaria significando procurar por mim mesma. E eu não gosto do que encontrei. Não gosto de nenhuma dessas descobertas. Não consigo respirar.

Paro de andar e, quando recomeço, sigo na direção da piscina. Através do painel de vidro, vejo que está vazia, claro, não tem ninguém nadando a essa hora e as fisioterapias do dia já terminaram. A piscina tem oito metros e meio de comprimento e os ladrilhos são azuis no fundo e nas laterais, com um efeito de ondas em mosaico. Puxo a porta para abri-la e o cheiro de cloro me invade.

Escuto alguém chamar. Não deveria estar ali dentro. Ouço passos atrás de mim. Eu me apresso. Eles se apressam. Mais passos. Então, alguém chama meu nome. Não consigo respirar, não consigo respirar. Sinto um aperto no peito. Penso no meu pai, penso em Hamish, penso nas bolinhas de gude e na mulher secreta. Penso em Aidan e eu. Tiro os sapatos. Arranco meu casaquinho de lã. Mergulho. Eu fujo. E respiro.

Não quero subir nunca mais. Fico perto do fundo da piscina, me sentindo sem peso e livre, a tensão passou. Não tenho de pensar, meu corpo relaxa, o meu batimento cardíaco diminui. Vejo pernas e pés dos outros, perto da beirada da piscina, tremulando como miragens, como se eu fosse a única coisa real ali. Ouço a água em meus ouvidos, sinto o cheiro de cloro, adoro como meu cabelo faz cócegas em minha pele, dando a sensação de veludo ao se movimentar comigo. Giro e rodopio no piso da piscina, talvez parecendo uma baleia na praia, mas me sentindo como uma bailarina, graciosa que só. Não sei a quanto tempo estou ali embaixo. Mais de um minuto, talvez dois, mas estou precisando subir à superfície para respirar, só uma golfada rápida e depois descer de novo. Adoro estar numa piscina, esse é meu território, estou segura aqui.

Ouço o som de palmas, ou batidas e olho em volta, vendo uma mão batendo na água, como se estivesse chamando um golfinho.

Subo até a superfície.

Gerry, o porteiro bondoso, está me olhando preocupado, confuso, como se eu tivesse perdido totalmente as estribeiras. Mathew, o segurança, está meio entretido e meio zangado, mas a enfermeira Lea está sorrindo.

Eu atraí uma plateia e tanto, no vidro de observação. Nem sinal do meu pai, ainda bem. Fico boiando de barriga pra cima.

— Venha, Sabrina — diz Lea, estendendo a mão.

Fico tentada a puxá-la pra dentro da piscina, comigo.

A lua me fez fazer isso.

Mas não faço. Subo e saio fazendo uma bagunça, encharcando tudo.

— Sente-se melhor? — ela pergunta, embrulhando uma toalha à minha volta.

— Muito.

Jogando bolinhas de gude: Lavadores de garrafa

A última vez que vi o Hamish antes que ele se tornasse um cadáver, em Londres, foi quando nós seguimos caminhos diferentes, no beco, depois que ele bateu naqueles dois garotos da escola. Eu tinha quinze anos, ele tinha vinte e um.

Foi a última vez que eu o vi.

Mas não foi a última vez que tive notícias dele.

Estou com dezessete anos, terminei o colégio, o único entre Hamish, Angus e Duncan que seguiu até o fim. Eles estão trabalhando com o Mattie e eu sei que também vou ter de fazer isso, não há mais nada que eu pense em querer, mas, antes que isso comece, tenho um verão inteiro para fazer o que eu quiser. Mattie não pode me dar um emprego até setembro, porque ele tem outro jovem como aprendiz. O que não significa que eu vou ficar de pernas pro ar. Arranjei um emprego nas dependências da escola, com o zelador, que chamamos de Saco Enferrujado. Nós o apelidamos porque ele é tão velho que praticamente range quando anda. Estou ganhando meu dinheirinho, mas dou tudo pra minha mãe. Ela me dá de volta uma mesada, no valor que julga apropriado. Sempre foi assim, com todo mundo. Todas as contas são no nome do Mattie e a mamãe se encarrega de pagá-las. Isso quer dizer que raramente recebo qualquer coisa do carteiro.

Vou pra casa, na hora do almoço, coberto de limo, espinhos e agulhas de pinho grudados na minha pele, calos nas mãos e arranhões no rosto de limpar os arbustos, tirando garrafas de cerveja e lixo. Bobby e Joe estão brincando na rua, de quatro, mãos e pernas sujas de terra, concentrados na corrida de lesmas de um contra o outro. Desde que todos nós começamos a trabalhar, nunca mais jogamos bolinhas de gude na rua. Eu sempre quero jogar, mas os garotos estão sempre com preguiça. Eles querem sair com as namoradas ou ir para o pub com o Mattie. Ninguém nunca quer jogar bolas de gude comigo. Tommy está com doze anos e ainda é tão mole quanto manteiga no sol. Nem Bobby, nem Joe jamais pegaram o bicho da bolinha de gude, que parece ter sido um traço exclusivo dos

Bogg. Conheço uns rapazes que ainda jogam, mas são difíceis de encontrar, parece que todos estão deixando o jogo de lado, exceto eu.

Bobby e Joe me alertam quanto ao humor da mamãe, então, tiro as botas sujas e deixo do lado de fora da casa, e pretendo fazer tudo certo, desde a hora que entrar. Não posso pensar em nada errado que eu tenha feito hoje.

— O que é isso? — ela estrila quando eu entro.

Ela está em pé, ao lado da mesa, com os nós dos dedos pousados num pacote plástico, parecendo um gorila.

— O que é o quê?

— Isso! — Ela sacode a cabeça pro pacote, como se ele pudesse ouvi-la.

Olho pra mesa e pro pacote.

— Não sei.

— Não me diga que não sabe, você sabe, sim — ela continua esbravejando.

Eu me aproximo mais e olho. Meu nome está escrito em letras maiúsculas, com caneta preta, no único pedaço de papel que não foi coberto pela fita adesiva marrom.

— Não sei, mãe, de verdade.

Ela vê que estou realmente surpreso. A mão de gorila passa da mesa para o quadril.

— É da Marian? — eu pergunto. Paddy, irmão da minha mãe, mora em Boston e sua esposa, Marian, é a única pessoa que me manda alguma coisa. Ela é minha madrinha, eu só a vi uma vez e nem me lembro dela, mas todo cartão de aniversário e de Natal sempre traz uma medalha milagrosa. Não acredito nelas, mas sempre jogo no fundo da minha gaveta de cuecas, porque traria azar se eu jogasse fora.

Minha mãe sacode a cabeça. Ela parece preocupada. A única razão para ela não ter aberto o pacote é porque tem medo. Minha mãe não acredita em privacidade, o que está em sua casa é seu, mas ela está olhando o pacote como se fosse uma bomba prestes a explodir em seu rosto. Ela é assim com coisas novas ou se acontece alguma coisa fora do habitual. Ela é igual com gente nova em casa, fica quieta, olhando a pessoa, como se estivesse prestes a atacá-la, fica na defensiva e irritada por não saber agir de outra forma.

Não quero que ela me veja abrindo o pacote, mas não sei como dizer isso a ela.

— Vou lhe arranjar uma faca — ela diz, indo até a cozinha. Primeiro, acho que é pra que eu possa me defender do que pular ali de dentro, depois percebo que é para abrir o pacote.

Enquanto ela está lá dentro, nós ouvimos um grito horripilante vindo lá de fora e a mamãe sai correndo até o bebê Joe. Bobby conta que uma abelha picou Joe, e eu pego a faca e subo correndo pro meu quarto. O pacote foi mal embrulhado, com um monte de fita isolante marrom, o que o torna difícil de abrir, mas eu finalmente consigo e jogo o papel de lado. Dentro tem só um monte de jornal amassado. E uma garrafa azul de vidro. Fico confuso. Levo um tempo pra ver o que estou olhando, mas, depois de alguma inspeção, percebo que está vazia e no alto tem um elástico, no gargalo. Dentro, tem uma bolinha de gude. Meu coração dispara e eu sei de quem é. Bem, não tenho certeza, mas estou imaginando que seja de Hamish. Faz um ano e meio que ele foi embora e eu nunca mais tive notícias, mas isso parece uma mensagem dele. Remexo as páginas amassadas de jornal no chão, procurando um bilhete, mas não tem nada. Meus olhos finalmente recaem num par de peitos. E em outro par de peitos. Eu rapidamente desamasso cada pedaço de jornal e descubro que são pedaços de duas semanas da página três do *The Sun*. Montes e montes de peitos. Dou uma risada e espero que a mamãe não tenha ouvido. Rapidamente, dobro tudo e enfio embaixo do tapete que tem sobre as tábuas corridas. Volto correndo pro trabalho, levando a garrafa comigo, antes que a mamãe encontre e exija respostas que eu não tenho.

— Você sabe o que é isso? — pergunto ao Enferrujado.

Ele, que sempre tem um cigarro na boca, olha e sorri. Joga o cigarro nas árvores que eu passei a manhã inteira limpando.

— Encontrou isso ali?

— Não, é minha.

— Se encontrou ali, é minha.

— Não encontrei. É do meu irmão. Da Inglaterra.

— Você nem sabe o que é — ele gesticula. — Me dê.

Eu me afasto.

Ele vai atrás e a tira de mim, é bem forte para um velho, e fica observando.

— Garrafa Codd Neck, ou garrafa com bolinha de gude no gargalo. Faz alguns anos que não vejo uma dessas. Minha mãe costumava tê-las, todas guardadas no celeiro, antes que os militares da Black and Tans as destruíssem. Ela usava as garrafas pra guardar *poteen*, o uísque irlandês destilado ilegalmente. Eram desenhadas para bebidas gasosas — ele acrescenta, quando vê que estou confuso. — O problema com garrafas de vidro é que a pressão do gás força a rolha pra fora, principalmente quando resseca. Os donos de lojas tinham que manter as bebidas deitadas, para manter as rolhas molhadas. E eles não gostavam disso. Então, um homem chamado Codd surgiu com essas bolinhas no gargalo. As garrafas eram preenchidas de cabeça pra baixo, a pressão do gás da garrafa forçava a bolinha contra o emborrachado, lacrando. Está vendo, aqui, a bolinha é empurrada pra dentro da tampa, para abrir a garrafa sem que a bolinha impeça que a bebida seja despejada.

— Como se tira a bolinha? — É tudo que eu quero saber.

— Se você tentar fazer isso, não vou lhe devolver. Não se tira a bolinha. Alguns garotos quebravam as garrafas só pra pegá-las, mas não se faz isso. Algumas coisas são para ficar como estão.

A bolinha é comum e simples, só vidro transparente, nenhum sinal ou marcas que eu possa ver, que me digam que é de uma determinada marca ou fabricante. Não há nada de especial na bolinha, só o fato de estar presa na garrafa.

— Essas garrafas são raras. Azul era a cor para venenos, portanto, qualquer companhia mineral não usaria azul. Duvido que ainda haja muitas dessas por aí.

Ele olha a garrafa atentamente, procurando marcas, como eu faria com uma bolinha, e meu coração começa a acelerar, me sentindo possessivo. Estendo a mão, ele recua e ri.

— O que você vai me dar por ela? — ele pergunta, segurando-a firmemente.

Poderia lhe dizer o que acho dele, arrumar uma briga, mas isso não me daria a garrafa de volta. Além disso, tenho de passar todos os dias com ele, pelo resto do verão. Relutante, enfio a mão no bolso e dou a ele uma página três dobrada. Eu estava planejando me distrair no mato, quando tivesse algum tempo sozinho; Beverly, dezenove anos, belos peitos. Enferrujado olha pra ela e me devolve a garrafa instantaneamente, e some em sua casa de madeira por vinte minutos.

Fico sentado no mato, do lado de fora, olhando a garrafa azul, imaginando o

que significa. Será que significa alguma coisa? Eu sei intuitivamente que é de Hamish, só poderia ser dele. O fato de ter uma bolinha de gude e as garotas da página três deixa isso óbvio, só pode ser dele. É seu tipo de humor. Ele provavelmente estava torcendo para que a mamãe abrisse ou para que eu abrisse na frente dela. Até ouço sua risada rouca embrulhando tudo, provavelmente desejando poder estar presente para ver nossa reação. Hamish lá longe de todos nós. Olho a garrafa em busca de respostas; será que isso quer dizer que ele está trabalhando numa fábrica de garrafas? Será que quer que eu o encontre? Será que é lavador de garrafas? Lembro que nós chamávamos as bolinhas de gude maiores de Lavadoras de Garrafas, mas nunca soube o motivo. Agora, sei que é por causa da bolinha no gargalo. Será que uma bolinha grande é um elo com um irmão mais velho? Será que ele está tentando me dizer alguma coisa? Olho em busca de mensagens escondidas, mas depois percebo que é claro como o dia; tem uma mensagem na garrafa. Hamish não escreveu um bilhete e pôs dentro, mas, em vez disso, encontrou uma garrafa com uma bolinha de gude dentro dela.

A mensagem na garrafa.

Ela fala em alto e bom tom para mim.

E me diz, eu ainda estou aqui, Fergus. Não me esqueci de você, não me esqueci das bolinhas de gude, como todo mundo esqueceu, eu sei o quanto elas são importantes pra você. Vi isso, pensei em você. Ainda penso em você. Desculpe por tudo que aconteceu. Vamos ser amigos.

A garrafa diz trégua.

Regras da piscina: Proibido vidro

Estou sentada na cantina com a Lea, que tem a habilidade de fazer com que você sinta que a coisa mais estranha que você fez seja a mais normal do mundo, como se ela visse aquilo o tempo todo, faça isso o tempo todo, e talvez seja verdade. Ela emana ternura e carinho e dá pra entender porque ela é a predileta do meu pai, e porque ele resmunga tanto das outras.

Agora já é noite. A cantina está fechada, só tem café e chá para que a gente mesmo se sirva. Meu pai está dormindo, ele já estava dormindo no momento em que estacionei o carro e corri lá pra dentro, como se o estivesse caçando. Ainda bem. Apesar de ter me acalmado depois de nadar, isso me impediu de entrar num rompante e perguntar a ele tudo que veio à tona hoje.

Não tenho que dizer nada e Lea simplesmente sabe, meu pai sempre disse isso em relação a ela. Uma habilidade que todos nós gostaríamos de ter e gostaríamos que os mais próximos de nós também tivessem. Como Aidan, por exemplo. Eu só queria que ele soubesse como me sinto, sem ter que perguntar, porque ele me pergunta o tempo todo, convencido de que há algo errado comigo, conosco, que ele precisa consertar. Faz dois meses que estamos indo à terapia para casais, no entanto, não há nada de errado com nosso casamento. Sou eu. Eu que sou fechada. Sou reclusa. Isso é o que ele me diz. Mas sempre fui assim, não sei por que o incomoda agora.

Sim, eu sei; ele disse, em nossa última sessão, que sente que eu não estou feliz com ele. Mas eu estou. Não há nada de errado com ele.

Você está feliz?

Sim, eu sou feliz com você.

Está feliz com você mesma?

Céus, Aidan, você está começando a falar como um daqueles terapeutas.

É, eu sei, mas você está feliz com você mesma?

Sim, estou. Gosto do meu trabalho, amo meus filhos, amo você.

É, mas isso não é você mesma.

E o que sou eu mesma, se não o meu trabalho, meus filhos e meu marido? Eu grito.

Eu não sei, relaxe, só estou perguntando, você está estressada.

Só estou estressada porque você fica perguntando. Certo, tudo bem, você quer fazer isso, vamos fazer. Estou feliz comigo mesma? Sim, estou, na maior parte do tempo, mas estou cansada, exausta, levanto à sete, faço café, lanches da merenda, deixo todo mundo na escola, vou pro trabalho, vou buscar todo mundo, faço almoço, atividades, jantar, banho, cama, sono. Faço de novo. Manteiga, presunto, queijo, pão, corto. Uvas-passas. Próximo.

Mas nós não podemos mudar isso, podemos? As crianças precisam ir pra escola. Você tem que trabalhar.

Exatamente, portanto, pare de perguntar.

Mas você gostaria de mudar de emprego?

Não! Eu gosto do meu emprego.

Gosta?

Será que gosto? Sim, eu gosto. Mas, ultimamente, não.

E, outra coisa, eu gostaria de perder o peso que ganhei depois do Alfie. Quatro quilos. Meus seios estão cheios de gordura, quero tirar isso. Quero poder fazer espacate de biquíni, quando estivermos na praia, com todo mundo olhando.

Então, vá fazer ginástica.

Não tenho tempo.

Tem, sim, à noite. Eu fico com as crianças e você sai. Vá caminhar com as senhoras, dar voltas no quarteirão.

Não quero fazer nenhuma droga de caminhada com as drogas das senhoras na droga do quarteirão, porque elas só ficam de fofquinha, e eu não gosto de fofquinha. Pare de rir de mim, Aidan.

Desculpe. Então, entre numa academia. Vá nadar pra você, você nunca mais fez isso.

À noite, Aidan? Quando estou tão cansada que só quero ficar deitada no

sofá vendo TV? Ou ficar com você, porque se eu sair à noite, quando ficaria com você?

Fique acordada mais horas.

Mas eu já estou um caco!

Está bem, está bem, pare de xingar tanto.

Desculpe. Só não quero ter que lhe pedir o favor de cuidar das crianças para eu ir à academia, logo a academia. Prefiro fazer outra coisa, tipo sair, encontrar amigos, algo assim. Parece um favor desperdiçado.

É isso? Você quer sair mais? Você sempre diz que está cansada demais, que não quer sair.

Estou cansada demais. E estou cansada dessa conversa.

Só quero te ajudar, Sabrina, eu te amo.

E eu também te amo. De verdade, não é você, não é nada, você que está inventando coisa.

Tem certeza? Não é porque...

Não. Não é por causa disso. Já superei isso. Nem quero falar disso. Não é isso.

Tem certeza?

Se tenho certeza? Sim, sim, eu tenho.

Você quer que eu faça mais coisas em casa? Que eu ajude mais?

Não, você é ótimo, faz bastante, lembra, nós preenchemos essas tarefas na nossa última sessão, você está ótimo, faz mais do que eu imaginava, você é ótimo, Aidan, não é você.

Mas é alguma coisa?

Aidan, pare. Não é nada. Não tem nada.

Se tiver, me diga, porque é difícil saber com você, Sabrina. Não consigo identificar. Você é quieta, guarda tudo.

Porque eu não quero fazer um estardalhaço das coisas, porque não há nada errado, porque você está fazendo um drama disso, e está tudo bem. Só estou cansada, só isso, um dia as crianças serão mais velhas e eu não ficarei cansada.

Está bem. E eu vou levá-los pra acampar na sexta, e você pode ter o dia

só pra você, descanse depois do trabalho, não levante um dedo, não faça nada, está bem?

Certo.

— Conte o que você descobriu — pede o dr. Loftus.

O dr. Gostosão, segundo Lea, estava prestes a deixar o trabalho, quando eu mergulhei na piscina, mas a notícia se espalhou e ele veio me ver. E embora eu seja grata, espero não ter que pagar por essa sessão. Conto a ele tudo o que descobri hoje sobre o meu pai, sobre sua vida dupla, e fico imaginando quanto o dr. Loftus já sabe, se ele vem falando com a Cat e os irmãos do papai ao longo do último ano, se todos sabem de tudo, fora eu. Agora sei qual é a sensação de ser meu pai, com todo mundo à sua volta sabendo de coisas que você não sabe e isso aborrece um bocado. Isso me tirou do eixo. E acho que o que mais me dói é que, em alguma versão de sua vida, eu não existi, e ele escolheu que isso acontecesse. Engulo em seco o bolo que se forma em minha garganta antes de continuar.

O dr. Loftus fica quieto.

— O senhor sabia disso?

Ele pondera lentamente.

— Eles vieram me procurar em determinados momentos, durante a reabilitação de Fergus, para tentar ajudar, oferecer informações que acharam que eu deveria saber sobre ele, que ele mesmo já não sabe, portanto, sim, parte do que você diz, não tudo, e certamente não que ele estava usando o nome do irmão. Isso é novo. — Ele pensa. — Com um derrame, geralmente, há perda de memória. Você sabe disso, já falamos a respeito, confusão ou problemas relativos à memória recente, divagando ou se perdendo em lugares conhecidos, dificuldade para seguir instruções e nós vimos essas coisas com o Fergus. A memória pode melhorar com o tempo, ou espontaneamente, ou através de reabilitação, e nós vimos sinais de ambos dando resultado, utilizando as técnicas de novo treinamento cerebral. No entanto — ele se remexe na cadeira e se aproxima, pousando os cotovelos na mesa frágil, com as mangas da camisa arregaçadas, os olhos cansados de um homem que teve um dia longo —, repressão ou amnésia dissociada, como às vezes é apontada, é uma questão diferente. As lembranças reprimidas são lembranças presumidas que foram inconscientemente bloqueadas, devido à lembrança ser associada com um nível

alto de estresse ou trauma. Lembranças reprimidas são uma questão controversa, alguns psicólogos acham que ela ocorre em vítimas de trauma, alguns contestam. Alguns acreditam que ela pode ser recuperada com terapia, outros contestam.

— O senhor acha que meu pai deliberadamente reprimiu as lembranças das bolinhas de gude?

De novo, ele demora pra responder e fica pensando. Com ele, não há sim ou não como resposta, nunca houve, em relação ao estado do meu pai, o que é estressante e confuso. Por que ele se lembra de algumas coisas e não de outras, por que ele se lembra de algumas coisas, num dia, e não em outros? O derrame afetou a memória, essa é a única resposta que fez sentido pra mim até agora.

— Ele se lembra de você e de sua mãe, e da vida que vocês tiveram juntos, ele se lembra da infância e do relacionamento com a família dele, ele não se lembra da reunião recente com os irmãos, que precedeu o derrame, dessa mulher por quem estava apaixonado, e não se lembra nada das bolinhas de gude.

— Mas o senhor disse que as pessoas bloqueiam coisas que foram estressantes e traumáticas. As bolinhas de gude o deixavam feliz. Essa mulher e seus irmãos o deixavam feliz, pelo que ouço dizer.

— Porém, pelo que você conta, as bolinhas de gude o forçaram a dividir a vida em duas. Elas o forçaram a se tornar um homem diferente, vivendo duas vidas distintas. Ele claramente estava sob muito estresse antes do derrame, as dificuldades financeiras, a perda do emprego, mas esse estresse teria sido acentuado pelo fato de que ele estava tentando viver duas vidas separadas. Olhe, isso é apenas uma teoria, Sabrina — ele diz, de forma mais casual, e eu percebo que estamos conversando informalmente, que isso não é um diagnóstico oficial. — E está tarde e eu estou cansado, estou apenas sugerindo teorias, mas se ele culpa as bolinhas de gude por terem lhe trazido esse estresse, então, isso dá algumas explicações quanto a ele reprimir as lembranças relativas a elas, apesar da alegria óbvia que lhe proporcionaram antes. O jogo começou como um tipo de liberdade pra ele, um lugar onde ele podia se deleitar e depois, conforme os anos foram se passando, elas o encurralaram. Ele pode não ter visto um meio de sair daquilo.

— Então, esquecê-las foi uma saída? — Tenho andado tão zangada com ele, tão egoisticamente magoada com tudo, que não pensei na pressão que ele devia estar sofrendo, mesmo sendo uma pressão autoimposta.

— Novamente, a repressão é algo inconsciente. Ele não teria conscientemente

tomado a decisão de bloquear isso, mas, para sobreviver... — ele deixa o resto no ar.

Penso na expressão do meu pai quando eu lhe mostrei os rubis.
Reconhecimento. Alegria. Distúrbio. Confusão.

— Se eu lhe mostrasse as bolinhas, isso teria um efeito negativo sobre ele? Faria com que ele tivesse... outro derrame?

Ele está sacudindo a cabeça antes que eu termine.

— Isso não lhe daria um derrame, Sabrina. Isso poderia aborrecê-lo. Mas também poderia lhe trazer alegria — diz ele, dando uma sacudida nos ombros. Nada de sim, nada de não.

Penso no rosto do meu pai quando ele viu os Rubis, essa manhã, como sua expressão mudou de inocência para confusão, a outra parte dele presa entre quem ele é agora e quem ele bloqueou, ambas batalhando, uma contra a outra. Não quero causar mais estresse a ele.

— Ele teve as duas reações quando os irmãos dele lhe mostraram o jogo de bolinhas de gude esta noite. Deleite ao ver, seguido de lágrimas, mas ele parece estar decifrando algo hoje, lidando com isso em nível inconsciente.

Ele está sarando, penso comigo mesma.

Lea tinha me falado que meus tios vieram visitá-lo, que por pouco eu não os encontrei, quando cheguei e mergulhei na piscina, e que meu pai tinha dormido exausto pelo dia.

— Descobri as bolinhas em caixas que foram entregues essa manhã — explico. — Algumas estão faltando e comecei a procurá-las. Elas valem muito dinheiro. Mas, depois, descobri tudo isso.

Ele assente, me encorajando.

Cubro o rosto com as mãos.

— Ou, talvez, eu esteja ficando maluca.

— Não está, não — ele ri. — Continue.

— Achei que se conseguisse encontrar todas as bolinhas, então, poderia mostrá-las a ele, e elas poderiam magicamente destrancar o que ele vem bloqueando em suas lembranças. Sei que não se pode consertar uma pessoa desse jeito, mas... pelo menos, eu estaria fazendo alguma coisa pra ajudar. —

Minha cabeça está latejando com as revelações que o dia me trouxe, não apenas os segredos do meu pai, mas, à medida que a noite vem caindo, as minhas próprias intenções lentamente vêm à tona, talvez, pela sensação de segurança da proteção do escuro.

— Sabrina, apenas estar aqui, pra ele já é ajudar. Conversar com ele. Ninguém sabe o que provoca a recorrência das lembranças, pode ser sensorial, um som, ou causas guiadas pela visualização, escritas em transe, trabalho em sonho, trabalho corporal, hipnose. E, no meu campo, a existência da recuperação da memória reprimida não tem sido bem aceita pela psicologia atual, sua existência nem é comprovada. Alguns dos meus colegas especialistas em memória e cognição tendem a ser céticos.

— E o senhor?

— Tenho uma sala cheia de livros desse assunto, sobre o que dizer ao Fergus, o que fazer com o Fergus, mas realmente — ele abre os braços, parecendo profundamente exausto e eu me sinto muito culpada por segurá-lo aqui por tanto tempo —, realmente, o que importa é o que dá certo.

Estou pensando rápido, pois sei que ele está prestes a sair a qualquer momento, voltar pra casa, para sua vida real, com suas próprias preocupações. Agora eu decidi que não vou aborrecer meu pai mostrando sua coleção de bolinhas de gude, isso poderia ser demais pra ele. Mas quero que ele se lembre da alegria das bolinhas.

— E se eu lhe comprar algumas novas, fizer novas lembranças, fizer uma nova alegria?

Ele sorri.

— Não vejo que mal isso pode causar.

— Que horas são? — olho meu relógio. — São quase dez horas. Quem vende bolinhas às dez da noite?

Ele ri de novo.

— Por que tem que ser tudo resolvido num dia?

Porque tem! Porque eu não posso contar, mas tenho um prazo. Consertar as coisas hoje, se não... Se não, o quê? Tudo continuará sem conserto para sempre? Amanhã eu volto para a rodinha de hamster.

Quando o dr. Loftus se despede, dou uma olhada em mim. Meu jeans ainda

está molhado da piscina, por mais que eu tenha tentado me secar embaixo do aquecedor dos vestiários, e estou sem sutiã e sem camiseta por baixo do moletom de capuz. Coloquei a camiseta molhada e minha roupa de baixo dentro de um saco plástico. A realidade começa a bater. Estou pensando que tenho a missão de salvar o meu pai, em apenas um dia, ou isso simplesmente não vai acontecer. Amanhã, eu vou acordar, Aidan e as crianças voltarão pra casa e eu serei consumida por eles, e esse sonho terá desaparecido, como tantos outros objetivos diários que nunca acontecem. Eu deveria ir pra casa, dormir um pouco, e ter o descanso e a recuperação que eu deveria estar tendo, enquanto Aidan está com as crianças. Essa era a ideia. Mas a enfermeira Lea limpa a garganta, da porta.

— O dr. Gostosão já foi?

Eu rio.

— Eu não estava escutando atrás da porta, tudo bem, eu estava, mas não faça perguntas. — Ela me entrega um pedaço de papel. — Conheci um cara no Facebook, nós deveríamos sair esta noite, para uma festa, nos encontramos pessoalmente pela primeira vez, certo, não foi o Facebook, foi um *site* de encontros, mas, se por um milagre divino ele for parecido com o seu perfil, então, eu me caso com ele amanhã. — Riso nervoso. — De qualquer forma, ele é um artista. Faz umas coisas de madeira. E tem muitos amigos artistas. Olhe.

Ela me entrega um pedaço de papel com um endereço.

— O que é isso?

— Eu sou louca pelo seu pai, nunca vi ninguém se lembrar de tanta coisa num só dia. Quero ajudar.

Jogando bolinhas de gude: Reproduções, falsificações e fantasias

Cat está sentada numa mesa, vestida de branco, com flores brancas presas no cabelo. Ela dá um gole no vinho branco e joga a cabeça pra trás, dando uma risada, uma risada travessa que, instantaneamente, faz os outros rirem. Ela é assim, nem sempre o que diz é engraçado, mas sua reação é a parte hilária. Seria ingenuidade dizer que ela está sempre pulando de alegria, certamente não está, principalmente com a filha mais velha, que lhe dá tanta tristeza, uma jovem problemática, que só fica feliz quando deixa a mãe infeliz. Fora isso, e quase apesar disso, Cat tem a capacidade de deixar esses sentimentos de lado e desfrutar a vida pelo que ela é, ou, ao menos, desfrutar da outra parte. Ela nunca permite que as coisas se sobreponham, separa suas preocupações. Apesar do jeito como eu dividi a minha vida, nunca fui capaz de fazer isso. Um problema na vida de Hamish O'Neill é um problema na vida de Fergus Boggs e vice-versa. Hoje, por exemplo, o dia está lindo, ela diz “pro inferno com todos os problemas da vida, vamos simplesmente aproveitar o agora, esse momento, o que estamos fazendo agora”.

Isso tanto me admira quanto me deixa maluco. Como ela consegue ignorar os problemas? Mas ela não ignora, apenas os deixa de lado, escolhe os momentos para pensar neles. Eu nunca consegui fazer isso. Fico pensando, até eles irem embora. E onde estamos ignorando os nossos problemas hoje? A cinco mil milhas de distância, na costa central da região vinícola da Califórnia, no casamento de uma amiga querida de Cat. Aos cinquenta anos de idade, e o noivo com sessenta, eles parecem dois pombinhos e não é a primeira vez para eles, embora pareçam estar tão apaixonados quanto adolescentes, tanto quanto eu me sinto com Cat, quando estou em sua companhia. Esse parece ser o ano dos segundos casamentos, é o terceiro ao qual vou, e me lembro do primeiro, nas três ocasiões, principalmente, porque um deles foi o meu. Não fui convidado para o casamento da Gina, mas foi esse que me abalou profundamente. Não esperava ser convidado, Gina e eu não temos coisas muito agradáveis a dizer um ao outro, desde a nossa separação, há mais de quinze anos, mas, ainda assim, apesar dos

namorados depois de mim, eu ainda a considerava minha esposa. Agora ela está com outra pessoa e eu penso em todas as coisas que fiz de errado. Como era bom no começo, como eu a admirava, a louvava e só queria agradá-la. Foi esse pensamento que acabou com o nosso relacionamento, que acabou comigo. Por que eu não consegui vê-la simplesmente pelo que ela é, sabendo que ela me amava pelo que eu era? Por mais que eu me esforçasse em mudar, as minhas raízes eram as mesmas e ela adorava. Por um tempo, pelo menos. Aquela mulher meiga, com o rosto cheio de sardas se foi, agora resta apenas uma mulher debochada que se irrita por qualquer coisa. Será que eu a tornei assim? Isso é culpa minha?

Estamos num vinhedo na costa central, em Santa Barbara, em julho, com um calor de derreter. Cat, que está totalmente à vontade, se bronzeia no sol a pino, já tirou os sapatos e tremula os dedos dos pés, com as unhas pintadas, mostra seu generoso decote e seu bronzeado, sacudindo, quando ri. Ela é o sol da minha vida e quanto mais ela brilha sobre mim, mais sinto uma sombra se lançando atrás de mim. O tempo está me espreitando. Estou longe do sol, sem conseguir suportar o calor. Minha camisa branca está completamente ensopada e, por isso, não posso tirar o paletó, o que me faz sentir ainda mais calor. Estou na sombra, tomando litros e litros de água, mas com o peso mais alto que já tive. Muito acima do meu peso habitual, sinto calor, desconforto, o calor nas minhas coxas, fazendo-as grudar, minha camisa está apertada demais no pescoço. O homem que se aboletou ao meu lado está com um terno branco informal e um chapéu branco e me diz que ele é comerciante de arte, só fala nos campos de golfe nos quais jogou, ao redor do mundo, contando com tantos detalhes que me dá vontade de mandá-lo calar a porra da boca. Mas eu me contenho por causa da Cat. Cometi o equívoco de dizer que eu já tinha jogado golfe, o que é verdade, embora pareça ter sido há milênios, e eu só jogava por conta do trabalho, quando era consultor financeiro, e acompanhava o que estava se passando. Tive que vender meus tacos de golfe, perdi meu título do clube, por não poder continuar pagando as taxas e não tenho mais tempo para esse tipo de lazer. Todo mundo com quem joguei fez o mesmo e investiu em lycra e numa bicicleta e sai pra pedalar aos domingos. Ouvir sobre um jogo do qual eu tive que abrir mão não ajuda em nada o meu humor.

Eu nem queria ter vindo. Quando Cat me falou do convite, não quis vir, disse pra ela, mas ela bateu o pé. Ela insistiu em pagar. O que eu sentia quando era mais jovem, na lua de mel, não sinto agora. Não quero mais ninguém pagando

minhas coisas. Quero pagar minhas próprias coisas, mas eu não tinha como bancar o voo e, agora que estou aqui, não posso pagar nada. Cat está cobrindo tudo. Cada gesto, cada gentileza dela, faz com que eu me sinta ainda pior, como se meu saco tivesse sido decepado. E tenho sido uma companhia horrível, tenho certeza de que ela deve estar desejando não ter insistido tanto.

Ela olha pra mim e sorri, mas vejo preocupação em seus olhos. Dou um sorriso falso e me abano comicamente, pra que ela saiba por que eu estou aqui na sombra. Ela sorri e retoma a conversa, e até mantenho uma conversa extremamente animada com o comerciante de arte ao meu lado, pra que ela veja que estou me divertindo, nos momentos em que ela me olha sorratamente, pensando que não estou vendo.

No meio da conversa sobre o oitavo buraco, em Pebble Beach, o meu telefone vibra no bolso. Fico feliz em pedir licença e sumo lá pra dentro, para a área da recepção refrigerada do vinhedo. Tiro o paletó, fora da vista de todos, e sento. É a mensagem de texto que eu estava esperando. Sonya Shiffer, uma mulher com quem entrei em contato alguns meses atrás, assim que ouvi dizer que ela vinha para Santa Barbara. A comunicação com ela escondido de Cat revolveu aqueles antigos sentimentos dentro de mim, aquilo que eu sentia quando combinava programas noturnos ou pernoites longe de Gina, mas a sensação vem acompanhada de culpa; desde que eu a conheci, a minha consciência cresceu, mas isso não elimina a necessidade que eu tenho de me ausentar e encontrar essa mulher. Esforço-me para pensar como vou fazer para sair daqui, eu tinha um plano, mas agora que estou aqui, preciso repensá-lo. Nosso hotel é mais distante do local do que eu pensava, não será fácil escapar, preciso arranjar um ônibus fretado ou conseguir uma carona com alguém, e se eu fingir que estou passando mal, tenho certeza de que a Cat também vai querer vir comigo. Em breve, a música vai começar e Cat adora dançar. Ela vai passar a noite toda dançando com qualquer pessoa e todo mundo, como sempre faz. É uma linda dançarina e eu geralmente fico olhando, mas esse talvez seja o meu momento de fugir. Nem um guindaste poderia arrastá-la da pista de dança. Posso dizer que estou aturdido com o fuso horário, ou que estou meio enjoado. Até comi ostras.

Nosso hotel fica a vinte minutos de distância e o hotel onde combinei de encontrar a Sonya é em Santa Barbara, a quarenta minutos daqui. Preciso ir até o nosso hotel para pegar o carro e dirigir até a cidade. Será que consigo? Encontrar a Sonya e estar de volta antes que o casamento termine, antes que a Cat descubra

que eu saí? Não sei, mas quanto mais depressa eu for, melhores serão as minhas chances. Quando ela me vê indo em sua direção, parece preocupada. Esfrego a barriga e explico a ela, rapidamente, que preciso voltar ao banheiro do nosso quarto. Ela sabe que eu não gosto de usar o banheiro quando estou fora. Digo que não vou demorar, que também preciso mudar de camisa, estou constrangido, aproveite, eu ficarei bem, volto na hora da dança. Claro que ela quer ir pra cuidar de mim, Cat é cuidadosa, mas também gosta de seu espaço, tendo vivido sozinha por mais de vinte anos, e é boa em dar o mesmo aos outros, então, deixo a festa. Tomo um banho rápido, coloco camisa e calça limpas, pego minha malinha de pernoite e sigo para Santa Barbara.

O local de encontro é um motel e eu paro no estacionamento, e subo a escada até o segundo andar. No fim do corredor, todas as portas dos quartos foram deixadas abertas, como eu fui informado que seriam, para o comércio nos apartamentos. Logo reconheço Sonya, de sua fotografia, e também porque ela é a única mulher. Aos setenta e quatro anos, já publicou dois livros sobre bolinhas de gude; joga e coleciona e é uma das melhores especialistas no mundo do jogo de bolas de gude. Pedi a ela que avaliasse minhas bolinhas, ou melhor, as bolinhas de Hamish O'Neill, e depois de compartilhar algumas fotos da minha coleção, ela concordou em vir, intrigada pelas minhas peças. Com mais de cento e cinquenta quilos e com artrose nos dois joelhos, ela está cercada por fanáticos ávidos para obterem um pouco de seu tempo. Porém, assim que eu entro, ficamos apenas eu e ela, que, assim como eu, quer ir direto ao ponto. Os quatro apartamentos desse andar estão envolvidos no comércio, neles, as pessoas podem discutir, trocar, avaliar suas bolinhas de gude. Já estive em convenções antes, como Hamish O'Neill, é claro, e sempre adorei o burburinho de estar cercado de pessoas tão comprometidas com as bolinhas quanto eu. Ver seus olhos se iluminarem pelo estado perfeito de uma Cobra-Guiné, ou uma Transparente Listrada, ou uma Rodamoinho Exótico, ou por uma caixa de amostras que nunca foi vista, ou não foi vista ao vivo, me lembra que não estou sozinho no fascínio por esse mundo. Claro que tem gente até mais doida que eu, gente que passa a vida inteira e usa todas as economias para colecionar, sem sequer jogar, mas eu sempre me sinto entre amigos nessas reuniões, como se pudesse ser eu mesmo, embora esteja usando o nome do meu irmão.

Eu tinha os dois livros de Sonya; antes de entrar em contato com ela, havia comprado um, em particular, com a intenção de tentar avaliar minha própria coleção, mas logo percebi que eu poderia facilmente me enganar. Através da

internet, fiz um contato com ela, que é uma das mais conhecidas colecionadoras que há. Não trouxe a minha coleção inteira, não teria como pagar as taxas pela bagagem cobradas pela companhia aérea, nem teria como colocar mais coisa em minha mala sem que Cat desconfiasse. Trouxe o que acho mais valioso. E não as trouxe para vendê-las, isso eu deixei bem claro para Sonya Shiffer. Não sei se algum dia irei vendê-las, sempre achei que jamais o faria, mas a hora se aproxima. Os bancos estão no meu encalço, por conta de um apartamento que tenho em Roscommon, um investimento imbecil num condomínio no fim do mundo que, à época, custou caro demais e agora não vale nada. Porque a escola, o Shopping Center e qualquer outra coisa que estava nos planos não foi adiante na área e eu não posso alugar o apartamento, muito menos vender, o que me deixa numa posição difícil, para tentar pagar a hipoteca.

Preciso começar a juntar as minhas peças e ver o que tem pra jogo.

Apesar do fato de que vim dirigindo e tenho que dirigir de volta, Sonya insiste para tomarmos um uísque juntos. Tenho a sensação de que a minha resposta terá uma grande influência quanto a ela avaliar minhas peças ou não. Ela veio para passar a noite, não está com pressa. Eu posso deixar para me preocupar com o carro amanhã, dar uma desculpa à Cat, ainda não sei o quê. Vou arranjar alguma coisa.

— Ora, ora, você tem uma coleção e tanto — diz Sonya, ao nos sentarmos junto à mesa, num dos quartos. As pessoas perambulam ao nosso redor, conversando, trocando, jogando, até observam-na trabalhando, mas não estou registrando ninguém na cabeça. Fico de olho nela. Ela é imensa, tem um quadril tão grande que fica sobrando dos dois lados da cadeira. Pensa que sou Hamish O'Neill, vencedor do Campeonato Mundial de 1997, melhor jogador individual do mesmo ano. Quer conversar sobre isso, um pouquinho, e não me importo em reviver meus dias de glória, quando havia algumas pessoas a quem eu podia contar essa história. Conto tudo a ela em detalhes, como derrotamos os alemães, e a briga que em seguida explodiu no bar, entre o Baxter, do meu time, e um dos caras do time alemão, e os americanos atuando como a turma do deixa disso. Nós rimos e dá pra notar que ela está impressionada e voltamos às bolinhas de gude.

— Comprei seu livro pra eu mesmo avaliá-las, mas logo descobri que há uma arte nisso, uma arte na qual eu não tinha domínio — eu digo. — Descobri que por aí há mais reproduções do que eu imaginava.

Ela me olha atentamente.

— Eu não me preocuparia com reproduções tanto quanto as pessoas querem que você se preocupe, Hamish. Quando se trata do mundo de colecionáveis, as reproduções não são nada de novo, Cintilantes e Raios de Sol foram tentativas de imitar as Peles de Cebola, e as Olhos de Gato, uma tentativa de imitar as Rodamoinhos. Tijolos, Vagabundas, Akro, e Ágatas Carnelio e Ades foram uma tentativa de imitar as bolinhas feitas à mão, porém, apesar disso, todas essas bolinhas são altamente colecionáveis hoje, exceto, é claro, as Olhos de Gato.

Dou um sorriso, pensando em minha piada com Cat, sobre ela não ser colecionável, embora ela seja a coisa de maior valor em minha vida, e ela me olha por cima dos óculos, que estão baixos em seu nariz. Ela me observa, como se estivesse avaliando a mim, não as bolas de gude, gira as bolinhas com uma lupa que amplia em dez vezes, segurando-as com seus dedos gordos, anéis de ouro apertados na maioria dos dedos, com a gordura saltando em volta deles. Esses anéis nunca mais vão sair.

— Mas, geralmente, todos e tudo estão imitando algo.

Eu engulo em seco, pensando que isso é uma avaliação direta de mim. Como se ela soubesse que não sou Hamish O'Neill, mas isso não poderia ser.

Após um tempo estudando e depois que eu já virei uísque demais, ela fala.

— Você tem algumas reproduções aqui, e essa foi consertada para reparar uma fratura, está vendo as pequenas rugas e a opacidade da bolinha?

Eu concordo.

— Isso é de reaquecer o vidro. E você tem algumas fantasias — diz ela, remexendo as bolinhas. — Itens que jamais existiram em forma original. Sacos de polivinil com antigos rótulos — ela parece ter aversão. — Mas, não, de maneira geral, você tem boas coisas aqui. Você obviamente tem um olho bom.

— Eu espero que sim, nós vamos ver, não vamos?

— Sim, vamos. — Ela olha para a coleção e ri ofegante. — Espero que você tenha tempo, porque isso vai levar a noite toda.

São quatro da manhã quando um cara chamado Urso me deixa de volta no hotel, numa caminhonete e sai acelerando. Mal consigo enxergar direito, depois de virar uma garrafa de uísque com a Sonya. Tento me concentrar no caminho à minha frente, com meu saco de bolinhas de gude, adentrando as vinhas. Rindo,

eu saio das vinhas e sigo para o quarto, cambaleando.

Quando a picape passou pelo vinhedo, vi que, para minha surpresa, o casamento já tinha terminado e não havia mais nenhum convidado à vista, nem mesmo a minha Cat. Incomum para um casamento irlandês, embora eu imagine que não estamos na Irlanda e eu deveria saber que acabaria cedo, com um pessoal tão conservador. Entro no hotel cambaleando, recebendo olhares zangados do dono da pousada que teve de abrir pra mim a uma hora dessas, e saio esbarrando em tudo, portais, móveis, a caminho da escada. Quando chego ao quarto, como se por mágica, Cat abre a porta, com o rosto estampado de mágoa.

— Onde você se meteu?

Eu sei que fiz de novo. Não importa o que eu pense de mim mesmo, como pense que posso mudar, sempre derrapo e acabo voltando a magoar as pessoas. O Hamish em mim aflora, mas não posso mais culpá-lo, na verdade, nunca pude. Sou eu. Sempre fui eu.

Regras da piscina: Proibido bebidas alcoólicas

Espero em meu carro, pela Lea, enquanto ela se apronta para a festa. Coloquei o aquecedor a toda, tentando secar meu jeans que está grudado em minhas pernas. Tiro novamente o inventário da bolsa e folheio. Olhando sua vida de lembranças, todas catalogadas com uma escrita caprichada. Olho as fotografias que tirei do recorte de jornal, na parede do O Gato de Mármore. Está desfocada e meu pai está se escondendo no fundo, mas é ele, sim. Pela primeira vez, noto a data do jornal.

Ligo pra minha mãe que atende depressa, para esta hora da noite.

— Mãe, oi, espero não tê-la acordado.

— Não, de jeito nenhum, nós ainda estamos acordados, tomando vinho, Robert está bêbado, tuitando para a Nasa. — Ela dá uma risadinha e eu ouço Robert ao fundo, gritando que alienígenas estão acenando pra ele, da lua. — Estamos na varanda, olhando a lua, não está maravilhosa? Eu deveria saber que você está acordada, sabia que, quando era pequenininha, você nunca conseguia dormir quando tinha lua cheia? Você costumava vir pra nossa cama. Lembro que Fergus uma vez a levou lá pra baixo, fez chocolate quente, encontrei vocês dois na cozinha escura, ele dormindo, você olhando lá pra fora.

A lua nos fez fazer isso.

Dou um sorriso pensando nessa imagem.

— Não mudei muito.

— Os meninos tiveram um dia legal? — pergunta ela.

— Demais.

Ela ri.

— E eu tenho certeza de que você também. É bom ter um dia só pra você. Não é sempre que você tem.

Silêncio.

— Está tudo bem?

— Você se lembra da minha festa de aniversário de treze anos? Nós tivemos um toldo, no jardim dos fundos, não foi?

— Sim, umas trinta pessoas, bufê, os fogos.

— O papai estava lá? Não consigo me lembrar.

— Sim, estava.

— Então, ele não estava fora, nesse dia? — A matéria do jornal está datada do dia do meu aniversário, embora mencione que o campeonato foi na véspera.

Ela suspira.

— Foi há muito tempo, Sabrina.

— Eu sei, mas você se lembra?

— Claro que ele estava lá, ele estava em todas as fotografias, lembra?

Agora me lembro. Eu de minissaia e salto alto, parecendo uma quenga, não posso acreditar que a minha mãe tenha me deixado vestir aquilo, embora eu saiba que ela não teve muita escolha.

— E na véspera?

— O que foi que você descobriu Sabrina? Apenas fale.

Fico surpresa pela frieza dela.

— Eu desconfiava — ela preenche o silêncio —, o que você provavelmente está prestes a me dizer, que ele estava tendo um caso, longe, com alguém. Ele disse que estava em Londres, para uma conferência, porém, quando liguei pro hotel, não tinha nenhuma reserva dele. Desconfiei de alguma coisa, ele vinha agindo com sua forma habitual, cheio de segredos, seguindo a lugares que eu sabia que ele não ia. Ele fazia muito isso. Voltou pra casa no dia do seu aniversário. Eu o confrontei, agora não consigo me lembrar, mas ele conseguiu se safar, como sempre. Fez com que parecesse que eu estava ficando doida, como sempre. Por quê? O que você descobriu? Quem era ela? Era aquela mulher, a tal da Regina? Deus sabe que houve muitas outras, mas ela, ele nunca admitiu. Sempre achei que eles estivessem juntos, antes de nos separarmos.

— Acho que ele não estava com outra mulher, mãe. Ele estava tendo um caso de amor, mas, nem sempre do jeito que você pensa. — Eu respiro fundo. — Ele

estava no Campeonato Mundial de Jogo de Bolas de Gude, na Inglaterra. Seu time, Vagabundas Elétricas, com seus homens, ganhou. Um jornal publicou uma fotografia e uma matéria a respeito, no dia do meu aniversário. Ele está se escondendo no fundo, mas eu sei que é ele.

— O quê?! Campeonato de jogo de bolas de gude? Mas que diabo você está dizendo? — Ela diz, com a fala meio embolada, e eu acho que não é o melhor momento para discutir isso com ela. Errei. Deveria ter esperado, mas não consegui.

— Já lhe contei sobre as bolinhas, mãe, ele vem jogando a vida inteira, em competições. Secretamente. E também vem colecionando.

Ela fica em silêncio. Tenho certeza que é coisa demais pra assimilar.

— É ele, na fotografia, mas usava um nome diferente. Hamish O'Neill.

Eu a ouço resfolegar.

— Meu bom Jesus! Hamish era o irmão mais velho dele, que morreu quando Fergus era jovem. Ele não falava muito dele, mas fiquei sabendo de algumas coisas ao longo dos anos. Ele era o mundo para Fergus. O'Neill é o nome de solteira da mãe dele.

Então, Mattie estava certo. Isso tudo tinha a ver com Hamish. Hamish morreu usando o nome do meu pai, e meu pai, por sua vez, assumiu o nome de Hamish. Não sei se algum dia realmente saberei o motivo. Não sei se preciso saber.

— Teve um troféu para melhor jogador individual que Hamish O'Neill recebeu. Conheci o time dele, eles disseram que o papai é Hamish.

Minha mãe fica em silêncio. Não posso nem imaginar em que lembranças ela está pensando ao tentar entender e juntar tudo.

— Mãe?

— E ele ganhou isso na véspera do seu aniversário?

— Sim.

— Mas por que ele não contou?

— Ele não contou a ninguém. Nem para a família, nem para os amigos.

— Mas por quê?

— Acho que ele queria dar vida ao irmão. Homenageá-lo de alguma forma. Acho que ele pensou que ninguém entenderia. Que o achariam esquisito.

— É esquisito — ela desabafa, depois suspira e fica quieta, como se se sentisse culpada. — Mas é bacana homenageá-lo. — Silêncio. — Afinal, com quem eu me casei? — ela pergunta, baixinho.

Não sei responder a essa pergunta, mas sei que não quero mais que o meu marido pergunte a mesma coisa de mim.



Lea senta lentamente no banco da frente, com um vestido de cor neutra, colado, jaqueta preta, perfumada, toda maquiada e praticamente irreconhecível, como a enfermeira que eu vejo quase todos os dias.

— Está demais? — ela pergunta, ansiosa.

A cor do vestido faz parecer que ela está nua.

— Não — respondo, ligando o carro. — Então, me diga sobre o lugar para onde estamos indo.

— Você sabe o mesmo que eu.

Eu lanço um olhar de alerta.

— Lea?

— O quê? — ela dá uma risadinha. — Eu o conheci online. Seu nome é Dara. Ele é delicioso. Ainda não nos conhecemos pessoalmente, mas, você sabe... — ela sacode os ombros.

— Não, eu não sei, me conte.

— Bem, nós nos conhecemos num *site* de namoro *online*. Depois, falamos pelo Skype algumas vezes. Sabe? — ela repete, como se eu devesse saber algo.

— Não, eu não sei. O quê?

Ela fica me olhando, sacudindo a cabeça pra mim, como se isso fosse ajudar na resposta, que acaba ajudando.

— Ah! — eu digo, subitamente.

— Sim, agora você entendeu — ela olha pra frente de novo. — Então, nós somos bem conhecidos, mas não nos encontramos ainda.

— Vocês fizeram sexo no Skype e agora está nervosa para conhecê-lo? — Dou uma risada.

— Minha câmera tem filtro — ela explica —, eu não.

— E o que esse misterioso Dara faz, para saber onde podemos encontrar bolinhas de gude, às onze da noite?

— Ele trabalha com entalhes de madeira. Para cadeira, mesas, móveis. A festa é no escritório dele. Eu me lembro de que ele disse que lá tem um artista de vidro.

Estou na dúvida.

Encontramos o endereço da festa da lua cheia que Dara deu a ela. Ficamos olhando, do outro lado do rio, em silêncio, as duas profundamente pensativas, provavelmente achando a mesma coisa. Fomos enganadas.

O endereço é de um edifício garagem. Fica no local abandonado de um antigo shopping que foi demolido, onde deveria ser erguido um shopping supermoderno, de setenta milhões de euros, com cinemas e tudo, mas só tem o edifício garagem, nesse deserto distante de qualquer negócio que possa utilizar esse estacionamento. A lua brilha no céu, grande e cheia, nos guiando como a estrela polar, mantendo um olhar vigilante e maternal em nosso progresso. Mas não posso deixar de pensar que ela agora está rindo da gente.

É uma monstruosidade de concreto, mas é antigo, horrível, de tijolinhos vermelhos, tetos baixos, ao contrário dos estacionamentos espaçosos e iluminados de hoje. São oito andares, sem nenhum carro à vista. Na metade da subida, surge uma luz que emana pelas frestas de grades.

— Parece que chegamos — diz Lea, tentando levantar o astral.

— Você está sentindo cheiro de fumaça? — eu pergunto.

Ela funga e assente.

— Está ouvindo música?

É bem baixinha, mas vem do quarto piso, uma música calma, um baixo rítmico.

Nenhuma de nós se mexe.

— Então, talvez isso seja uma festa — eu digo. — Você acha que é perigoso? — Estamos numa parte abandonada da cidade, que deveria ter progredido, mas não aconteceu, e foi negligenciada, convidadas por um homem que é bom com ferramentas, que a Lea conheceu pela internet. Fico imaginando se a sorte não se esgotou por hoje.

O lugar é completamente cercado, com aquele tipo de cerca de madeira, de construções, e embora seja alta demais para escalar, não tem vãos nem passagem. Nós contornamos o negócio inteiro e descobrimos que há uma passagem aberta, nos convidando a entrar. Lentamente passamos pela cerca, passamos a barreira onde carros fantasmas coletam seus tíquetes de estacionamento, e adentramos a escuridão de vários andares. O piso térreo foi completamente tomado de grafite, cada pedacinho das paredes de concreto e das colunas de sustentação foi pichado. Não me concentro muito nos cantos escuros, não quero ficar parada, preciso continuar andando. Seguimos as placas para a escada, preferindo ignorar os elevadores que acho que estão parados, de qualquer forma e, mesmo que estejam, não estou interessada.

Todos os filmes de terror que assisti me disseram pra tomar cuidado com estacionamentos, quando sozinha, tarde da noite, ou mesmo durante o dia, porém, aqui estou eu, indo contra todos os instintos do meu corpo. O som da música e do riso vai aumentando, conforme vamos subindo a escada, cuidadosamente, sem querer fazer qualquer som que alerte. Há um zumbido de conversa e aquele baixo relaxante nos leva adiante, existe algum tipo de civilização lá em cima, uma que não soa como berros assassinos, nem ruídos de bala, ou danças de gangue. Espero me deparar com uma comunidade de sem teto, com laptops ligados no Skype, estou preparada pra correr, para entregar meu dinheiro, meu telefone, o que for, caso se irrite com a minha intromissão.

Lea se prepara, verifica seu reflexo no espelho de bolso, e passa mais do seu batom grosso, que dá a impressão de que ela tomou injeções de colágeno, então, com uma jogada no cabelo, ela abre a porta. Fico estarrecida quando olho lá dentro. Por toda parte que eu olho, vejo árvores, lindas folhagens verdes cobrem o concreto cinzento. As plantas estão em vasos deslumbrantes, espanhóis e mexicanos, formando um estilo que combina com lindos ladrilhos de mosaico. Há fios com pequenas luzes que vão de uma árvore a outra, e luz de velas perfilando o caminho por entre as árvores. Dá a sensação de que entramos no país das maravilhas, no meio de um estacionamento de concreto! Cinza e verde, escuro e iluminado, feito pelo homem e natural.

— Oi, pessoal — diz um jovem, ao nosso lado, e nós nos viramos pra ele, surpresas. — Posso ver seus convites, por favor?

Ficamos de boca aberta, estamos visivelmente chocadas.

— Ela é convidada do Dara — eu finalmente digo, pois Lea não diz uma

palavra.

— Ah, legal — ele levanta. — Sigam-me. Desculpem pelo negócio do convite, é a Evelyn, ela ficou bem insistente, depois do ano passado. Aparentemente, a festa foi invadida por penetras e ficou uma loucura.

Nós o seguimos pelo caminho sinuoso, por entre as árvores, e eu me sinto como se estivesse num sonho.

— Vocês fizeram isso tudo? — pergunto.

— É. Legal, né? Evelyn acabou de voltar da Tailândia, onde ela sempre dava festas da lua cheia, não é exatamente como a Tailândia, mas o tema é selva de pedra.

O caminho termina onde se abre para um espaço como uma sala de estar. Um lustre gigantesco, de vidro retorcido, pende do teto de concreto, com velas imensas, cuja cera está escorrendo pelas laterais. Abaixo há um grande tapete oriental, uma quantidade enorme de sofás marrons de couro, onde uma dúzia de pessoas, ou mais, está reunida, papeando, como numa festa em casa. A música está tocando, uma musiquinha relaxante, não muito alta, que ouvimos do outro lado do rio, e uma garota tipo ninfa, com macacão inteiro de lantejoulas, está dançando de olhos fechados, passando os dedos no ar, pelas cordas de uma harpa invisível. Alguns olham pra nós, a maioria não, eles são um grupo amistoso, apenas olhando e sorrindo para nos dar boas-vindas. Um grupo de todas as idades, do tipo *artsy*, muito tranquilo, estiloso, não como eu e a Lea, a mãe de três garotos e a enfermeira de idosos.

— Lá está ele — diz ele, rapidamente apontando. Lea segue até Dara e eles se abraçam. Um instante depois, no meio da confusão, ela grita — Marlow — pra mim.

Balanço a cabeça. Marlow. Estou aqui para ver o Marlow.

— Marlow — Dara chama, depois assovia e assente pra mim. Um homem deslumbrante, no grupo que está nos sofás, ergue a cabeça. Ele está de jeans preto justo, uma camiseta carvão, botas de trabalho, tem físico perfeito, braços definidos, cabelo preto comprido, preso atrás de uma das orelhas, o outro lado cai no rosto. Johnny Depp, vinte anos atrás. Ele estreita um dos olhos ao tragar o cigarro e segura uma garrafa de cerveja na outra mão. Ele me percorre com o olhar. Eu estremeço sob seu olhar intenso, não sei para onde olhar. Lea olha pra mim e ri.

— Boa sorte — ela faz o sinal de positivo e segue na direção do barril com cervejas no gelo.

Engulo com força. Marlow sorri e deixa a companhia de uma bela garota, com joias contornando seu abdômen. Ele para bem na minha frente, perto demais para um absoluto estranho.

— Oi.

— Oi. — Ele sorri e senta no encosto do sofá, então ficamos com os olhos no mesmo nível. Parece estar entretido comigo, mas não de um jeito provocador.

— Meu nome é Sabrina.

Eu olho em volta e vejo Lea sentando num sofá com um grupo de pessoas, cerveja na mão, totalmente relaxada. Também tento relaxar.

— Eu perdi minhas bolinhas de gude — digo, sorrindo.

— Bem, você veio ao lugar certo. — Ele sorri. — Por que não vamos até o meu estúdio? — Ele levanta.

Dou uma risada e ele parece confuso pela minha reação, mas sai andando, mesmo assim. Olho para Lea que gesticula para que eu vá atrás do Marlow. Eu vou, passando por entre as árvores, até o outro lado, e descubro que ele não estava mentindo. Junto às paredes do edifício garagem, há escritórios e estúdios de arte.

— Que lugar é este?

— O conselho de arte nos deixou trabalhar aqui. Eles surgiram com uma ótima ideia para utilizar o espaço, a ideia era colocar algo novo em cada andar, exposições no terceiro piso, peças teatrais no quinto. Nós estamos aqui há um ano.

Ele abre uma porta e entra.

Tem vidro por todo lado brilhando sob o luar.

— Nossa, que lindo! — Olho em volta, sem conseguir parar, pois, para todo lado que me viro, tem uma obra de vidro, um jarro, copos, vasos, placas, lustres das cores impressionantes, alguns partidos e colados novamente, criações incríveis.

Ele está sentado numa mesa, tipo um balcão, com as pernas penduradas, me olhando.

— Você faz bolinhas de gude — digo, apontando uma vitrine no canto, com pequenos globinhos sob a luz, e meu coração subitamente dispara outra vez.

Tiro a bolsa do ombro e pego o inventário, me sentindo queimando como fogo. Caminho até ele, ofereço o fichário.

— Meu pai era um colecionador de bolas de gude. Encontrei esse inventário nas coisas dele, incluindo as bolinhas, mas há duas coleções faltando. — Tento folhear rapidamente até as páginas exatas da lista onde estão as bolinhas desaparecidas, mas ele me impede, põe a mão sobre a minha, e fica segurando, enquanto lê, em seu próprio ritmo.

— Isso é incrível — ele diz, depois de um tempo.

— Eu sei — concordo, orgulhosamente e incerta, olhando a mão dele segurando a minha, como se ele não estivesse notando o que está acontecendo, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Ele vai folheando as páginas, passando os dedos sobre os nós dos meus dedos, o que me deixa nervosa e empolgada ao mesmo tempo. Sou uma mulher casada, não deveria estar aqui, quase meia-noite, de mãos dadas com esse cara bonito, mas estou e não quero soltar. Ele lê devagar, passando por todo o inventário, movendo vagarosamente os dedos sobre os meus.

A lua me fez fazer isso.

— Essa é uma coleção e tanto — ele diz, finalmente erguendo os olhos. — Então, ele era fã só de vidro.

— O que quer dizer?

— Bolinhas também são feitas de barro, aço, plástico. Mas ele só coleciona vidro.

— Ah, sim. Eu não tinha percebido.

— Fora as metálicas, que ele tem poucas. Porém, as mais bonitas são as de vidro, feitas à mão — ele diz, sorrindo. — Quais são as que estão faltando?

Tragicamente, eu tenho que soltar a mão dele para folhear as páginas e apontá-las.

— Essas. E essas.

Ele assovia quando vê o preço.

— Posso tentar replicar, mas é impossível fazer idêntica, ele vai notar a

diferença — diz ele. — Um colecionador como ele saberá na hora.

— Ele não. — Eu engulo em seco. — Ele não tem estado bem, recentemente. Na verdade, eu estava torcendo para encontrar algo novo. Quero que ele tenha novas lembranças. “Não volte atrás, Sabrina. Siga em frente. Faça o novo.”

— Com prazer. — Ele sorri, com os olhos brincalhões, e eu tenho que desviar. — Então, Sabrina, vejo aqui que o seu pai estava começando a colecionar bolinhas contemporâneas. Ele só tem uma, que está danificada, um coração, que é bem irônico, não? Acho que posso entrar aí. Posso lhe fazer uma bolinha de arte contemporânea. Veja ali.

Ele aponta a vitrine e eu fico extasiada pela variedade que ele tem. É como um baú de pedras preciosas, um verdadeiro tesouro. Tantos rodaminhos e desenhos, cores e reflexos no vidro.

— Você pode tocar — ele diz.

Ao abrir a vitrine, sou atraída a uma bolinha marrom, que parece uma bola de bilhar, e fico surpresa pelo peso. Elas são maiores que as da coleção do meu pai, mas as cores e os desenhos são bem mais intensos e complexos. Rodaminhos, bolhas, são hipnotizantes de olhar e, quando as seguro sob o luar, parecem mais profundas, reluzir por dentro.

— Interessante que você tenha escolhido essa — diz ele. — É sua predileta?

Balanço a cabeça afirmando que sim, envolvendo a bolinha com os meus dedos. É quase como se eu pudesse sentir o calor do fogo que tem dentro dela. — Mas não é pra mim. — Examino a coleção novamente. — Tenho certeza de que ele adoraria qualquer uma dessas.

Não foi o que eu comecei o dia procurando, mas parece certo, como uma solução melhor do que enlouquecer procurando bolinhas de gude perdidas que provavelmente nunca vou achar.

— Não, não. — Ele delicadamente pega a bolinha marrom da minha mão e, enquanto a examina, põe a mão na minha cintura, por trás de mim. — Vou fazer uma nova pra você, agora.

— Agora?

— Claro. Você tem outro lugar pra ir?

Olho para Lea, perdida nos olhos de Dara, Dara passando os dedos nos cabelos dela. Já é quase meia-noite, vou pra minha casa vazia mesmo. Preciso

terminar minha noite com algum tipo de conclusão. Abri uma ferida e preciso encontrar alguma coisa que ajude a cicatrizar. Se eu não conseguir completar a coleção do meu pai, então, tenho que completar minha missão pessoal.

— Quanto tempo demora pra fazer?

Ele sacode os ombros, tranquilamente.

— Vamos ver.

Ele não caminha, mas desliza, arrasta os pés, mas não ruidosamente, é relaxado demais para erguê-los. Ele acende um bico a gás, me deixa, momentaneamente, desaparecendo atrás das árvores do estacionamento e volta com um pacote de seis latas de cerveja, um baseado e uma expressão travessa no olhar.

Ouçõ a voz de Aidan na minha cabeça. *Só não sei se você é feliz, Sabrina. Você é distante. Eu te amo. Está me ouvindo? Você me ama?*

Jogando bolinhas de gude: Ganhando libras

Estou sentado diante de Larry Brennan, também conhecido como Lampy Lanterna, devido ao seu passatempo de caçar animais tarde da noite, geralmente coelhos, quando éramos adolescentes. Ele tinha um tio em Meath e a gente costumava ir pra lá nos finais de semana; o pai dele era alcoólatra e a mãe tinha tido um colapso nervoso e não podia lidar com muita coisa, por isso, ele era mandado pra casa do tio, a irmã ia pra casa da tia deles. A irmã se deu melhor. Eles achavam que ele estaria num lugar melhor que sua casa, mas estavam errados. O tio dele não era muito melhor que seu pai, ele só parecia mais responsável, porque não tinha família pra cuidar. Sozinho, ele funcionava bem. Gostava de beber, também gostava excessivamente do Larry, embora eu não tivesse percebido isso até mais tarde. O Larry sempre queria que eu fosse com ele, acho que seu tio não o perturbava quando ele levava um amigo, mas eu não gostava nem um pinga desse tio, que se chamava Tom. Uma vez, eu fui pra passar o fim de semana e, apesar da aventura, e da desventura, a liberdade para fazer, comer e beber o que nós quiséssemos, a qualquer hora do dia ou da noite, nunca mais voltei quando ele me chamou. O tio dele não era certo. Eu deveria saber o que estava acontecendo, mas não sabia.

A caça era divertida. Larry pegava a espingarda de ar comprimido do tio e nós íamos para o campo, no breu da noite. Era minha tarefa segurar a lanterna, com a potência de um milhão de velas, e assustar os coelhos, depois ele os alvejava. Metade do tempo, ele nem recolhia os animais, eu sempre pensava que a mamãe faria um belo guisado, mas não tinha como mantê-los frescos até voltar pra casa, e nunca perguntei como poderia fazer. Para o Larry, não tinha a ver com a comida, o negócio era a matança, e eu tenho certeza de que cada coelho que ele matava era, na verdade, seu tio, ou seu pai, ou sua mãe, e quem mais o tivesse decepcionado nesse mundo. Talvez até eu, por estar lá e não fazer nada a respeito.

A caça era melhor quando já estava bem escuro, as noites nebulosas eram

boas, mas as melhores condições eram quando vinha a lua nova. Eu me lembro de Larry checar o clima quando o fim de semana ia se aproximando, quase ficando maluco e infernizando os garotos da escola quando o clima não estava bom pra caçar. Imagino que ele sabia que teria de ficar em casa a noite inteira e sabia o que isso significava. Nessa época, Hamish não estava mais por lá. Eu tinha dezesseis anos e ele havia partido para Liverpool, mas teria adorado ir pra lá. Ele teria ido comigo. E também teria manjado o tio do Larry.

Agora, olho para o Larry Lampy Brennan, da mesma idade que eu, cinquenta e sete anos, mas esguio, bem arrumado, respeitável. Estou sentado de frente para a mesa dele, e penso em todas as coisas que sei dele. Ele está usando um terno bacana, emprega uma dúzia de pessoas, saiu da merda e está indo muito bem. Meu coração dispara quando ele alisa a gravata com as unhas feitas e espera pela minha resposta; sinto uma tensão crescente no peito, que nunca passa, e agora estou tão acima do peso que fico constantemente ofegante, tentando recuperar o fôlego.

— Aposto que não há ninguém na sua vida que saiba de onde viemos — eu digo.

Ele para, incerto do que isso quer dizer.

— Você sabe o que quero dizer, Lampy.

Ele gela e eu sei que o fiz voltar a ser alguém de quem ele se esforçou para tentar fugir. Voltou a ter dezesseis anos. Ele é Larry Lampy Brennan e está um tumulto em sua cabeça, o mundo está contra ele e ele luta por si mesmo, contra tudo e contra todos.

— O que você está dizendo, Fergus? — ele pergunta baixinho.

Sinto o suor escorrer pela minha têmpora direita e quero limpar, mas se o fizer, vai chamar atenção para o gesto.

— Só estou dizendo que eu tenho certeza de que algumas pessoas ficariam surpresas pelas coisas que eu sei de você. Só isso.

Ele se inclina para a frente, devagar.

— Você está me ameaçando, Fergus?

Olho fixamente pra ele, não preciso responder, deixo que ele entenda como quiser. Preciso desse trabalho, estou com cinquenta e sete anos, pedi a cada pessoa que me devia algum favor, e eu devo mais favores do que jamais terei

tempo para pagar. Bati numa parede, esse é meu último truque na manga, estou reduzido a ameaças como o baixo nível que me sinto.

— Fergus — ele diz, abaixando os olhos. — Essa decisão não é pessoal. São tempos difíceis. Eu o admiti porque queria ajudá-lo, só por lealdade. — Ele parece abalado. — Nós combinamos de rever as coisas depois de seis meses. Depois de seis meses, falei que você tinha de melhorar, você era o que menos vendia e, sim, eu sei que era o começo. Mas agora faz nove meses e as coisas não vão bem por aqui, preciso começar a dispensar pessoal, você foi o último contratado, o que significa que será o primeiro a sair. E, francamente — a raiva parece explodir do nada, como se ele tivesse percebido que deve se esquecer de ser educado comigo —, me ameaçar não vai me deixar afeiçoado a você e não elimina o fato de que você é o pior vendedor da loja e foi o que rendeu menos à empresa.

— Você precisa me dar mais tempo — eu peço, sentindo o pânico aumentar, tentando parecer calmo, tranquilo, como se fosse alguém em quem ele pudesse confiar. — Ainda estou me encontrando, o primeiro ano é difícil, mas agora estou chegando lá, você sabe, tenho uma verdadeira compreensão de como as coisas funcionam por aqui.

— Não posso mais lhe dar tempo — diz ele. — Simplesmente não posso.

Reluto um pouco mais, porém, quanto mais eu forço, mais ele recua, mais duro fica.

— Quando? — pergunto baixinho, sentindo o mundo desabar.

— Eu ia lhe dar um mês de aviso prévio — ele diz, e eu penso que em mais um mês vai tudo por água abaixo. — Mas, diante da sua ameaça, sugiro seu desligamento imediato.

Tenho mais um truque na manga, o pior de todos, aquele ao qual nunca quis recorrer em toda minha vida.

— Por favor — digo e ele me olha surpreso, e a raiva desapareceu. — Larry, por favor, eu te imploro.

Favores, ameaças e, por último, uma súplica.



— Que diabos está acontecendo aqui? — Cat diz, espantada, ao me encontrar no chão do meu apartamento.

Empurrei todos os móveis para uma parede. As poltronas estão empilhadas no sofá, a mesa de centro está na pequena cozinha e o tapete está enrolado lá fora, na varanda. No espaço perfeitamente grande que foi desimpedido no chão, eu seguro uma canetinha hidrocor e estou prestes a desfigurar o piso de madeira.

Desenhei um pequeno círculo de vinte centímetros de diâmetro e estou no meio do desenho de um círculo muito maior, com três metros de diâmetro. Não posso falar com ela, estou me concentrando.

— Fergus! — Ela olha em volta, de olhos arregalados, boquiaberta. — Nós deveríamos ter almoçado com Joe e Finn, lembra? Ficamos esperando você no restaurante. Liguei e liguei pra você. Comi com eles, sozinha. Fergus? Você está me ouvindo? Fui ao seu trabalho, eles disseram que você tinha ido pra casa.

Eu a ignoro, trabalhando no círculo.

— Você se esqueceu, Fergus? — A voz dela é mais branda. — Você se esqueceu de novo? Agora isso já aconteceu algumas vezes, você está bem, meu amor? Alguma coisa não está certa.

Ela está de joelhos, ao meu lado, no chão, mas não posso olhar pra ela. Estou ocupado.

— Você está bem? Está se sentindo bem? Você não parece... Fergus, você está encharcado.

— Certo — eu digo, pousando a caneta e me erguendo sobre os joelhos, pois sinto outra gota de suor cair do meu nariz —, esse jogo se chama ganhando Libras, e é exatamente isso que ele vai nos ajudar a fazer. O pequeno círculo é o local das libras, o maior é o bar. Você lança a bolinha de gude de...

— Eu?

— Sim, você. — Dou algumas bolinhas pra ela, que as pega como se fossem granadas.

— Fergus, são três horas da tarde, você não deveria estar no trabalho, em vez de estar jogando bolinha de gude? Isso é ridículo, eu também tenho de voltar para o meu trabalho, não estou entendendo, o que está havendo?

— Fui despedido! — eu subitamente grito, e isso a silencia e faz que ela dê um pulo de susto. — Você é o banco — continuo num tom mais agressivo do que pretendia. — Você arremessa a bolinha e qualquer coisa que atingir dentro das libras passa a ser de sua propriedade. Se você não acertar nada, sua bolinha

fica onde está e você lança de novo. Você tem dez tentativas.

Eu coloco a minha coleção de relógios dentro do pequeno círculo.

— Arremesse a bolinha. Mande ver.

Ela olha os relógios, depois olha os itens forrando os círculos e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Ah, Fergus, você não precisa fazer isso. Joe pode ajudá-lo. Você sabe que ele já ofereceu?

— Não vou aceitar esmolas — digo, me sentindo tonto, ao pensar no caçulinha Joe pagando as minhas coisas. Joe, que nunca nem foi realmente parte da minha família, até que Cat o acolheu de braços abertos. Isso não seria justo com ele. — Fui eu que me meti nessa bagunça, eu vou sair.

Foram as bolinhas que me puseram nessa situação, pra começar. E me livrar delas vai me tirar disso. As mentiras, a enganação, a traição, a enrolação, sem focar na vida que eu estava vivendo, me distanciando de mim mesmo e da minha família. Sabrina teve seu terceiro bebê hoje e eu não posso levar a Cat para visitá-la, porque Sabrina não conhece a Cat, ela nem conhece meu grande amor, e eu não sei por onde começar. Contar a Sabrina sobre Cat seria lhe contar sobre as bolinhas de gude e como posso fazer isso? Depois de uma vida inteira mentindo. Cat diz que ela não dirá uma palavra, até que eu encontre um jeito de contar a Sabrina, mas vai escapar, é provável que aconteça, e não contar seria mentir. Nós dois mentindo para minha filha. Obter a avaliação secreta das minhas bolinhas de gude na Califórnia foi o verdadeiro marco do quão ruim havia ficado a minha situação financeira, eu estava constrangido, e aquela mentira quase acabou conosco, depois que eu apareci bêbado como um gambá de volta ao hotel. Mas ela está comigo. Ela diz que entende, mas está tudo uma confusão, uma confusão. É tudo culpa das bolinhas de gude.

Cat arremessa a bolinha, é uma porcaria de arremesso, deliberadamente ruim, e ela erra. Cat e eu já jogamos juntos em muitas ocasiões. Assim que abri meu mundo pra ela, acolhendo-a, ela tem ido comigo a jogos, convenções, ela não é uma ótima jogadora de bola de gude, mas não é tão ruim assim.

— Jogue direito! — eu grito, e ela começa a chorar. — Anda! — Eu pego a bolinha e forço na mão dela. — Jogue!

Ela joga e acerta a coleção de relógios no centro.

— Certo, é sua. É do banco. Eu pego e jogo de lado. Próxima! — Coloco o

anel de noivado da minha mãe.

Ela erra. Eu grito para que ela tente com mais afinco.

— Fergus, eu não consigo. Não consigo, não dá, por favor, pare. — As lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto e ela despenca chorando no chão. Pego as bolinhas dela e arremesso. Acerto uma caixa de anel, pronto, o anel da mamãe agora pertence ao banco. Jogo de novo e acerto a caixa de amostras Akro Agate, de 1930, avaliada entre sete e treze mil dólares. Claro que acerto, é quase maior que o círculo do centro.

Em seguida, vêm as Melhores Luas do Mundo, em sua caixa original, avaliadas entre quatro e sete mil dólares. Eu acerto. Minhas duas coleções mais valiosas. Primeiro elas, depois tenho de me desfazer de todo o restante.



— Encontrei um comprador para essas — eu digo a Cat, alguns dias depois, soltando as duas coleções de bolinhas, pra poder vestir meu casaco. — Vou encontrá-lo mais tarde, na cidade. No O'Donoghue's. Ele pegou um voo vindo de Londres para comprá-las. Vinte mil dólares, nós fechamos em quinze mil euros em espécie.

— Você não parece bem, Fergus — Ela passa a mão no meu rosto e eu beijo a palma da mão dela. — Você deveria se deitar.

— Você não me ouviu? Eu vou deitar, depois que me encontrar com ele.

— Você não quer vender essas. São preciosas. Todas as suas lembranças.

— Lembranças duram pra sempre, já essas... — Eu quase nem consigo olhar pra elas, ao dizer isso. — Elas vão pagar a hipoteca por alguns meses. Isso vai me ajudar a bolar alguma coisa. — Bolar o quê? Nada de emprego, ninguém contratando. Não na minha idade. Então, o que posso fazer? Vender as bolinhas.

— Você está pálido, é melhor deitar. Deixe que eu vou lá pra você.

Essa foi a melhor ideia, e nós dois sabemos disso. Se eu for, não vou conseguir me separar das bolinhas e preciso fazê-lo, ou o banco vai tomar a minha casa.

Ela sai com as bolinhas e eu vou pra cama. Mais tarde, ela volta, já está escuro, não sei que horas são, e me sinto como se não tivesse dormido, mas dormi. Ela chega até o lado da minha cama e eu sinto cheiro de vinho em seu

hálito.

— Você as vendeu? — pergunto.

— Estou com o dinheiro — ela responde, colocando um envelope na mesinha de cabeceira.

— As bolinhas se foram?

Ela hesita.

— Sim, se foram.

Ela afaga meu cabelo, meu rosto, me beija. Pelo menos, eu a tenho. Quero fazer uma piada sobre o seu valor, mas não consigo pensar.

— Vou tomar um banho — ela diz, saindo da cama.

Assim que ouço o chuveiro ligado, faço algo que não fazia há muito tempo, eu choro. Um choro profundo e doloroso, como se fosse criança outra vez. Adormeço antes que Cat saia do chuveiro. Quando acordo, estou numa cama de hospital, e a próxima vez que vejo Cat é a primeira vez que eu a vejo, num centro de reabilitação que chamo de lar, onde ela está visitando um amigo.

Regras da piscina: Sem salva-vidas a postos

Marlow me deu uns óculos tingidos de rosa e o mundo fica imediatamente rosado, e ajuda na onda da cerveja. Os óculos são para proteger meus olhos ao olharem diretamente para a chama.

— Bonitinha. — Ele belisca levemente o meu nariz e acende o forno. — Adoro trabalhar com vidro por ser tão fácil manipular e moldar — ele explica, se deslocando pelo estúdio à vontade, sabendo onde está absolutamente tudo, sem nem olhar, esticando as mãos para pegar algo, colocando no lugar, como uma dança. — Você faz coisas de forno? — pergunta ele.

— De forno? Sim, às vezes. — Com as crianças, e pensar neles me dá um estalo pra voltar aos trilhos. Tenho filhos. E marido. Um marido lindo. Um marido bondoso que quer que eu seja feliz. Que diz que me ama, que realmente me ama. Dou um passo atrás.

— Tudo bem. — Ele me puxa pra perto outra vez, com a mão quente em minha cintura. — O vidro reage de forma parecida com o açúcar, quando derretido. Você vai ver. Mas, primeiro, aqui está uma parte que eu preparei antes.

Eu me aproximo e dou uma olhada na imagem que está na mesa.

— Faz um tempo que eu queria fazer isso, mas estava esperando pelo projeto certo. — Ele me olha novamente com aqueles olhos azuis de pedra, como se ele mesmo os tivesse feito, com perfeição.

— Você desenhou isso? — Tento não olhar para o rosto dele. Ele está fazendo umas coisas hipnóticas com o rosto. Na verdade, com o corpo inteiro. Não posso olhar, não vou olhar, vou me concentrar na chama.

— Claro. É feito com pó bem fino de vidro. Então, há duas maneiras de como posso fazer sua bolinha, aqui na chama, criando um efeito de rodamoinho que você já viu, mas seu pai tem muitas alemãs de rodamoinho, nem todas são feitas à mão, então, acho que nós devemos dar a ele algo diferente.

Ele junta um núcleo de vidro de opala na ponta de uma longa haste de aço inoxidável. Fica em pé junto ao forno, com postura perfeita, e começa lentamente a girar o vidro no fogo. O vidro vai ficando iluminado, brilhoso e cremoso como mel. Ele continua a girar para moldar no formato de esfera. Depois, tira de dentro do forno e eu me curvo, conforme ele carrega o vidro todo mole até o outro lado do estúdio e pousa nos braços de uma cadeira. Ele senta numa cadeira de braços altos, pousa a haste nos braços da cadeira e fica girando de um lado para o outro, para que o vidro na ponta vá tomando forma. Os braços da cadeira já estão marcados pelas inúmeras vezes que ele fez isso. Ele está profundamente concentrado, nada de conversa agora. Na verdade, ele não fala nada, por um bom tempo. Faz essa sequência mais algumas vezes, indo e voltando do forno até a cadeira, com gotas de suor na testa. Agora, pega um pouco de jornal e começa a enrolar o vidro quente na mão para moldá-lo.

Em determinada altura do processo, paro de olhar pra ele, me sentindo tonta e alegrinha por conta da garrafa de cerveja e o dia estranhamente emotivo, levada pela música relaxante e a atmosfera, e eu vejo Lea através das árvores, dançando com Dara. Há um clima de celebração no ar, as coisas estão ótimas, a vida é ótima. A vida é repleta de aventura. Não consigo me lembrar da última vez que me senti assim. Enquanto vejo tudo isso acontecendo, meu corpo relaxa, até balanço um pouquinho ao som da música. Não consigo tirar os olhos de Marlow e do lindo vidro que parece mel derretido.

Dou um passo atrás, quando ele puxa a haste do forno e, em vez de pousar na cadeira, ele cuidadosamente rola por cima de um pó de vidro que já tinha deixado preparado. Quando o desenho está no vidro, ele continua a moldá-lo em forma de esfera, tomando cuidado para não distorcer a imagem complexa que tem dentro. Então, mergulha o vidro num pote com cristal líquido para acrescentar a última camada.

Marlow coloca o vidro já moldado e fumegante num balde de água, fazendo um chiado enquanto a fumaça sobe e o vidro endurece. Ele dá uma batida e o vidro solta da haste, caindo na água e boiando na superfície.

— Vamos deixar aí pra esfriar — diz ele, limpando o suor da testa.

Ele deve ter visto o jeito como eu estava olhando, porque finalmente ergue os olhos e sorri, com aquela expressão meiga e entretida que mostrou desde que me viu. Ele pega sua garrafa de cerveja e bebe tudo. Já passa de duas da manhã e minha cabeça está girando.

Eu me lembro da bolinha que ele acabou de fazer e me esforço para desviar meu olhar dele e olhar dentro do balde.

— Nada de espiar, até que tenha esfriado — ele diz, se aproximando de mim. Ele me empurra contra sua bancada de trabalho e tira meus óculos rosa. Tento me acostumar ao fato de que nada mais é rosa, é real, sem filtro, não somente em minha cabeça. Isso logo me deixa sóbria. Ele traceja uma linha ao redor do meu rosto, passando por minhas feições, observando tudo, devagar, delicadamente. Meu coração está disparado e eu tenho certeza de que ele sente, através de sua camiseta fina.

Ele me beija e começa bem devagar, mas rapidamente vai ficando ávido. Para alguém que se movia tão compassadamente no trabalho, há algo ansioso e urgente na maneira como ele se move agora.

— Eu sou casada — murmuro em seu ouvido.

— Parabéns — ele continua, agora beijando meu pescoço.

Dou uma risada de nervoso.

Há cinco anos, quando estava grávida do Charlie, uma amiga me contou que Aidan tivera um caso. Eu o confrontei, nós lidamos com isso. Tomei uma decisão. Fique ou vá, vá ou fique. Ele ficou. Nós continuamos, mas não continuamos como éramos. Nós pioramos, depois melhoramos. De lá pra cá, tivemos o Alfie. Nos meus momentos de raiva, que agora são bem menos do que antes, sempre achei que aproveitaria a primeira oportunidade para dar o troco, tendo um caso também, fazendo questão de que ele realmente entendesse qual é a sensação. Sei que é infantilidade, mas era real. Você me magoou, eu vou magoar você. Mas os anos passaram e não houve oportunidade, não com a correria da escola, a piscina vazia, o supermercado com as crianças, o caratê, o futebol ou a aula de artes. Sem chance de ter um caso durante o meu dia cheio de atividades de mãe. Manteiga, queijo, presunto, pão, corta. Uva-passa. Próximo. E isso me deixou ainda mais depressiva a respeito, porque mesmo que eu quisesse revidar, não poderia.

Sei que o Aidan me ama. Ele não é o marido perfeito e não é um pai perfeito, mas é mais que o suficiente. Não sou perfeita em nada, embora tente ser. Às vezes, fico imaginando se o amor é suficiente ou se há níveis de amor. E, às vezes, me pergunto se mesmo quando ele está olhando pra mim, ele está me vendo. Domingo passado, passei o dia inteiro com tinta verde no meu lábio superior, de uma aula matinal de pintura com as crianças, e ninguém me disse

que meu rosto estava sujo. Fomos ao supermercado, fomos ao playground, passeamos pelo parque e em nenhum momento ele disse “Sabrina, você está com tinta verde no rosto”.

Quando voltei pra casa e olhei no espelho e vi a tinta, um borrão verde no meu lábio, chorei de frustração. Será que ninguém me vê? Nem os meninos? Será que sou essa coisa que todos esperam estar coberta de sujeira, ou comida, ou tinta verde? Sabrina, a mulher com tinta na cara, a mulher com a mancha grudada nas calças, a mulher com grude de comida na camiseta. Nem precisa dizer a ela, porque ela anda sempre assim, é pra estar toda suja, faz parte de quem ela é.

Perguntei ao Aidan a respeito, com uma acusação em tom esganiçado e desvairado, sobre o grude que eu tinha no rosto. Ele disse que simplesmente não viu, o que me fez imaginar, será que ele olhou pra mim e não viu, ou não me olhou o dia inteiro? O que é pior? Passamos uma sessão inteira de terapia falando disso, do grude verde que ninguém viu. No fim das contas, eu sou o grude verde.

O grude verde que começou tudo, o quase afogamento que me fez explodir. Depois, comecei a procurar bolinhas desaparecidas, na tentativa de consertar as coisas, salvar as coisas, completar as coisas para o meu pai, quando, talvez, é a mim mesma que estou tentando entender.

Aidan tem medo que eu o deixe. Ele me disse isso, ele tem medo, desde que teve seu caso. Mas não tenho intenção de deixá-lo. Não tem nada a ver com ele, ou com o que ele fez há tanto tempo, que nem me causa mais dor, é só um eco. Tem tudo a ver comigo. Ultimamente, tenho andado encurralada, não tenho sido eu mesma, ou sou eu mesma e não gosto, sei lá. Manteiga, queijo, presunto, pão. Cortar. Passas. Próximo. Olhando uma piscina vazia. Salvando um homem que não quer ser salvo. Sem estar imersa no que eu mais adoro, mas sempre nas bordas, do lado de fora, olhando pra dentro. Só olhando as vitrines, mas de carteira cheia. Fazendo compras de carteira vazia. Tanto faz, me sentindo de fora, andando pelas beiradas, me sentindo redundante.

Eu convivi com um pai que só hoje descobri ser incrivelmente secreto e, apesar de nunca saber disso, eu também me tornei uma pessoa secreta, talvez inconscientemente imitando-o, sendo sua sombra, sem me abrir com o Aidan. Talvez tenha acontecido depois do caso dele, talvez tenha sido antes. Não sei os motivos psicológicos pra isso e nem me importo. Não vou ficar pensando nisso,

vou apenas seguir em frente. O importante agora é que não tenho segredos.

Ano passado, eu estava sentindo algo. Estava entediada.

Mas não estou mais.

Dou um sorriso ao perceber isso.

Marlow está olhando pra mim, com um sorriso preguiçoso.

— Você não quer se vingar dele? — ele adivinha. — Dente por dente, olho por... — A mão dele sobe pela minha blusa. — Olho. — Nós dois rimos disso e ele tira a mão, afável. — Estou sentindo que não.

— Não — eu finalmente concordo.

Então, ele recua, respeitosamente, tranquilo.

— Agora já esfriou, se você quiser dar uma olhada. — Ele pesca a bolinha, dá uma polida e a observa, antes de me entregar.

— É linda — eu digo, extasiada. — Quanto lhe devo?

Ele me dá um último beijo.

— Você é tão doce. Isso é pra você. — Ele me dá a segunda bolinha. — Tenho uma teoria de que a bolinha de gude é o reflexo de seu dono. Como acontece com os cães. — Ele sorri. Então, pega sua cerveja e segue preguiçosamente de volta para a festa, que está em pleno embalo.

A bolinha que ele me deu é aquela marrom que logo me atraiu, quando cheguei. De cara, parece uma bolinha comum, mas quando a seguro contra a luz da lua, ela brilha com um tom alaranjado por dentro, como se tivesse um fogo ardente em seu interior. Exatamente como sua dona.



São quatro horas da manhã quando finalmente saio e arrasto Lea do quarto andar do edifício garagem. O sol já está começando a nascer sobre a cidade e já não se vê a minha lua vigilante, ela me deixou por conta própria, agora que minha missão foi cumprida. Lea despenca no banco ao meu lado, exausta. Depois de tanto amor e serenidade, mais cedo, agora ela está verde. Ela insiste em vir para a casa de repouso comigo, diz que está no turno da manhã, vai dormir pra passar, na sala dos funcionários, e, além disso, eu sei que ela gosta muito do meu pai e vai querer estar com ele logo que ele acordar.

Não tenho a intenção de ficar muito tempo. Só quero deixar a bolinha ao lado da cama do meu pai, para que ele a veja, assim que acordar. Para que, com sorte, essa seja a primeira coisa que ele veja ao acordar.

Claro que a casa de repouso está fechada. Toco a campainha e o segurança reconhece a Lea e nos deixa entrar.

— Céus! — Grainne cochicha, olhando a colega. — Olhe o seu estado.

Lea dá uma risadinha.

— Você o conheceu?

Ela assente.

— E?

— Te conto de manhã.

— Já é de manhã — Grainne ri.

Vou na ponta dos pés pelo corredor até o quarto do meu pai. Ele está deitado de barriga pra cima, parecendo velhinho, mas feliz, roncando baixinho. Coloco a bolinha em cima de seu pequeno armário ao lado da cama, junto com um bilhete, e lhe dou um beijo na testa.

Jogando bolinhas de gude: Herança

Acordo sentindo que vivi mil vidas em meus sonhos. Lembranças fragmentadas ainda perduram assim que acordo, depois vão se dissipando, como a geada da manhã com o nascer do sol. Os fantasmas do passado e do presente, assim como suas vozes, começam a diminuir à medida que vou percebendo o meu entorno. Não estou na Escócia, onde tenho imagens da grama verde, dos lagos e coelhos, dos ombros curvos do meu pai, de olhos tristes e da fumaça do cachimbo; não é St. Benedict's Garden, onde eu acordava todas as manhãs, ainda criança, com os pés de outro irmão na minha cara, ao dormirmos nos beliches, dois em cada cama, um virado para os pés do outro. Também não é a casinha da tia Sheila, em Synnott Row, onde acordávamos no chão, durante o primeiro ano, após a chegada na Irlanda, nem a casa da mãe de Gina, em Iona, onde passamos nosso primeiro ano de casados, enquanto economizávamos dinheiro para comprar nossa casa, e nem é a casa onde moramos durante nosso casamento. Não é o apartamento onde vivi sozinho por tantos anos, e que agora, pela primeira vez depois de tanto tempo, é tão nítido pra mim, que chego a ouvir os gritos do campo de futebol ao lado, quando eu estava deitado sábado ou domingo de manhã. Também não é o quarto onde eu dormia com Cat, aquele que parece alaranjado e terno, aconchegante e reluzente, quando fecho os olhos. Estou aqui na casa de repouso, meu lar pelo último ano, o lugar onde até ontem eu estava contente em ficar e de chamar de lar. Porém, agora, tenho uma sensação, não, um ímpeto de ir embora. Este é um lugar vazio e lá fora está cheio, quando antes, eu sentia o contrário. Houve uma mudança em minha mente, algo se moveu levemente e movimentos leves causam implicações sísmicas. Agora, estou com fome, antes estava cheio. Agora, quero ouvir, antes estava surdo. Na verdade, eu havia me ensurdecido. Tinha imposto isso a mim mesmo por proteção, eu imagino. O dr. Loftus me dirá. Nós temos uma sessão esta manhã.

Essa mudança me causa duas coisas. Faz com que eu sinta esperança e me faz impotente. Esperança de chegar lá, impotente por não poder fazer isso agora.

Minha boca está seca e eu preciso de água. Olho em volta, à procura do meu copo de água que geralmente está no meu armário, bem do lado direito, assim eles me fazem exercitar o lado direito. Onde geralmente está o copo, vejo uma bolinha de gude. Uma bolinha grande, linda, em azul real. Está iluminada pelo sol matinal que entra pela janela e é de tirar o fôlego. É uma visão e tanto, com sua beleza, sua elegância, sua perfeição, uma raridade.

É uma esfera do mundo. Dentro do oceano azul real está o mapa da Terra, criado em proporções perfeitas. A terra, as montanhas, tons de marrom, areia e mel, todos os continentes, os países, cada ilha. Tem até nuvens brancas no hemisfério Norte. O mundo inteiro encapsulado nessa bolinha. Estendo a mão, minha mão esquerda, para pegá-la, pois não vou arriscar pegar com a direita, não num momento desses, para uma tarefa como essa. Giro na mão, inspecionando cada milímetro. As ilhas estão intactas, o oceano parece reluzir de dentro pra fora. Não tem nenhum arranhão, nada. É perfeita. Que maravilha, que bolinha de gude magnífica! Maior que o habitual, ela tem três polegadas e meia de diâmetro, e eu a coloco na palma da minha mão, é grande e ousada. Eu sento, me erguendo, com o coração disparado pela descoberta, preciso pegar meus óculos para ver. Eles estão em cima do pequeno armário ao lado da cama, à esquerda, num lugar mais fácil de pegar. Já com eles no rosto, vejo que tem um bilhete. Pouso a bolinha cuidadosamente em meu colo e pego o bilhete com a mão esquerda, num esforço para alcançar tão longe e ser cuidadoso para não deixar a bolinha cair no chão, pois isso seria catastrófico.

Pego o papel e recosto de volta para ler.

Pai, você tem o mundo na palma das suas mãos.

Muito amor,

Sabrina

Com as lágrimas escorrendo em meu rosto, fico olhando por um tempo que parece uma eternidade. Acredito nela. Posso fazer isso. Posso reaver a minha vida. O sono começa a bater novamente. Com os olhos cansados, tiro os óculos e verifico que a bolinha está em segurança. Ela me lembra uma bolinha que vi em minha lua de mel, uma que realmente quis comprar, mas não tinha dinheiro. Subitamente, vejo a imagem de Gina, na lua de mel, seu rosto jovem e inocente, num quarto de hotel em Veneza, as sardas em seu nariz e bochechas, nem um pingo de maquiagem, momentos antes de fazermos amor pela primeira vez. Essa imagem fica em minha mente para sempre, uma expressão de amor, de

inocência. Sinto um ímpeto esmagador de lhe dar essa bolinha de gude, de lhe dar o mundo. Deveria ter feito isso àquela época, mas farei agora. Vou dar a ela a parte de mim que retive por tanto tempo.

Sabrina irá entender, e Cat também, assim como Robert, marido de Gina. Com o tempo, Gina pode dá-la a Sabrina, ou aos meninos, quando eles estiverem mais velhos. Pode ser como uma herança, passando o mundo para a próxima geração.

E para Cat, darei meu coração inteiro.

Regras da piscina: Não nade sozinho

Chego em casa às cinco da madrugada. Foi um dia longo, a noite também. Só quero cair na cama pelo menos por algumas horas, antes que Aidan chegue com as crianças.

Não sei quanto às teorias de Amy sobre a lua, mas tem uma bem consoladora que ouvi enquanto estava sentada na sala de espera do escritório de Mickey ontem. Uma lua nova é um portal simbólico para novos começos, e alguns acreditam ser a hora de formular as intenções para coisas que você quer criar, desenvolver e cultivar. Em outras palavras, fazer coisas novas. Fazer novas lembranças.

Penso em mim quando menininha, em noites de lua cheia, totalmente desperta, alerta, com a cabeça sempre pensando e planejando, sem conseguir descansar, como se fosse um farol mandando mensagens. Será que era a lua que me deixava assim? Eu não sei. Mas acho que não devo cancelar a minha terapia. A conversa verdadeira que acabou de começar.

Está claro, quando sigo pelo caminho até a entrada da minha casa, e vejo a sra. O'Grady, minha vizinha, espiando por entre as cortinas de renda, vendo a minha chegada desavergonhada. Ao enfiar a chave na fechadura, não me sinto uma mulher diferente, mas a mesma, ligeiramente mudada. Pra melhor.

Sonho em arrancar os sapatos, tirar a roupa e cair na cama, para ter algumas horas de sono, até que as crianças cheguem em casa, mas a porta é escancarada antes que eu tenha a chance de virar a chave. Só então que noto que é o carro de Aidan que está estacionado lá fora.

Aidan me cumprimenta, um belo homem todo desgrenhado, cuja expressão me faz rir instantaneamente.

— Mamãe! — Os garotos vêm correndo, jogando-se sobre mim, cada um agarrando um pedaço. Eles me apertam com força, como se não me vissem há uma semana, em vez de menos de vinte e quatro horas.

Eu os abraço com força, enquanto Aidan me olha exausto, mas preocupado.

— Por onde você andou? — ele pergunta, quando os meninos acabam com os aconchegos e vão me arrastando pelo corredor, pra me mostrarem uma coisa muito legal e incrível que eles descobriram. Eles me levam até as caixas de bolinhas de gude, todas espalhadas pelo chão, eu as deixara ali, ao sair correndo até o escritório de Mickey, ontem de manhã.

— Eu estava ensinando-os a jogar — diz Aidan, me levando pra longe deles. — Espero que não tenha problema, eles sabem ser cuidadosos com elas. Se bem que tive vontade de enfiar as bolinhas goela abaixo, de todo mundo. Eles foram um pesadelo. — Ele geme, me enlaçando nos braços, fingindo chorar. — Alfie não dormiu. Na-da. Charlie urinou no saco de dormir e Fergus pegou um sapo e queria comê-lo no café da manhã, às quatro horas. Tivemos que vir pra casa. Lamento. — Ele choraminga.

Dou uma risada e um abraço apertado nele.

— Aidan — falo num tom de alerta para o que está por vir.

— Sim — ele diz, no mesmo lugar, mas seu corpo se retrai.

— Sabe aquilo que você disse, pra que eu não deixasse *outro* homem me beijar...?

— O quê? — Ele recua, com o rosto franzido.

— Pai! Mãe! O Alfie engoliu uma bolinha de gude!

Nós dois saímos correndo.



Uma hora depois, arranco os sapatos, tiro a roupa e caio na cama. Sinto os lábios de Aidan no meu pescoço e mal fechei os olhos, quando a campainha toca.

— Provavelmente, é o seu amante — ele diz, resmungando, virando pro lado, deixando que eu vá atender.

Dou um gemido, visto meu robe e me arrasto até a porta. Uma mulher loura sorri nervosamente pra mim. Eu a reconheço e tento me lembrar de onde. Eu a conheço da casa de repouso. Já falei com ela na cantina, nos corredores, no jardim, quando estamos visitando nossos entes queridos. E tudo se encaixa. Nossos entes queridos são a mesma pessoa. Eu sorrio, sentindo um peso enorme

se erguendo dos meus ombros. Eu não estava completamente no escuro. *Eu a conheço.*

— Lamento muito perturbá-la — diz ela, se desculpando. — Sei que é sábado de manhã e não queria incomodar você, ou as crianças. Passei a noite quase toda acordada, esperando amanhecer, e isso foi o máximo que eu pude esperar. Só quero lhe dar isso.

Volto minha atenção para a sacola grande que ela está segurando com as duas mãos. Ela me entrega e eu pego. É pesada.

— Isso é parte da coleção de bolinhas de gude do seu pai — ela diz e eu prendo a respiração. — Eu as peguei antes que ele sofresse o derrame, antes que ele vendesse o apartamento, para guardá-las em segurança. Ele me mandou vendê-las, fingi que vendi. O dinheiro que dei a ele foi um empréstimo de seu irmão Joe. — Ela parece assombrada por essa admissão. — Senti que era importante mantê-las bem protegidas, pois são muito preciosas pra ele. — Ela olha a sacola como se ainda estivesse insegura quanto a entregá-la. — Mas você deve ficar com elas. A coleção deve estar completa, caso ele volte a perguntar por ela.

Olho estarecida para o saco, as bolinhas estão aqui, nos meus braços.

— Nem lhe disse quem eu sou — ela diz, trêmula.

— Você é Cat? — pergunto, e sua expressão é de choque. — Por favor, entre. — Dou um sorriso pra ela e escancaro a porta.

Nós nos sentamos junto à bancada da cozinha, cuidadosamente abro a sacola e me dá vontade de chorar de felicidade. Akro Agathe Company, estojo original do vendedor, de 1930, e a caixa original das Melhores Luas do Mundo, originais, com vinte e cinco bolinhas. Passo as mãos sobre elas, sem conseguir acreditar que estão aqui, depois de um dia inteiro procurando-as e elas acabaram encontrando o caminho de casa.

Jogando bolinhas de gude: Rubis

Estou deitado no chão da sala da tia Sheila. À minha volta, estão Hamish, Angus e Duncan, todos dormindo profundamente, em sacos de dormir. Minha mão está latejando, onde o padre Murphy me bateu hoje e eu não consigo me conter e começo a chorar. Sinto falta do papai, sinto falta da fazenda, na Escócia, sinto falta do meu amigo Freddy e sinto falta de como a mamãe era, não gosto desses novos cheiros, não gosto de dormir no chão, não gosto da comida da tia Sheila e, principalmente, não gosto do padre cara de cocô. Minha mão direita está tão inchada que quase nem consigo fechá-la e, toda vez que fecho os olhos, vejo a sala escura e fria, onde ele me trancou hoje, e sinto pânico, como se não conseguisse respirar.

— Ei! — Ouço alguém sussurrar e congelo, paro de chorar na hora, com medo que algum dos meus irmãos ouça e comece a debochar de mim.

— Psst!

Olho em volta e vejo Hamish sentado.

— Você está chorando? — ele cochicha.

— Não. — Mas eu fungo e fica óbvio.

Ele vem arrastando o traseiro, dentro do saco de dormir, e chega até o lado do meu. Dá um chute na cabeça do Angus e o Angus geme, e vira pro lado, abrindo espaço para os pés dele. Aos onze anos, Hamish sempre consegue o que quer de nós e sempre faz isso com muita facilidade. Ele é meu herói, quando eu crescer, quero ser igualzinho a ele.

Ele passa o dedo na minha bochecha e lambe.

— Você está chorando, droga.

— Desculpe — choramingo.

— Está com saudade do papai? — ele pergunta, deitando do meu lado.

Balanço a cabeça. Não é só isso, mas é também.

— Eu também.

Ele fica quieto, por um tempo, e eu não sei se ele pegou no sono outra vez.

— Lembra quando a gente brincava de quem dava o arrote mais comprido?

— ele subitamente sussurra.

Eu sorrio.

— Ahã.

— E ele arrotou parabéns pra você inteiro no aniversário do Duncan?

Dessa vez, dou uma risada.

— Está vendo? Assim é melhor. Não podemos esquecer essas coisas, Fergus, está bem? — ele diz, cheio de intensidade, como quem fala pra valer, e eu concordo, muito sério mesmo. — Temos de lembrar do papai como ele era, quando ele estava feliz, as coisas boas que ele fez... nada mais.

Foi o Hamish que encontrou o nosso pai pendurado numa viga, em nosso celeiro. Ele não nos contou exatamente o que viu, os detalhes macabros, e quando o Angus tentou fazê-lo falar, ele deu um soco na cara dele, quase quebrou seu nariz, então, nenhum de nós voltou a perguntar.

— Eu e você, nós vamos lembrar um ao outro de coisas assim. Eu também não durmo, muitas noites, então, você e eu podemos conversar.

Gostei disso, só eu e o Hamish, de tê-lo só pra mim.

— Está combinado — ele diz. — Aperta aqui. — Ele agarra a minha mão, a que está machucada, e eu dou um grito gemido, parecendo o cachorro da tia Sheila, quando você pisa na pata dele. — O que é isso, o que foi que aconteceu?

Conto a ele sobre o padre Murphy e a sala escura e choro de novo. Ele fica muito zangado, passa o braço em volta dos meus ombros. Sei que ele não vai contar isso pros outros, ele enfiaria a minha cabeça na privada e daria descarga se eu fizesse isso, e eu gosto dele me abraçando assim. Mas não conto que fiz xixi na calça naquela sala escura. Quando voltei pra casa, não contei a ninguém o que o padre Murphy fez comigo, mas a tia Sheila notou e me ajudou a limpar minha mão e pôs uma atadura, ela disse pra eu não incomodar a mamãe com isso, porque ela já estava muito aborrecida. Todos estão aborrecidos, então, não contei pra ninguém.

— O que você tem aí? — ele pergunta, quando ouve o tilintar das minhas bolinhas de gude, na minha outra mão.

— São os meus rubis — respondo, todo orgulhoso, e mostro a ele. Durmo com essas bolinhas de noite, porque gosto de senti-las na minha mão. — Foi um padre legal que me deu, quando eu estava na sala escura.

— De presente? — pergunta o Hamish, observando-as.

— Acho que sim.

— Rubis? — ele pergunta.

— Ahã, elas são vermelhas como sangue, como os rubis — eu explico. — Não sei muito mais sobre elas, mas quero saber.

— Como eu e você — ele diz, tilintando as bolinhas na mão. — Irmãos de sangue, como seus rubis.

— Ahã — dou um sorriso no escuro.

— Amanhã, você leva pra escola com você — diz ele, ao me devolvê-las, se acomodando outra vez dentro do seu saco de dormir.

Angus nos diz pra calar a boca, Hamish chuta a cabeça dele, mas nós ficamos em silêncio, até que a respiração dele nos diga que ele pegou novamente no sono.

Hamish cochicha em meu ouvido.

— Bote esses rubis no seu bolso, amanhã. Deixe lá, não conte a mais ninguém, nenhum dos garotos, ou os padres vão ouvir e vão tirá-las de você. Se ele te trancar de novo, naquela sala escura, você terá seus rubis. Enquanto todo mundo está trabalhando e tomando tapa na orelha, você vai estar lá, brincando. Está ouvindo?

Eu balanço a cabeça.

— Pensar nisso vai me ajudar amanhã, pensando que você estará lá se divertindo, sem que eles saibam. Ninguém tira farinha com um Boggs — diz ele.

Eu sorrio.

— E quanto mais colocarem você naquela sala, melhor você será. Fergus Boggs, o melhor jogador de bolinhas de gude da Irlanda, talvez do mundo. E eu serei o seu agente. Os Irmãos Boggs, parceiros no crime da bola de gude.

Começo a rir e ele também.

— Parece bom, hein?

Dá pra notar que ele está empolgado com isso.

— É.

— Esse será o nosso segredo, está bem?

— Tá.

— Toda noite, você pode me contar o que aprendeu.

— Tá.

— Promete?

— Eu prometo, Hamish.

— Bom rapaz — ele remexe o meu cabelo. — Vamos ficar bem aqui — ele me diz. — Não vamos?

— Ahã, vamos, Hamish — eu respondo.

Agora, ele segura a minha mão machucada com cuidado e nós dois adormecemos.

Parceiros no crime da bola de gude. Irmãos de sangue como os rubis, para sempre.

Epílogo

Na segunda-feira, eu volto ao trabalho.

— Foi bom o fim de semana? — Eric pergunta, me observando, e eu sei que ele está verificando a minha estabilidade mental, depois do incidente do arremesso da caneca.

— Foi ótimo, obrigada — respondo, sorrindo. — Está tudo bem.

— Que bom — diz ele, me olhando com seus olhos azuis luminosos e seu bronzeado alaranjado artificial. — Sabe que chequei aquela frase pra você. A tal sobre sentir-se pilhado.

— Ah, é?

— Também pode se referir a excitação sexual.

Dou uma risada e balanço a cabeça, enquanto ele ri e segue de volta ao escritório.

— Eric — eu o chamo. — Vou começar a ensinar meu pai a nadar, na semana que vem. E estava pensando em tentar algo diferente aqui. Aulas aquáticas de aeróbica. Uma vez por semana. O que você acha?

Ele sorri.

— Acho uma ótima ideia, Sabrina. Mal posso esperar para ver a Mary Kelly e o senhor Daly sambando na água. — Ele dá uma rebolada sexy e me faz rir.

Sorrindo feliz, sento na banqueta e olho a piscina vazia, a placa com as regras da piscina nos encarando como se fosse um crucifixo numa igreja. Um lembrete. Um alerta. Um símbolo. Não faça isso, não faça aquilo. Proibido isso, proibido aquilo. Não negativa, aparentemente, porém, um guia. Siga as regras e você ficará ótimo. Tudo ficará bem.

Mary Kelly está no hospital, se recuperando do infarto, em condições estáveis, felizmente. E eu estou me sentindo rejuvenescida, entusiasmada, como se eu pudesse passar o dia todo olhando para o nada e, ainda assim, estar bem, que é o que vai acontecer.

O senhor Daly chega, com os shorts verdes apertados, como se fosse uma

segunda camada de pele, enfiando os tufo de cabelo que lhe restam pra dentro da toca de borracha, apertada demais.

— Bom dia, senhor Daly — eu o cumprimento.

Ele passa por mim rabugento, com seu passo arrastado, me ignorando. Atraca o corrimão e desce lentamente na água. Dá uma olhada sorrateira, pra ver se eu estou olhando. Desvio os olhos, querendo que isso aconteça logo. Ele põe os óculos de mergulho, segura as barras de metal da escada e submerge.

Eu vou até a escada, estendo o braço para puxá-lo pra cima.

— Está tudo bem — falo pra ele, erguendo-o da água, ajudando-o a subir a escada e a sentar na beira da piscina. — Aqui. — Dou um copo de água que ele bebe inteiro, com as mãos trêmulas, os olhos vermelhos, o corpo tremendo. Ele fica sentado por um tempinho, olhando o espaço, em silêncio, eu do seu lado, passo o braço ao seu redor e esfrego suas costas, enquanto ele se acalma. Ele não está acostumado que eu sente ao seu lado depois que ele faz isso. Eu desisti, ano passado, quando vi que isso não o impediria de continuar fazendo a mesma coisa. Tudo o que eu tinha que fazer era salvá-lo e novamente me sentar em meu lugar. Ele me olha de lado, desconfiado. Continuo esfregando suas costas, confortando-o, sentindo a pele e os ossos e um coração pulsante.

— Você foi embora cedo, na sexta-feira — ele diz subitamente.

— Sim — confirmo baixinho, comovida por ele ter notado. — Fui.

— Achei que não fosse mais voltar.

— O quê? E perder tudo isso?

Ele morde o interior da bochecha para não rir. E me devolve o copo, entra de novo na piscina e nada até o outro lado.

Conheça outros sucessos de CECELIA AHERN



P. S. Eu te Amo

Holly e Gerry eram amigos de infância e sempre sabiam o que o outro estava pensando. Até mesmo quando brigavam eles se divertiam. Ninguém conseguia imaginá-los separados. Até que o inesperado acontece: Gerry morre, deixando Holly devastada. À medida que seu aniversário de trinta anos se aproxima, Holly descobre que Gerry havia escrito uma carta para cada mês da nova vida dela sem ele. Com a ajuda de seus amigos e de sua família, Holly consegue rir, chorar, cantar, dançar e ser mais corajosa do que nunca. Ela percebe que a vida deve ser vivida, mas que é sempre bom ter alguém para nos guiar.

Disponível em livro e e-book



A Vez da Minha Vida

Certo dia, quando Lucy Silchester volta do trabalho, encontra um envelope sobre o tapete. Dentro dele, um convite para se encontrar com a sua vida. Ela não pode comparecer ao encontro, pois está muito ocupada desprezando seu emprego, fugindo de seus amigos e evitando sua família. Mas a vida de Lucy não é o que parece, e algumas das escolhas que fez – e das histórias que contou – também não são. Desde o momento em que ela conhece o homem que se apresenta como sua vida, as meias-verdades serão reveladas, a não ser que ela aprenda ser honesta sobre o que realmente importa.

Disponível em livro e e-book



O Livro do Amanhã

Nascida em meio ao luxo, Tamara Goodwin, de 16 anos, nunca precisou pensar no amanhã até o momento em que a morte abrupta de seu pai deixa para ela e para sua mãe uma montanha de dívidas, obrigando-as a se mudar para a casa dos tios de Tamara, em um vilarejo no interior. Solitária e entediada, a única diversão da garota é uma biblioteca itinerante. Ali, ela encontra um livro misterioso. Tamara vê nesse livro anotações feitas com sua própria letra, datadas do dia seguinte. Quando tudo começa a acontecer exatamente como o livro previa, ela percebe que pode ter encontrado a solução para seus problemas. No entanto, Tamara descobre que, apesar de muito tentar, não pode mudar o destino.

Disponível em livro e e-book



O Presente

Executivo bem-sucedido e obcecado pelo trabalho, Lou Suffern é perito na arte da dissimulação. Está sempre cumprindo algum compromisso profissional e, de uma forma ou de outra, enganando sua esposa. Desde que começou a competir por uma importante promoção, mal é visto pela família. Um dia, em uma rara explosão de generosidade, ele arranja um emprego para Gabe, o sem-teto que vive próximo ao seu escritório. A partir desse momento, apesar de sua vida milimetricamente organizada, Lou passará a ver o mundo de outra forma: Gabe lhe mostrará, de maneira surpreendente, que o tempo é um bem precioso e que não deve ser desperdiçado.

Disponível em livro e e-book



Simplesmente Acontece

Desde crianças, Rosie e Alex viviam juntos. De repente foram separados, porque a família de Alex deixou Dublin para morar nos Estados Unidos. A mágica conexão entre os dois amigos permanece, mas será que a amizade conseguirá sobreviver a uma distância tão grande? Os desencontros, as circunstâncias e uma absurda falta de sorte os mantiveram longe um do outro – até agora. Resta saber se eles vão ter coragem de apostar tudo, inclusive a própria amizade que os une, num amor para a vida inteira. Que tipo de surpresa o destino reserva para eles desta vez? *Simplesmente Acontece* é uma história comovente e divertida contada inteiramente na forma de e-mails, SMS, mensagens instantâneas, cartas, cartões-postais...

Disponível em livro e e-book



A Lista

Kitty Logan tem 32 anos e aos poucos está perdendo tudo o que conquistou: sua carreira está arruinada; seu namorado a deixou sem um motivo aparente; seu melhor amigo está decepcionado com ela; e o principal: sua confidente e mentora está gravemente doente.

Antes de morrer, Constance deixa um mistério nas mãos de Kitty que pode ser a chave para sua mudança de vida: uma relação de nomes de pessoas desconhecidas. É com base neles que Kitty deverá escrever a melhor matéria de sua carreira.

Quando começa a ouvir o que aquelas pessoas têm a dizer, Kitty aos poucos descobre as conexões entre suas histórias de vida – e compreende por que foi escolhida para dar voz a elas.

Disponível em livro e e-book



Como se Apaixonar Depois de não conseguir evitar que um homem acabasse com a própria vida, Christine passa a refletir sobre o quanto é importante ser feliz. Por isso, ela desiste de seu casamento sem amor e aplica as técnicas aprendidas em livros de autoajuda para viver melhor.

Adam não está em um momento muito bom, e a única saída que ele encontra para a solução de seus problemas é acabar com sua vida. Mas, para a sorte de Adam, Christine aparece para transformar sua existência, ou pelo menos tentar ajudá-lo. Ela tem duas semanas para fazer com que Adam reveja seus conceitos de felicidade. Será que ele vai voltar a se apaixonar pela própria vida?

Disponível em livro e e-book



O Ano em que te Conheci

Bem-vindos ao mundo imperfeito de Jasmine e Matt. Vizinhos, eles não têm o menor interesse em tornar-se amigos e nunca haviam se falado antes. Ambos estão em uma licença forçada do trabalho e sofrendo com dramas familiares. Eles precisam de ajuda. Na véspera de Ano-Novo, os olhares de Jasmine e Matt se encontram de forma inusitada pela primeira vez. Conforme as estações do ano passam, uma amizade improvável lentamente começa a florescer.

Disponível em livro e e-book

Saiba mais sobre a Editora Novo Conceito acessando o site:

www.editoranovoconceito.com.br

Não quer perder nenhuma notícia da Editora Novo Conceito?

Visite nossas redes sociais e fique por dentro dos lançamentos e novidades.

Você ainda pode participar de sorteios e fóruns de discussão de livros.



www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



www.grupoeditorialnovoconceito.com.br/blog/



Facebook.com/editoranc



Twitter.com/novo_conceito



Instagram.com/novo_conceito



Skoob.com.br/novo_conceito



Youtube.com/editoranc



Pinterest.com/editoranc



Editora Novo Conceito

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Pq. Industrial Lagoinha

Ribeirão Preto/SP • Brasil • 14095-260

+55 16 3512.5500

contato@nceditora.com.br

Autora best-seller de *P.S. Eu te amo*

Cecelia Ahern

**simplesmente
acontece**

Não se pode controlar as coisas que vêm do coração

O livro que deu origem ao filme



Simplesmente Acontece

Ahern, Cecelia 9788581635460

448 páginas [Compre agora e leia](#)

Da mesma autora dos best-sellers P.S. Eu Te Amo, O Presente, A Vez da Minha Vida e O Livro do Amanhã. # O livro que deu origem ao filme com Lily Collins e Sam Claflin com estreia no Brasil programada para janeiro de 2015. # Considerado pelos leitores e crítica um dos melhores livros da autora. Você acha que é possível existir amizade verdadeira entre um homem e uma mulher? O que acontece quando duas pessoas que foram feitas uma para a outra simplesmente não conseguem ficar juntas? Desde crianças, Rosie e Alex viviam juntos. Todo mundo achava que eles tinham nascido para ser um casal. Todo mundo menos eles mesmos. Grandes amigos desde criança, eles se separaram na adolescência, quando Alex se mudou com sua família de Dublin para os Estados Unidos. Os dois não conseguiram mais se encontrar, mas, através dos anos, a amizade foi mantida através de e-mails, mensagens de textos, cartas, cartões-postais... Ele se tornou um cirurgião renomado... Ela continua correndo atrás do sonho de trabalhar em um hotel luxuoso. Os desencontros, as circunstâncias e uma absurda falta de sorte os mantiveram longe um do outro – até agora. Mesmo sofrendo com a distância, os dois aprenderam a viver um sem o outro. Só que o destino gosta de se divertir, e já mostrou que a história deles não termina assim, de maneira tão simples. Resta saber se eles vão ter coragem de apostar tudo, inclusive a própria amizade que os une, num amor para a vida inteira. Que tipo de surpresa o destino reserva para eles desta vez? Cecelia Ahern nos presentearia com outra de suas histórias de amor mais do que possíveis, mas não por isso menos mágicas... Os personagens de Simplesmente Acontece são cativantes e supercomuns – e é justamente por isso que torcemos tanto para que sejam felizes. As lições deste livro? A vida passa rápido, e alguns erros, mesmo que pareçam bobos, podem carregar você para longe da felicidade.

[Compre agora e leia](#)

ESC@NDALO

Amor proibido, privacidade
devassada e vidas em jogo:
um *Romeu e Julieta* de
nossos dias.

Therese Fowler

Autora best-seller do *The New York Times*



Esc@ndalo

Fowler, Therese 9788581633459

384 páginas [Compre agora e leia](#)

Amelia Wilkes tem um pai rigoroso que não permite que ela namore, mas isso não a impede de viver um romance secreto com o cativante Anthony Winter. Desesperadamente apaixonados, os dois sonham uma vida juntos e planejam contar tudo sobre seu amor aos pais de Amelia... Mas só depois que ela completar dezoito anos — e for legalmente reconhecida como adulta. No entanto, a paixão do casal é exposta mais cedo do que o previsto... Eles são jovens, andam grudados aos seus celulares e postam todo tipo de informação — inclusive aquelas informações mais particulares, que só deveriam dizer respeito a eles mesmos — até que o pai de Amelia encontra fotos de Anthony, nu, no computador de sua filha. Poucas horas depois, Anthony é preso. Apesar dos protestos de Amelia, seu pai usa de todo o poder e influência entre os policiais, e entre os meios de comunicação, para transformar Anthony em um perverso que caçava sua inocente filha. De mãos atadas, cabe aos dois apaixonados arriscar uma última saída, ousada e perigosa, e apagar a acusação de sexting que Anthony recebeu.

[Compre agora e leia](#)



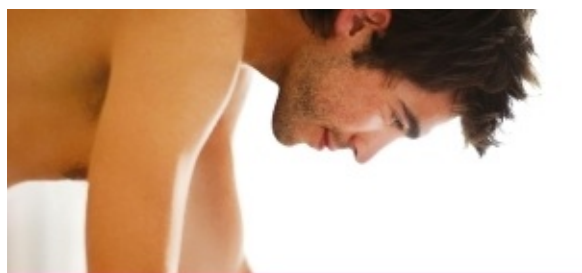
Quando as Estrelas Caem

Kaufman, Amie 9788581635125

416 páginas [Compre agora e leia](#)

Tarver só tem 18 anos, mas já ocupa o posto de Major e foi condecorado como herói. Lilac é mimada e arrogante, e acha que o mundo existe somente para servi-la. A menina mais rica da galáxia e o guerreiro misterioso. Perdidos em um planeta abandonado, os únicos sobreviventes de um desastre que matou milhares de pessoas sabem que precisam aprender a conviver e não estão certos de que conseguirão voltar para casa um dia. Juntos, eles enfrentam aparições, vozes fantasmagóricas, coisas que desaparecem e a presença cada vez mais próxima da força desconhecida que ejetou do espaço a nave Icarus. Criando um vínculo que supera o clichê os opostos se atraem, Lilac e Tarver provam que a coragem e a lealdade podem ser muito maiores que o instinto de sobrevivência. Personagens que, de tão imperfeitos, nos fazem torcer por eles. Suspense arrebatador, amadurecimento e um desfecho eletrizante daquelas fantasias que nos cativam e fazem querer compartilhar a história com todo mundo.

[Compre agora e leia](#)



FINGINDO

Por quanto tempo você consegue prender alguém?

Cora Carmack

Autora best-seller da The New York Times e do USA Today



Fingindo

Carmack, Cora 9788581636689

336 páginas [Compre agora e leia](#)

Autora best-seller do The New York Times e USA Today. # Fingindo é a continuação de Perdendo-me, e traz reflexões bem humoradas sobre dramas cotidianos, temperadas com reviravoltas e uma trilha sonora inesquecível. SINOPSE: Meu nome é Cade Winston. Aluno de mestrado em belas-artes, voluntário, abraçador de mães e seu namorado pelas próximas vinte e quatro horas. Prazer em conhecê-la. Com seus cabelos coloridos, tatuagens e um namorado que combina com tudo isso, Max tem exatamente o estilo que seus pais mais desprezam... E eles nem sonham que a filha vive assim. Ela fica em apuros quando seus pais a visitam na faculdade e exigem conhecer o "futuro genro". A solução que Max encontra para não ser desmascarada é pedir para um desconhecido se passar por seu namorado. Para Cade, a proposta veio em boa hora: é a chance que ele esperava para acabar com a sua fama de bom moço, que até hoje só serviu para atrapalhar sua vida. Um faz de conta com data marcada para terminar... E um casal por quem a gente vai adorar torcer. Fingindo vai seduzir você. "Fingindo tem um pouco de tudo. Tensão sexual, confusão e personagens incríveis, tudo regado com generosas doses do humor de Cora Carmack." — Coolleen Hoover, escritora "Uma excelente continuação do meu romance favorito do último ano. Não dá para perder!" — Jennifer L. Armentrout, escritora "Fingindo tem tudo que eu mais quero em um livro: romance sexy com uma química alucinante, bom humor, inteligência e muita malícia. Representa a fantasia de toda mulher. Preciso de mais Cora Carmack!" — Sophie Jordan, escritora [Compre agora e leia](#)

"Uma história que vai questionar os leitores sobre os mitos
e as realidades de uma amizade complicada." — *Booklist*

AS GAROTAS DE CORONA DEL MAR



RUFFI THORPE



As Garotas de Corona Del Mar

Thorpe, Ruffi 9788581638089

288 páginas [Compre agora e leia](#)

Amizade entre garotas pode ser intensa e, no caso de Mia e Lorrie Ann, não há dúvidas de que isso é verdade. À medida que crescem, a vida de Mia e Lorrie Ann é preenchida com praia, diversão e passeios ao shopping. Por outro lado, como toda amizade, há conflitos e dores. Mia e Lorrie Ann convivem há muito tempo e possuem personalidades opostas. Mia é a bad girl, vivendo em uma família problemática. Lorrie Ann é linda e amável, quase angelical, e tem uma família que parece ter sido arrancada de um conto de fadas. Mas, quando uma tragédia acontece, a vida perfeita sai fora de controle...

[Compre agora e leia](#)